

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MÁRCIA PIMENTA FARIA

“SÓ FICA VELHA QUEM NÃO MORRE CEDO” –
A GESTÃO DO ENVELHECIMENTO POR MULHERES IDOSAS EM
GOIÂNIA

GOIÂNIA

2012

MÁRCIA PIMENTA FARIA

“SÓ FICA VELHA QUEM NÃO MORRE CEDO” –
A GESTÃO DO ENVELHECIMENTO POR MULHERES IDOSAS EM
GOIÂNIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para fins de obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Telma Camargo da Silva

GOIÂNIA

2012

MÁRCIA PIMENTA FARIA

“SÓ FICA VELHA QUEM NÃO MORRE CEDO”
A GESTÃO DO ENVELHECIMENTO POR MULHERES IDOSAS EM
GOIÂNIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para fins de obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovado pela Banca Examinadora em _____ de 2012.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Telma Camargo da Silva – PPGAS/UFG
Orientadora

Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi - UFSC
Leitora

Prof. Dr. Camilo Braz de Albuquerque – FCS/UFG
Leitor

Ao Tiago, com meu amor de mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente às minhas interlocutoras que, com grande gentileza, me permitiram adentrar em suas vidas e vivenciar um pouco de suas experiências de envelhecimento. Aos seus familiares que, também, gentilmente, me cederam as entrevistas necessárias para a composição deste trabalho.

À Profa. Telma Camargo da Silva, que com toda a dedicação, atenção, cuidado e paciência orientou esta pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG), que muito me ensinaram acerca do campo da Antropologia durante esses últimos dois anos.

Aos meus colegas da turma 2010 do PPGAS/UFG, em especial, Cláudia Vicentini e Arthur Pires, pelas trocas e constante compartilhamento de experiências.

Ao Tiago, meu filho, que demonstrou maturidade na compreensão de minhas constantes ausências em sua vida, durante o período deste Mestrado.

Aos meus pais, pelo imenso apoio, carinho e atenção. Especialmente, à minha mãe, pelo interesse e leitura distanciada deste trabalho.

E, por fim, Raphael, por estar junto, pelo companheirismo, amor e compreensão.

"É a curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir"

Michel Foucault, in: *História da Sexualidade*

RESUMO

A presente pesquisa investiga as experiências de envelhecimento de mulheres idosas de classe média em Goiânia, focalizando as possibilidades de materializações de seus corpos. O eixo teórico central da discussão aqui proposta é a ideia de materialização performativa da corporalidade (BUTLER, 1993), com base no conceito de *embodiment* (CSORDAS, 1994), buscando estabelecer relações com o trabalho de campo realizado em 2011, em academias de ginástica nesta capital. Especial atenção é dada às questões relacionadas às técnicas corporais praticadas por essas mulheres, à gestão individual de seu próprio processo de envelhecimento e à construção de identidades femininas na velhice. O objetivo central foi investigar a forma como essas mulheres experienciam o envelhecimento, discutindo as diferentes possibilidades de recriação da velhice. Levamos em consideração as subjetividades, significados e práticas por elas empreendidas no curso da vida, dando especial atenção às mudanças observadas em seus corpos, à maneira como isso influencia na configuração de suas identidades e, também, à forma como tais mulheres são percebidas em suas relações familiares – de gênero e intergeracionais. Este estudo se situa no campo da Antropologia do Envelhecimento e da Antropologia do Corpo.

Palavras-chave: envelhecimento e gênero, *embodiment*, materialização performativa da corporalidade, curso da vida.

ABSTRACT

This research investigates the experience of aging in middle-class elderly women in Goiânia, focusing on the possibilities for embodiments. The theoretical basis of the discussion proposed here is the idea of performative embodiment of corporeality (BUTLER, 1993), based on the concept of embodiment (CSORDAS, 1994), seeking to establish relations with the fieldwork in 2011, in gyms in this capital. Special attention is given to issues related to body techniques practiced by these women, the individual management of their own aging process and the construction of feminine identities in old age. We consider the subjectivities, meanings and practices undertaken by them in the life course, paying particular attention to the observed changes in their bodies, the way it influences the configuration of their identities and also to how these women are perceived in their family relationships – gender and intergenerational. This study is located in the field of Anthropology of Aging and Anthropology of the Body.

Key words: aging and gender, embodiment, performative embodiment of corporeality, life course.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABS	Aula de Abdominais
GAP	Aula de Glúteos, Abdômen e Pernas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
RPG	Re-educação Postural Global
UFG	Universidade Federal de Goiás

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Pirâmides Etárias da População Brasileira 1970-2000.....	13
Figura 2 – Pirâmide Etária 1991 a 2010 – Envelhecimento da População.....	14
Figura 3 – Mapa da cidade de Goiânia, com demarcação da área pesquisada.....	49
Figura 4 – Mapa localizador das academias e residências das entrevistadas.....	50
Figura 5 – Fotografia escolhida por Dona Yara, de seu acervo pessoal.....	152
Figura 6 – Fotografia tirada pela pesquisadora, na casa de Dona Yara.....	153
Figura 7 – Fotografia de Dona Yara, quando jovem, de seu acervo pessoal, fundida à fotografia tirada pela pesquisadora, em sua casa.....	154
Figura 8 – Fotografia de Dona Marlene, tirada pela pesquisadora.....	157
Figura 9 – Fotografia de Dona Augusta, de seu acervo pessoal.....	158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População total e quantidade de pessoas com mais de 60 anos.....	14
Tabela 2 – Caracterização das mulheres entrevistadas.....	45
Tabela 3 – Renda média da população idosa por região em Goiânia.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – UMA ETNOGRAFIA COM MULHERES IDOSAS EM GOIÂNIA	24
1.1 Começando a experienciar o envelhecimento.....	25
1.2 Caracterizando as personagens	28
1.3 Vivenciando o “estar-na-academia”.....	50
1.4 Academia de ginástica enquanto espaço etnográfico.....	54
CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO – O PODER ILOCUCIONÁRIO DO DESEJO	61
2.1 Caracterizando experiências de envelhecimento – breve perspectiva histórica.....	61
2.2 Materializações performativas de corpo	74
2.3 Da alimentação e das técnicas para o controle da gordura.....	80
2.4 A construção da beleza pela biotecnologia	86
2.5 Experiências de sexualidade no envelhecimento	95
CAPÍTULO 3 – O QUE É SER VELHA EM FAMÍLIA?	103
3.1 Vivenciando as experiências homem-mulher	103
3.2 Vivenciando experiências entre gerações	111
CAPÍTULO 4 – EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO – O PODER PERLOCUCIONÁRIO DO DESEJO	132
4.1 A fotografia enquanto instrumento de pesquisa.....	132
4.2 O jogo de espelhos e a visão da família.....	134
CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	172
Apêndices	179

INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga as experiências de envelhecimento de mulheres idosas de classe média em Goiânia. Tais experiências, relacionadas a uma ideia de “estar-no-mundo”, são abordadas com base no que Csordas (1994) denomina *embodiment*, que diz respeito ao corpo enquanto terreno existencial de cultura e do *self*. É a partir dessa noção que são analisadas as possibilidades de materializações performativas das corporalidades (BUTLER, 1993) dessas mulheres. O corpo é tomado aqui como um processo móvel e indeterminado, que se constrói e se reconstrói a partir de vivências diversas durante o curso da vida. A ideia de curso da vida aqui proposta difere-se da noção de ciclo de vida, no sentido de constituir uma categoria fluida, diretamente relacionada às experiências vividas pelo sujeito, às maneiras como o sujeito engaja-se no mundo e em sua vida cotidiana, num processo de “estar-no-mundo” (CSORDAS, 1994).

Tomo como base o trabalho de campo realizado em 2011, em duas academias de ginástica nesta capital, que objetivou investigar a forma como essas mulheres experienciam o envelhecimento, buscando discutir as diferentes possibilidades de recriação da velhice. Especial atenção é dada às mudanças observadas em seus corpos, à maneira como isso influencia na configuração de suas identidades nessa experiência e, também, à forma como tais mulheres vivenciam sua velhice em família. Na intenção de buscar compreender as materializações performativas de seus corpos, as academias de ginástica passam a constituir um lugar onde é possível analisar o poder ilocucionário, relativo à intencionalidade (AUSTIN, 1990) das técnicas corporais (MAUSS, 2003) por elas empreendidas na experiência de envelhecimento e, ao mesmo tempo, analisar seu poder perlocucionário, ou seja, como os efeitos de tais práticas são por elas e pelos familiares percebidos.

Meu interesse por pesquisar o envelhecimento veio já após o ingresso ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (UFG). Durante os diálogos iniciais com a Profa. Telma Camargo da Silva, orientadora desta pesquisa, houve um recorte em meu objeto de estudo, trazendo como foco de análise as experiências de corpo e o envelhecimento em mulheres, buscando analisar as práticas por elas empreendidas durante o processo de envelhecimento, bem como os processos de incorporação advindos daí. A escolha por esse objeto de estudo se deve à ausência de pesquisas na antropologia que focalizam as experiências de envelhecimento

em mulheres de classe média em Goiânia. Parto aqui, então, de uma discussão com base, fundamentalmente, na Antropologia do Envelhecimento, bem como na Antropologia do Corpo, à luz das quais minhas análises foram desenvolvidas.

O século XX foi um período marcado por uma transição demográfica e uma explosão do envelhecimento da população mundial. No Brasil, tal explosão também ocorreu e pudemos observar profundas alterações nas pirâmides etárias, evento que continua em processo no século XXI (ALVES JUNIOR, 2009). Tal fenômeno é decorrente de um grande aumento da expectativa de vida da população e de uma diminuição significativa das taxas de fertilidade. No Brasil, o grupo etário que mais cresce é o de pessoas acima de 60 anos. A pirâmide etária abaixo comprova tal colocação, pois apresenta a estrutura populacional que, em 1970, era larga em sua base (faixas etárias de até 24 anos de idade) e estreita no ápice (grupo etário acima de 60 anos). Isso se dá em função de uma alta taxa de fertilidade, que em 2000 sofreu uma enorme alteração em sua configuração, com o aumento da expectativa de vida, a partir da década de 1980.

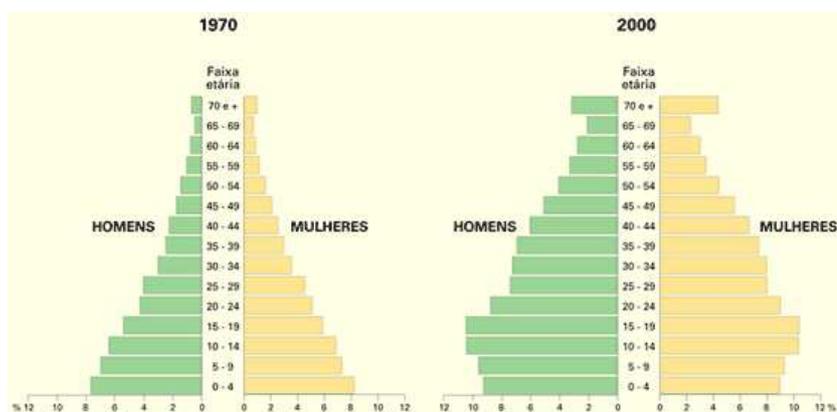


Figura 1 – Pirâmides Etárias da População Brasileira 1970 – 2000 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – Censos 1970 e 2000).

Se observarmos, então, três pirâmides etárias da população brasileira, de 1991 a 2010, notamos que a representatividade do grupo etário com mais de 60 anos aumentou, de acordo com o Censo de 2010. A pirâmide abaixo, disponibilizada após o último Censo, evidencia o envelhecimento da população, através de uma comparação entre os anos de 1991, 2000 e 2010.

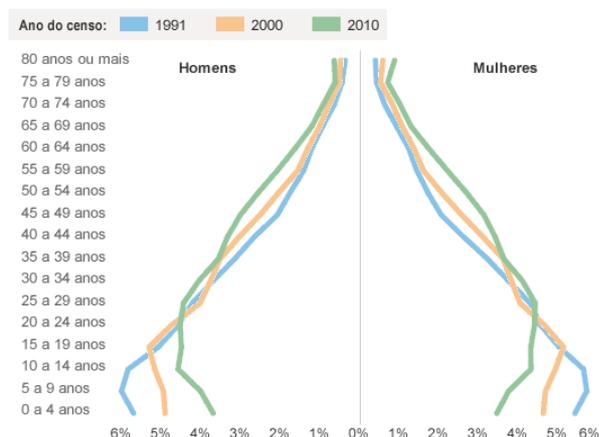


Figura 2 – Pirâmide Etária 1991 a 2010 – Envelhecimento da população (IBGE – Censo Demográfico 1991/2010).

Por muito tempo, o Brasil foi considerado um país jovem e, em 1970, de acordo com Alves Junior (2009), houve um primeiro alerta de mudança desse perfil, quando a proporção de pessoas com mais de 60 anos girava em torno de 7%. Vale lembrar que há prospecções, com as quais podemos trabalhar, do que ocorrerá com a população brasileira até 2050:

Tabela 1 – População total e quantidade de pessoas com mais de 60 anos

BRASIL		
	População total	60 anos ou >
1.990	149.522.000	10.128.000
2.000	174.161.000	14.113.000
2.025	215.294.000	35.399.000
2.050	211.103.000	64.008.000

Fonte: *United Nations*.

Como percebemos, então, os índices brasileiros indicam a tendência de um crescente aumento da população com idade superior a 60 anos (ver Tabela 1). O que ocorre é que, se num determinado momento, o Brasil era conhecido como um país jovem, tal fato não pode mais ser aceito e podemos afirmar seguramente que o Brasil envelhece. E, à medida que o País envelhece, o que pode ser notado é um fenômeno de feminização desse envelhecimento. De acordo com dados do IBGE, a expectativa de

vida das mulheres brasileiras que, em 1997, era de 69,3 anos subiu para 76,5 anos, ao passo que para os homens, tal expectativa hoje é de 69 anos. Em 2025, a mulher brasileira viverá em média 89,6 anos e os homens 82,2 anos. É neste contexto de feminização do envelhecimento, que surgiu meu especial interesse pela população idosa feminina e, vem daí também, uma das primeiras problematizações apontadas aqui: que relações esse fenômeno estabelece com as experiências de envelhecimento, ou com as diversas possibilidades de incorporação, no curso da vida dessas mulheres? Assim, é necessário buscar compreender melhor os estilos de vida de tais mulheres, bem como os motivos e desejos que as levam até as academias de ginástica, por exemplo.

Sabemos que a antropologia nos incita ao olhar direcionado ao outro; no entanto, no caso do envelhecimento, pensar no outro implica pensar em um sujeito que um dia seremos, ou até já somos (DEBERT, 2004). Mas além de ser um destino de todos nós, a velhice constitui uma categoria social com um estatuto específico. Cada sociedade representa de diversas formas o envelhecer; em outras palavras, as pessoas vivenciam experiências diferenciadas de velhice, dependendo do contexto social em que estão inseridas. E isso pode se dar através da manutenção de algum tipo de trabalho, práticas esportivas, prescrições alimentares e medicamentosas, técnicas de rejuvenescimento, frequência em centros de convivência, socialização com outros idosos, relações estabelecidas no âmbito familiar (tanto de gênero como intergeracionais), por exemplo. Enfim, a experiência de envelhecer pode ser permeada por diversas técnicas de investimento do *self*, que busquem, não apenas a afirmação de uma posição social, mas fundamentalmente, mobilidade social (CSORDAS, 1994).

Pensar num sujeito que todos nós estamos fadados a ser, nos incita também a pensarmos em uma responsabilidade individual pelo envelhecimento. Essa gestão individual de sua própria velhice é o que Debert (1993) denomina de “reprivatização do envelhecimento”¹, conceito que nos possibilita uma discussão e interpretação de diferentes possibilidades de recriação e de gestão da velhice hoje.

Quando falarmos, aqui, em gestão do envelhecimento não estamos nos remetendo a uma gestão do Estado, ou elaboração de políticas públicas voltadas ao envelhecimento. Tal categoria tem direta relação com o conceito de reprivatização e,

¹ Conforme veremos no Capítulo 2, a história do envelhecimento nas diferentes sociedades começa na instância privada, quando ele era uma questão de previdência individual, passando ao domínio público, como uma preocupação de assistência social e, agora, voltando à privatização. Daí o conceito de “reprivatização do envelhecimento”, que remete a uma responsabilidade individual do sujeito pelo seu próprio envelhecimento.

portanto, diz respeito a um gerenciamento, por parte das mulheres pesquisadas, de suas experiências de envelhecimento. Sabemos que as possibilidades de materialização performativa da corporalidade podem fazer parte de uma responsabilidade individual. No entanto, cabe-nos questionar se a carga de autonomia e individualidade (GIDDENS, 1991) que tal conceito carrega, de fato é aplicável às mulheres por mim pesquisadas, já que sofrem diversas influências das relações de saber/poder pelas quais suas experiências são permeadas.

É importante dizer, que o recorte feito em relação à idade do grupo a ser pesquisado, deve ser tomado como um mero referencial. Como sabemos, a velhice é um fator que se apresenta de maneira heterogênea e, dessa forma, a idade cronológica aqui utilizada tem como base a Lei nº. 8.842, de 1994 (BRASIL, 1996) e o Estatuto do Idoso de 2003, nos quais a idade de 60 anos é tomada como referencial para identificar alguém na categoria idoso. Tal recorte etário está sendo considerado em conjunto com uma série de outras variáveis, sejam elas sociais, culturais, econômicas, de estilo de vida, gênero e classe social de origem.

É preciso deixar claro que o envelhecimento deve ser tratado como um fator “bio-psico-social”; ou seja, devemos levar em consideração a formação e transformação biológica do corpo humano à medida que o tempo passa, mas também é preciso levar em conta o fato de que a categoria *velhice*, na maioria das vezes, independe de uma cronologia, além de diversos aspectos emocionais, cognitivos e sociais que também contribuem para sua configuração. O envelhecimento, então, deve ser tratado não apenas em seu aspecto biológico, mas fundamentalmente, em termos de sentido, movimento, intersubjetividade, hábito, desejo (CSORDAS, 1994).

De acordo com Neto (1996), o corpo é base da percepção e organização da vida humana, tanto no sentido biológico, como nos sentidos antropológico, psicológico e social, tomando inspiração na ideia de “homem total”, de Mauss (2003). Assim, os corpos dizem respeito a diversos modos de vida de determinados grupos sociais e, nesse sentido, os diferentes tipos de investimentos sobre o corpo – as técnicas de embelezamento, de rejuvenescimento, exercícios físicos, dietas alimentares, medicamentos – podem nos dizer a respeito das experiências de envelhecimento aqui investigadas. Como esse grupo social e as pessoas que dele fazem parte constroem e reconstroem sua própria imagem, nesse processo intersubjetivo com o mundo? De que forma essas mulheres idosas são percebidas por seus familiares (companheiro, filhos e filhas, netos e netas)? Melhor dizendo, como se processa o envelhecimento, considerado

aqui um construto social e cultural, para essas pessoas que compõem o grupo a ser pesquisado?

Podemos tomar como um ponto de partida de discussão sobre esse tema, a proposta de “quebra da conspiração do silêncio”, de Simone de Beauvoir (1970), que serviu como motivação para boa parte das pesquisas nos últimos anos relacionadas à velhice. A autora propõe, em sua obra, que se fale sobre a velhice, levando em consideração a heterogeneidade que a envolve. Com base em tal proposta, de que forma se dão as experiências de envelhecimento nas sociedades contemporâneas? O que é ser um sujeito idoso na contemporaneidade? Ou ainda, como podemos perceber que essa “quebra de silêncio” repercutiu em nossa sociedade atual?

Para responder a esses questionamentos iniciais, foram pesquisadas mulheres, com mais de 60 anos, de classe média, moradoras da cidade de Goiânia. Alguns marcadores sociais de diferença, como religião, profissão, estado civil, sexualidade e raça/etnia foram, também considerados, em sua intersecção, na medida em que os mesmos se apresentavam, na pesquisa, como relevantes para a construção de suas subjetividades, estilos de vida e auto-percepções. Tais marcadores constituem categorias que possibilitam uma explicação de como as desigualdades e diferenças entre essas mulheres são socialmente constituídas e não são, aqui, considerados variáveis independentes entre si, já que há uma interdependência constitutiva entre elas (BRAH, 2006).

Por isso também, além dessas mulheres, as entrevistas incluíram alguns de seus familiares – companheiros, filhos/as, sobrinhas e netos/as – a fim de estabelecermos uma relação entre o que é ser velha em casa, com a família e o que é ser velha fora de casa, na academia de ginástica, por exemplo. Buscamos, nesse momento da pesquisa, focalizar a percepção que esses familiares têm acerca do envelhecimento de tais mulheres. Tanto a busca pela auto-percepção dessas mulheres, como a imagem construída a respeito delas por esses familiares, nos possibilita pensar não só os mecanismos de construção de uma identidade de gênero, como também, compreendermos o mundo que cerca essas pessoas e de que maneira essas experiências de vida refletem em suas subjetividades e corporalidades.

O trabalho de campo teve início em fevereiro de 2011, em duas academias de ginástica, na Região Sul da cidade de Goiânia, a saber: Milenium Academia e Academia Ativa. Dei início a esse trabalho com uma observação participante direta nessas academias, onde ocorreu a seleção de algumas mulheres, seis na primeira e cinco na

segunda academia, com as quais consegui maior aproximação, para um levantamento de informações através de entrevistas em profundidade (roteiro no Apêndice A), gravadas. Tais entrevistas, com duração média de aproximadamente duas horas, apareceram aqui como um recurso metodológico que direcionou a obtenção de dados específicos, necessários devido à dificuldade de se obter certas informações através apenas da observação participante. Busquei, assim, investigar questões diretamente relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa: descobrir as maneiras pelas quais vivenciam e experienciam o envelhecimento e as significações que elas atribuem à velhice; compreender se a sua socialização depende de uma ressignificação constante da velhice e até que ponto suas experiências de envelhecimento são marcadas por uma responsabilidade individual.

Durante as entrevistas em profundidade, realizadas, em sua maioria, nas casas dessas mulheres² utilizamos o recurso imagético para investigar a percepção dessas mulheres acerca de si mesmas, o que foi feito da seguinte maneira: foi solicitado que as entrevistadas escolhessem, para a entrevista, uma fotografia delas mesmas, como instrumento de estímulo à auto-percepção. Tal instrumento de pesquisa partiu da noção de investigação colaborativa, que enfatiza a interpretação de imagens e de ideias transmitidas pelos sujeitos da imagem (BITTENCOURT, 2006). Dessa forma, buscamos, através da escolha das entrevistadas e de seu discurso sobre a imagem escolhida, uma interessante possibilidade de comunicação que permitiu um enriquecimento de sentido à pesquisa. Os meios visuais de representação deslindaram um processo de comunicação, servindo aqui como um estímulo à fala das entrevistadas a respeito de si mesmas.

Num outro momento, era pedida permissão para que eu tirasse uma fotografia da mulher entrevistada, durante o momento da entrevista, para que, da mesma forma, ela pudesse proceder a um exercício de auto-percepção, no próprio local da entrevista. A importância desse momento na pesquisa se deu no sentido de compreendermos a relação da fotografia com o agora, com o momento presente e com a experiência referente à particularidade histórica em análise. Assim, buscamos estimular as entrevistadas a de certa forma, completar a comunicação iniciada com o primeiro estímulo visual. Os dois momentos são, aqui, analisados comparativamente, no que diz respeito ao discurso da entrevistada acerca de sua imagem na fotografia por ela escolhida e na fotografia tirada

² Apenas uma entrevista foi realizada na academia de ginástica Milenium, como explicarei mais adiante.

por mim no momento da entrevista. A imagem aparece então, como um meio de estabelecer diálogo entre antropóloga e entrevistadas, motivando-as ao exercício de auto-percepção.

Os familiares dessas mulheres também estão inseridos na pesquisa, como já foi falado. No decorrer do trabalho de campo, na medida em que fui marcando as entrevistas, feitas nas casas das mulheres idosas, pude me aproximar de alguns desses familiares, quando também os entrevistei. A intenção do contato com essas pessoas, como dissemos, é a de dar conta de suas percepções específicas acerca do envelhecimento que observam nas mulheres idosas, no que tange ao aspecto físico (mudanças que eles podem observar em seus corpos e significações que atribuem a elas) e às formas e técnicas pelas quais elas fazem a gestão do envelhecimento. Foram feitas, também, entrevistas em profundidade com esses familiares, gravadas, a partir de um roteiro (Apêndice B) e, durante essas entrevistas, as fotografias usadas nos contatos iniciais com as mulheres, foram aqui também utilizadas para, da mesma forma, estimulá-las ao exercício de percepção do outro (as mulheres idosas). A intenção, aqui, foi a de colocarmos em prática a ideia de uma “experiência compartilhada” (BITTENCOURT, 2006), através da qual o conhecimento antropológico pode ser fruto das ideias de sujeitos diversos.

Tal recurso se configurou numa importante metodologia de pesquisa, uma vez que, além de facilitar a comunicação verbal das pessoas com quem conversei, possibilitou também a observação acerca de todo um conjunto de sensações e emoções provocadas pela visualização das imagens. Tais sensações e reações também foram levadas em consideração e puderam ser percebidas através do ato de solicitar a elas a permissão para tirar uma foto durante as entrevistas. Explicando melhor, quero aqui evidenciar a importância que essas imagens tiveram no sentido de enriquecer as falas das mulheres sobre elas mesmas e, ao mesmo tempo, no momento em que solicitava permissão para tirar uma foto delas, suas reações, poses, trejeitos e constrangimentos também serviram como importantes informações acerca da investigação que propus fazer.

Na verdade, é preciso também fazer uma observação a respeito de minha abordagem metodológica sobre o tema da sexualidade. Todas as entrevistas para esta pesquisa aconteceram no primeiro semestre de 2011. Em meu exame de qualificação, fui alertada acerca da relevância da sexualidade enquanto um importante marcador social de diferença entre essas mulheres. Assim, meus questionamentos em cima dessa

questão com as mulheres foram feitos em momentos, que não o de nossa entrevista, mas em conversas informais. Os relatos que aponto aqui, então, relacionados a esse tema foram partes de falas espontâneas de minhas interlocutoras, através das quais busquei perceber como estão presentes em suas experiências do envelhecimento. De que forma o desejo sexual faz parte dessas experiências? A questão da sexualidade foi um aspecto um tanto mais difícil de ser acessado na vida de minhas interlocutoras, justamente por demandar uma relação maior de intimidade e que foi estabelecida, em graus diversos, com as minhas pesquisadas.

Além da questão da sexualidade, um outro ponto com o qual precisei ter cuidado especial na abordagem, foi a questão das relações intergeracionais estabelecidas por essas mulheres, no sentido de possibilitarem, além de outras questões, a transmissão de ideais feministas, por exemplo. Sabemos que a geração que está hoje na faixa dos sessenta anos ou mais, é composta por homens e mulheres que passaram por importantes mudanças sociais e políticas ao longo de suas juventudes, em nossa sociedade, podendo ter participado ativamente delas. Assim, as influências do movimento feminista, por exemplo, podem incidir diretamente em mudanças de comportamento sexual, em novos modelos de casamento e de família, na entrada maciça das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, uso da pílula anticoncepcional, movimentos de contracultura, a questão do divórcio, dentre outras questões (GOLDENBERG, 2011). Esta pesquisa focaliza um grupo de mulheres que compõe uma geração responsável por discutir um conjunto de valores vigentes numa determinada época da sociedade brasileira, que incidem diretamente sobre o corpo: daí a relevância de abordar, tanto a sexualidade, como também, o casamento, a família e todas as relações aí envolvidas, que fazem parte de suas experiências.

Pensei ser possível, através desses tópicos, enriquecer a reflexão sobre as diversas experiências de envelhecimento dessas mulheres e, sendo a família, por excelência, um importante espaço de transmissão geracional de valores, tanto do/a idoso/a ao/à jovem, como vice-versa, de que forma isso se configura nas famílias das mulheres idosas pesquisadas? Além disso, como esses discursos se materializam performativamente em seus corpos? No entanto, pensei que se abordasse o tema “feminismo” explicitamente, poderia gerar algum desconforto por parte de algumas delas. Assim, passei a buscar questionamentos que tivessem relação com propostas feministas e, aos poucos, analisar se tal movimento teve, ou ainda tem, alguma reverberação em suas vidas. Dessa forma, optei por ir tocando em assuntos como: o

controle sobre o corpo, contracepção, aborto, virgindade, divisão de tarefas entre homem e mulher no lar, posturas relacionadas às relações de gênero, relações intergeracionais e, a partir daí, tirar minhas conclusões a respeito. A própria questão dos desejos e motivações acerca das técnicas corporais voltadas ao embelezamento, e os efeitos percebidos em seus familiares, poderiam me dizer muito a respeito dessa questão.

Nessa busca pelo conhecimento acerca de meu objeto de estudo, vale ressaltar que esta pesquisa, então, surge a partir das interações entre diferentes vozes – das idosas pesquisadas, de seus familiares, minha, em cruzamento com as teorias aqui abordadas. Julgo relevante fazer essa observação, no sentido de ressaltar o fato de esta etnografia constituir um modo de representação de minhas interpretações acerca do objeto de estudo. Miriam Grossi aponta para a questão da subjetividade do/a pesquisador/a em campo, propondo pensar possíveis diferenças de interpretação sobre um mesmo objeto de estudo, como inerentes à própria relação subjetiva que marca cada trabalho de campo. Experiência essa marcada pela biografia individual de cada pesquisador: “Os trobriandeses que conhecemos são aqueles vistos a partir do olhar de Malinowski, um olhar historicamente marcado, sem dúvida, mas também um olhar formado pela história individual do pesquisador.” (GROSSI, 1992, p. 8) Buscando referência em Clifford (1998, p. 58), “os processos experiencial, interpretativo, dialógico e polifônico são encontrados, de forma discordante, em cada etnografia, mas a apresentação coerente pressupõe um modo controlador de autoridade.” Assim, a escrita etnográfica aqui apresentada leva em conta uma experiência etnográfica específica, tradução de minha memória em campo para uma forma textual, narrativa. A “autoridade etnográfica” é, então, colocada aqui, como fruto de experiências, diálogos, negociações, polifonias e interpretações de uma “realidade” cultural que tentei, aqui, traduzir, representar.

Podemos dizer, de início, que há certa complexidade em se delimitar a categoria velhice, visto que o campo do envelhecimento é tomado por uma confluência de diferentes tendências teórico-metodológicas. Assim, existe uma estreita interdependência de pontos de vista diversos que, a partir de seus respectivos referenciais, procuram dar conta dos problemas desta área. Partindo da observação de que o envelhecimento é uma experiência diversificada, sujeita às diversas influências dos diferentes contextos sociais, históricos e culturais em que os sujeitos se encontram, podemos considerar, que de fato é um grande desafio, analisarmos tal categoria num contexto de constantes transformações das sociedades contemporâneas. Por

consequente, tomar a velhice como objeto de estudo, pressupõe que sua análise contribuirá para a ampliação da reflexão sobre esse tema no campo antropológico.

A literatura das Ciências Sociais e, especificamente, da Antropologia muito tem discutido a respeito das representações sobre a velhice, mostrando o interesse despertado por esse assunto ao longo dos últimos anos. As percepções e reações de mulheres idosas em relação às suas experiências de envelhecimento foram também, de certa forma, abordados em algumas etnografias no Brasil, conforme explicitamos mais adiante. No entanto, nota-se a ausência de trabalhos que contemplem a cidade de Goiânia e fujam do eixo Rio-São Paulo, onde se concentram quase todas as investigações até aqui realizadas sobre o assunto. Assim, começamos a preencher uma lacuna que possa trazer à discussão, tanto o olhar de mulheres idosas de camadas médias sobre si mesmas, como o olhar e as significações que suas famílias atribuem a elas.

Pensamos, então, poder contribuir para enriquecer os estudos dessa área, no sentido de focalizar as experiências de envelhecimento dessas mulheres, na cidade de Goiânia, buscando, a partir das materializações performatizadas de seus corpos, compreensão da construção de identidades femininas. Essas informações poderão auxiliar a compreender as formas pelas quais elas envelhecem em nossa sociedade, possibilitando também, a elaboração de posteriores estratégias de manutenção da qualidade de vida, socialização e visibilidade social dessas pessoas que estão em busca de um envelhecimento com saúde, autonomia e independência.

Este trabalho se apresenta estruturado da seguinte forma: no primeiro capítulo, fazemos uma incursão acerca de como se deu meu trabalho de campo, narrando pontos relevantes sobre minha entrada e permanência nesse campo, explicitando aspectos relacionados às aproximações, dificuldades, estabelecimento de relações de intimidade e cumplicidade com as mulheres pesquisadas. Conheceremos então, as personagens principais desta narrativa etnográfica, a partir de suas próprias caracterizações e de minhas observações sobre elas. É feita, também, uma abordagem sobre a academia de ginástica enquanto espaço etnográfico e, por isso, também como *lócus* de interpretação antropológica. Trata-se de um momento de contextualização acerca das características da população estudada, trazendo, também alguns dados quantitativos relacionados à população idosa, hoje, no Brasil e, especificamente, em Goiânia. A partir daí ficará mais clara a escolha por pesquisar o gênero feminino, de classe média, bem como a escolha específica pelas duas academias visitadas.

No segundo capítulo, são apresentados os principais referenciais teóricos sobre os quais a pesquisa se sustenta, fazendo uma breve perspectiva histórica sobre as experiências de envelhecimento ao longo dos últimos tempos. Além disso, a academia de ginástica é apresentada enquanto um lugar de experiência, de performance, de realização e compartilhamento de alguns desejos, como: embelezamento, sociabilidade, intimidade, sexualidade, manutenção de um corpo ativo e distanciamento de um determinado conceito de velhice. Dessa forma, é abordado o poder ilocucionário (AUSTIN, 1990) de incorporação desses discursos a essas mulheres. Outras técnicas corporais que fazem parte dessas experiências de envelhecimento também são abordadas nesse momento, na medida em que aparecem em suas falas, elucidando as significações atribuídas ao processo de envelhecimento e as possibilidades de materialização performativa de seus corpos e constituição do *self*.

No terceiro capítulo, trabalho essencialmente, com o que é ser velha em família, a partir de suas experiências no âmbito doméstico, junto aos familiares, a partir das análises de suas falas e, ainda, algumas falas das mulheres. Para isso, abordo questões que incidem diretamente sobre esse momento de análise, como as relações e arranjos familiares, gênero e trocas intergeracionais. A ideia é a de discutir: que a heterogeneidade com que a experiência do envelhecimento dessas mulheres se apresenta deve-se, em muito, a experiências particulares de vida, que levam a escolhas e práticas diversas, mas que têm, na academia de ginástica, um ponto de encontro da performance dos desejos.

O quarto capítulo apresenta a abordagem acerca do poder perlocucionário (AUSTIN, 1990), o efeito das imagens fotográficas de suas experiências de envelhecimento, através do discurso das mulheres pesquisadas, relacionando suas percepções às de seus familiares, o que pode nos fornecer caminhos para pensarmos a respeito das caracterizações que fazem, tanto da velhice, como delas mesmas.

Dessa forma, as experiências de envelhecimento poderão ser discutidas sob os diversos aspectos que constituem a vida dessas mulheres, passando a ser possível estabelecer reflexões com base nas perspectivas que a pesquisa trouxe. Assim, proponho, na conclusão do trabalho, possíveis relações com os problemas que deram início à minha investigação: como se dá a experiência do envelhecimento para essas mulheres; de que forma caracterizam a velhice; quais as significações que atribuem ao processo de envelhecimento; de que maneiras seus corpos se apresentam materializados em seu processo de estar-no-mundo.

CAPÍTULO 1 – UMA ETNOGRAFIA COM MULHERES IDOSAS EM GOIÂNIA

Conforme aponte na introdução, meu trabalho de campo aconteceu em duas academias de ginástica da cidade de Goiânia e posso dizer que esse momento se configurou num misto de ansiedade, curiosidade, tentativa de aproximação e, ao mesmo tempo, exercício de distanciamento do outro.

Antes de entrar em campo, pensei que encontraria algumas possíveis dificuldades, como: de que maneira poderia me aproximar dessas mulheres, expondo exatamente qual era o meu objeto de estudo? Sabemos que o envelhecimento constitui um assunto um tanto constrangedor para algumas pessoas, especialmente para as mulheres. Então, acreditava, inicialmente, que precisaria disfarçar os reais motivos da pesquisa para, aos poucos, à medida que adquirisse a confiança de minhas possíveis entrevistadas, tocasse no tema da velhice e da experiência de envelhecimento. Do mesmo modo, como estabeleci de acordo com o Estatuto do Idoso a faixa etária das pessoas pesquisadas (acima de 60 anos), não tinha, a princípio, como checar se as mulheres das quais me aproximassem faziam parte, de fato, dessa população. Então, pensei ser preciso, primeiramente, observar e escolher possíveis entrevistadas pela aparência física (rugas, cabelos brancos, observação de suas falas) e, de forma cuidadosa, perceber se realmente tratava-se de mulheres idosas.

De qualquer forma, a expectativa pelo contato com as entrevistadas, de maneira geral, traz certa ansiedade, no sentido de pensar se as mesmas seriam amistosas; se teriam compreensão da importância do meu tema de pesquisa; se, ao revelar o tema, poderiam sentir-se ofendidas ou, até mesmo, invadidas. Algumas angústias pessoais também me ocorriam, como: de que forma conseguir a observação e a abordagem adequadas de tais pessoas; como me permitir ser atingida pelas “nativas” em campo e conseguir sua reciprocidade; como conseguir minha “entrada”, também de maneira adequada em suas vidas, conseguindo informações relevantes para a pesquisa; como desenvolver a pesquisa, relativizando minha participação, ou mantendo a neutralidade necessária para dar conta da construção de um trabalho que traga, de fato, uma contribuição teórica. No entanto, sabia que seria preciso sempre lembrar, que devemos deixar-nos ser apreendidos pelo trabalho de campo, no momento em que tal experiência acontece e que as respostas para tais angústias somente poderiam ser construídas, durante a vivência do fazer etnográfico.

1.1 Começando a experienciar o envelhecimento

Nesse sentido, como se deu minha entrada em campo?

Na verdade, cheguei à Academia Milenium, lugar de minha primeira entrada em campo, um tanto curiosa a respeito do que veria e do que iria vivenciar naquele espaço durante alguns meses, em companhia de algumas mulheres idosas. Procurei saber, no ato de minha matrícula, quais as aulas e horários mais frequentados por elas, explicitiei à proprietária da academia a minha intenção de realizar trabalho de campo naquele ambiente, expondo rapidamente os objetivos de minha pesquisa. Fui aconselhada por ela, então, a me matricular numa turma de hidroginástica que, segundo me apontou também a secretária da academia, era uma turma repleta de mulheres idosas, com mais de trinta alunas matriculadas. A proprietária era a própria professora dessa turma e, sem grandes burocracias, assinou o termo de consentimento³, dando-me então, autorização para que procedesse meu trabalho.

Sabemos que uma academia de ginástica, enquanto espaço etnográfico, constitui um local de uma diversidade imensa de signos a serem observados – desde os mais diversos corpos em movimento ali presentes (e que nesse ambiente se encontram mais à mostra), aos diferentes ambientes destinados às variadas técnicas corporais ali praticadas. Na verdade, na academia de ginástica, os corpos quase que assumem a posição de objetos a serem mostrados. Mas será que isso também ocorre com os corpos das mulheres idosas que frequentam uma academia? Aqui, obviamente, seus corpos se constituem em interessantes objetos antropológicos, assim como suas subjetividades. Meu interesse inicial era o de descobrir, através do trabalho de campo, justamente quais as possibilidades de materializações performáticas das corporalidades dessas mulheres, bem como as significações que atribuem às suas experiências de envelhecimento.

O primeiro contato com um dos grupos pesquisados se deu de maneira muito curiosa e, na verdade, precisou de um assunto específico sobre um assalto para “quebrar o gelo” da salinha de entrada da academia e darmos início, de fato, à minha inserção no campo. Ao chegar, no meu primeiro dia, encontrei uma mulher que observei ser idosa, por ter o rosto coberto por muitas rugas. Estava sentada no sofá de entrada, aguardando o início da aula de hidroginástica e tinha a feição muito séria, usava um vestido longo, florido, maiô por baixo e segurava duas bolsas: uma de dinheiro e documentos e a outra

³ Documento exigido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG).

para carregar toalha, touca e as coisas que usaria em sua aula na piscina. Sentei-me ao seu lado. Do outro lado do sofá, um homem de aparência um pouco mais jovem, com menos rugas em seu rosto. Os dois em silêncio. Até que chega, então, uma outra aluna, também aparentemente idosa, por suas rugas e excesso de cabelos brancos, um tanto afoita por ter sido roubada há poucos minutos na rua. Segundo ela (Dona Marta⁴), seu marido queria levá-la à academia, como de costume, porém ela preferiu ir andando para “aquecer”. Um motoqueiro passou e roubou sua bolsa: *“ainda bem que não estava pendurada no ombro, senão a velhinha ia junto!”* (Dona Marta, 77 anos) De acordo com sua fala, a única coisa de valor que o ladrão levou foi um aparelho para medir pressão que carrega sempre, pois tem alterações cotidianas em sua pressão arterial⁵.

A partir daí, começamos uma conversa de indignação com a justiça e polícia brasileiras. A senhora que encontrei logo no início, sentada no sofá, começou a recordar sobre o seu tempo de moça, em que nos colégios, se ensinava moral e patriotismo, coisas que segundo ela, hoje, não se vê mais. Ela recitou um pequeno trecho da “Oração aos Moços”, de Rui Barbosa, que era falada todos os dias antes de começar suas aulas na escola. Nesse momento, como demonstrei muita atenção, ela abriu um largo sorriso e a aparência “dura” e “amarrada” que observei no início, logo se foi.⁶ Tal situação serviu para nos aproximarmos.

Nessa observação inicial de troca intersubjetiva, pude percebê-las como idosas não apenas por aspectos físicos que evidenciam a velhice, como rugas e cabelos brancos, mas principalmente pelos seus discursos. A subjetividade marca a percepção sobre a velhice em suas falas: o pesar pela perda do aparelho medidor de pressão arterial, por parte de Dona Marta, assim como os relatos de experiências do passado, de Dona Ana, remetendo ao seu “tempo de moça”, é que servem para marcar um

⁴ Algumas mulheres preferiram não ser identificadas, por vários motivos que serão, mais adiante, explicitados. Assim, optei por usar, quando fosse o caso, pseudônimos, ao invés de seus nomes verdadeiros.

⁵ A partir desse momento, notei que seria muito importante, de início, já perceber nas falas espontâneas dessas mulheres, as marcas do processo de envelhecimento. O fato de ter dito, “senão a velhinha ia junto” e ter apontado para o roubo de um aparelho aferidor de pressão arterial, me fez pensar em experiências que poderiam ser próprias de indivíduos idosos. Na verdade, discursos voltados para a saúde, constituíram uma constante durante todo o trabalho de campo e essa fala acabou por se caracterizar como o início dessa minha percepção.

⁶ Essa senhora, Dona Ana, que se tornou depois minha primeira entrevistada, é também a mais velha com quem convivi. Ela nasceu em 1926 e teve, conforme seu relato, uma adolescência muito contida, em Salvador (sua terra natal). Estudou em colégio interno de freiras, onde diariamente, algum trecho do discurso de Rui Barbosa, escrito em 1921, era proferido, após o Hino Nacional. Tal situação, para ela, possui significado de ensino da moral e transmissão de valores, que eram relevantes em sua época de formação educacional e que hoje não têm, segundo seu relato, tanta relevância.

determinado tempo cronológico. Da mesma forma, a questão da função social da pessoa velha (BOSI, 1994) de lembrar e aconselhar, unir tempo passado e o porvir, está marcada na fala de Dona Ana. Comecei, então, a poder traçar, a partir de experiências intersubjetivas, suas caracterizações de velhice.

Mais e mais senhoras foram chegando e logo entramos para o início da aula de hidroginástica. Eu e uma outra moça éramos as únicas mais jovens de uma turma de mais de 30 pessoas idosas, dentre elas, apenas 6 homens. Todas muito animadas, a grande maioria conversava muito entre si. Algumas falavam sobre problemas cotidianos, doenças, outras sobre questões domésticas, algumas ainda falavam sobre as novidades do catálogo de compras da qual uma delas é representante de vendas. Vale observar, que algumas das mulheres com as quais convivi, desenvolviam certas atividades, mesmo que informalmente, com a finalidade de incrementar a renda familiar, ou como veremos mais adiante, para ter outra ocupação, que não somente a doméstica, ou ainda, para mostrarem-se ativas, fugindo da ideia de inatividade da velhice⁷.

A aula, que durou 50 minutos, transcorreu de forma divertida. Na verdade, a aula é um tanto pesada e pude perceber que elas saem de lá muito cansadas, mas satisfeitas. Quase todas elas, como notei, vão até a academia a pé, pois moram na região. O encontro na academia entre esse grupo de mulheres idosas, é algo que ocorre três vezes na semana (segundas, quartas e sextas-feiras) e, talvez por isso, pude perceber que elas possuem laços de amizade e até de intimidade entre elas. Pude notar, então, que a academia se configura como um espaço de encontro entre essas idosas, que compartilham cotidianamente, desejos, valores, motivações, crenças, gostos e também segredos. *“Adoro vir à academia. É aqui que consigo ter tempo pra mim.”* (Dona Ana, 85 anos). Outra fala também evidencia o lugar- academia de ginástica- enquanto espaço de encontro: *“A academia é um lugar de ver gente, de sair de casa, entrar em contato com pessoas que buscam a saúde, a qualidade de vida. Gosto muito desse ambiente aqui. Tenho amigas aqui, adoro a professora, tudo...”* (Dona Dalva, 78 anos)

⁷ Em Goiânia, cidade onde a pesquisa foi realizada, a população idosa corresponde, de acordo com o Censo de 2010 a 9,57% (sendo 5,5% dessa população, compostos por mulheres idosas). Além disso, há um grande número de mulheres com mais de 60 anos responsáveis pelo domicílio nesta capital (62% dos responsáveis idosos).

1.2 Caracterizando as personagens

Nesse primeiro momento, então, conheci duas de minhas interlocutoras – Dona Ana e Dona Marta. Depois, já durante a aula, me apresentei a Dona Dalva, que estava ao meu lado na piscina. A primeira, Dona Ana, de 85 anos, nasceu em Salvador, veio para Goiânia aos 34 anos de idade, à procura de uma boa colocação no mercado de trabalho. Formou-se professora em sua terra natal e, hoje, encontra-se aposentada. Não se casou, não tem filhos/as e vive sozinha em um apartamento de dois quartos⁸, no bairro Jardim América, região Sul da cidade de Goiânia. É uma mulher que sempre viveu de seu próprio trabalho, sendo independente economicamente, desde sua mudança para esta cidade. Além disso, desde que se mudou para esta cidade, Dona Ana sempre morou só e ainda hoje vive assim:

“Eu fico vendo aquelas senhoras que não vivem sem uma acompanhante. Eu detesto a ideia de ter alguém comigo, dentro de minha casa, dia e noite. Imagina eu, uma pessoa que passou a vida sozinha, resolvendo tudo, com alguém junto o tempo todo, querendo fazer por mim, me dar as coisas na mão. Acho que eu ia até morrer mais cedo.” (Dona Ana, 85 anos)

A possibilidade de entregar a outra pessoa a responsabilização por seu processo de envelhecimento, não agrada a essa senhora e, talvez por isso, busque sempre ser muito prática em relação a tudo em sua vida. Nesse contexto, o próprio espaço da academia de ginástica e as técnicas corporais praticadas nesse lugar, são tarefas diárias a serem cumpridas, quase como um trabalho. Faz parte, também, de sua experiência de envelhecimento o consumo de equipamentos domésticos de alta tecnologia, com a finalidade de trazer mais praticidade para sua vida.

Dona Ana, que mora sozinha e nunca se casou, disse que faz tudo para facilitar sua vida em casa, pois não tem ajuda de empregada doméstica. Comprou uma panela elétrica e faz tudo nessa panela: coloca o arroz com vários temperos, peixe, ou frango e legumes na parte de cima, pra fazer no vapor. Ela disse que compra de tudo por telefone, pelos canais de venda da televisão. Disse que tem panela de pressão elétrica, panela para cozinhar no vapor, também elétrica, máquina para fazer pão, cafeteira. Disse que programa a máquina de pão e a cafeteira pra começar de madrugada e, quando acorda está com o pão e o café quentinhos. Ela, que tem 85 anos, falou que sabe das coisas assim, porque não

⁸ O fato de descrever, aqui, uma característica da moradia, tem a clara intenção de buscar distinguir certos aspectos relacionados à classe das mulheres pesquisadas.

fica assistindo novela na TV e que só assiste noticiário e Shoptime⁹. Hoje, ao iniciar a aula, comentei com ela que havia notado seu novo corte de cabelo. Ela me respondeu assim: “Agora tá fácil com esse cabelinho ‘Joãozinho’ que eu cortei. Saio da aula, só passo um pente de qualquer jeito... E pronto! Se quero sair mais arrumada, boto uma peruca! Acho mais fácil assim!” (Anotações do Diário de Campo, 04 de maio de 2011).

É verdade que o gosto por certos bens simbólicos (BOURDIEU, 1974) serve como um marcador de classe. E, nesse caso, a frequência a determinados lugares, como uma academia de ginástica, por exemplo, bem como suas práticas de consumo, pode servir, aqui, como dispositivo de distinção de classe. Da mesma forma, mais uma marca que pode ser atribuída à sua caracterização de velhice, fica evidente em sua fala: a escolha do corte de cabelo e possibilidade de usar perucas.

Estabelecemos para esta pesquisa, como recorte de classe social, pessoas pertencentes às camadas médias da sociedade. Pertencer à classe média tem relação direta com a valorização da liberdade, do poder de consumo, do sentimento de que se tem nas mãos seu destino econômico e a busca de viver, segundo os princípios da responsabilidade individual (SOUZA e LAMOUNIER, 2010). No entanto, cabe-nos problematizar: até que ponto as mulheres pesquisadas se mostram totalmente autônomas em relação à gestão de sua própria velhice? Até que ponto suas experiências de envelhecimento são marcadas por tais valores?

Em relação à renda familiar da classe média no Brasil, buscamos a classificação pela distribuição de renda, de acordo com a pesquisa “A nova classe média”, realizada pela Fundação Getúlio Vargas, pelo pesquisador Marcelo Cortes Neri, em 2008, que estabeleceu a seguinte divisão:

- Classe média alta (ou A/B): renda mensal a partir de R\$ 4.807,00;
- Classe média (ou C): renda mensal entre R\$ 1.115,00 e R\$ 4.807,00;
- Classe média baixa (D): renda mensal entre R\$ 768,00 e R\$1.115,00;
- Classe baixa (E): renda mensal até R\$ 768,00.

Observamos que o momento histórico dessa pesquisa de Neri, no Brasil, é marcado por uma ascensão das classes populares e a constituição de uma “nova classe

⁹ Canal de TV fechada, voltado exclusivamente para venda de produtos diversos.

média”. Isso foi possibilitado pelas políticas públicas¹⁰ empreendidas pelo Governo Lula, que possibilitaram o surgimento de novas formas de consumo e novas demandas por parte da classe média brasileira. Tal emergência é o que justifica o interesse, nesta pesquisa, por buscar as experiências de envelhecimento de mulheres pertencentes a essa classe.

São consideradas, de acordo com essa classificação, pertencentes à classe média, pessoas que possuem rendimentos mensais de 2 a 9 salários mínimos¹¹, aproximadamente. De acordo com a classificação acima, interessam a esta pesquisa as pessoas que pertencem à classe C. Entretanto, consideramos aqui, que a renda é um indicador de classe social principalmente se associada a outras variantes, importantes para uma discussão sobre estilo de vida e gosto.

No que diz respeito ao consumo, ter uma margem de renda razoável para gastos discricionários (educação, saúde, recreação, lazer, comunicação, higiene, cuidados pessoais e equipamentos para o domicílio) é, também, considerado condição indispensável para integrar a classe média (SOUZA e LAMOUNIER, 2010). Dona Ana, tomada aqui como exemplo, demonstra, através de seu estilo de vida, ter hábitos de consumo e de busca por informação que sejam capazes, tanto de transformar sua vida em algo mais facilitado e prático, como também, busca distanciamento de ajuda das outras pessoas, já que para ela, isso seria algo desagradável, que a tornaria mais dependente, inativa e, por isso, mais velha. Assim, percebi que sua autonomia e sua responsabilidade individual por seu envelhecimento constituem aspectos altamente relevantes em sua vida, na manutenção de uma “juventude”.

Dona Ana é uma senhora que está muito acima do peso e que, a todo momento, demonstra certa insatisfação por sua condição física hoje, por dificultá-la muito em algumas atividades cotidianas, como abaixar-se para pegar algo no chão, por exemplo. *“A gordura me atrapalha muito. Não consigo pegar um objeto no chão sem fazer muito esforço pra isso. A maior insatisfação que tenho com meu corpo é a gordura. Nem eu sei dizer como fui engordando com a vida.”* (Dona Ana, 85 anos) Ao mesmo tempo que possui tais dificuldades em sua mobilidade corporal, mantém um constante desejo de mostrar-se auto-suficiente. No entanto, quando precisa, ela conta com o auxílio de sua sobrinha, que também mora na mesma cidade. Por exemplo, quando precisa ir ao

¹⁰ O Governo Lula desenvolveu políticas públicas no sentido de prover uma redistribuição de renda, como o Bolsa Família, a elevação do salário mínimo, o aumento de empregos formais, que acabou por proporcionar à Classe C uma grande ascensão em seu poder aquisitivo (NERI, 2008).

¹¹ Valor do salário mínimo nesta data: R\$ 545,00.

médico, fazer algum exame e, ainda, quando a sobrinha tem disponibilidade, a leva e busca na academia. Caso contrário, ela vai a pé. Além desses aspectos, Dona Ana é a única responsável econômica por todos os aspectos de sua vida.

Hoje, Dona Ana saiu um pouco apressada da piscina e perguntei a ela o motivo de tanta correria. Disse que estava indo ao Banco Itaú para receber seu dinheiro e pagar contas. Brinquei com ela: “o que entra já sai, né Dona Ana?” Ela disse sorrindo: “Sim, já tem destino certo.” Falei: “Ainda bem que tem o dinheiro pra poder pagar, não é?” Ela: “Graças a Deus, pago todas as minhas contas com dignidade.” É uma mulher muito séria e que leva a sério, como já pude notar, todos os seus compromissos, inclusive também, suas idas à academia. (Anotações do Diário de Campo, 04 de maio de 2011)

Houve um dia em que afirmei a ela ter notado que era uma pessoa muito prática em sua maneira de ser, e ela respondeu-me que tal característica se deve ao fato de ter sido sempre sozinha:

“Sempre tive de me virar. Sempre fui responsável por mim. Perdi muito cedo meu pai. Minha mãe teve seis filhos: cinco mulheres e um homem. Eu fui a segunda a nascer. Então, quando meu pai morreu, ajudava a criar o mais novo, que é também o único homem. Quando vim pra Goiânia, ele também veio. Virei meio mãe dele. Então, minha sobrinha tem muita coisa comigo. Eles são as pessoas de minha família com quem convivo mais, são as mais próximas. Hoje, minha sobrinha está casada, tem um filho. Eu fico doida com esse menino. Ele está com seis anos de idade. Me chama de vó também. Então, é como se fosse meu neto. Não casei, não tive filhos, mas ganhei um neto de coração.” (Dona Ana, 85 anos)

Dona Marta, 77 anos, é a mulher que relatei sobre o assalto, no início deste capítulo. Casada, tem uma filha, um filho e duas netas. Mora, também, no Jardim América, bairro onde se localiza a academia de ginástica que ambas frequentam. É uma mulher que sempre teve um alto nível econômico, que caiu em função da aposentadoria do marido. Assim, para conseguir manter alguns gastos com seus cuidados pessoais – comprar roupas, sapatos, cosméticos, ir ao salão de beleza – passou, com o curso da vida, a vender produtos diversos, como cosméticos, roupas de cama, mesa e banho, através de catálogos de vendas. Vive com o marido em um apartamento de dois quartos e é a única responsável pelas tarefas domésticas em casa. Dona Marta é uma mulher que, notadamente, executa as tarefas domésticas em casa, por obrigação, pois demonstra enorme insatisfação em relação a isso. Comentei a respeito disso com ela, ao que ela me respondeu:

“Ser dona de casa, pra mim, é uma amolação! Não gosto mesmo. De vez em quando, você ir na cozinha, preparar uma coisinha ou outra, é bom. Mas, eu que já estou há anos sem nenhuma ajudante, é chato demais. Tenho uma diarista que vai em casa duas vezes por semana, mas só arruma, não cozinha. Essa parte é por minha conta. Então, tenho que cozinhar todo santo dia. E meu marido não aceita qualquer comida. Então fica difícil. Eu, por exemplo, que to fazendo regime, tenho comido arroz integral e peixe, arroz integral e peixe... Só como isso! (risos) Ele não come essas coisas. Gosta de comida gorda, temperada. Tem saúde de ferro ele. Colesterol, triglicérides, essas coisas aí... Ele não tem nada. Foi tudo pra mim! Tenho a pressão alta, sou diabética, meu colesterol, se eu bobear um pouquinho, sobe... Ih... Remédio, são 3 por dia. Ele, nada! Então, voltando pro assunto da comida, é difícil, porque todo dia tem que fazer muita coisa diferente, né? (E por que a senhora não arruma uma ajudante?) Eu sempre tive. Mas, depois que meu marido aposentou, nossa renda caiu. Aí, no começo a gente deu uma descontrolada, sabe? Aí, fomos cortando alguns gastos. A empregada foi cortada! Aí, já viu, né? Sobrou pra mim! Academia, também, eu frequentava era lugar bom, daquelas academias chiques que tem de tudo. Aí, achei melhor mudar também. Como só fazia hidroginástica mesmo, vim pra cá, que é bem mais barato. A gente tem que ajudar, né? Cortar daqui, dali, pra poder viver e ter uma sobrinha caso precise, pra alguma emergência. Porque com filho eu não conto não. A gente não gosta de ficar dependendo deles. Deixa eles terem a vida deles, os gastos deles. Aqui é outra casa, é outra coisa.” (Dona Marta, 77 anos)

A fala de Dona Marta deixa evidente que a experiência de envelhecimento foi marcada pelo empobrecimento. Uma readequação de estilo de vida nessa etapa em que se encontram, fez com que o casal, especialmente ela (conforme sua fala), esteja sentindo um descontentamento. Isso fica evidente, principalmente, em relação às tarefas domésticas. A fim de conseguir manter-se como pertencente à sua classe social de origem, então, ela possui catálogos para vendas de algumas marcas, de produtos diversos: cosméticos, produtos para cozinha, cama, mesa e banho e, além disso, vende algumas frutas congeladas. Diversas vezes, comprei morangos congelados dela e fiz, também, a compra de um roupão, em um dos catálogos de venda, de uma marca que ela representa. Na verdade, as compras que fiz serviram para que me aproximasse mais dela também, o que acabou sendo muito bom para minha pesquisa. Conforme seu relato, a iniciativa de passar a vender, se deu justamente em função de a aposentadoria de seu marido ter feito com que o poder aquisitivo deles caísse bastante. Ela me relatou que com o que ganha, compra as coisas pra ela e fica satisfeita. *“Senão, ele implica se eu comprar um sapato, ou uma roupa nova. Implica com tudo. Controla tudo o que eu compro.”* (Dona Marta, 77 anos)

Dona Dalva, 78 anos, é casada e seu marido, Sr. José, também de 78 anos, a acompanha nas aulas de hidroginástica, na Academia Milenium. É natural da cidade de Paraúna, interior do Estado de Goiás e mudou-se para Goiânia em função do trabalho do

marido, hoje aposentado. Tem um filho e uma filha, já casados e vive com o marido, num apartamento de três quartos no Setor Nova Suíça, região Sul da cidade de Goiânia. É uma mulher que nunca trabalhou fora de casa, tendo sempre assumido as tarefas domésticas e a educação dos filhos. Por isso, sempre foi dependente economicamente do marido, o que para ela, não parece ser um problema, já que possui uma postura de certa conformação com sua condição em família.

É preciso dizer que, de início, minha aproximação com essas mulheres se deu como uma colega, aluna de hidroginástica que, assim como elas, era frequentadora constante da academia. E, aproximadamente um mês após o início de minhas aulas, à medida que fui conseguindo a confiança de algumas, expus as razões que me levaram, de fato, até a academia. Temia, de certa forma, esse momento de revelar minha identidade de pesquisadora, imaginando que isso poderia fazer com que minhas pesquisadas se retraíssem diante de mim, ou até mesmo, se distanciassem em razão de algum receio. No entanto, tive uma grata surpresa quando disse para a primeira idosa com quem tive coragem de compartilhar minha identidade de antropóloga e pesquisadora – Dona Marlene – os motivos que me fizeram matricular naquela turma. Como estava muito próxima de Dona Marlene, tinha certa intimidade com ela e me senti mais à vontade para relatá-la a respeito.

Dona Marlene passou a me informar sobre quase tudo o que pensava ser relevante em seus hábitos e estilo de vida e se encarregou também de “espalhar” para as colegas mais próximas a notícia de que eu as estava pesquisando. Isso gerou um certo reboliço na academia de ginástica, mas acredito que tenha sido muito positiva a forma como Dona Marlene colocou a situação às demais, pois o fato que eu temia nos distanciar, na verdade, acabou servindo para que me tornasse conhecida de todas e todos, gerando uma curiosidade muito grande em relação a mim e à pesquisa.

“Márcia, minha filha, há uma coisa muito importante que você precisa saber para a sua pesquisa! Eu tenho uma pele muito, muito dura! Ninguém consegue me beliscar! Tenta! (pegou minha mão e colocou em sua perna para que eu a beliscasse) Acho que isso, um pouco é pela minha genética que é boa mesmo. Mas, os exercícios que faço aqui me ajudam muito. Você vê que nada balança. Um outro fato muito importante é que não como carne. Penso que isso influencia muito na minha aparência física também. Isso porque sei que não aparento a idade que tenho. A posição da dormida também é muito importante! Minha filha, durma sempre com a barriga pra cima! A barriga voltada para cima faz com que as bochechas não fiquem marcadas. Acho horrível aquelas velhas de bochecha caída...” (Anotações do Diário de Campo, 16 de março de 2011)

A relação construída com Dona Marlene foi de intimidade, a ponto de ter liberdade para pedir que eu a beliscasse e pudesse sentir e perceber com o toque de minhas próprias mãos a sua auto-percepção corporal. Vale dizer, aqui, a importância da percepção como categoria de análise de meu objeto de estudo. No contexto da observação participante, a percepção é tomada como um processo que integra os cinco sentidos do corpo, não descartando, porém, a intuição e a sensibilidade (CSORDAS, 1994). O fato é que a relação estabelecida com Dona Marlene foi uma porta que se abriu, facilitando muito meu acesso a outras mulheres. A própria dona Marlene foi quem me apresentou algumas delas – Dona Maria e Dona Ângela¹².

Dona Marlene é uma mulher de 77 anos, nascida na cidade de Recife, mudando-se para Goiânia na década em 1975, quando disse ter tido um “chamado” para vir ao Centro-Oeste. A partir daí, convenceu o marido a mudar-se para Goiás, onde vivem até agora, ela cumprindo a missão que diz ter, com a organização espírita da qual faz parte. Ele aposentou-se e, como é de naturalidade francesa, ministra aulas particulares, em casa, de francês. O casal tem uma filha, casada e uma neta, adotada aos cinco anos de idade. Todos moram juntos em um apartamento de três quartos, no Setor Nova Suíça, local também muito próximo à academia Milenium. E é a filha, médica, quem constitui a principal responsável financeira pela família. No entanto, o fato de ser dependente economicamente da filha, muitas vezes, torna Dona Marlene subordinada às vontades dessa filha controladora. Em alguns momentos da entrevista com sua filha, senti-me de fato indignada com algumas de suas posturas em relação à mãe¹³, coisa que eu considero impossível não acontecer em certos momentos durante a pesquisa, levando em consideração também minha reflexividade e minha subjetividade em campo.

A religião espírita exerce grande influência na vida de Dona Marlene e em seus projetos para o futuro. Da mesma forma, possui enorme atração pela astronomia. Por isso, recentemente, resolveu empreender um novo projeto em sua vida: entrou para um curso de extensão em astronomia, promovido pela Universidade Federal de Goiás (UFG), realizado semanalmente, no planetário.

¹² A todas elas, expus brevemente os objetivos de minha pesquisa, o que foi feito de maneira informal, num primeiro momento e, antes de dar início às entrevistas, o termo de aceite assinado por cada uma expunha, por escrito e detalhadamente, de que se tratava este estudo.

¹³ Essa questão será aprofundada no terceiro capítulo desta dissertação.

“Algumas coisas na minha vida eu não abro mão. Mesmo sem ter muito o apoio da minha família, eu não abro mão. Eu faço aula de astronomia lá no planetário da UFG. Sou apaixonada pelo planeta Terra e tudo aquilo que está no espaço. Meu professor de astronomia fica surpreso comigo. Além da astronomia, tenho um trabalho muito bom e bonito de espiritualidade. Eu sou voltada para Jesus Cristo, sou voltada para a espiritualidade. Sou voltada para Maria, Jesus etc. Aquele grupo de apóstolos, Paulo, Tiago etc. Sou voltada para isso todas as horas do dia. É como se eu vivesse em comunicação com eles sempre e eu acredito nisso. Então, faço parte de um projeto que ajuda uma organização lá em Gramado, no Sul, chamada Nova Ordem de Jesus. E estou aqui em Goiânia pra formar um grupo de pessoas para divulgação dessa organização chamada Nova Ordem de Jesus e que tem o chamamento, chamado Cruzada do Esclarecimento. A minha missão, que eu assumi o compromisso perante Jesus e perante Maria, é de divulgar, divulgar. Se a pessoa não quiser aceitar, digamos, essa mensagem, eu pelo menos fiz a minha parte. E amo fazer isso. Faz parte da minha vida, assim como cuidar da minha casa, vir à academia... São mais do que atividades, são tarefas que tenho. Obrigações comigo mesma, sabe? E que me fazem muito feliz.” (Dona Marlene, 77 anos)

A ideia de projeto aparece aí, no sentido de compor um campo de possibilidades (VELHO, 2003) de sua experiência de envelhecimento, constituindo-se num importante aspecto de sua vida. Nesse olhar para a noção de projeto, vale dizer então que ele se torna parte do processo de constituição e reconstituição das identidades, subjetividades e corporalidades de algumas das mulheres, através de trajetórias existenciais particulares aqui analisadas.

No entanto, pouco tempo depois de seu relato, Dona Marlene precisou parar de frequentar o curso, devido à enorme dificuldade enfrentada por ela, junto à sua família, que não a apóia nesse seu projeto. Não há uma pessoa que viva com Dona Marlene e seja a favor, tanto de seu trabalho de divulgação da doutrina espiritual por ela praticada, como de suas aulas de astronomia. Dessa forma, sua experiência de envelhecimento é uma administração constante desses dilemas familiares. As idas à academia, nesse sentido, constituem momentos de extremo prazer, porque não são dotadas de conflito interno nenhum. Apesar de tais conflitos, de ordem familiar, que refletem em uma experiência particular de envelhecimento, Dona Marlene é uma mulher muito bem resolvida, sempre demonstrando muita satisfação pessoal, com seu modo de estar-no-mundo e com os reflexos dessas experiências em seu corpo.

Dona Maria é uma mulher de 68 anos, nascida em Goiânia, que trabalhou como funcionária pública do Estado de Goiás e, hoje, vive de sua aposentadoria. É divorciada e tem uma filha, já casada. Por isso, mora sozinha, em um apartamento de dois quartos no Parque Amazônia, bairro da região Sul da cidade de Goiânia. É uma mulher

dinâmica, com uma intensa vida social, que está a todo momento mencionando seus programas culturais, saídas noturnas e almoços com as amigas.

“Hoje eu estou aposentada, mas sempre fui uma mulher que conciliou uma série de coisas durante um mesmo dia. Me acostumei a viver assim. Então, não é porque estou envelhecendo que vou ficar parada. Se parar a gente até enlouquece, né? Perigoso até... Então, tudo o que eu faço tem um sentido muito importante na minha vida. Eu vivo sozinha e acho que se eu não sinto solidão hoje, é por isso. Meu dia é sempre cheio. E quando não tem o que fazer, vou ao cinema, saio pra passear e ver gente, marco com as amigas de almoçar, ou tomar um café. Como é que eu posso me achar velha? Eu me sinto muito jovem. A juventude não está na idade da gente, eu acredito. Está na cabeça, no modo de levar a vida. Isso tudo reflete na nossa imagem também. Quando me olho, não me acho velha.” (Dona Maria, 68 anos)

Dona Maria mantém-se ativa aos 68 anos e atribui uma significação a todas as atividades que desenvolve muito voltada para a socialização. O fato de morar sozinha pode ser, nesse caso, o que a faz buscar assumir todas as suas atividades. Ela vai diariamente à academia de ginástica. Além disso, desenvolve um trabalho com crianças de uma creche semanalmente, o que nos remete, mais uma vez, à noção de projeto:

“Faço um trabalho voluntário em uma creche do meu bairro, aqui perto de casa. É um trabalho com as crianças, de contação de histórias. Uma vez por semana, vou lá e levo um livro pra ler pra elas. São crianças que ficam lá o dia todo e algumas dormem, só vão em casa no fim de semana, ou nem isso. Então, fico muito satisfeita de poder ajudar. Eu fiz o curso normal, sabe? Então, fui professora de criança a vida toda. Agora, que aposentei, encontrei na contação de histórias uma forma de continuar em contato com meu trabalho. Eu gostava muito. E hoje pra mim é muito bom dizer que faço isso. Me completa de alguma forma, sabe? Me traz bem estar, assim como a academia me traz bem estar.” (Dona Maria, 68 anos)

Ao mesmo tempo, não abre mão de manter uma vida social e cultural ativa. Sem dúvida, a caracterização que faz sobre sua experiência de envelhecimento passa por todas essas instâncias. A manutenção de uma atividade após a aposentadoria, leva-nos também a pesquisar, aqui, quais os significados das representações contidas na dicotomia ativo(a)/inativo(a)¹⁴ para essas mulheres, já que tal dicotomia é, não raro, utilizada para distinguir pessoas idosas das não idosas. Sabemos que tais significações, por exemplo, podem variar de acordo com classes e nem sempre, necessariamente,

¹⁴ Estamos, neste momento, fazendo alusão a esta dicotomia apenas no que se refere aos aspectos econômicos (trabalho=ativo e aposentadoria=inativo). No entanto, ainda abordaremos essas categorias, a fim de discutirmos suas relações com as materializações performativas da corporalidade das pesquisadas.

poderão relacionar-se apenas a uma necessidade de garantir a manutenção econômica da família, como é o caso de Dona Maria, cuja atividade, hoje, é voluntária, sem remuneração e, assim como no caso de Dona Marlene, constitui um projeto de vida. Há aspectos subjetivos imbricados nessa questão, que podem advir de uma necessidade, por parte da pessoa idosa, de sentir-se menos idosa, mantendo-se ativa, através do empreendimento de tais projetos.

Dona Ângela, 67 anos, é casada, nascida em Goiânia e tem dois filhos. Mora com o marido, em um apartamento de três quartos no bairro Jardim América. Sempre costurou para fora, a fim de auxiliar no orçamento doméstico. Tal ofício rendeu-lhe uma forte dor nos ombros, motivo pelo qual matriculou-se na academia. Após a aposentadoria do marido, Dona Ângela, então, iniciou um curso profissionalizante de maquiagem e penteados, conseguindo, em seguida, um emprego em um salão da cidade. Hoje, então, trabalha em um salão de beleza e estética. Sua experiência de envelhecimento, então, passa pela conciliação e administração de seu tempo e sua vida no sentido de dar conta de diversas atividades: profissional, tarefas domésticas, academia de ginástica e sua vida social em outras instâncias.

“Vou à academia para me cuidar. Já tive problema demais nos ombros. Passei uma vida costurando pra fora. Agora é que estou trabalhando em salão. Mas isso foi depois que meus filhos saíram de casa. Aí é que pude pensar nisso. Antes, trabalhava em casa mesmo, costurando, pra estar presente, junto. Então, se eu paro com a ginástica, volta a dor.” (Dona Ângela, 67 anos)

Ela me relatou trabalhar diariamente, no período da tarde em um conhecido e tradicional salão de beleza da cidade, fazendo penteados e maquiagem nas clientes. O mais interessante a ser apontado em relação à sua atividade profissional, hoje, é que foi uma escolha feita por ela, após ter atingido a maturidade de seu curso da vida. Isso porque, após os filhos casarem e terem saído de casa, resolveu empreender um novo projeto em sua trajetória de vida. Para isso, fez um curso profissionalizante e conseguiu tal emprego, onde está há cinco anos.

“Me sinto muito realizada tendo um emprego. Eu sempre tive muita vontade de trabalhar fora de casa, sabe? Pra ficar satisfeita, por ter contribuído pra uma empresa, essas coisas... Então, é minha realização isso, né? Pra mim é muito bom ter contato com as pessoas, deixar elas mais bonitas e, também, ganhar dinheiro, continuar contribuindo em casa.” (Dona Ângela, 67 anos)

Dona Ângela, mesmo idosa, optou por realizar um projeto – ter um emprego formal. O fato de ter sempre trabalhado em casa, para ela, não tem o mesmo significado de “trabalhar fora de casa” e a idade não configurou-se como obstáculo para isso. A presença, mais uma vez, da dicotomia ativa/inativa aparece aqui como forma de desmistificar a experiência de envelhecimento como impossibilitadora de trabalho. Se antes ela conciliava o trabalho em casa como costureira e com as tarefas domésticas, incluindo aí, o cuidado com os filhos e também as práticas sociais, fora desse ambiente doméstico, hoje, ela mantém as mesmas atividades.

Essas foram as mulheres da Academia Milenium com quem eu mantive uma maior proximidade, durante o período de meu trabalho de campo e foram, também, minhas seis entrevistadas desse lugar. Minha primeira interlocutora, Dona Ana, concedeu entrevista a mim após dois meses de convivência na academia. Ela conversou comigo na própria academia, após uma aula de hidroginástica. Talvez pelo fato de ter sido minha primeira entrevistada, fiquei receosa em pedir que nossa entrevista fosse em sua casa (o que poderia me trazer novas informações e, ao mesmo tempo, contato com algum familiar). No entanto, percebi que se continuasse com esse receio, meu trabalho de campo seria extremamente dificultado. Por isso, às outras cinco mulheres frequentadoras da Milenium que entrevistei, já passei a solicitar que nossa entrevista poderia ser agendada para um outro momento, em um local mais confortável, que poderia ser suas casas, pois demandaria um tempo maior. Tal estratégia de abordagem acabou facilitando muito meu trabalho, já que em todos os casos, havia alguém da família presente em casa. Assim, pude também solicitar, num segundo momento, que essa(s) pessoa(s) falasse(m) comigo. No caso específico de Dona Ana, entrevistei sua sobrinha, num outro dia em que ela foi buscá-la na academia.

Já na Academia Ativa, minha entrada se deu de maneira diversa. Como eu já estava frequentando a outra academia (Milenium), penso que houve um menor estranhamento e a aproximação com as mulheres ocorreu de forma mais fácil. Além disso, cheguei a essa academia, já com a intenção de acompanhar uma professora, que conheci através de minhas relações pessoais, e que desenvolve nesse local um trabalho voltado para mulheres idosas, tanto de ergometria e musculação, como de atividades aquáticas. Logo de início, então, já fui apresentada à turma como pesquisadora, o que não serviu como barreira entre minhas “nativas” e eu. Muito pelo contrário, consegui rapidamente agendar entrevistas com algumas mulheres em suas próprias casas. Nessa academia, foram entrevistadas cinco mulheres e, durante esses momentos de entrevista

em casa, como disse há pouco, conversei também com os familiares que ali se encontravam.

A primeira mulher com quem tive contato ali foi Dona Rosa. No meu primeiro dia de aula nessa academia, encontrei-a na sala de ergometria, caminhando na esteira. Posicionei-me, então, na esteira ao lado para tentar uma aproximação. Logo ela começou a conversar, perguntou meu nome e demos início à conversa. Ela falava sobre sua indisposição de malhar às segundas-feiras, pois sempre saía com uma turma de amigas nos domingos à noite. Em seguida, chegou Dona Stela, sua amiga. Apresentei-me a ela e, ao mesmo tempo, já disse que era pesquisadora e que estava frequentando aquela academia, no intuito de estabelecer contato com algumas mulheres que pudessem contribuir com minha pesquisa.

Dona Rosa, assim como Dona Marlene, serviu de “ponte” para que eu pudesse me inserir, de fato, naquele contexto, enquanto antropóloga. Ela é divorciada, tem 64 anos, é natural de Porto Alegre, mas veio de mudança para Goiânia quando se casou, em 1969. Tem dois filhos e uma filha, todos casados. Vive sozinha, num apartamento de dois quartos no Setor Bueno. Durante os doze anos em que esteve casada, não trabalhou e hoje é vendedora de duas feiras livres em Goiânia:

“Eu perdi tempo na minha vida. É até chato ficar falando isso, mas perdi mesmo. Falo porque seria possível ter uma aposentadoria hoje, se eu não tivesse parado de trabalhar por conta do meu marido. Mas, se eu quisesse mesmo, eu continuava. É que meu tempo pra casa foi diminuindo e ele começou a cobrar muito também sobre essas coisas de cozinha, arrumação, levar filho em aula... Ele queria que eu ficasse em casa, cuidando dos filhos e, praticamente, seria impossível continuar trabalhando. Eu sou professora por formação. Estudei pedagogia. Eu tava como coordenadora de escola já. Mas... Passou, fazer o quê, né? Separei dele porque era muito machista, mas muito machista mesmo. E além disso, me traiu também. Tinha dia, que eu tinha que esperar ele chegar do trabalho pra fazer supermercado, porque ele tinha que tá junto o tempo todo. Aí não teve jeito. (...) Eu tenho uma banca tanto na Feira da Lua, como também na Feira do Sol¹⁵. Nas feiras, eu vendo bolsas, sapatos e acessórios. Além disso, vendo de porta em porta também. Aí eu vendo também relógios. Trabalho com réplicas. São atividades que faço pra ganhar dinheiro e são também uma forma de conhecer gente. Você não tem ideia de quanta gente conheço por causa da feira! Me relaciono mais com as pessoas desde que comprei esses pontos nas feiras.” (Dona Rosa, 64 anos)

A atividade como autônoma, conciliada a diversas outras, presentes no cotidiano de Dona Rosa, é o que, segundo ela, além de a sustentarem economicamente, fazem

¹⁵ Tanto a Feira da Lua como a Feira do Sol são feiras livres, já tradicionais na cidade de Goiânia, que acontecem semanalmente aos sábados e domingos, respectivamente, ambas no Setor Oeste.

com que se sinta “viva”. Houve um dia, antes de entrevistá-la, que estávamos conversando informalmente, na academia, e ela me relatou ter acabado de chegar de viagem de São Paulo, onde tinha ido fazer compras de produtos para vender. Ela havia chegado de ônibus às 7:30h da manhã e, às 8:40h estava na academia malhando. Tinha ido segunda para voltar terça-feira. Logo percebi que Dona Rosa é uma mulher muito dinâmica e sempre disposta e, mais uma vez, pude perceber a manutenção de uma atividade como característica de mais uma das mulheres pesquisadas.

Dona Rosa, divorciada, que tem 64 anos, disse que não se considera velha de jeito nenhum! Ela tem uma postura mais jovem, na forma como fala e como se veste. Chega à academia sempre de short jeans e blusa decotada por cima do maiô, é animada e vive falando que gosta de beber cerveja. Hoje, tinha acabado de chegar de viagem de ônibus que fez à São Paulo. Ela vai sempre lá pra comprar produtos que vende. Fiquei impressionada, porque sua filha tinha acabado de buscá-la na rodoviária e ela já estava na academia! (Anotações do Diário de Campo, 26 de abril de 2011).

Dona Stela, 68 anos, nasceu em Goiânia, é casada, tem uma filha e vive com o marido, num apartamento de três quartos, no Setor Bueno. Seu marido, que apesar de aposentado ainda trabalha, viaja muito a serviço o que a faz com que se sinta um tanto sozinha. É muito vaidosa e, por vezes, demonstra certa insegurança em relação à sua imagem. Dessa forma sua experiência de envelhecimento é marcada pelo investimento constante em diversas técnicas de embelezamento, que não estão restritas apenas ao ambiente da academia de ginástica. Dona Stela nunca trabalhou fora de casa e, por isso, sempre foi economicamente dependente de seu marido. Assim, não possui autonomia para a escolha por determinadas técnicas, precisando, em alguns momentos, da autorização do marido para recorrer a algum tipo de intervenção estética, por exemplo.

Dona Augusta tem 70 anos, é nascida em Goiânia, casou-se muito nova, teve duas filhas e também ficou viúva muito cedo. A questão da viuvez é um aspecto relevante a ser abordado. No segmento de pessoas idosas, reduz-se cada vez mais a proporção de mulheres casadas e aumenta o de viúvas. Na população idosa feminina, de acordo com o IBGE (Censo 2010), há cerca de 41% de viúvas, dentre as mulheres idosas no Brasil. Debert (1999) acredita que para essas idosas, tanto a velhice quanto a viuvez podem significar uma certa independência, ou até mesmo um momento propício à realização pessoal, o que instiga-nos a buscar conhecer se, de fato, as experiências de envelhecimento das mulheres pesquisadas, são permeadas por independência, autonomia e liberdade. Tal colocação dessa autora contribui, também, para uma possível

discussão que diz respeito à sexualidade dessas mulheres viúvas e, também, aos seus papéis enquanto responsáveis financeiras e administradoras do lar, por exemplo.

No entanto, no caso de Dona Augusta sua viuvez durou pouco, já que, após três anos, casou-se novamente então, com um homem também viúvo, com três filhos. E passaram a viver todos juntos, numa mesma casa. Hoje, mais de trinta anos depois de ter se casado pela segunda vez, Dona Augusta e seu marido vivem sozinhos, em uma casa de três quartos, no Setor Nova Suíça. O que me despertou a atenção em sua situação foi o seguinte: o marido, desde que se aposentou, pediu que mantivessem em casa uma diarista que pudesse ir duas vezes por semana, para o auxílio nas tarefas domésticas mais pesadas. E, a partir de então, assumiu a cozinha da casa.

“É ele quem cozinha diariamente aqui! Ele é muito bom nisso e gosta também. Então, combinamos assim. E pra mim é ótimo, porque aí fico livre de manhã pra fazer o que eu quero: saio, vou na academia, faço compras, faço as unhas toda semana na parte da manhã também e faço tudo o que tem pra ser feito. Chego, o almoço já tá encaminhado. Ai a gente se ajuda depois com a louça e fica por conta de jogar baralho à tarde, assistir nossa novela, fazer caminhada no final do dia... Eu vou na academia de manhã e faço caminhada com ele no fim do dia, porque senão eu sei que ele não vai. Ai, se eu tô junto, ele vai bem disposto.” (Dona Augusta, 70 anos)

Dona Leila tem 70 anos, veio para Goiânia, após casar-se com um homem desta cidade. É natural do interior de Minas Gerais, da região da Zona da Mata. Dentre todas as minhas pesquisadas, foi a única que me revelou ter casado grávida e nutre enorme simpatia pelos ideais feministas, conforme abordaremos no terceiro capítulo. Tem um filho e duas filhas. Separou-se do marido e, desde então, não se casou mais. É uma mulher que sempre gostou de trabalhar e o fez como funcionária pública em Goiânia. Hoje, aposentada, evidencia em suas falas, uma grande liberdade e autonomia sobre sua própria vida. Dona Leila mora sozinha, num apartamento de três quartos no Setor Bueno. No entanto, auxilia sua filha, mãe solteira, na criação das netas, sendo a grande responsável econômica por elas.

Em pesquisas diversas sobre família, nas camadas populares, destaca-se o papel da mulher mais velha como principal responsável pelos filhos e netos¹⁶. No entanto, tal fenômeno também pode estar presente nas outras camadas da população. A preservação do lugar de provedora da família, constitui uma das características de pessoas de classe

¹⁶ Como as avós pesquisadas por Selma Suely Machado (2008), em camadas populares, na cidade de Belém.

média, a fim de manter o nível de consumo e uma posição de vantagem, também, no que diz respeito às trocas entre gerações. A percepção de que são provedoras distancia as pessoas idosas da caracterização de envelhecimento e, além disso, constitui uma forma de conseguir manter a autoridade na família e a autonomia e independência pessoal (LINS DE BARROS, 2011).

As razões para a manutenção da pessoa idosa como provedora da família recaem, algumas vezes, na dificuldade, por parte dos mais jovens, de se inserirem e permanecerem no mercado de trabalho, como é o caso da filha de Dona Leila, além do fato de as pensões e aposentadorias serem considerados meios seguros para a garantia das finanças da família. No caso de Dona Leila, sua filha vive em outro apartamento com as netas. Há uma solidariedade financeira, no entanto, ausente de qualquer tipo de conflito intergeracional, como observamos em Dona Marlene. O que pude observar, pelo contrário, é uma relação muito próxima e íntima entre mãe e filha e entre avó e netas.

Houve um dia em que cheguei mais cedo à Academia Ativa, às sete e meia da manhã, num horário diferente do que habitualmente ia (nove horas da manhã). Tinha, na entrada, uma mulher conversando com o profissional responsável por fazer acupuntura. Era Dona Yara, minha última entrevistada, também frequentadora desta academia. Fiz alguns questionamentos a ela sobre os motivos de fazer acupuntura e demos início a uma conversa rápida, quando ela, então, precisou se despedir e entrar para a sala, a fim de iniciar sua sessão. Ao vê-la saindo, expliquei brevemente meus objetivos e perguntei, então, se não poderia participar da pesquisa. Foi quando, naquele mesmo dia, Dona Yara me convidou a ir até sua casa, onde realizei nossa entrevista.

Ela é uma mulher de 67 anos, que mora no Setor dos Afonsos, bairro da cidade de Goiânia, quase na divisa com a cidade de Aparecida de Goiânia. É do interior de São Paulo e saiu de lá jovem para ir com os pais viver numa fazenda no Estado de Mato Grosso. Quando o pai terminou seu trabalho por lá, veio toda a sua família para Goiânia. Ela nunca se casou e sempre viveu ora com os pais, ora com um irmão mais velho, ajudando sua cunhada a criar os filhos. Foi professora e houve um tempo em que trabalhou como secretária num escritório de advocacia.

“Há seis anos, eram meu pai, eu e minha mãe. Há seis anos faleceu o papai. Aí eu fui morar com as duas. Mamãe faleceu há dois anos e meio. A mamãe tinha Alzheimer. Quando o papai faleceu e passei a morar com as duas, eu trabalhava fora, num escritório de advocacia e tinha uma pessoa que de dia

olhava as duas. Ai foi ficando muito cansativo, porque se você deixar a pessoa sozinha, ela se entrega. Até 89 anos, minha mãe andava, desenhava muito, sabe? Com o Alzheimer vai parando, paralisando, dificultando o andar, o falar, a percepção da pessoa vai diminuindo muito. Ai eu parei de trabalhar. Pra ela não perder totalmente essa percepção das coisas, eu procurei fazer tudo pra não deixar ela simplesmente parada, então parei de trabalhar pra cuidar. (...) Então, ficamos só eu e a tia. Agora, ela já não gosta mais de andar. Então, eu cuido dela. Comecei a trabalhar com 16 anos. Teve uma época que morei em fazenda. Então lá era trabalho pesado. Quando morei no Mato Grosso, não tinha luz, água encanada, moramos muito tempo nessas condições. Sou solteira e fiquei também com minha cunhada quando que ela casou. Então eu cuidava dos filhos dela, dava banho, essas coisas. Aqui em casa, eu que faço tudo. Tenho 67 anos, então sempre fiz tudo aqui. Agora eu to com uma mocinha que vem nos dias que eu faço acupuntura. Ela faz companhia pra tia e arruma a cozinha pra mim. Tudo também eu que compro, com meu dinheiro. Estou aposentada. Sou a responsável financeira.” (Dona Yara, 67 anos)

Podemos observar na fala de Dona Yara que, de seis anos pra cá, ela optou por passar sua vida cuidando da mãe e de sua tia, hoje com 90 anos de idade. Talvez pelo fato de nunca ter se casado, sempre trabalhou fora de casa, ou ainda, auxiliando sua cunhada com as tarefas domésticas, principalmente cuidando de seus filhos. Hoje, na circunstância em que se encontra, Dona Yara se vê não apenas responsabilizando-se por seu próprio processo de envelhecimento, mas passou a cuidar da velhice também da tia. Tal fato faz com que possamos perceber que muitas vezes, ela abre mão de atividades sociais, ou de lazer, fora do ambiente de sua casa, justamente por ter assumido a responsabilidade constante de cuidar de sua tia.

Ela vive de uma pensão de seu pai e de sua aposentadoria. Apesar de não ter filhos, nem netos, Dona Yara, por cuidar da tia, não tem autonomia, nem liberdade em sua experiência de envelhecimento. A autonomia em relação ao controle de suas vidas pessoais e do seu tempo de lazer, possível de ser alcançada na velhice (DEBERT, 2010), no caso de Dona Yara, foi cada vez mais tolhida. Na verdade, sua posição de “chefe de família”, nesse caso, lhe atribui maior responsabilidade como cuidadora de outra idosa. Dona Yara é uma mulher muito espiritualizada e desenvolve, cotidianamente, em sua casa, rituais de cura à distância e, além disso, estuda o poder dos cristais, também com foco na cura.

É possível perceber, nas entrevistadas, diferenças muito grandes em seus desejos, valores, motivações e estilos de vida¹⁷. Penso ser interessante expor, de

¹⁷ Essa diversidade será aprofundada e detalhada nos capítulos seguintes.

maneira sistemática, um quadro resumo, contendo as informações básicas a respeito dessas mulheres:

Tabela 2 – Caracterização das mulheres entrevistadas

NOME	IDADE	ATIVIDADES PRATICADAS	ACADEMIA DE GINÁSTICA	FAMILIAR ENTREVISTADO
Dona Ana	85 anos	Hidroginástica e natação	Milenium	Sobrinha
Dona Marlene	77 anos	Hidroginástica e massoterapia	Milenium	Filha
Dona Maria	68 anos	Hidroginástica e musculação	Milenium	Filha
Dona Marta	77 anos	Hidroginástica	Milenium	Filha e neta
Dona Ângela	67 anos	Hidroginástica	Milenium	Marido
Dona Dalva	78 anos	Hidroginástica	Milenium	Marido
Dona Yara	67 anos	Acupuntura	Ativa	Sobrinha-neta
Dona Leila	70 anos	Hidroginástica, musculação e ergometria	Ativa	Filha e neta
Dona Rosa	64 anos	Musculação, ergometria e <i>fitness</i>	Ativa	Filha
Dona Stela	68 anos	Musculação, ergometria e <i>fitness</i>	Ativa	Marido e filha
Dona Augusta	70 anos	Musculação, ergometria e <i>fitness</i>	Ativa	Marido

Fonte: produção da autora

Há uma constatação, também relevante para a contextualização empírica desta pesquisa, que se refere ao aumento da população idosa economicamente ativa, com a expectativa de vida cada vez maior no Brasil e, por isso, tais pessoas recorrem cada vez mais ao consumo de produtos e serviços de várias naturezas. É o que aponta a pesquisa realizada pela Credicard¹⁸, em 2005, que constatou que os idosos e idosas que vivem no Brasil estão adquirindo mais cartões de crédito para fazerem suas compras. Em 2005, essa faixa etária respondeu por 10,7% do valor das compras feitas com cartão no país, o que somou R\$ 13,6 bilhões. A clientela idosa concentra proporcionalmente, mais compras com cartão de crédito nos ramos de alimentação, turismo & entretenimento e saúde. (Disponível em <www.mundodomarketing.com.br>, acesso em 14/12/2010)

¹⁸ Instituição Financeira, administradora de cartões de crédito.

O rendimento médio mensal da população brasileira de 60 anos ou mais é de R\$ 780,00, segundo dados do IBGE (2002)¹⁹. Além disso, a população economicamente ativa no Brasil está cada vez mais velha. Esses dados apontam que 30,5% da população economicamente ativa brasileira possuem mais de 60 anos. E, no que se refere às regiões geográficas, 47% da população economicamente ativa com mais de 60 anos moram na região Sudeste, seguida da região Nordeste, com 26,6%. O maior aumento nos últimos anos dessa população se deu na região Centro-Oeste, com 27,1%, seguida pela região Norte, com 26,4%.

Em Goiânia, a região Norte é a que tem mais idosos que recebem de um a dois salários, enquanto na região Sul estão os que recebem os melhores salários. Vale ressaltar, que a pesquisa leva em consideração a renda individual e não da família, o que, ao ser levado em conta, pode então aumentar o poder aquisitivo familiar.

Tabela 3 – Renda média da população idosa por região em Goiânia

REGIÃO EM QUE MORA	NORTE	SUL	LESTE	OESTE
RENDA MÉDIA DA POPULAÇÃO IDOSA				
De 1 a 2 salários mínimos	27,40%	2,40%	2,40%	19%
De 3 a 5 salários mínimos	8,90%	7,10%	10,70%	8,90%
De 6 a 9 salários mínimos²⁰	1,20%	6,50%	2,40%	0,60%
Acima de 10 salários mín.	0,60%	0,60%	0,60%	0,60%

Fonte: IBGE (2002)

Conforme observamos no quadro acima, a região com maior contingente de pessoas idosas que pertencem à classe média é a Sul, seguida da região Leste de Goiânia. Nesta capital, há cerca de 220 academias de ginástica. E, conforme já foi apontado na introdução deste trabalho, de acordo com pesquisa exploratória realizada, foram definidas as seguintes academias de ginástica como locais para a realização da pesquisa etnográfica: Academia Milenium, localizada no bairro Jardim América, com mensalidade de R\$ 76,00 e Academia Ativa, no Setor Bueno, com mensalidade de R\$ 100,00 a R\$ 120,00, ambas na região Sul da cidade. As academias foram escolhidas em função de possuírem algumas atividades voltadas para idosos/as e, por isso, terem como

¹⁹ Pesquisa: *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica, 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 13/12/2010.

²⁰ O destaque em negrito se refere à população de interesse desta pesquisa (a chamada classe C).

maioria de alunos/as pessoas com mais de 60 anos. Vale ressaltar, que há algumas diferenças em termos de padrão entre as duas academias, estando a Ativa num padrão um pouco superior em relação à Milenium, em termos de conforto, estrutura física, luxo e aparelhagem. O foco maior da academia Milenium é em atividades aquáticas. São oferecidas por essa academia as seguintes opções de atividades físicas:

- Natação;
- Hidroginástica (ou somente “hidro”, como é comumente falada nas academias): ginástica feita na água;
- Hidroterapia: exercícios de fisioterapia feitos na água;
- Musculação: que pode ser feita com o instrutor presente na sala, ou através da contratação de um *personal trainer* (professor de ginástica pago por aula para dar um atendimento personalizado ao aluno);
- Atividades de *fitness*²¹:
 - Abdominais (ABS);
 - Glúteos, abdômen e pernas (GAP) – aula de ginástica localizada;
 - *Jump* – aula de ginástica aeróbica, feita sobre uma pequena cama elástica;
 - Alongamento;
- Treinamentos para corrida de rua e *triathlon* (competição composta por três modalidades, geralmente, natação, corrida e ciclismo);
- Fisioterapia e terapias manuais: massoterapia e acupuntura.

Quanto às atividades oferecidas pela Ativa, estão:

- Musculação;
- Atividades diversas de *fitness*:
 - Ginástica aeróbica;
 - *Jump*;
 - GAP;
 - ABS,

²¹ Atividades relacionadas à prática de exercícios diversos.

- Re-educação Postural Global (RPG) – aula voltada para correção da postura e alongamento da musculatura;
 - Circuitos aeróbicos – aula de ginástica aeróbica, que alterna sequências diversas, envolvendo atividades no *jump*, nas bicicletas ergométricas, esteiras, *transport* (aparelho aeróbico, que possibilita a movimentação de braços e pernas ao mesmo tempo, simulando uma espécie de corrida no ar) e corridas pela academia;
 - *Spinning* – aula feita em uma sala com diversas bicicletas de metal, feita na presença de um professor, normalmente ao som de música eletrônica;
- Natação;
- Hidroginástica e
- Pilates – aula feita quase toda no chão, ou com auxílio de aparelhagem específica, baseada no controle muscular do/a aluno/a e normalmente indicada para a prevenção e/ou tratamento de problemas na coluna vertebral.

Minhas interlocutoras eram alunas dessas duas academias, fazendo ali, semanalmente, algumas dessas variadas atividades citadas acima. Vale lembrar que, na academia Milenium todas as entrevistadas frequentavam a turma de hidroginástica em que matriculei, sendo que algumas faziam, também, massoterapia, musculação e outras atividades de *fitness*. Na Ativa, minhas pesquisadas faziam diversas atividades, incluindo hidroginástica, musculação, *fitness* e pilates.

Os dois mapas a seguir possibilitam uma melhor compreensão das localizações das academias de ginástica, onde o trabalho de campo aconteceu, em Goiânia, bem como das residências das mulheres pesquisadas, na Região Sul da cidade.

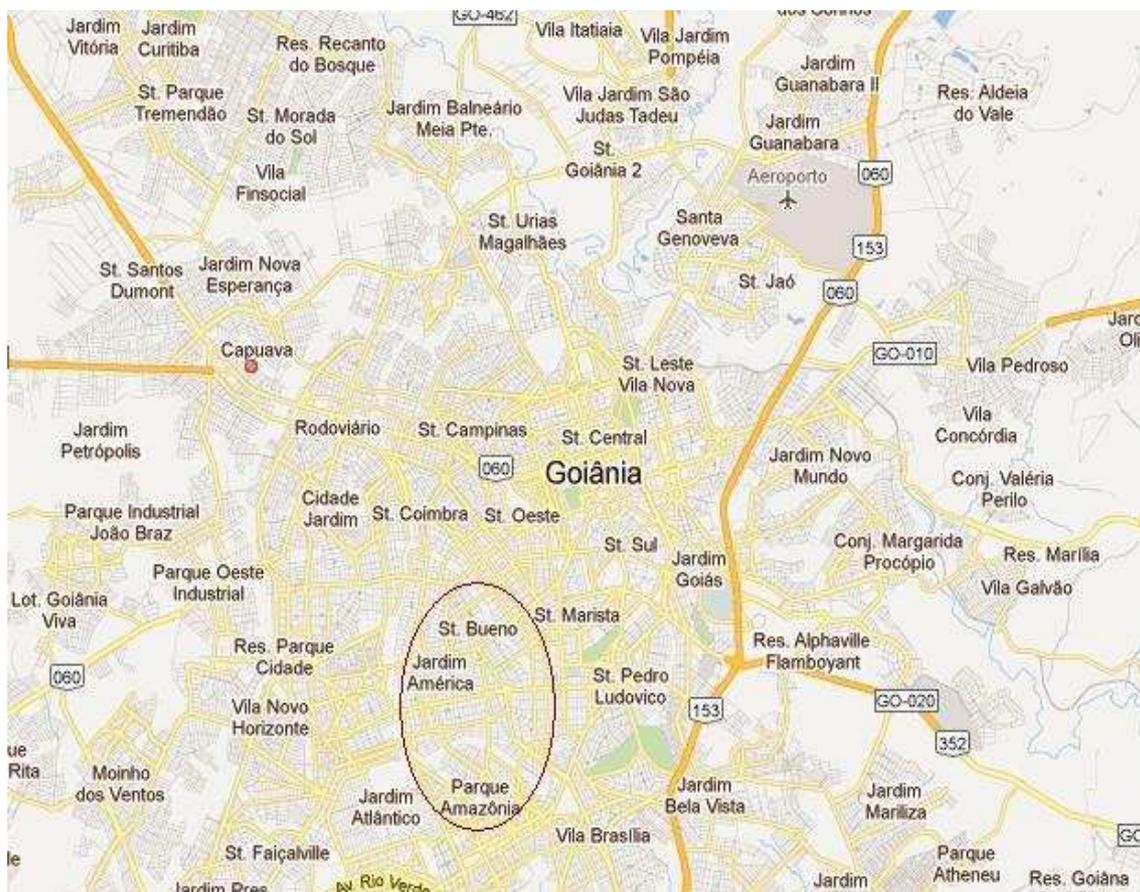


Figura 3 – Mapa da cidade de Goiânia, com demarcação da área pesquisada.



LEGENDA:

A	DONA YARA	G	DONA ROSA
B	DONA MARIA	H	DONA MARLENE
C	DONA ÂNGELA	I	DONA LEILA
D	DONA ANA	J	DONA STELA
E	DONA MARTA	K	DONA AUGUSTA
F	DONA DALVA		

Figura 4 – Mapa localizador das academias e residências das entrevistadas.

1.3 Vivenciando o “estar-na-academia”

A escolha por me matricular na academia e fazer as aulas juntamente com essas mulheres, se deu pelo fato de desconfiar que, caso não fosse assim, jamais poderia obter informações valiosas, conseguidas em conversas informais com essas idosas. Assim, achei que seria fundamental, para pesquisar as técnicas corporais e as subjetividades que as envolvem, que eu pudesse também inserir meu corpo em campo, praticando ao menos algumas dessas atividades em conjunto com elas, compartilhando alguns momentos e podendo vivenciar, de maneira bem próxima, uma atividade cotidiana dessas pessoas. Da mesma forma, a presença do meu corpo junto ao delas, compartilhando o mesmo espaço e exercícios físicos, poderia facilitar, também, meu entendimento acerca de como elas me percebiam e ao meu corpo. E essa poderia ser uma boa porta de entrada para perceber as convenções que elas utilizam para pensar os e nos seus corpos.

Tal escolha acabou configurando nossa relação como colegas de turma, com quem elas conversavam livremente. É interessante, assim, observar a importância dessa proximidade adquirida com a minha frequência constante como aluna, pois pude mergulhar no universo dessas mulheres, que cada vez mais se revelavam a mim como pessoas que, apesar de compartilharem algumas características, estilos de vida e alguns valores comuns, eram absolutamente únicas nas formas de pensar, ver o mundo e vivenciar seu dia-a-dia.

Interessante observar que o espaço dos vestiários, nas academias, acabou por se tornar um local de troca mais íntima entre nós. É no vestiário que as mulheres, de certa forma, se produzem para malhar, trocam de roupa e trocam, também, suas experiências umas com as outras, abordando ali diversos temas, relacionados ao cotidiano, à família e, também, aos homens. Ou seja, o vestiário configura-se um lugar de compartilhar intimidades. Então, posso dizer que várias informações importantes me foram passadas durante esses momentos no vestiário. No caso das mulheres que se arrumavam para ir embora, após a hidroginástica, a nudez algumas vezes se tornou motivo de comparações entre elas e, além disso, uma forma até mesmo de se mostrarem umas às outras. *“Olha só pra você ver. Lembra como meus peitos eram caídos? (Dona Maria perguntou a uma das colegas, pois havia acabado de se recuperar de uma cirurgia de implantação de uma prótese de silicone) Veja como estão agora! Pareço a Vera Fisher com esse peitão, não é? (risos)”* (Anotações do Diário de Campo, 07 de março de 2011)

Hoje, durante conversa no vestiário, entre as mulheres, pude perceber alguns marcadores que, para elas, são fundamentais em seus corpos. “Vou dizer uma coisa: a gente vir pra academia, pra entrar na piscina e ter que se maquiar assim, só nessa fase que a gente está mesmo. Passar corretivo, base, pó compacto, batom... (risos) pra entrar na água, tem que precisar demais!” Dona Ângela, após dizer isso, se olhou no espelho, tirando o roupão e disse: “Como se desse pra disfarçar, né? Devia existir maquiagem pro corpo todo! A gente aparece toda maquiada lá fora, mas de maiô, com as pelancas todas aparecendo. Ah, se tivesse uma meia calça bem invisível... Eu teria um estoque em casa!” (Todas nós rimos de Dona Ângela, que havia acabado de se maquiar muito para se dirigir à aula de hidroginástica e, ao tirar o roupão, fez uma cara de decepção com seu corpo). (Anotações do Diário de Campo, 11 de maio de 2011)

O trabalho de campo, como fase instigante e crítica da pesquisa, permitiu a observação das categorias por elas utilizadas acerca de possíveis materializações de um corpo envelhecido. A prótese de silicone para sanar os peitos caídos, a maquiagem corretiva, para apresentar-se na academia de ginástica com uma aparência desejada dizem respeito a essas materializações possíveis na experiência de envelhecimento. Assim, algumas mulheres não só se exercitam para terem uma boa aparência, mas desejam também ter boa aparência durante a prática e vivência do exercício (CSORDAS, 1994) no espaço da academia.

Essa fase da pesquisa permitiu, também, compreender mais profundamente uma realidade que se desvelou algumas vezes tão diferente da minha e possibilitou com que me sentisse, em diversos momentos, profundamente “afetada”²² no contato com algumas das mulheres com quem mantive uma maior aproximação. Ao mesmo tempo em que pude observar, através do cotidiano, os pontos que me pareceram relevantes para pesquisa, durante nossas conversas, foi inevitável que eu me encantasse pelas posturas, histórias de vida relatadas espontaneamente, valores e crenças de algumas delas, participando, em alguns momentos, intensamente dessas posturas e histórias. Por vezes, algumas delas me passaram conselhos de vida, dicas de beleza, alimentação, estética, receitas de tricô, dentre outras trocas. Tais trocas, muito comumente associadas às relações de amizades femininas, muitas vezes não acontecem em função de possíveis barreiras geracionais. Nesta experiência etnográfica, em função da relação de intimidade

²² Favre-Saada (1990, p. 159) aborda a questão do afeto na experiência etnográfica, ressaltando a necessidade de uma espécie de resgate da “sensibilidade”, fazendo da participação um instrumento de conhecimento. “(...) o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade e que pode ser verbal ou não.”

entre nós estabelecida, foi possível tais barreiras serem ultrapassadas. A própria questão do exercício de suas sexualidades, foi abordada, na maioria dos casos, sem grandes entraves. Vale dizer, no entanto, que Dona Yara e Dona Ana foram mulheres com as quais não consegui aprofundar-me nessa questão, conforme ainda veremos.

Indo nessa mesma direção e a partir da percepção de que, muitas vezes, o que se revelaria de fato valioso à minha pesquisa, poderia ser justamente constituído por esses momentos involuntários de trocas de experiências, me senti quase que na obrigação, durante o exercício do trabalho de campo, de fazer uma espécie de reconstrução até mesmo dos questionamentos que havia proposto fazer às mulheres, de início. Assim, passei a tentar buscar, através da experiência de meu corpo em campo, juntamente ao delas, não somente o que as motivava a estarem ali. Notei que a minha percepção dessas mulheres naquele espaço poderia trazer uma série de questionamentos e problematizações, advindas da experiência compartilhada. A experiência do trabalho de campo passou a dirigir, então, o meu olhar não apenas aos motivos e convenções corporais compartilhadas por elas, mas à percepção acerca do que estaria envolvido nas suas ações, posturas, falas, gestuais naquele espaço físico da academia de ginástica. Os modos de agir, sentir, andar, falar, pensar e observar podem gerar conhecimento a respeito de modos de vida diversos. Dessa forma, tornou-se importante descobrir quais seriam as questões que elas traziam; de que forma estabeleciam relações naquele local; como me percebiam e de que maneira experienciavam a velhice (e o envelhecimento), num espaço comum, destinado a um trabalho corporal, que poderia não ser apenas prático, mas essencialmente simbólico.

E, nesse sentido, julguei ser relevante conduzir minha reflexão em campo não apenas para as representações de corpo, mas também, para as experiências do corpo, que poderiam também extrapolar o contexto da academia de ginástica. Isso porque me interessa, sobremaneira, aqui, a investigação e a percepção do envelhecimento, não apenas como um fator corporal, mas, principalmente, como algo subjetivo e intersubjetivo. Essas experiências se dariam no sentido fenomenológico de Merleau-Ponty (1996 [1945]): a partir da ideia de um “ser-no-mundo”, que passaria por experiências que se fazem sentir no corpo. Dessa forma, as sensações despertadas e vivenciadas, também, no e pelo meu corpo em campo se constituiriam como valiosas informações para gerar conhecimento. As dores advindas das atividades, que adquirem a significação de “dever cumprido”; o cansaço da atividade física, transformado em sensação de disposição para um dia inteiro; os toques; o gesto, ou a dificuldade de

executar certos movimentos proporcionam determinadas sensações que, experienciados no contexto da academia de ginástica, possibilitam materializações corporais.

A experiência perceptiva para Merleau-Ponty é corporal e, tanto o movimento como as sensações são elementos primordiais para a percepção. Nesse sentido, as sensações são associadas a movimentos e levam à realização de um gesto, por exemplo. As sensações despertadas pela experiência do corpo, então, abrem possibilidades de interpretação das diversas situações vivenciadas. E a proposta, aqui, foi perceber mulheres e seus corpos na experiência de algo que “se vê vendo”, na compreensão da profundidade do encontro, por exemplo, através do compartilhamento das dores, das dificuldades e do sofrimento em alguns exercícios na academia de ginástica e uma posterior sensação de dever cumprido advinda desse sofrimento.

A experiência etnográfica pode também, aqui, ser definida buscando referência em Csordas (2008), que nos aponta para a necessidade das análises da experiência humana serem situadas onde ela começa: na percepção, que é capaz de oferecer perspectivas constantemente renováveis da “realidade”. Através de sua proposta de *embodiment*, o corpo é elemento produtor, onde a percepção começa, construído como fundamento do “estar-no-mundo” e como fonte de representações e lugar de percepções. Ou seja, a experiência corporal é um ato comunicativo, intersubjetivo, a partir do qual o sentido se faz. E é nesse contexto que a inserção e experiência de meu corpo em campo acabou por transformar-se em instrumento fundamental da pesquisa etnográfica. Dessa forma é que foi possível, não apenas observar as configurações corporais que a mim se apresentavam, mas também, de que forma meu corpo estava sendo observado, ou ainda, quais eram os corpos por elas observados, comentados e quais as convenções que regiam seus comentários. Acredito que isso pode ser ilustrado a partir de alguns trechos de meu diário de campo:

Passei a observar mais atentamente a forma como o olhar das idosas se dirige a mim. Hoje, por exemplo, Dona Maria me perguntou por que eu não fazia hidroginástica de biquíni, ao invés de maiô. Ao dizer isso, três colegas rapidamente concordaram com ela. Dona Dalva acrescentou que se tivesse esse corpinho (o meu) iria viver com a barriga de fora: “Tira esse maiozão, menina! Vai ficar com marca feia nas costas e a barriga branca! Nós aqui só não usamos biquíni, porque temos bom senso. Ninguém merece ficar vendo esse barrigão de fora... (risos)” (Anotações do Diário de Campo, 15 de agosto de 2011)

Hoje, então, resolvi ir à hidroginástica de biquíni. Na verdade, essa experiência acabou sendo engraçada, pois assim que tirei o roupão, Dona Maria fez uma

festa! “Sabia que sua barriguinha era linda! Ah... Se fosse eu!” Uma colega nova na turma se aproximou e deu um tapa no meu bumbum! “O que é bonito deve ser mostrado, menina!” Fiquei um pouco envergonhada, mas a experiência é válida, pois de certa forma, posso ver o que é valorizado por essas mulheres, aquilo que desejam, quais as suas convenções corporais e o que, para elas, poderia se configurar num corpo ideal. (Anotações do Diário de campo, 17 de agosto de 2011)

O que pode ser observado, aqui, levando em consideração a constante busca pelo meu objetivo de uma caracterização da velhice, é a possível construção de uma ideia de envelhecimento como imagem invertida do corpo jovem: a barriguinha e o barrigão, por exemplo e o olhar atento ao bumbum. A obtenção de certos dados, ao longo do trabalho de campo, só foi possível, então, a partir da percepção e da experiência compartilhada do e pelo meu corpo. E é dessa forma que podemos refletir a respeito da ideia de conhecimento sobre o mundo e sobre o outro como um processo que só pode advir da experiência, da vivência com o outro, proporcionada pela experiência etnográfica.

1.4 Academia de ginástica enquanto espaço etnográfico

Uma academia de ginástica constitui-se num espaço cultural específico, frequentado por pessoas que compartilham uma série de valores comuns e desejos voltados para o corpo: restrições a alguns alimentos gordurosos e consumo de produtos dietéticos, ou livres de gordura, seguindo, normalmente, algum acompanhamento nutricional; o uso de um vestuário adequado aos exercícios pretendidos; o domínio de um dialeto próprio; a prática cotidiana de atividades físicas e de embelezamento. Trata-se de um espaço social, por onde transitam, normalmente, os seguintes atores: as alunas e alunos, que podem estar em estágios, ou *status*, diferenciados de desenvolvimento; há aqueles que possuem mais experiência e mais tempo de atividades físicas e os iniciantes, que há pouco tempo, começaram a frequentar esses espaços. Há também, nesses locais, uma diversidade de “mentores” das práticas corporais – professores de ginástica, instrutores de musculação e ergometria, *personal trainers*, nutricionistas, massagistas, esteticistas, fisioterapeutas, acupunturistas e profissionais de avaliação médica.

Normalmente, são locais que favorecem a visualização dos corpos, através da iluminação e da disposição de espelhos pelas paredes. As músicas que ali se ouve são, em sua grande maioria, em volume alto e ritmo acelerado, marcando o compasso em

que as atividades devem acontecer, buscando manter a motivação e animação dos frequentadores, estimulando-os à movimentação dos corpos. Além das músicas, é sempre possível ouvir, ao entrar em uma academia, gritos dos professores de ginástica, que normalmente, visam transmitir motivação aos alunos.

Tenho observado o tipo de linguajar dos professores com as turmas de alunas e alunos nas duas academias. Elas são motivadoras e algumas remetem ao sofrimento seguido de recompensa – o corpo belo, modelado. São comuns frases do tipo: “Xô, preguiça!”, “Se quer o bumbum duro, tem que sofrer!”, “Se tá doendo é porque tá bom!”, “Acorda, mulherada!”, “Vamos mexer esse corpo!”, “A gente sofre aqui, pra ficar bonita na rua!” (Anotações do Diário de Campo, 11 de maio de 2011)

Tais frases são, também, utilizadas pelos professores e instrutores das mulheres idosas pesquisadas. Um aspecto interessante a ser observado, diz respeito ao lugar do sofrimento enquanto parte do processo de construção da beleza. Em uma academia, há determinadas palavras, corriqueiramente utilizadas, que são praticamente impossíveis de serem compreendidas, caso você não seja um(a) frequentador(a) assíduo(a). Mirela Berger (2006), em pesquisa realizada em academias de ginástica na cidade de São Paulo, chegou a fazer uma espécie de glossário, com os termos mais frequentemente usados (“categorias nativas”) e suas devidas significações. A grande maioria desses termos é em inglês, assim como a maioria das músicas ouvidas em uma academia de ginástica.

Assim como o compartilhar de um vocabulário, a academia de ginástica é um lugar de compartilhamento de sensações, de outras formas de sociabilidade e os movimentos e as sensações do corpo, nesse contexto, podem adquirir significações voltadas para o resultado que se pretende. Por isso, era muito comum, ao término de alguma aula, ouvir as seguintes falas: “*Missão cumprida*”, “*Agora, estou pronta pra encarar o dia*”, “*Dói, mas dá disposição pra um dia inteiro*”, “*Hoje foi bom! Senti que mexeu tudo!*”. Assim, na experiência de envelhecimento (meu objeto de estudo), posso dizer que o sofrimento compartilhado da dor da atividade física, traz satisfação, no sentido de que traz ânimo, disposição para todas as outras tarefas do dia que estão por vir.

Além disso, a academia de ginástica possui uma organização própria de tempo e de espaço, que cria um “universo” próprio, onde as pessoas se concentram nos seus treinos e suas aulas e, de certa forma, se abstraem de questões relacionadas à sua vida

cotidiana. São ambientes, então, que oferecem condições específicas para as práticas e os usos do corpo, com regras específicas, que proporcionam também, experiências específicas. “*Quando vou à academia, tenho disposição pra chegar em casa e fazer tudo o que eu preciso.*” (Dona Ângela, 67 anos); “*Na academia, ouvindo as músicas, o professor... O ânimo é outro. Não é a mesma coisa de você tentar fazer em casa. Eu olho pra cara da Cris (professora) e só dela me olhar eu já sei que eu não posso parar!*” (Dona Rosa, 64 anos)

É certo que as mulheres com as quais convivi, frequentam a academia não somente com a finalidade de esculpir e modelar seus corpos, mas também por um desejo de manutenção de sua saúde e, além disso, para socialização. Uma academia de ginástica, além de local de aprendizagem de técnicas corporais é, também, um local de exibição de corpos, de contato e relacionamento entre diferentes corpos e, da mesma forma, local de contato intersubjetivo, de relacionamento entre pessoas e histórias de vida diversas. Academias são locais que apresentam uma decoração específica, sempre com muita iluminação, espelhos e cores que permitem, também, ao frequentador uma relação constante com sua imagem e, por isso, um exercício também constante de auto-percepção.

De maneira geral, as senhoras que frequentam as academias de ginástica que visitei, se dividem em diversas atividades – aulas de ginástica (*fitness*), ergometria, musculação, pilates, hidrogenástica, natação, práticas de massagens, fisioterapia e acupuntura. E posso dizer que há algumas diferenças entre as mulheres que optam por determinadas atividades. Podemos afirmar que aquelas que são adeptas ao *fitness*, à ergometria e à musculação, por exemplo, não têm como objetivo fundamental a socialização, que é típica de atividades esportivas feitas em equipes. Mas, principalmente a busca por uma boa aparência física, por um modelamento corporal e, por consequência, um bem-estar psíquico. A busca pela boa forma e pela magreza, que caracterizam uma apresentação mais adequada aos padrões estéticos amplamente difundidos em nossa sociedade, são preocupações visíveis nessas mulheres. É possível afirmar, então, que para aquelas que optam por tais técnicas nessas academias, a socialização se dá pela estetização dos corpos e por querer mostrar, muitas vezes, que aqueles corpos aparentam uma idade que não têm.

Uma mulher praticante de musculação, certo dia, na academia, me disse: “*Aqui em cima, onde ficam as máquinas, você pode ver que tem um monte de espelhos. Vai lá*

embaixo na hidro e não tem nenhum! Aqui, a prioridade é ficar bonita e, eu acho que lá é uma coisa mais pela saúde...” (Dona Maria, 68 anos).

E, por vezes, ouvi de algumas mulheres que não praticam musculação, por exemplo, e que fazem somente hidroginástica, colocações do tipo: *“Preciso tomar vergonha na cara e fazer musculação logo pra acabar com essas pernas decadentes minhas”* (Dona Marta, 77 anos) e *“Eu me sinto velha no meio dessa velharada aqui. Lá em cima, nas salas de ginástica, é que você vê as velhinhas que se acham jovens.”* (Dona Ângela, 67 anos).

Goldenberg (2002, p. 9) aborda a transformação do corpo em capital e afirma ser o corpo “em forma” apresentado como sucesso pessoal: “Cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não se cuida.” Nesse sentido, é preciso malhar para driblar a decadência física, advinda do envelhecimento. A palavra “desleixada” foi muito dita pela maioria das mulheres com quem convivi, indicando inativa, velha. Algumas delas, que ficaram muito tempo sem praticar atividade física se consideravam, antes, desleixadas com seu corpo e sua aparência física. E, por vezes, citaram conhecidas ou parentes que são desleixadas, por serem “paradas”, inativas e, por isso, velhas. A significação atribuída ao corpo por essas idosas praticantes de musculação, por exemplo, está muito ligada ao embelezamento e à fuga do rótulo de desleixada. *“Eu preciso me exercitar agora, porque fiquei muito tempo da minha vida parada. Eu vejo minha irmã, como as pernas dela são e como as minhas estão hoje... Ai, comparo, né? Tô com a perna de mulher nova. E ela é mais nova do que eu.”* (Dona Marlene, 77 anos) A questão de manter-se ativa afasta Dona Marlene de uma caracterização da velhice, voltada para a perda da beleza corporal. A irmã, inativa, está velha quando, no entanto, cronologicamente, é mais nova do que ela.

Sabemos que a preocupação com o embelezamento corporal não é algo novo e que o ser humano sempre buscou meios e técnicas diversas para a preservação da juventude. Hoje, esse desejo pode ser alcançado através de tratamentos dermatológicos, terapias genéticas, dietas alimentares, cirurgias plásticas, reposições hormonais, ingestão de vitaminas, prática constante de atividades físicas, dentre outras.

As idosas praticantes de *fitness*, musculação e ergometria têm um discurso explícito, voltado ao embelezamento de seus corpos e à eliminação das marcas da velhice. No caso daquelas que praticam hidroginástica, por exemplo, há um discurso mais voltado à saúde e à eliminação de dores adquiridas pelo envelhecimento. O fato de

estar em campo me permitiu ter a seguinte observação: não havia uma totalidade nas colocações a respeito de saúde e beleza nos discursos dessas mulheres. Muitas vezes, o que ouvia delas eram termos ligados à ideia de atividade, de manter-se ativas, distanciadas da velhice, como: “*disposição*”, “*bem-estar*”, “*vigor*”, “*sentir bem*”, “*ter uma sensação boa*”, “*ficar mais viva*”, “*bem disposta*”. No entanto, por vezes, deixavam escapar algo que me parecia (através das observações de suas atitudes) muito claro – que há por trás da preocupação com a saúde, uma forte preocupação, também, com o embelezamento e a aparência física. Há a observação de uma espécie de transformação da juventude num valor a ser conquistado pela adoção de estilos de vida e consumo adequados. (DEBERT, 2010).

Nesse sentido, as possibilidades de escolhas são ampliadas e, conseqüentemente, o corpo pode ser amplamente remodelado e formatado de modo a produzir a aparência desejada. A academia de ginástica, então, aparece como um lugar onde é possível realizar desejos voltados às experiências de embelezamento. É esse desejo de experimentar na academia de ginástica um processo, uma experiência de corporeidade, que marca um tipo de experiência de envelhecimento, compartilhada nesse lugar.

As idosas pesquisadas que praticam atividades aquáticas, especialmente as que fazem hidroginástica, normalmente, estão ali motivadas por problemas de saúde (dores no corpo, problemas cardiovasculares ou respiratórios). No entanto, observei também que a socialização é um dos grandes motivadores para mantê-las frequentando essas aulas. Minhas entrevistadas, muitas vezes, se referiram às aulas de hidroginástica como um momento de “escapar” um pouco de casa, partindo para uma atividade fora do ambiente doméstico, de cuidado com elas mesmas, o que é muito raro de se acontecer no domínio privado do lar, segundo algumas delas: “*Vou à academia todas as semanas sem falta. É um momento de lazer que eu tenho.*” (Dona Ângela, 67 anos)

O primeiro ponto nesse grupo específico da hidroginástica que observei, foi o fato de, numa turma de aproximadamente 40 pessoas, 35 serem mulheres e, dessas, 33 idosas. Mesmo sendo em uma atividade específica, o questionamento inicial que fiz diante disso foi: que relações podemos estabelecer entre gênero feminino e o cuidado com o corpo na velhice? As mulheres idosas estariam mais voltadas para esse tipo de experiência de envelhecimento do que os homens? Na verdade, essa foi uma constatação que, inicialmente, fiz em relação a essa turma específica, mas que segue para as outras modalidades de práticas corporais nas academias de ginástica. Há, notadamente, mais mulheres idosas do que homens idosos em atividades físicas nesses

locais. Ao mesmo tempo em que podemos apontar para uma possível maior preocupação em relação ao corpo, ou à “boa forma” das mulheres do que dos homens, sabemos também que há hoje, conforme já mencionado, uma feminização do envelhecimento.

Mas há, de acordo com pesquisas, uma maior preocupação feminina no trato com o corpo e nas técnicas corporais voltadas para o rejuvenescimento. Debert aponta para a obsessão das mulheres no combate aos sinais do envelhecimento como mais uma dimensão da desigualdade em relação aos homens, que tendem a ter uma percepção diferenciada de suas rugas, cabelos brancos, ganho de peso. Aos homens, tais marcas de envelhecimento são tidas como marcas de um amadurecimento charmoso (DEBERT, 2011). Além disso, podemos acrescentar que há investimentos médicos e estéticos especializados para o corpo feminino, que constituem uma espécie de continuação de todo cuidado que se inicia muito cedo na trajetória de vida das mulheres em geral. Na velhice, esses investimentos se dão através do controle dos sinais corporais do envelhecimento, com prescrição de dietas alimentares, cirurgias estéticas ou não, reposições hormonais, remédios, prática de exercícios físicos e de sociabilidade como uma forma de garantia do bem-estar e da boa qualidade de vida (LINS DE BARROS, 2011).

O que pôde ser observado, após certo tempo de trabalho, é a disciplina das mulheres frequentadoras da hidroginástica, que se fazem presentes três vezes por semana na academia. Muito raramente e por motivos muito sérios, faltam a alguma aula. Fazendo conexão com as últimas falas transcritas há pouco, cabe-nos, aqui, mais uma observação: a hidroginástica, para esse grupo, se configura em uma técnica corporal de manutenção da boa forma e, além disso, constitui uma importante prática social cotidiana. Há, visivelmente, relações de amizade que foram estabelecidas através dessa socialização no ambiente da academia; há também, como no caso de Dona Marta, a venda de produtos diversos antes e depois da aula. As relações ali estabelecidas, nesse caso, são revertidas em negócios para o incremento da renda familiar.

Há também mulheres nesses locais, que praticam atividades de fisioterapia, massagens e acupuntura. Aquelas que fazem fisioterapia, claramente, o fazem por recomendação médica. As que frequentam os massagistas e acupunturistas semanalmente estão lá, muitas vezes, em busca de bem-estar psíquico e espiritual. Essas são as mulheres em quem pude perceber uma preocupação maior com o desenvolvimento de sua espiritualidade. E isso, para elas, pode se dar também através

dessas técnicas corporais. “*Cuidando do corpo, estou fazendo bem à minha alma, minha filha. Por isso, as massagens no corpo, nos pontos, sabe... os chacras, isso tudo é muito importante pra eu me manter bem.*” (Dona Marlene, 77 anos) e “*Faço acupuntura há algum tempo. Essas agulhas me poupam muito remédio. Antes, era uma porção de remédio para dor nas costas e depois que comecei a acupuntura, é muito raro precisar.* (Dona Yara, 67 anos)

Nesse caso, há um cuidado prático e cotidiano com a saúde e o bem viver, que não estão ligados diretamente ao embelezamento estético. Considero, nesse caso, que essas técnicas corporais apresentam-se como um modo específico de cuidado com a saúde e, também, com a melhora na qualidade de vida dessas mulheres. No caso da velhice, os cuidados de saúde convencionais da medicina ocidental caracterizam-se por uma intensa medicalização do corpo do idoso. Nesse sentido, é possível compreender a adesão a essas técnicas como um modo alternativo de “*subjetivação corporificada*” (BIZERRIL, 2010), ou de *embodiment* (CSORDAS, 1990). Busca-se, através dessas técnicas, um maior bem-estar, que pode retardar os efeitos do envelhecimento. A perda da mobilidade do corpo, as dores na coluna vertebral, do domínio sobre o corpo, a inatividade são sinais que denunciam a velhice e que, através dessas técnicas corporais alternativas, podem ser evitados ou amenizados.

Neste capítulo, foi feita uma apresentação de como vivenciei minha entrada em campo, expondo as principais dificuldades e os momentos de aproximação com minhas interlocutoras. Foi a partir daí que seus próprios relatos e caracterizações de si mesmas foram possíveis de ser descritos. Através do relato sobre a experiência de meu corpo em campo, torna-se claro que é pelo compartilhar das performances empreendidas no espaço das academias de ginástica, que desejos diversos se materializam nos corpos. Assim, tomando o desejo, aqui, como um discurso a ser intencionalmente – e, por isso, carregado de poder ilocucionário (AUSTIN, 1990) – materializado nos corpos, passamos, nesse segundo momento, a analisar como esse discurso se manifesta e se incorpora às experiências de envelhecimento em questão.

CAPÍTULO 2 – EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO – O PODER ILOCUCIONÁRIO DO DESEJO

Muitos de meus conhecidos me dizem palavras gentis como: “Impressionante! Como você consegue se manter saudável? Na sua idade!” ou “Você ainda nada? Que maravilha!” Sinto-me um equilibrista, familiarizado com os riscos de seu modo de vida e razoavelmente certo de que alcançará a escada na outra ponta da corda, voltando ao chão tranqüilamente a seu devido tempo.

Norbert Elias, In: *Envelhecer e Morrer*

Damos início a este capítulo com um título que nos remete ao principal ponto que motivou essa pesquisa – o caráter heterogêneo do envelhecimento e as diversas possibilidades de experiências de envelhecimento. Tal ideia dialoga diretamente com o conceito escolhido como central, para as análises que proponho realizar – o conceito de materialização performativa das corporalidades das mulheres idosas. Para partirmos para uma caracterização do que, para minhas pesquisadas significaria ser velha, penso ser relevante passarmos por uma breve perspectiva histórica que nos permitirá uma compreensão acerca de como as experiências de envelhecimento vem sendo vivenciadas.

Nas últimas décadas, a categoria velhice passou a ser importante objeto de reflexão das Ciências Sociais como um todo e, especificamente da Antropologia, ganhando atenção especial no Brasil, a partir de 1970, quando se intensificaram as pesquisas sobre o envelhecimento em diferentes áreas e disciplinas. É nesse momento que observamos o aumento do número de pesquisas na Antropologia sobre a velhice e o envelhecimento, fazendo surgir aos poucos um campo específico destinado a esse tópico. É a respeito disso que pretendemos discutir nesse momento.

2.1 Caracterizando experiências de envelhecimento – breve perspectiva histórica

Durante algum tempo, a velhice era restrita à esfera doméstica familiar. Como afirma Debert (2004), uma questão de previdência individual, na qual idosas e idosos ficavam restritos quase que exclusivamente à esfera privada, tendo pouco acesso a formas de lazer e a formas de socialização na esfera pública. As representações e percepções acerca do envelhecimento diziam respeito a processos de perda, doenças e

decrepitude e, além disso, em qualquer discussão histórica sobre velhice, o que se pode observar é uma avaliação muito positiva da juventude, tida como sinônimo de produtividade, beleza e vigor físico.

A partir do século XVIII, houve sucessivas transformações no âmbito social, com a revolução industrial. A partir de então, observamos uma grande mudança de valores: o indivíduo passa a ter valor pelo que produz. Dessa forma, os valores tradicionais se perdem e os indivíduos velhos, por não serem reprodutores de vida, nem produtores de riqueza, nada valem. Essa fase representa o início de uma visão que associa a pessoa velha à decrepitude e inutilidade. De acordo com Peixoto (2006), na França, em 1748, a marquesa de Lambert, por exemplo, escreveu um guia para as mulheres envelhecidas – *Traité de La vieillesse* –, onde colocava a paz e a piedade como fatores fundamentais para se ter uma velhice tranquila, em família. Quase um século depois, em 1822, a baronesa de Maussion dizia, em seu livro *Quatre lettres sur La vieillesse des femmes* que, para se ter uma boa velhice, era preciso, além de paz e piedade, que os velhos e velhas, mantivessem relações sociais constantes com os jovens, evidenciando a sociabilidade como elemento fundamental para um bom envelhecimento (MAUSSION *apud* PEIXOTO, 2006).

Na segunda metade do século XIX, também na França, a velhice ainda era tratada como uma fase da vida de decadência física e anulação dos papéis sociais. (DEBERT, 2004). Tinham-se os idosos e idosas como sujeitos sem bens ou condições econômicas; como indigentes. Assim, a associação entre velhice e pobreza também era frequente e a velhice era associada a ideias de solidão e marginalidade. Esses fatores acabaram por resultar na legitimação de alguns direitos sociais e na configuração da pessoa idosa como alvo da assistência social. Esse momento constitui um marco da universalização das aposentadorias e pensões, do surgimento e desenvolvimento dos saberes médicos, do aparecimento das formas asilares de tratamento da velhice e de uma maior visibilidade social do/a idoso/a. “A virada do século XIX para o XX teria sido o momento histórico de edificação da velhice como um período distinto do curso da vida e dos velhos como uma população identificável socialmente.” (ALVES, 2004, p. 12) Assim, a instituição da aposentadoria e a criação dos asilos marcaram simbolicamente a associação entre incapacidade e velhice, inaugurando, também, a ideia da velhice como um problema social.

O fato é que, a partir da criação da categoria *idoso*, o que houve foi uma espécie de homogeneização das representações a seu respeito, que ainda permaneceu, de certa

forma, presente no século XX. Por volta de 1960, a Gerontologia²³ surge como um novo campo de saber específico, dando início, então, à formação de especialistas no envelhecimento em todo o mundo, o que serviu para reforçar a homogeneização da nova categoria cultural – de idosos – “como um conjunto autônomo e coerente que impõe outro recorte à geografia social, autorizando a colocação em prática de modos específicos de gestão”. (DEBERT, 2004, p. 14) Dessa forma, junto à Medicina, a Gerontologia partiu da hipótese de que a velhice homogeneizaria as experiências vividas pelo sujeito idoso, diminuindo algumas diferenças, como etnia, classe, sexo ou papéis sociais. Nessa época, a associação imediata entre decrepitude e velhice começou a dividir terreno com uma imagem da velhice relacionada ao hedonismo, à realização pessoal e atividades prazerosas. Tal transformação, conforme nos aponta Alves (2004), se deu em função do aumento da longevidade; de uma estratificação social mais complexa, com maiores possibilidades de mobilização social entre as gerações; de uma entrada mais tardia das gerações mais novas no mercado de trabalho; da extensão da aposentadoria a setores mais diversificados da sociedade e do aparecimento de um público que absorveu e alimentou o discurso gerontológico²⁴.

Os anos 70 foram marcados pelo crescimento do número de pesquisas sobre o envelhecimento e pelo despontar da produção das Ciências Sociais, especialmente da Antropologia, sobre esse assunto. O livro *A Velhice*, de Simone de Beauvoir (1970) inspirou pesquisas posteriores nas Ciências Sociais relacionadas ao tema. Havia ainda o pensamento de que os velhos constituíam uma minoria desprivilegiada, com um estilo próprio de vida, formando uma espécie de subcultura. “Acobertada pelos mitos da expansão e da abundância, a sociedade trata os velhos como párias.” (BEAUVOIR, 1970, p. 6) Partindo da observação da associação entre envelhecimento, improdutividade e doença, Simone de Beauvoir propõe um outro olhar sobre essa fase do curso da vida, pois o que se discutia até então era a decrepitude do corpo envelhecido, o problema social *idoso*, e não a velhice como uma etapa diferenciada da

²³ A distinção entre as diferentes categorias etárias, segundo Ariès (1981), data da Idade Média, quando a infância e a adolescência passaram a ser reconhecidas como etapas diferenciadas do curso da vida. No entanto, vale destacar o surgimento da Pediatria (especialidade médica dedicada às crianças) e da Hebiatria (especialidade médica dedicada a adolescentes) na segunda metade do século XIX.

²⁴ Em relação ao público que absorveu o saber médico e o discurso gerontológico, vale mencionar o movimento empreendido pela sociedade moderna, criticado por Elias (2001), no sentido de retirar a velhice do espaço público, dirigindo-a à esfera privada e ao mundo dos especialistas. Segundo ele, isso contribuiu para que os indivíduos soubessem cada vez menos de si e dependessem cada vez mais de ajuda especializada para viver, sob hierarquias e assimetrias sociais.

vida. Na verdade, o que a autora propõe é que a sociedade passe a enxergar a velhice como uma experiência que pode se dar de maneiras singulares. Ainda na mesma década, podemos observar outras pesquisas em países diversos, como nos Estados Unidos, em 1975, quando Butler²⁵ estudou este fenômeno sob o nome de *ageism*, e mais tarde, na Argentina, Leopoldo Salvarezza chamou-o de *viejismo*. “Esse conceito define um conjunto de preconceitos, estereótipos e discriminações que se aplicam aos velhos, simplesmente em função de sua idade.” (GOLDFARB, 1998, p. 28) Assim, voltava-se também a visão ao envelhecimento como algo negativo, associando idade avançada a um conjunto de impossibilidades físicas.

Nessa época, fortemente marcada pela propagação da gerontologia e da geriatria como campos científicos, foram criadas também, duas teorias que dominaram os enfoques da gerontologia social – a teoria da atividade e a teoria do desengajamento. De acordo com ambas, a velhice é uma fase da vida marcada pela perda de papéis, pela inatividade. No entanto, devemos entender, de acordo com as duas, de que forma se dá o ajustamento pessoal dos idosos e idosas, em conformidade com o nível de atividades por eles/as exercidas. Para a teoria da atividade, são mais felizes os idosos e idosas mais ativos/as e, de acordo com a outra teoria, o desengajamento voluntário de atividades seria a chave para um bom envelhecimento (DEBERT, 2004). Notamos a presença, aqui, da dicotomia ativa/inativa associada ao processo de envelhecimento. Como vimos na caracterização de nossas personagens, o fato muitas vezes de manterem-se ativas hoje as torna mais distantes de uma ideia de velhice.

O fato é que a velhice, em qualquer sociedade, pode assumir diferentes roupagens e, certamente, essas significações são advindas das relações sociais e de poder ali estabelecidas. De maneira geral, ainda há uma visão estereotipada e um estigma²⁶ acerca dos idosos e idosas que, em diversos contextos sociais, ainda são rejeitados pela sociedade, principalmente, por terem perdido sua força, capacidade de trabalho e não se constituírem nem como produtores, nem como reprodutores, devendo na maioria das vezes, ser tutelados como um menor. Assim, em algumas sociedades,

²⁵ Robert Butler cunhou a palavra “*ageism*”, remetendo a uma espécie de preconceito de idade. Sobre esse conceito, ver: BUTLER, Robert N. *Why Survive? Being Old in America*. New York: Harper & Row, 1975.

²⁶ Para Goffman (1988), a discrepância entre identidade social virtual (o que se espera) e identidade social real (o que se é) gera o estigma, categoria capaz de colocar a pessoa que a possui em descrédito. Se uma pessoa carrega alguma característica considerada negativa e que não corresponde àquilo que dela se espera, o estigma restringe sua convivência em grupos sociais.

ainda podemos ver a questão da velhice atrelada à ideia de decadência, ou pauperização, o que poderia depender, também, dos modos de produção, trabalho e grau de desenvolvimento econômico. Ecléa Bosi coloca como exemplo, a sociedade industrial, que seria maléfica à velhice, enquanto que nas sociedades mais estáveis economicamente, pessoas idosas teriam melhores condições de vida e possibilidades de vida mais longa. “Nas sociedades mais estáveis, um octogenário pode começar a construção de uma casa, a plantação de uma horta, pode preparar os canteiros e semear um jardim.” (BOSI, 1994, p. 77) E, conforme nos aponta Beauvoir, quando as mudanças históricas acontecem rapidamente, em sociedades menos estáveis, as pessoas criam diversas rupturas nas relações sociais. Assim, “as árvores que o velho planta serão abatidas. (...) O filho não recomeçará o pai, e o pai sabe disso. (...) As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo.” (BEAUVOIR, 1990, p. 402)

Podemos observar que, com a hegemonia do saber gerontológico, tem surgido uma enorme produção de manuais de auto-ajuda, artigos de revistas, jornais, programas na TV, *sites* na *internet* e, além disso, uma série de serviços voltados para um público de idosos e idosas e para quem quer se adiantar aos efeitos do envelhecimento. A tendência contemporânea, assim, é de ruptura com os estereótipos associados ao envelhecimento como marcado pela improdutividade. Essa visão passa a reconhecer a velhice rica em experiências que não foram possíveis de se viver na juventude: um momento de prazer e de possibilidades de satisfação pessoal. Todos os conhecimentos acumulados ao longo da vida oferecem novas oportunidades de realização de projetos deixados de lado. E, ao mesmo tempo em que há uma ideia amplamente difundida em diversas sociedades de que não cabe aos velhos desenvolver projetos para o futuro, as experiências de velhice não constituem, de fato, empecilhos para tal. Pelo contrário, muitas vezes é o próprio reconhecimento do processo de envelhecimento como possível de se vivenciar uma liberdade nunca antes experimentada, que propicia a idealização e realização de certos projetos de vida, dentre um vasto campo de possibilidades (VELHO, 2003).

Dona Yara, por exemplo, relatou seu desejo²⁷ em fazer um curso superior *online*; Dona Marlene também manifestou seu enorme desejo em levar adiante o curso de

²⁷ O desejo é considerado, aqui, de acordo com o conceito de *embodiment* (CSORDAS, 1994), como parte do curso da vida e, no sentido de um estar-no-mundo, passível de ser incorporado ao sujeito. Nesse sentido, constitui-se um discurso, assim como movimento, intersubjetividade, intuição.

astronomia; Dona Ângela, após a aposentadoria do marido, resolveu fazer um curso para maquiadora, conseguindo em seguida uma colocação no mercado de trabalho. A realização de um projeto traz a materialização de uma atividade, não só na academia, mas na instância da realização profissional dessas mulheres.

No Brasil, diversas pesquisas mostram que a velhice começou a ser vista de uma outra forma a partir do final da década de 1960 e início da década de 1970. Mas, foi em 1980 que ela passou a ter uma maior visibilidade e, na década de 1990, houve uma proliferação de políticas sociais e programas voltados para idosos/as, como as “Universidades para Terceira Idade” e as “Escolas Abertas”. Vale observar que a própria noção de “terceira idade” surge, também, nesse contexto de transformação da imagem dos idosos e idosas. A rubrica da terceira idade é empregada principalmente nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. O termo *idoso* simbolizaria pessoas mais velhas, enquanto que *terceira idade* passaria a designar os “jovens velhos”, aposentados dinâmicos e ativos (PEIXOTO, 2006). Há, na interpretação do termo *terceira idade*, uma identificação com fenômenos sociais da sociedade industrializada e urbanizada que pode ser identificado como a capacidade do indivíduo de agir por responsabilidade própria e decidir por si mesmo. Da mesma forma, vemos imbricada nessa categoria, a dicotomia já mencionada – ativo(a)=jovem / inativo(a)=velho(a).

“Ser velha, pra mim, é aquela pessoa que deixa de fazer as coisas que fazia com o passar do tempo. Eu vivo evitando deixar de fazer o que sempre fiz. Por exemplo, eu sempre frequentei academia. Mas, antes, minha preocupação com o corpo era muito menor. Agora, com o passar da idade é que fui tendo maior cuidado de me tratar melhor. Então, meu objetivo é estar bem comigo mesma. A academia me proporciona isso, me faz sentir jovem. Se meu corpo ainda não reclamou, é porque não deixo espaço pra ele reclamar! Faço exercício pra continuar sem dores, pra ter boa flexibilidade, pra conseguir subir uma escada sem me cansar... Tenho amigas que não dão conta de um lance de escada sem ter que parar pra descansar. Deus que me livre ficar desse jeito! Então, se existe uma faixa etária em que a gente tem a obrigação de ser chamada de velha, eu até estou nela, mas acredito mais naquele negócio de terceira idade. Não falo nem melhor idade como as pessoas tem chamado, porque acho que toda idade é boa. Não tem melhor. Mas, não me sinto velha. Estou na terceira idade! (risos) Porque meu corpo não me faz sentir assim. Estou me sentindo muito, muito bem mesmo.” (Dona Augusta, 70 anos)

Dona Augusta, podemos dizer, caracteriza a velhice como um momento de inatividade, em que a pessoa deixa de fazer as coisas que fazia antes. Seu desejo de manter-se ativa, e empreender determinadas práticas nesse sentido, evidencia-se em seu

corpo, através da ausência de dores, da boa flexibilidade, sentir-se capaz de subir uma escada sem se cansar. Ao afirmar que vive evitando deixar de fazer o que sempre fez, ela evidencia sua intencionalidade em manter-se ativa, assim como na juventude. O sentimento de uma juventude aparece aí como expressão de sua subjetividade, assim como a própria utilização da categoria “terceira idade”, como uma espécie de “rótulo” que se atribui. Segundo seu ponto de vista, está na terceira idade (e, por isso não está velha) quem está bem de corpo, ativa e sente-se bem consigo mesma.

“Você já deve ter ouvido falar que a vida é feita de escolhas, né menina? Eu escolhi não ficar velha. Pelo menos por enquanto. Tenho uma vida muito ativa, trabalho, saio, vou a festas, teatro, assisto shows, viajo, não fico cansada e, principalmente, estou me achando com um corpo muito legal. Eu ando gostando muito de mim. Não é brincadeira não! Estou dizendo isso a você! Não precisa sair falando por aí não! (risos) Mas é sério. Esse negócio de musculação, ginástica, bicicleta, esteira, quando a gente tem disciplina, dá um resultado muito bom! Olha só (cruzando as pernas e puxando o vestido um pouco para cima, para mostrar a coxa). Antes, quando não frequentava academia, eu não cruzava as pernas de vestido, ou de short. Aliás, nem sei se usava short. Não lembro... Mas, minha perna tá lisa, tá vendo só? Então, não me sinto velha. Não pelo meu corpo! Pode até ser que surja alguma doença de gente mais velha em mim daqui a pouco, mas olhando pra mim, estou muito satisfeita na terceira idade. Sou uma mulher, adulta, mãe, sou também ex-mulher, sou feirante, vendedora, malhadora também, sou isso tudo. Não me defino pela idade que eu tenho. Porque estaria errado.” (Dona Rosa, 64 anos)

Dona Rosa também se utiliza da noção de terceira idade para se caracterizar como “não velha”, já que é ativa, frequenta uma série de lugares, mantém diversas relações sociais em espaços públicos variados, tem as pernas lisas, é satisfeita com o que as experiências por ela vivenciadas evidenciam em seu corpo. Ao mesmo tempo, notamos sua percepção acerca das múltiplas identidades que possui e, também, acerca da mobilidade e do possível deslocamento de tais identidades (HALL, 2001). Ao afirmar que é mulher, adulta, está na terceira idade, é mãe, ex-mulher, feirante, vendedora e malhadora, ela expõe caráter fragmentário daquilo que a constitui, subjetiva e corporalmente. Ou seja, os marcadores que considera fundamentais em sua experiência e em sua constituição (corporal e subjetiva) são explícitos em sua fala. É nessa performatividade que as materializações de seu corpo são produzidas (BUTLER, 2003). E, como Dona Augusta, a classificação etária não se constitui como definidora de uma possível identidade. Tal questão, para ela, está notadamente ligada a aspectos subjetivos, de ordem experiencial. Ainda não passou por nenhuma experiência “de gente velha”, como doenças e o declínio corporal.

“A gente ouve falar um monte de coisa sobre a idade, né? Idosa, velha, terceira idade, melhor idade... Engraçado que eu tenho 70 anos e não me sinto velha. Até ‘idosa’ me incomoda um pouco. Eu estou na terceira idade sim, e acho esse nome mais simpático do que os outros, porque não tem nada de pejorativo. (Idosa e velha seriam pejorativos então?) Acho que sim. Me incomoda demais. Eu olho no espelho, vejo meus cabelos, meu rosto... Não tenho cara de idosa! Muito menos de velha! Vou à academia, me cuido, mantenho um corpo jovem, ativo, disposto. Então, nem gosto que me chamem de ‘senhora’. Você viu que logo que te conheci pedi pra me chamar de você. Tenho horror a ‘senhora’! (risos)” (Dona Leila, 70 anos)

Também, no discurso de Dona Leila aparecem os mesmos sinais de auto-percepção da velhice enquanto algo depreciativo. Sua caracterização acerca de si mesma evidencia aspectos também relacionados ao fato de manter-se ativa, manter um corpo ativo. As idas à academia de ginástica, os cuidados de si proporcionam a manutenção do que ela denomina “corpo jovem”, ativo, disposto. E, também, observamos nesse discurso a utilização da categoria terceira idade como um termo aceito para a auto-denominação daquilo que pensa ser. A percepção corporal, que aparece como forte marcador do que é velho e do que é novo, o apontamento para partes do corpo, como rosto e cabelos e, ainda, para certos comportamentos: manutenção de um corpo jovem, ativa, disposta, demonstram, mais uma vez que a significação de velhice e de juventude estão diretamente atreladas a experiências subjetivas de vida, assim como à corporalidade. O desejo de ser ativa, então, inscreve-se em seu corpo e a beleza aparece como algo construído, a partir do processo de experiência e performance.

“Olha, eu não me considero uma mulher velha. Eu nunca preoquepei com esse negócio de idade. Papai e mamãe viveram muito. Mas, minha saúde é muito frágil. Só que eu não tenho essa preocupação se sou velha, ou se sou moça. Nunca me casei e nunca me senti sozinha. Acho que a coisa mais importante pra quem tá nessa idade é ter duas coisas: tolerância por tudo o que te cerca e amor pra dar. Se você for intolerante, você vai se amargarar, vai ficar tensa, não vai conseguir acompanhar o mundo, que corre muito rápido. Eu vejo, há 50 anos atrás, as coisas eram completamente diferentes. Tem que ter tolerância. Então, é tolerância e amor. Porque se você distribuir amor, vai receber amor. Então, eu não me acho velha, mas tenho mais experiência. Não sou contra rugas, pintas. Acho que tudo isso faz parte. É lógico que você tem que se cuidar. Porque se inventaram a tinta pra cabelo (eu não pinto o cabelo). Mas, se existem as tintas, por que não? Se existem os cremes, pra melhorar as rugas, por que não? Se existe a ginástica, pra melhorar a musculatura, por que não? Quando eu era nova, me achava muito magrinha. Me incomodou demais a magreza. Me chamavam de apelidos, aí eu ficava chateada. Hoje, isso não me preocupa não.” (Dona Yara, 67 anos)

Dona Yara, como as outras senhoras, nega a utilização da terminologia “velha” para se auto-definir e, no seu caso específico, o tempo vivido está relacionado ao ganho de experiência. Nesse sentido, sua experiência no mundo, que é tanto subjetiva quanto corporal, a leva a caracterizar-se como uma pessoa de tolerância, amor e, por isso, sem tensões, que consegue acompanhar as rápidas mudanças que ocorrem no mundo. Uma possível identidade feminina na velhice, para ela, não necessariamente estaria ligada a uma determinada constituição física, já que não demonstra grandes preocupações nesse sentido, mas tal identidade poderia estar relacionada a uma mulher “com experiência”.

As falas acima permitem mostrar que uma constituição corporal que lhes traz a noção de velhice (no sentido de decrepitude, declínio corporal) passa longe de suas auto-percepções e de suas identidades. E, indo além, não somente a constituição corporal, mas as experiências que não se relacionam diretamente com o âmbito da academia de ginástica, possibilitam a configuração de mulheres em uma mesma faixa etária, idosas, mas que se auto-denominam jovens. A experiência aparece aí como um espaço discursivo, nos permitindo discutir a respeito das marcas que discursos definidores de um conceito de beleza e juventude inscrevem no corpo, bem como as posições de sujeito aí produzidas (BRAH, 2006). Cabelos brancos e um rosto com rugas, por exemplo, podem se configurar, de acordo com a última fala, como marcas importantes de um corpo velho. Tal marca, não apenas serve como sinal de identificação desse corpo, como também posiciona-o socialmente, produz diferença, atribuindo-lhe sentido, algumas vezes, de pouco valor, declínio.

Notamos, também, que a ideia de terceira idade aparece como uma espécie de código, a partir do qual algumas experiências convergentes de envelhecimento podem ser compartilhadas. Dessa forma, a ideia de “velha” aparece como algo indesejável, da qual agenciam (ORTNER, 2007) constantemente o distanciamento e a contraposição. A velhice, nesse sentido, se opõe à terceira idade e aparece marcada por um conjunto de significações expressos através de comportamentos, corporalidades e subjetividades. Assim, tanto a negação, como o agenciamento de práticas para a manipulação de sinais reconhecíveis do processo de envelhecimento, são constantes em tais mulheres. A partir do momento em que leem em seus corpos esses sinais, re-escrevem uma nova gramática corporal e um novo projeto de envelhecimento. A ideia de “máscara do envelhecimento” (FEATHERSTONE, 1994) surge a partir do momento em que o corpo dá informação dos sinais da velhice e a autonomia, presente em suas subjetividades, seria a dimensão através da qual esse agenciamento se torna possível. Observamos,

também um comportamento de “autoconvencimento” (DEBERT, 2003), por parte de pessoas idosas, que fazem dissolver a velhice de suas vidas.

Por outro lado, há em duas falas específicas uma certa entrega à significação negativa acerca da velhice:

“Ser velha é ser como estou agora. (E como é que a senhora está agora?) Eu me sinto cansada, não tenho mais a beleza física que já tive, estou muito acima de meu peso, meu corpo dói em vários lugares... Dói a coluna, tenho muitas dores no joelho, meu calcanhar dói também, estou com colesterol alto, triglicérides... Esses problemas aí todos de velho eu estou tendo. A velhice só me ferrou! (risos) É claro que eu tenho culpa no cartório também. Sempre fui sedentária. Era professora e trabalhava muito, de manhã e à tarde. O máximo que fazia era ir de casa pra escola e da escola de volta pra casa, que ficava, lá em Salvador, a uns oito passos de distância! Veja bem como meu corpo foi ficando. Trabalhei muito tempo parada, sem me movimentar muito. Então, estou velha sim. Veja minhas colegas daqui como estão melhores do que eu. (Mas, veja bem, a senhora tem 85 anos, Dona Ana) Sim, eu sei. Se não estivesse na academia todos os dias, penso que já teria morrido. Estou hoje como estou quando tinha 70. Isso eu reconheço. Não mudei muita coisa de lá pra cá. E é academia, atividade física mesmo que salva e melhora a gente um pouco...”
(Dona Ana, 85 anos)

Dona Ana se culpa pela não intencionalidade, durante o período em que era mais nova, de ter cuidado melhor de seu corpo. Sua noção de velhice, assim, se encaixa, podemos dizer, àquilo que percebe nela mesma. Sua descrição de uma mulher cansada, desprovida de beleza física, acima do peso, com dores por várias partes do corpo, apontam para as marcas corporais que fazem com que ela se sinta velha. A significação acerca da velhice e do processo de envelhecimento como algo negativo e no qual ela se vê, é responsável por gerar culpa pelo fato de ter sido inativa, indiferente em relação a seu corpo durante um bom tempo de sua vida. Ao trazermos suas experiências corporais voltadas para um corpo ativo, no momento atual, no entanto, ela demonstra certa satisfação. Dona Ana foi a mulher de mais idade com quem convivi e, ao lembrá-la que ela possui 85 anos, portanto, muito mais do que suas colegas de hidroginástica, ela se deu, então, por satisfeita. A possibilidade de comparação com as outras foi o que fez com que pudesse pensar que não está tão mal assim.

Na verdade, a percepção sobre a velhice e o sentir-se bem, entre elas, está muito ligada ao contexto das relações com as outras pessoas. É dessa forma que a consciência do avanço da idade se impõe. O sentir-se ou não velha está muito ligado ao olhar sobre o outro e o olhar do outro. O indivíduo idoso sente-se velho ou jovem por meio dos outros (BEAUVOIR, 1970). Assim, o sentimento de envelhecimento é, acima de tudo,

um processo intersubjetivo, que se dá a partir das relações que se estabelecem ao longo do tempo.

“Velho é quem tem mais de 60, não é? Então, fiz 60 anos e comecei a me achar velha. Impressionante isso que fazem com a gente. Se nunca tivesse ficado sabendo disso... (Sabendo de quê?) Dessa lei aí que depois de 60 a gente é velho! Às vezes não sentiria. Mas, a velhice aparece na gente também, não tem como esconder. São as rugas que ficam cada vez mais profundas, a dor na coluna... Antes, levantava a perna lá no alto, porque fiz balé durante a juventude. Hoje, minha perna não sobe nem a noventa graus! Me sinto velha sim. Não tenho vergonha de dizer isso. Tenho até orgulho, porque estou velha, cheia de experiência, conhecimento... Ruga a gente pode tirar pra ficar mais bonita, as dores, a gente toma remédio, faz ginástica e melhora muito... A gente vai levando. Mas, como você me perguntou se me sinto velha, sim, me sinto velha.” (Dona Maria, 68 anos)

No discurso de Dona Maria notamos, também, uma série de marcas da velhice que ela reconhece em seu corpo – rugas profundas, dor na coluna e perda da flexibilidade. No entanto, ao demonstrar que tais “disfunções” corporais podem ser minimizadas se recorrer às diversas possibilidades de técnicas disponíveis e, ao voltar o olhar para questões subjetivas, como sua experiência de vida e o conhecimento dela advindo, ela muda, de certa forma, a maneira como se reconhece. No entanto, a utilização da palavra “velha” é marcada em sua fala como reconhecimento e auto-percepção de suas marcas corporais. Assim, performativamente, as marcas da velhice se inscrevem no corpo e é da mesma forma que elas são desse corpo eliminadas – a possibilidade de eliminação das rugas, através de cosméticos, tratamentos estéticos e cirurgias plásticas; o afastamento das dores, através da medicalização e da ginástica, que proporciona, também, o embelezamento. Mais uma vez, a performatividade aparece na construção da beleza que se inscreve nos corpos e evidencia-se, assim, o poder ilocucionário (AUSTIN, 1990) da performance.

A percepção de velhice como uma experiência de inatividade, declínio corporal, físico, ou emocional está, de alguma forma, presente em todas as falas. Tais mulheres atribuem o mesmo significado à palavra “velha”. No entanto, nem todas sucumbem a ele; pelo contrário, agenciam, constantemente, sua ressignificação. Seja através de práticas e experiências cotidianas, através da atribuição de determinadas responsabilidades a si mesmas, da atividade constante, que refletirá em suas auto-percepções corporais. Ser jovem, nesses casos, seria algo independente do marcador

geracional. Mas, constitui-se numa experiência de vida fortemente ligada às suas discursividades subjetivas.

Não é fácil de se definir a velhice, já que os indivíduos são semelhantes e diferentes, ao mesmo tempo. O fato de terem idades aproximadas não indica, necessariamente, similitude, já que o processo de envelhecimento não se configura de forma homogênea nem mesmo no interior de cada indivíduo (BRITTO DA MOTTA, 2002). A velhice não pode ser traduzida a partir de uma noção de identidade permanente e constante, mas de um reconhecer-se. Esse reconhecer-se, como percebemos, se dá de forma diversa, a partir de experiências diversas. Daí, algumas mulheres recorrerem a mecanismos de resistência ao envelhecimento e que mais mecanismos sejam desenvolvidos, principalmente para as mulheres, a quem, tradicionalmente, sempre foram cobrados valores como juventude e beleza.

Essas possibilidades de experiências do envelhecimento, podemos dizer, tornam o indivíduo idoso agente responsável por si e, por isso, agentes de seu processo de envelhecimento (ORTNER, 2007). As experiências dessas mulheres, como estamos observando, são guiadas por desejos e, por isso, permeadas pela intencionalidade. São essas experiências que, muitas vezes, tomam o corpo como principal ferramenta potencializadora de desejos. As diversas opções, hoje, de materialização dos desejos nos corpos dessas mulheres, durante o processo de envelhecimento servem, como vimos, para a construção de uma beleza corporal, ligada a uma caracterização de juventude, ou ainda, que possibilite desvinculá-las de uma ideia de velhice. A busca individual por um ideal estético fundou um novo momento da história da beleza feminina (GOLDENBERG, 2002). E isso inclui, certamente, influências de uma cultura que tem pavor do corpo gordo e velho e valoriza com fervor a beleza, a juventude e a boa forma.

Dessa forma, a responsabilização do sujeito por seu corpo pode se dar em torno de práticas voltadas ao embelezamento e que muito podem dizer, também, acerca de sua classe, conforme já apontamos. Tem um corpo livre de marcas do envelhecimento, por exemplo, quem tem acesso a algumas tecnologias que permitem essa transformação e, assim, podemos constatar que o gosto de classe é corporificado (BOURDIEU, 1996).

“Eu sou uma mulher que hoje tem dinheiro pra ficar bonita. Sei que estou idosa, na faixa de idade que estou, já sou considerada idosa. Se for pensar, há um tempo atrás, o dinheiro não sobrava pra essas coisas. Agora, os filhos estão fora, então o dinheiro que ganho trabalhando é só meu. A aposentadoria do meu marido vai pra pagar as contas, as despesas com a casa, essas coisas. Como eu trabalho em salão de beleza, é fácil, já abate do meu salário mesmo.”

Então, várias coisas eu faço por lá – pinto, corto o cabelo, mãos e pés toda semana, faço massagem no rosto, fiz maquiagem definitiva nas sobrancelhas e nos olhos, tudo com meu dinheiro.” (Dona Ângela, 67 anos)

As experiências de envelhecimento, através das quais as materializações corporais se dão, podem, nesse sentido, ser possíveis através dos projetos de vida. O agenciamento de projetos, como já vimos aqui, aparece como uma experiência fundamental para que se consiga a construção corporal desejada. No caso de Dona Ângela, o fato de trabalhar, ter seu próprio salário é o que torna possível pintar e cortar os cabelos, fazer mão e pé semanalmente, massagens no rosto, maquiagem definitiva. Enfim, a construção de um corpo belo, aqui, é fruto da realização de um projeto, enquanto uma dimensão racional, consciente (VELHO, 1994) e, por isso, também, intencional, ilocucionária (AUSTIN, 1990). Tais projetos, que fazem parte de suas experiências de envelhecimento, conferem a elas também uma maior autonomia em relação às suas vidas.

Pensei em toda a diversidade de mulheres com quem estou convivendo e como elas diferem na gestão de seus envelhecimentos. Dona Yara, por exemplo, que mora com a tia de 89 anos, vive para cuidar dela. Uma das únicas atividades que desenvolve fora do ambiente doméstico é no espaço da academia. Ela me relatou que sair para ir ao supermercado é um programa, um acontecimento em sua vida. Por ter que cuidar da tia, tem uma moça que a ajuda nesses momentos em que precisa sair. São, no entanto, praticamente, os únicos momentos em que sai de casa. (Anotações do Diário de Campo, 26 de abril de 2011).

Dona Yara, que em muito se difere das outras senhoras pesquisadas, mantém uma rotina muito focada no ambiente doméstico. Isso porque, segundo ela, cuida não apenas de seu envelhecimento, mas também, do de sua tia. Dona Maria mantém-se ativa, fora de casa e além da academia de ginástica, trabalhando como voluntária em uma creche. *“Quando vou pra creche, faço meu trabalho, conto as histórias, sinto que eu fiz o que tinha que ser feito... Me sinto útil e dá uma sensação boa, um bem estar.”* (Dona Maria, 68 anos) O fato de assumir a responsabilidade por um trabalho voluntário, após a aposentadoria, constitui num outro meio de agenciar uma velhice ativa. A experiência do envelhecimento passa, assim, como toda a trajetória de vida, por escolhas individuais, que dizem muito a respeito de cada uma das mulheres. A questão do “bem estar”, tão recorrente em suas falas, como podemos notar, aparece tanto em relação às técnicas corporais praticadas no espaço da academia de ginástica, como

também pode ser fruto de escolhas por outras atividades cotidianas, que compõem seus projetos de vida.

Vale lembrar que a imagem da velhice reclusa e inativa ainda se faz presente no imaginário de nossa sociedade e ela, de fato, ainda existe, porém dividindo hoje terreno com outra perspectiva, que propõe fórmulas de bem viver essa experiência (ALVES, 2004). As mulheres pesquisadas nas academias de ginástica evidenciam esse tipo de comportamento. Para elas, existe um cultivo de um prazer pessoal em “fazer-se bela”, através das atividades voltadas para o trato com o corpo na academia e, através das técnicas corporais praticadas, ter a possibilidade de se distinguir socialmente, promover uma valorização de seus corpos em público.

2.2 Materializações performativas de corpo

O corpo é um objeto no qual todos nós temos o privilégio, ou a condenação, de habitar, é a fonte de sensações de bem-estar e prazer, mas também o local de doenças e pressões. Todavia [...], o corpo não é apenas uma entidade física que nós “possuímos”, ele é um sistema-ação, um modo de práxis.

Anthony Giddens, In: *A transformação da intimidade*

As mulheres por mim pesquisadas, quando indagadas acerca das razões que as levaram até as academias de ginástica, apresentaram motivos diversos. No entanto, foi possível pensar em sensações, motivações ou desejos que as levavam a compartilhar, num mesmo lugar, performances carregadas de intencionalidades: a sensação de bem estar, qualidade de vida e disposição são, na maioria das vezes apontadas. Mas, percebemos que o desejo de alcançar uma beleza ideal, driblar a velhice, a gordura, sentir-se mais jovem aparecem, de alguma forma e em intensidades diferentes, em todos os discursos. *“Meu motivo principal é a saúde, meu bem estar com meu corpo, me achar mais elegante também.” (Dona Dalva)*

“Eu acho que a hidrogenástica é mais importante que a fisioterapia. Porque eu fiquei doente do joelho e o médico passou pra mim 20 sessões de fisioterapia pro joelho. E eu acho que o exercício aqui na água tá me fazendo melhor do que a fisioterapia. É mais... mais... como se diz, mais duradouro o benefício. Eu acho! E além disso, aproveito pra ficar mais em forma, mais jovem.” (Dona Marlene, 77 anos);

“Eu venho porque preciso driblar minha gordura e minha velhice de alguma forma. É por uma questão até de saúde. Mas, que é claro, me faz sentir bem,

fico mais bem disposta. Dou conta melhor do dia, depois da academia.” (Dona Ana, 85 anos);

“Eu venho à academia por vários motivos: primeiro pra ficar mais bonita, depois pra dar uma fugidinha de casa, porque lá minha cabeça fica muito cansada. É o tempo inteiro alguém me perguntando sobre alguma coisa. Aqui, sou eu. Só. É tempo pra mim.” (Dona Augusta, 70 anos) e

Nessas poucas falas, podemos perceber os desejos voltados ao corpo: seu embelezamento, ganho de saúde, eliminação de dores, assim como o desejo da fuga do ambiente doméstico, dedicando algumas horas para si. Nesse sentido, a academia se configura como lugar de experiências de desejos. Todos esses desejos aí relatados podem ser considerados como uma das formas agenciadas por essas mulheres de viver e de experienciar a sua velhice, ou ainda, um valor por elas compartilhado nas academias de ginástica.

Na investigação sobre as experiências de envelhecimento e possibilidades de materializações corporais das mulheres nesse processo, observamos que seus corpos nunca se conformam totalmente ao que, para elas, caracterizaria a velhice – rugas excessivas, gordura, cabelos brancos, seios e bumbum caídos, flacidez, perda da mobilidade, dores. A negação do que poderíamos chamar de marcas de materialização impostas sobre um conceito amplamente difundido de velhice, integra os desejos das mulheres pesquisadas. Dessa forma, o corpo e as configurações corporais estão diretamente relacionados a “atos performativos” (BUTLER, 1993). Tal noção de performatividade pode se relacionar com a materialidade dos corpos no sentido de uma prática através da qual o discurso produziria os efeitos que nomeia. Assim, o desejo pelo rosto livre de rugas, pelo corpo jovem, pela magreza, ausência de cabelos brancos, seios e bumbum em seu devido lugar, musculatura torneada e rígida, por exemplo, integram o campo dos desejos que marcam essas experiências de envelhecimento.

Nesse sentido, a academia entra como espaço performativo e, por isso, realizador de desejos que se incorporarão a essas mulheres.

“O fato de ser uma mulher idosa não me impede que movimente meu corpo. E olha que eu faço isso mais do que muita mocinha por aí! Quero sim ser uma ‘velhinha sarada’. Por que não? A gente fica muito mais bonita, mais feminina, quando o corpo está em ordem.” (Dona Stela, 68 anos)

O corpo ordenado, apontado por Dona Stela, certamente é aquele que foge do estereótipo do corpo velho e aparece, aqui, como característica do corpo ativo. Assim, o

desejo pela eliminação das marcas do envelhecimento, ou ainda, pela aquisição de marcas comuns em corpos jovens (como a modelação promovida por exercícios de musculação, por exemplo) é altamente relevante na materialização performativa da corporalidade. Além disso, seu apontamento sobre ficar “mais feminina” nos faz refletir sobre a noção de feminino, de desejos femininos e suas materializações nos corpos. Nossos atos, gestos e atuações são produtores de um suposto feminino na superfície do corpo, o que quer dizer então, que o feminino revelaria sua performatividade, a partir do momento que se torna visível discursivamente no corpo (BUTLER, 2003). Ou ainda, podemos dizer, que é no e através do corpo que os sentidos conferidos ao feminino se materializam (CSORDAS, 1990).

“O que acho melhor, depois que comecei a frequentar a academia é que minhas dores acabaram. Agora, se eu mato aula por uma semana, volta tudo! Antes, tinha dores diárias e me entupia de remédios. Hoje, isso não existe mais. Então, penso que foi uma escolha boa. Estou diferente demais.” (Dona Marlene, 77 anos);

“A ginástica nos deixa melhor. Eu, na verdade, sempre fiz. Então, não há uma mudança em algo do meu corpo que tenha sido proporcionado pela ginástica agora. É uma coisa que vem... Vem com o passar da vida toda fazendo exercício. Sempre fui vaidosa. Nunca fiquei sem estar matriculada numa academia. Quando era novinha, claro, academia eu não me lembro de ver, mas jogava vôlei no clube lá da minha cidade, que é Paraúna. E, depois que casei e vim pra Goiânia, academia direto. Mudança não há, mas noto muitos benefícios: sou uma mulher que não tem dores, sou muito bem disposta, subo escada, troco lâmpada, carrego peso...” (Dona Dalva, 78 anos);

“Comecei a fazer exercício há pouco tempo. Tem um ano e pouco. Mas, o que melhorou, que eu pude perceber foi com elasticidade, por exemplo. Me agacho, pego as coisas no chão, enfio debaixo da cama, se for preciso. E sem custo nenhum. Melhora a saúde também, é claro. Tive que entrar pra academia pra conseguir ter uma disciplina, porque estava com a taxa de triglicérides bem alta. O colesterol também, um pouco alto. Hoje, está tudo controlado. E isso eu posso dizer que foi do exercício.” (Dona Ângela, 67 anos);

“Olhe, não vou ser hipócrita: entrei na academia pra ficar com um ‘corpicho’ gostosão! (risos) Sempre que via, assim, mocinhas da sua idade, lembrava de mim quando moça. Aí, eu achava um desaforo o que a vida me fez! Passei trabalhando, engordando, olhando filho, marido, casa e esqueci de mim! Não me cuidei, perdi meu marido... Quer dizer, ele arrumou outra mulher, mais nova, e eu larguei ele. Aí que a ficha caiu! Tem quatro anos que frequento academia. E consegui chegar perto do corpo que eu queria. Claro que não fiquei como uma mocinha,

porque nessa idade, os resultados demoram... Mas, estou me sentindo muito bem pra ir à praia de biquíni e não ter vergonha, pra colocar um vestidinho e sair por aí... As pessoas me olham com agrado, me acham bonita. É malhação, menina!” (Dona Rosa, 64 anos) e

“Eu fazia hidroginástica há um tempo atrás, mas parei. E como eu não posso sair de casa por longos períodos, faço só a acupuntura agora. Sempre fiz exercício por uma questão... Olha... Nunca fui muito parada. Não é por estética, porque nunca mudei desse peso que tenho. Nunca tive essa preocupação. Mas, tenho osteoporose altíssima. Então, não posso nada de impacto. Só hidroginástica. Mas, como não tô podendo fazer, tenho que fazer alguma coisa, faço só acupuntura mesmo. (Dona Yara, 67 anos)

Na verdade, os discursos que relatei agora, nos demonstram uma satisfação unânime a respeito da relação entre os corpos e a escolha pelas técnicas corporais praticadas nas academias; e o que marca tais experiências, em todas as falas, é o desejo. As marcas do envelhecimento expressas nas falas – dores no corpo, falta de elasticidade e de disposição, taxas altas de colesterol e triglicérides, osteoporose e gordura – e que puderam ser revertidas, ou evitadas, através da frequência às academias, são motivos de orgulho e satisfação para as mulheres. Isso porque, mesmo demonstrando intencionalidade e desejos voltados para fins diversos, que se confundem entre saúde e estética, conseguem o efeito esperado por elas – minimizar as marcas da velhice em seus corpos. A busca intencional por um efeito que venha ao encontro desses desejos marca o poder ilocucionário e perlocucionário (AUSTIN, 1990) inerente a essas performatividades.

“Quando o professor, no auge da dor, solta um:” vamos lá’, ‘bumbum pra ficar duro tem que doer’, ‘xô preguiça’, ‘quem quer ficar em forma tem que sofrer’, parece que, pra mim, já resolveu minha malhação! (risos) Eu fazer uma aula de GAP e ele ficar me lembrando o tempo todo o efeito que vai dar, parece até que a dor que eu tô sentindo começa a ser boa.” (Dona Leila, 70 anos)

A intencionalidade e certeza de um efeito fazem com que a experiência da dor, durante a atividade física, no espaço da academia de ginástica, como nesse caso, adquira significação de “dor boa”, pois é carregada de um poder perlocucionário. É através da dor que se consegue o efeito, ela é parte da experiência performativa de materialização dos corpos. O modelamento corporal aí parece muito motivado pelos dizeres do professor e configura-se como uma das materializações possíveis naquele

corpo, sobre o qual incidem diversos outros marcadores. Assim, quais os atos corporais que estariam em jogo no contexto das academias de ginástica frequentadas pelas mulheres pesquisadas? Mais do que isso, quais as significações que essas mulheres atribuem a tais atos performativos? E quais as categorias ou marcas que, para elas, garantem a efetividade de tais atos?

É claro, então, que devemos encarar as técnicas corporais como produtos de nossas relações sociais e o corpo como algo capaz de expressar valores culturais e sociais como, por exemplo, os estilos de dança, ritmo, as manifestações de dor, o gestual, os valores estéticos de um grupo. Dessa forma, podemos dizer que, a partir das experiências, também é possível termos compreensão de diferentes grupos sociais (MAUSS, 2003). O corpo atesta uma marca social e evidencia desejos. De acordo com esse ponto de vista, o corpo pode ser encarado como linguagem, como uma forma de expressão e de pertencimento social. Há pontos, como vimos, convergentes nas falas dessas idosas, que as tornam, assim, pertencentes ao mesmo grupo, frequentador de um mesmo lugar. Seja na busca pela saúde, qualidade de vida, ou maior disposição para as tarefas diárias, ou ainda, no caso específico de Dona Rosa, com uma intencionalidade explícita para o embelezamento, as práticas por elas empreendidas no espaço da academia as distancia das penúrias da velhice. Ou ainda, confere distinção social (BOURDIEU, 1996), no sentido de sentirem-se belas, através de seus corpos.

O corpo que nos interessa aqui é corpo em processo, em mobilidade, em experiência e, portanto, em constante reconstrução. Nesse sentido, a ideia de *embodiment* (CSORDAS, 1990) busca fugir de dualidades (natureza/cultura, sujeito/objeto), evidenciando a noção de que os corpos não são objetos, mas sujeitos de cultura. A ideia, já abordada aqui, tem relação direta com o “estar-no-mundo” dos corpos. O corpo, assim, é considerado não como produto de representações, presentes numa realidade exterior a ele, mas como agente de subjetividade, incorporado através de experiência. Essa experiência pode se corporificar, de acordo com desejos de se alcançar um modelo, por exemplo:

Observo nas senhoras uma influência muito grande de padrões corporais difundidos amplamente. Durante a aula de hoje, elas falavam muito sobre algumas mulheres, celebridades que aparecem muito em meios de comunicação, como Débora Secco, Shakira, Adriane Galisteu, dentre outras. Para elas, há um padrão de magreza, “barriguinha no lugar”, “bumbum redondo”, cabelos longos e bem tratados. Ouvi a seguinte colocação de Dona Rosa: “Queria muito, queria mas não posso, porque ia ficar ridícula com a

idade que tenho. Mas queria muito um cabelão loiro, liso e brilhante. Loira eu até sou, porque pinto, né? Mas não dá pra ter cabelão com a minha idade. Agora, o que a gente pode fazer é malhar. Pra ficar quase tão bonita quanto elas! (risos) Por que não? Homem gosta de mulher magra, sem barriga, bumbum empinado, gostosa mesmo. Tô malhando pra isso: pra ficar gostosona. E olha que eu tô conseguindo, hein?” (Anotações do Diário de Campo, 05 de junho de 2011)

“Moda, por exemplo, eu amo. Então procuro me vestir na moda. Além disso, malho pra poder caber nas roupas que comprei e pra homaiada por aí me achar atraente, né? É tanta mulher bonita, na televisão, revistas, nas ruas também... A gente tem que acompanhar, né? Acho que eu, por exemplo, que divorciei há muito tempo, já estou até acostumada a andar meio ‘na cola’ da mulherada que aparece mais na TV. Sigo tendência mesmo. Tenho um medo de ficar fora de moda... Nossa, fora do comum o medo que eu tenho.” (Dona Leila, 70 anos)

Assim, claramente, há padrões a serem seguidos, há um ideal de magreza e de constituição corporal que servem como modelos (GIDDENS, 1997). Há normas a serem cumpridas e as escolhas para a experiência do envelhecimento estão, muitas vezes, condicionadas sim, a essas normas, aos padrões hegemônicos de beleza e, por isso, nem toda escolha é tão livre quanto se pensa ser. E, para mim, a “autonomia” de algumas mulheres foi se revelando muito voltada para essa busca por um ordenamento, ou um desejo de ajustamento de seus corpos aos padrões que perseguem. E a caracterização desses padrões é clara em seus discursos: “*cabelão loiro, liso e brilhante*”, “*ficar gostosona*”, num padrão de magreza, com a “*barriguinha no lugar*” e o “*bumbum redondo*”. Daí a importância de “*ficar na cola*” das mulheres que aparecem na TV, aquelas detentoras do desejo e do olhar masculinos. O corpo aparece aí, claramente, como instrumento de conquista e, conseguir adequar-se aos padrões diz diretamente do desejo pelo homem, do desejo em construir-se corporalmente dentro de um modelo de beleza para conquistar.

Observamos as diversas possibilidades de investimentos sobre o corpo serem amplamente difundidas, hoje, com a clara intenção de se construir um corpo feminino, normalmente com uma forte associação entre saúde e beleza, focalizando o agrado aos homens. (SANT’ANNA, 2005) Daí, uma enorme complexificação, hoje, dos conselhos direcionados à beleza e à saúde – o número de médicos e outros profissionais, como fisioterapeutas, educadores físicos, esteticistas, nutricionistas – que ocupam um lugar muito importante no sentido de prover tais mulheres da orientação necessária. Nesse sentido, a adoção de regimes, a obsessão de algumas mulheres pela magreza e atividades de remodelagem corporal, a utilização de cirurgias plásticas, lipoaspiração,

implantes de próteses de silicone nos seios, o uso do botox para atenuar as marcas de expressão no rosto, reposição hormonal. Tudo isso constitui alguns dos meios de experienciar o envelhecimento, ou de driblar uma caracterização da velhice, prolongando o quanto puder a juventude.

Tais meios fazem parte das experiências e desejos de minhas interlocutoras. A ingestão de alimentos de baixas calorias, a busca pela redução do peso e o controle das gorduras consideradas indesejadas e perigosas para a saúde, transformaram-se em hábitos cultuados pelas camadas médias, independentemente de idade. E entre as mulheres mais velhas, tal exigência, geralmente, recai sobre sua aparência (ALVES, 2004).

2.3 Da alimentação e das técnicas para o controle da gordura

A luta contra a gordura e as marcas do envelhecimento, a busca pela beleza e a “boa forma” são características marcantes do estilo de vida de algumas dessas mulheres de classe média.

“Vivo buscando a magreza. Quando você me pergunta se estou satisfeita com meu corpo, digo que me acho uma mulher bonita, se for considerar minha idade. Eu me acho muito bonita. Mas, acho que poderia perder peso. Quando vejo uma foto minha, essa foto aí que você tirou, mesmo, está horrorosa! Deus me livre de colocar isso no seu trabalho. Por favor, não ponha. (Se não quiser, não colocarei. Não tem problema.) Então, vejo que estou gorda mesmo. Encho a tela da máquina fotográfica! Me acho bonita, mas não estou 100% satisfeita comigo, porque gostaria de ser mais magra.” (Dona Stela, 68 anos)

A questão da gordura como algo que atrapalha não só a beleza corporal, mas a prática de atividades cotidianas, veio à tona em diversos momentos. Dona Leila, em nossa conversa, fez um desabafo em relação à gordura:

“Às vezes, odeio ser mulher nesse mundo cheio de mocinhas tão magrinhas. Quem, em sã consciência, escolheria uma mulher gorda? Eu estou acima do meu peso ideal uns 6 quilos, eu acho. Eu acho que tenho um rosto bonito, legal pra minha idade. Mas, como estou acima do peso, tem hora que fico sem jeito de colocar certas roupas. Calça jeans, por exemplo. Morro de vontade de entrar numa calça que comprei há um tempo e usei muito pouco. Acho lindo jeans! Queria usar, mas preciso perder peso. O excesso de peso atrapalha até pra andar, pra sentar numa cadeira, pra passar em alguns lugares, namorar, né?” (Dona Leila, 70 anos)

As falas das duas mulheres acima são muito parecidas, no sentido de apontarem uma insatisfação com a mesma característica de seus corpos. Elas se acham bonitas, gostam de seus rostos. Entretanto, a gordura (que nem sempre é explícita, ou negativa, no rosto) aparece como um entrave à completude da beleza, como obstáculo às tarefas simples do dia-a-dia e, também, possivelmente, às práticas sexuais. A gordura aparece nos discursos de beleza e feiúra, doenças e dores e torna-se um grande obstáculo para a auto-estima. A respeito disso, Sautchuk (2007) dirige nosso olhar para as formas de existência da gordura nas práticas corporais desenvolvidas em academias de ginástica, bem como a maneira através da qual ela integra as concepções de corpo. A gordura, então, aparece sob as mais diferentes formas: como algo que foge a um padrão estético; como um risco à saúde, podendo entupir uma artéria, por exemplo; como um entrave para a auto-estima; ou ainda, como um componente orgânico. Mas o que é de fato interessante é o olhar para a gordura, não apenas como algo sobre o qual se possa atribuir significados, mas principalmente algo de propriedade humana: pode ser localizada ou espalhada pelo corpo; masculina ou feminina. E, de acordo com minha experiência em campo, a gordura apareceu principalmente como causadora de vergonha; limitadora de movimentos; como significado de inatividade; como algo que “entrega” a idade; como responsável por dores na coluna ou nos joelhos; como entrave para que se consiga parceria afetiva; ou podendo também atrapalhar o ato sexual.

Essa multiplicidade de dimensões e significações acerca da gordura, em vários momentos, me fez pensar sobre ela como algo quase vivo, que muitas vezes é responsável por quase tudo de negativo na vida daquelas mulheres.

“Se você olhar pra essa minha foto aqui, bem jovenzinha, vê como eu era magra. Já fui magra um dia! (risos) Agora, gosto de comer. Apesar de viver controlando, porque o médico me ordena, eu amo todas as comidas. E, acho que por ser sozinha, se não me ocupar com outras coisas, vou comer. Então, hoje não me acho bonita. A gordura me enfeiou toda. Meu rosto é gordo, meu corpo está muito gordo também. Pra mim, é difícil demais cuidar da casa sendo gorda, costurar, caminhar... Não tenho mais a agilidade que tinha, a graciosidade que já tive... Foi tudo embora com a gordura. A gordura tomou conta. Hoje, na rua, uma pessoa que quer me apontar, diz: ‘aquela velha gorda!’” (Dona Ana, 85 anos)

A gordura aparece aí como mais um marcador social de diferença, que inter-relacionado ao marcador “idade”, auxilia a uma determinada materialização corporal e uma posicionalidade de Dona Ana em meio a outros sujeitos. Quando ela afirma ser uma “*velha gorda*”, demonstra não só a percepção que imagina que os outros tenham a

seu respeito, mas essencialmente, a percepção que tem de si. Dessa forma, a luta contra a gordura é uma constante e isso se dá, principalmente, através da prática dos exercícios físicos (Dona Ana, por exemplo, vai à academia diariamente, pois faz hidroginástica três vezes por semana e natação duas vezes na semana) e de uma alimentação adequada, para a maioria das mulheres. No entanto, a simples prática compartilhada de certas atividades físicas e certas técnicas corporais não traz a elas uma mesma significação acerca, tanto das experiências do envelhecimento, como também, acerca da própria caracterização de uma ideia de velhice, juventude e beleza, como pudemos perceber.

A maioria delas passa por dietas prescritas por médicos ou nutricionistas, como forma de controle sobre a saúde e sobre o corpo. As dietas para perder peso e regular a saúde, o próprio desenvolvimento, por parte das indústrias de alimentos, que hoje disponibiliza produtos que atendam a esse desejo, estimulam as experiências corporais de “estar de dieta”. Nesse sentido, a restrição alimentar, o cultivo dos regimes corporais aparecem como meios de influenciar a incorporação desses sujeitos, possibilitando mobilidade social (CSORDAS, 1994) e, ao mesmo tempo, estimulando reflexivamente o projeto do *self* (GIDDENS, 1997).

Quando Dona Marlene fez questão de evidenciar, em seu discurso, que “*não come carne de jeito nenhum*”, ela me apontou para uma técnica corporal praticada para benefício de sua saúde e beleza, que incorpora-se a ela conferindo-lhe maior rigidez muscular, segundo sua fala. Dona Ana disse cozinhar sempre no vapor, evitar frituras e óleo na comida: “*Tenho problema sério de colesterol. Por isso, minha dieta é: gordura zero! Comprei daquelas panelas onde tudo se cozinha no vapor. Sem gordura e mais saudável.*” (Dona Ana, 85 anos)

Ainda, Dona Maria afirmou estar em constante dieta, orientada por nutricionista. No entanto, no seu caso, as prescrições do especialista me pareciam muito sacrificantes: “*Não aguento mais comer arroz integral com peixe! Mas, preciso continuar comendo pra prestar contas pra ele na semana que vem. A gente soooooofre pra ficar bonita!*” (Dona Maria, 68 anos) A construção da beleza, passando pela experiência do sofrimento, aí, não está unicamente ligada ao espaço da academia de ginástica, mas também à restrição sacrificante de determinados alimentos.

Dona Yara também afirmou fazer restrição em relação à carne, em função de problemas com a taxa de colesterol: “*Apesar de ser magrinha, não como carne, mas tenho colesterol alto. Não sei por quê.*” (Dona Yara, 67 anos)

Dona Rosa relatou comer vagem diariamente, desde que soube dos benefícios de tal alimento para o corpo: *“Eu li outro dia que a vagem é um legume que faz bem pros ossos, pras unhas, cabelo, pra visão, pra pele, pro intestino... Então resolvi comer todos os dias. É uma coisa que todo dia eu como.”* (Dona Rosa, 64 anos)

A escolha por determinados alimentos, e ainda, pela forma de preparo dos alimentos, para tais mulheres, está diretamente relacionada a uma experiência que possibilite tornar o envelhecimento mais saudável e seus corpos, mais belos. A escolha dos alimentos, certas restrições e a prescrição de dietas são características presentes em quase todas as mulheres com quem convivi, assim como a troca de receitas de certos pratos saudáveis, dicas de alimentos ricos em determinada propriedade, a troca de dietas para emagrecer, ou a indicação de profissionais especialistas em nutrição. A valorização por essas escolhas alimentares, voltadas para o sabor, para o fato dos alimentos serem leves e não engordarem, por suas propriedades saudáveis também dizem de suas classes (BOURDIEU, 1996; BOLTANSKI, 1979) e, por isso, também produz posições de sujeitos diferenciadas (BRAH, 2006).

O desejo por um corpo belo, distinto socialmente, também as influencia, nesse sentido a evitar certos alimentos que induzem à gordura e à celulite, por exemplo. A questão da celulite foi outro ponto muito citado, tanto em conversas informais com minhas interlocutoras, como durante as entrevistas. Dona Marlene, que afirmou ter uma *“pele dura”*, se sente muito satisfeita por não ter *“nenhum furinho nas pernas”* e afirma ser esse o motivo de poder usar a roupa que quer, *“sem peso na consciência”*. Dona Ana, por sua vez, vive lutando contra a celulite e afirma ser esse o grande mal das mulheres que, segundo ela, com o tempo, vão perdendo o *“viço das pernas, a forma do bumbum...”*. Ela se veste sempre com vestidos longos e calças compridas e afirma que, as únicas pessoas que vêem suas pernas são as colegas e os colegas da academia. *“Eu até já tive pernas lisas, sem celulite, mas agora é difícil. Também estou velha pra querer sair mostrando. Mas... Se for pensar... Acho até que se estivesse me sentindo melhor com elas (as pernas) colocava uns vestidos mais curtos sim.”* (Dona Ana, 85 anos)

Dona Dalva afirma tomar comprimidos, manipulados em farmácia, para a redução das celulites: *“Meu sonho é me ver livre delas! Então, enquanto meu dinheiro puder comprar, eu vou tratar sim. E já sinto que está fazendo efeito. Tem um mês que comecei a tomar e sinto que diminuiu. Vou ficar com as pernas lisas e magras. Você vai ver só.”* (Dona Dalva, 78 anos)

Há um grande mercado, hoje, direcionado a quem pode pagar por mercadorias e especialistas voltados para o consumo de alimentos, ou suplementos alimentares (tidos, aqui, como bens simbólicos), que visam o chamado bem-estar físico daqueles indivíduos que dedicam atenção especial a seu corpo. E isso é válido, tanto no que diz respeito aos bens materiais, como para as ‘mercadorias intelectuais’ – conselhos, instruções ou serviços dos profissionais de saúde. (BOLTANSKI, 1979) Médicos, nutricionistas, massagistas, esteticistas, dentre diversos outros tipos de especialistas voltados ao trato com o corpo tem sido cada vez mais procurados para orientar as necessidades de consumo de mercadorias voltadas para o corpo. Pensando assim, há desejos específicos destinados a determinados bens simbólicos e isso seria produto da difusão de categorias de percepção adequadas (ou ainda, no caso do consumo médico, legítimas) de tais bens desejados. O crescimento da “necessidade médica”, então, pode ser considerado proporcional ao crescimento de uma necessidade de cuidados alimentares e físicos em geral, especificamente voltados ao corpo, *lócus* de ação de poder, controle social, disciplina e do saber médico (FOUCAULT, 1981). O controle-estimulação aparece, aqui, da seguinte forma: estimula-se o desejo, controla-se o corpo intencionalmente (performatividade ilocucionária) e alcança-se determinado efeito (perlocucionário).

Podemos evidenciar, também, esse “controle” sobre o corpo, através dessa exaltação da juventude nas sociedades contemporâneas e a quase exigência de uma relação entre um corpo modelado aos moldes desses padrões e a construção de uma identidade feminina. Nesse caso, de identidades femininas na velhice. Segundo uma cultura da biossociabilidade (ORTEGA, 2004), criam-se modelos ideais de sujeito, baseados em: performance física, critérios de saúde, longevidade etc, estabelecendo novos parâmetros de mérito e reconhecimento sociais e possibilidades de mobilidade social (CSORDAS, 1994). Assim, os desejos individuais são dirigidos para obtenção de uma melhor forma física, maior longevidade e prolongamento da juventude. A distinção social, promovida por essa cultura da biossociabilidade, é a que diz respeito à promoção da saúde, de um corpo ativo, sobre o qual se investe.

“Não deixo de vir à academia nenhum dia sequer. Segunda, quarta e sexta eu faço hidroginástica e, às terças e quintas, natação. Quanto mais resultado eu vejo, mais eu quero fazer. Somente pelo fato de estar aqui todos os dias da semana, acho que já me torno diferente das outras senhoras por aí, não é?”
(Dona Ana, 85 anos)

Dona Stela relatou ter muito prazer em dizer às outras pessoas que frequenta uma academia de ginástica: *“Sempre que tenho a oportunidade de dizer, eu digo. Adoro mostrar que me movimento, estou ativa, malho e, por isso que sou bonita e jovem assim desse jeito!”* (Dona Stela, 68 anos)

Dessa maneira, podemos afirmar, também, que tais mulheres têm uma consciência corporal diferenciada, por assumirem uma experiência com seus corpos de constante descoberta e construção. Isso traz a todas, sem exceção, muita satisfação pessoal e ainda, como podemos notar no discurso de Dona Stela, tais práticas são, muitas vezes, motivadas pelo desejo da beleza e do prolongamento da juventude. Podemos observar que a percepção de se distinguir do estereótipo de mulher idosa, inativa, restrita aos domínios do lar, com um corpo que pouco se movimenta, nos traz a constatação de que a visão do corpo do/a outro/a ou do modo de vida do/a outro/a influencia também a auto-percepção.

Indo na mesma direção, ao observarmos todas as mulheres pesquisadas, há também claros dispositivos de distinção social entre elas. Podemos tomar como base as falas das frequentadoras das aulas de hidroginástica, em relação às mulheres que praticam musculação e *fitness*. Sempre havia, em suas falas, algo que deixasse transparecer uma vontade de começar a praticar tais atividades (*“no andar de cima da academia”*) e, assim, poder também “ascender socialmente” na academia de ginástica, ou ainda, aos olhos dos amigos e familiares. *“Imagina se eu chego em casa e falo: ‘Pronto. Amanhã começo musculação!’ Minha filha ia amar ter uma mãe malhada! (É a senhora?) Eu ia me achar também! (risos)”* (Dona Marta, 77 anos).

Dona Ângela também manifestou seu desejo de iniciar a prática de musculação, certo dia, quando estávamos na recepção da academia, à espera do início de nossa aula de hidroginástica. Havia uma senhora descendo as escadas da sala de musculação, que tinha acabado naquele momento o seu treino e estava indo embora. *“Olha ali. Isso é que é malhação pra valer mesmo. A gente nota... Vê como ela é magra. Pode ser até que seja mais velha do que eu, mas tá com corpo de menina.”* (Dona Ângela, 67 anos)

Dessa forma, a prática dentre essas mulheres de uma mesma academia de ginástica, de determinados exercícios físicos, também traz distinção, no sentido de que a musculação, para elas, constitui uma técnica corporal típica de mulheres jovens. Assim, quem pratica musculação, ganha um corpo jovem e, certamente, distingue-se das demais mulheres.

2.4 A construção da beleza pela biotecnologia

Penso ser relevante abordarmos aqui outras técnicas que incidem sobre as experiências do envelhecimento, que dizem respeito, tanto à intenção de construção da beleza, como também aos efeitos esperados. Estou falando de técnicas específicas de investimento sobre o corpo e sobre o *self*, como as cirurgias plásticas e a reposição hormonal.

No que se refere ao campo das cirurgias plásticas, podemos nos remeter aos já mencionados ideais e modelos femininos de beleza, por exemplo, que motivam a decisão de se fazer uma intervenção cirúrgica desse tipo. Tal questionamento tem relação direta com as caracterizações que as idosas pesquisadas fizeram a respeito da velhice – rugas, gordura, inatividade, corpo em declínio. O Brasil, desde 2001, superou os Estados Unidos como país com o maior número de cirurgias plásticas *per capita* do mundo (EDMONDS, 2002). Dessa forma, fica patente o medo de envelhecer, a vaidade e o desejo de se construir um corpo livre dessas marcas. De fato, Dona Augusta é uma mulher que já fez diversas cirurgias plásticas e afirmou fazer tantas quantas achar necessário:

“Sou muito, muito vaidosa. Meu marido tem hora que me breca um pouco, porque acha exagero meu. Mas, depois que vê o resultado gosta! E minha filha tá seguindo o mesmo caminho. Ela tem 40 e poucos anos e já fez umas três plásticas também. Eu passo muita vaidade pra ela! Mulher tem a obrigação de ser bonita. E fazer plástica hoje em dia é muito fácil e barato também.” (Dona Augusta, 70 anos)

O discurso de Dona Augusta evidencia algumas questões: primeiramente, o fato de a cirurgia plástica, para ela, ser uma técnica corporal tão fácil e simples de se recorrer, quanto ir à academia de ginástica, por exemplo. Assim, sempre que encontra alguma imperfeição em seu corpo, que ela nota não conseguir corrigir com academia, ela recorre às técnicas médicas de intervenção plástica. E esses valores, bens simbólicos (BOURDIEU, 1974), foram transmitidos à sua filha, que assim como ela, tem um conceito de beleza voltado à juventude, a uma pele esticada, sem rugas. O fato de dizer que mulher tem a obrigação de ser bonita traz à tona um olhar para as diversas atribuições e cobranças sociais que recaem sobre as mulheres contemporâneas. A experiência do envelhecimento, nesse caso, envolve administrar o lar, com as tarefas e

atribuições domésticas cotidianas, realizar atividades fora do ambiente doméstico (como ir à academia, ou trabalhar, por exemplo) e conseguir manter-se jovem e bela.

O discurso das chamadas biotecnologias e da tecnobiomedicina (ORTEGA, 2007) enfatiza a maleabilidade e plasticidade dos corpos. As cirurgias plásticas, assim, possibilitam a incorporação desse discurso. Além das cirurgias plásticas, há as possibilidades de implantes do tipo marca-passos, válvulas, quadris sintéticos, próteses inorgânicas, marcando uma interface entre corpo e máquina. Dessa forma, hoje e cada vez mais, as biotecnologias nos permitem transformar o corpo em “partes” a serem reformadas, ou reconstituídas.

A ascensão de tecnologias voltadas para o retardamento da velhice e o prolongamento da juventude, algumas vezes, são acompanhadas da observação de um medo crescente em relação ao envelhecimento. Percebemos que, também, a escolha pelas biotecnologias por essas mulheres é algo intersubjetivo e que advém das relações sociais cotidianas dessas mulheres. A questão da comparação com outras mulheres, o sentir-se mais bonita para o marido, conseguir maior aceitação social enquanto mulher, são alguns desejos que levam essas idosas a partirem para uma cirurgia plástica. Sabemos também que a busca de uma adequação aos padrões socialmente impostos é responsável por tais práticas e serve, inclusive, como justificativa para o investimento nessas formas de controle do corpo. Esse é um processo que, inegavelmente, tem consequências subjetivas, uma vez que está a subjetividade associada diretamente às possibilidades de materializações do corpo. Dessa forma, enquanto essas mulheres mudam seus corpos, mudam suas subjetividades; algo muda em seu “mundo interior”:

“Fiz quatro plásticas já. E é impressionante o efeito que isso tem em mim. Meu mundo muda, sabe? Quando passa aquele período de recuperação e a gente vê o resultado, é muito bom. Parece que eu viro outra pessoa.” (Dona Rosa, 72 anos)

Nesse sentido, o corpo é modificado, para a vida dessa pessoa melhorar. Virar outra pessoa tem uma série de significações para Dona Rosa Quando a indaguei por que vira outra pessoa, o que muda dentro de você, ela respondeu:

“Muda tudo! Quando você olha no espelho e vê que aquilo que tá te incomodando sumiu, é como se você fosse outra mulher. (E isso é bom? Perguntei.) É ótimo, né minha filha? Pra quem tem a minha idade, é muito bom! A gente vê que ainda tem... Como eu posso dizer... Potencial. (Potencial pra quê?) Pra viver, pra me mostrar por aí bonita, pra conseguir alguém... Eu não tenho marido, nem namorado. Mas tenho meus rolos de vez em quando. E

a gente sabe que homem não gosta de mulher mais ou menos, nem de velharia. Por isso, eu cuido.” (Dona Rosa, 72 anos)

A significação que Dona Rosa atribui à cirurgia plástica, então, é de uma ferramenta que irá lhe fazer alcançar uma vida melhor e que a torna capaz de ir atrás de seus desejos, inclusive os afetivos e sexuais. A beleza, para ela, também está diretamente vinculada à ideia de distanciamento da velhice. E, seguindo seu modo de pensar, o investimento sobre o corpo e a construção da beleza são armas para “se mostrar” nos diferentes contextos sociais e poder conseguir uma parceria. Assim como Dona Augusta, afirmando que mulher tem “a obrigação” de ser bonita e que seu marido gosta, Dona Rosa atribui não somente ao seu olhar no espelho, mas também, ao olhar do outro, a motivação para prosseguir buscando o distanciamento da velhice através das cirurgias. O corpo reconstruído pelas biotecnologias torna-se instrumento de conquista e a busca por tais resultados lhes pode conferir distinção no sentido de demonstrar cuidado com a beleza. Nesse sentido, disfarçar a idade passa a ser sinônimo de cuidar de si (GOLDENBERG, 2002).

Dona Stela me relatou que, influenciada por algumas amigas, resolveu fazer plástica para retirar a “papada” de seu rosto. Seu marido foi contra, desde o início, à sua decisão e afirmava que gostava dela exatamente como era. No entanto, ela resolveu fazer a cirurgia, mesmo assim, convencendo-o de que seu rosto ficaria muito mais bonito após o procedimento, ou ainda, para sentir-se pertencente ao grupo de mulheres com o qual convive.

“Fiz plástica para tirar a papada, que me incomodava demais, fiz duas lipos, coloquei próteses de silicone. E, agora, tem muito pouco tempo, fiz nas pálpebras. Todas as minhas amigas estavam fazendo. Hoje em dia é muito fácil, tem planos pra pagar plástica, então, fui conversar com meu marido a respeito disso pra ver o que ele achava. Ele foi contra, mas contra mesmo! Demorei uns 6 meses pra convencer ele que eu queria muito fazer e que ele ia gostar do resultado. Mostrei um monte de atriz da televisão, aquelas bonitas, que eu tenho certeza que já tiraram a papada, já deram uma levantada nas pálpebras também. Até que, meio a contra-gosto mesmo, ele acabou cedendo, disse que o corpo era meu, que se eu quisesse, então, tinha que fazer. Menina, depois, quando passou tudo, que meu rosto já estava assim, recuperado, ele falou tão mal, falou tanto que tinha ficado feio, que preferia como era antes... Ai, foi horrível! Até hoje, de vez em quando, ele fala. Não gostou de jeito nenhum, preferia me ver envelhecer. Eu gostei, me sinto melhor quando olho no espelho. Minhas amigas, todas elas, também gostaram e me elogiaram muito. Mas, acho ruim por ele não ter gostado, né? É meu companheiro ele, então a opinião dele é muito importante pra mim. Tem isso, dele não ter gostado, que me faz de vez em quando ter dúvida se eu deveria ter feito ou não.

Mas, agora já foi também... Ele vai ter que gostar na marra! (risos)” (Dona Stela, 68 anos)

Afirmar que o processo de escolha e a tomada de decisão por recorrer à cirurgia plástica é um processo intersubjetivo e sofre as mais diversas influências, de grupos de amigos/as, de padrões difundidos pela mídia e, principalmente do/a parceiro/a afetivo/a. Aquilo que observam no outro (amigas, TV etc.) pode, assim, despertar o desejo por ser como esse outro e passar a considerar-se imperfeita, defeituosa (MALYSSE, 2011). Quando se recorre a uma determinada técnica corporal, a motivação se dá pela possibilidade de alcançar o efeito desejado (caráter eficaz e perlocucionário das performances corporais). No caso da plástica, o efeito está diretamente vinculado à estética, à beleza. O desejo de ficar bela para si, para as amigas e para o companheiro, no caso de Dona Stela foi o que a motivou. No entanto a dependência de uma aprovação de seu marido demonstra a falta de autonomia para decidir sozinha sobre um corpo que é seu. Da mesma forma, o resultado da plástica, a reconstrução de seu rosto, nesse caso, traz certa angústia a ela, como fica evidenciado em sua fala, ao demonstrar o peso e a importância da opinião e do olhar do outro (o marido) sobre seu corpo. Tal situação me fez lembrar uma crônica de Luis Fernando Veríssimo, utilizada por Goldenberg (2011), na apresentação do livro “Nu & Vestido”, chamada “A Outra”²⁸. Parece-me interessante transcrevê-la como forma de ilustração de uma possível frustração, por parte da mulher, após a cirurgia estética:

Apavorada com a perspectiva de envelhecer e o marido trocá-la por uma mais moça, fez plástica atrás de plástica, tantas que hoje tem cinquenta anos, mas um corpo de vinte e um rosto de trinta, se você não olhar muito de perto. Alisou e re-alisou as rugas, tirou daqui, enxertou ali, levantou acolá – o acolá é sempre o primeiro a cair – e conseguiu: não envelheceu. Mas no outro dia nos contou que o marido a trocou por outra.

Estava inconsolável, só não podia chorar para não desmanchar a maquiagem. Tentamos consolá-la assim mesmo, chamando o marido de tudo. Inclusive de cego, pois quem procuraria outra mulher, tendo uma como ela – corpo de vinte, rosto de trinta – em casa?...

As outras mulheres começaram a desenvolver teses sobre o que leva homens mais velhos a procurar mulheres mais moças. Pânico sexual, antes de mais nada. Descontadas, claro, as falhas naturais do caráter masculino, que também se acentuam com a idade. Mas ela que esperasse. Cedo ou tarde, ele se cansaria da mulher mais moça, ou ela se cansaria dele, e...

- Ela não é mais moça – interrompeu a nossa amiga. – Ela é mais velha do que eu!

²⁸ Esta crônica foi publicada, originalmente, no jornal O Globo, em 31/05/2001.

Abriu-se uma clareira de espanto. O quê? Mais velha?! E ela contou que a outra nunca fizera plástica, que a outra nem pintava os cabelos. Era uma senhora grisalha, matronal, exatamente do tipo que ele esperara em vão que ela ficasse, segundo ele mesmo dissera. Sim, porque nossa amiga fora pedir satisfação, pronta, inclusive a bater na outra. Não só não batera como acabara ouvindo conselhos da outra – num tom maternal!

O que mais doera fora o tom maternal. (VERÍSSIMO apud GOLDENBERG, 2010, p. 17)

Na verdade, não conhecia o texto e tomei conhecimento dessa divertida crônica em função do livro organizado por Mirian Goldenberg. Ao ler, não pude deixar de me lembrar da entrevista com Dona Stela. Resolvi então, levar o livro à academia para mostrar a crônica a ela. Tinha conseguido estabelecer uma relação de intimidade com essa mulher e, por isso, tinha liberdade para fazê-lo. Ao ler a crônica, ela deu boas risadas, dizendo que ia então “colocar as barbas de molho”. Mas, no final de nossa conversa, concluiu, dizendo que, na verdade, faria de novo e quantas vezes fosse preciso, porque nada vale mais, para ela, do que sua satisfação com seu corpo. A opinião do marido é muito importante sim, claro, entretanto, ela julga ser mais relevante, nesse momento, sentir-se bem consigo mesma. “*Como meu marido pode me achar bonita, quando eu não estou me achando? Pra mim, isso vale mais. Se eu não estiver me sentindo bem comigo mesma, vou ficar de moral baixa, aí é que ninguém vai gostar de mim!*” (Dona Stela, 68 anos)

A mesma crônica me fez lembrar da experiência vivida por Dona Rosa, que culminou em sua separação conjugal – o marido trocou-a, de fato, por uma mulher mais nova. E foi a partir dessa experiência que direcionou sua vida para a atividade corporal, seja no campo do embelezamento, seja no campo do trabalho e, hoje, o manter-se ativa é permeado por uma experiência passada de rejeição do masculino.

Nesse contexto, a cirurgia plástica, como a ginástica, aparece como uma ferramenta de recuperação da auto-estima. E, para Dona Stela, assim como para outras mulheres, as emoções e, principalmente, o estar bem consigo mesma, é que faz com que se sintam mais bonitas. A beleza, nesse sentido, tem uma significação voltada, também, para suas subjetividades, para o “sentir-se bem”, possível pelo “estar-no-mundo” (CSORDAS, 1994). E, se o apelo às cirurgias estéticas pode proporcionar tal sentimento e elas podem pagar por isso, por que não recorrer a tais técnicas? O *habitus* constitui-se uma espécie de mediação que torna a prática de alguém, mesmo que sem propósito significativo, “sensata” ou “razoável” (BOURDIEU, 1977). Seja pelo desejo de tornar-se ajustada a um determinado grupo de mulheres “plásticas”, o desejo de

sentir-se bela aos olhos do marido, ou para sentir-se conformada com sua condição estética, já que há possibilidades financeiras para isso, a cirurgia plástica insere-se no *habitus* de Dona Stela, que faz de tal prática algo sensato e razoável não só a ela, mas ao grupo social de mulheres do qual participa.

A cirurgia estética, então, como instrumento capaz de mudar a vida de alguém, pela mudança corporal (LE BRETON, 2003), pode inserir-se nas experiências de envelhecimento no sentido de possibilitar distanciamento da noção de velhice. Mais uma vez, o saber médico insere-se nas experiências de vida de tais mulheres, não como forma de sanar doenças, mas visando a construção da beleza. Então, a significação atribuída à cirurgia estética estaria diretamente ligada a uma necessidade de mudança do *self*, através da aquisição de uma aparência desejável.

Dona Leila afirmou fazer, constantemente, aplicações de botox e disse não conseguir mais viver sem elas:

“Tenho uma sobrinha que mora no Rio de Janeiro, que trabalha com estética, que vai guardando os restinhos de botox que sobram das aplicações que ela faz. Ai ela faz em mim de graça. Não consigo mais viver sem isso! Pra mim, as rugas são uma amolação. Além disso, já fiz cirurgia pra tirar uma veia também, que tava atrapalhando a circulação dando varizes. Aliás, eu to pra marcar qualquer hora, to precisadíssima de fazer aplicação nas pernas. Tenho muita tendência pra ter varizes.” (Dona Leila, 70 anos)

A colocação de Dona Leila demonstra insatisfação em relação às marcas do tempo – varizes e rugas estampadas em seu rosto e o botox, assim como a cirurgia de varizes e aplicações aparecem, aqui, como ferramentas de distanciamento da velhice e, conseqüentemente, prolongamento da juventude almejada. As rugas, como marcas explícitas da idade, tornam-se um empecilho para a auto-estima e o sentir-se bela e as varizes atrapalham a beleza das pernas. Ao ser indagada por mim, por que as rugas são consideradas uma “*amolação*”, Dona Leila respondeu:

“Ah... Porque entregam minha idade! Você ainda não sabe o que é isso, mas um dia vai sentir na pele o peso dessas marcas. Já que tem recursos que fazem a gente melhorar, por que não usar, não é mesmo? Todo mundo odeia rugas! Tanto é que todo dia a gente ouve falar de técnica de prevenção, técnica de tratamento... Já que não preveni, vou tratar!” (Dona Leila, 70 anos)

O olhar sobre o meu corpo como forma de comparação entre nossas idades e a projeção do que eu posso vir a sentir quando estiver com sua idade, foram os

argumentos mais convincentes que Dona Leila encontrou. Durante nossa entrevista, a todo momento, ela me usou como meio de comparação, justificando suas falas e suas escolhas. A frase: *“um dia você vai sentir na pele”* transfere para mim seu sentimento acerca das marcas do envelhecimento, expondo-as como algo inevitável a todos e como possibilidade de compartilhar a experiência de envelhecimento. Assim, seu desejo também poderia se tornar mais coerente. Podemos dizer que as marcas corporais, como as rugas, que se constituem numa das mais contundentes marcas do envelhecimento, por si só, não produzem efeitos. Os efeitos advêm, fundamentalmente, do discurso produzido sobre elas. É nesse sentido que tais marcas entram em cena como algo negativo, capaz de desqualificar o sujeito possuidor dela. Dona Leila aborda, em sua fala, a questão da prevenção, que é outro ponto amplamente discutido na sociedade em geral. Os cremes, produtos e cosméticos desenvolvidos com o objetivo de diminuir os efeitos do envelhecimento, ou seja, diminuir as marcas do tempo têm alcançado enorme crescimento nos últimos anos (CASOTTI e CAMPOS, 2011; CASTRO, 2007).

Dona Marlene, por sua vez, ao ser por mim indagada a respeito de algo que gostaria de mudar, relatou que gostaria muito de fazer uma plástica na região próxima aos olhos:

“Eu gostaria, gostaria, mas não vou fazer, de dar uma puxadinha aqui. Um centímetro, mas sei que as médicas vão me puxar toda. E eu detesto essa aparência, detesto maquiagem, essas coisas... Então, não vou fazer. Eu rejuvenesceria uns 10 anos, mas não vou fazer.” (Dona Marlene, 77 anos)

Em outro momento da entrevista, Dona Marlene, relata, ainda a respeito das técnicas corporais, voltadas para o embelezamento:

“Agora, quanto à minha vaidade, tem gente que diz pra eu fazer clareamento nos dentes, mas acho meus dentes ótimos. Se fizer clareamento vai parecer que uso dentadura. No máximo, passo um batom pra dar cor na boca e ele parece mais claro. Não gosto de maquiagem também não. Passo só batom. Outro dia, ia ter casamento de meu sobrinho. Então fui ao salão, arrumei o cabelo e me disseram pra fazer uma maquiagem. Então pintaram meu rosto. E ficou horrível. Ai eu lavei meu rosto todinho e tirei, claro.... É negócio muito artificial. O olho verde em cima, todo escuro, eu digo: não, de jeito nenhum!” (Dona Marlene, 77 anos)

Dona Marlene é uma idosa que, a todo momento, demonstra muita satisfação com seu corpo e com sua aparência física, sem nenhum tipo de intervenção cirúrgica. Inclusive, as técnicas mais simples e comuns, como maquiagem, ela se diz contra, por

achar artificial. A artificialidade aparece aqui, então, como mais uma categoria de caracterização das experiências de envelhecimento. Também relatou não fazer uso de cremes no corpo, por ter naturalmente uma pele “gordurosa”. Por isso, as idas à academia constituem a única medida que empreende diretamente em relação a seu corpo, para evitar os sinais do envelhecimento. Perguntei se a escolha por não fazer questão nenhuma de uma cirurgia plástica, não teria a ver com o fato de se achar uma mulher bonita e sua resposta foi: “*Sim, certamente. Eu me acho bacana. Me acho, assim, atraente.*” (Dona Marlene, 77 anos)

Ao ser questionada se não sente saudade de seu corpo jovem, fiquei muito surpresa com sua resposta:

“Eu estou surpresa agora, de estar ficando velha e com o corpo melhor do que eu tinha antes, sabia? Antes eu me achava muito magra, minha vida inteira achei que tinha as pernas finas. Agora não. Vendo minhas parceiras, minhas concorrentes aqui da academia, mesmo na praia, eu vejo como eu estou bem. Como estou melhor agora do que 30, 40 anos atrás. Antes, me achava assim, magrinha. Agora não, estou cheia de corpo enquanto minhas amigas estão parrudas. Eu estou apenas cheia, mas bem. Agora estou me surpreendendo, viu Márcia? Estou surpresa agora com minha forma física.” (Dona Marlene, 77 anos)

Dona Marlene possui certamente uma visão diferenciada do envelhecimento e as significações que tem sobre a beleza não se relacionam, necessariamente, à estampa de um corpo jovem, segundo um padrão modelar. Ela possui rugas em sua face, está visivelmente acima do peso, se tomarmos como base o padrão hegemônico amplamente difundido. Entretanto, essas mudanças corporais não afetam sua satisfação pessoal com o corpo, nem sua auto-estima. Muito pelo contrário, o fato de estar “*cheia de corpo*” agora, a torna mais bela do que antes e serve, também para caracterizar positivamente sua experiência de envelhecimento. A fala de Dona Marlene evidencia, mais uma vez, a necessidade de comparação com o/a outro/a (no caso, as outras, que ela denomina de “*concorrentes*”). Achei pertinente, nesse momento da entrevista, ainda com Dona Marlene, perguntar se ela se sentia velha. Sua resposta:

“Depende do que é ser velha pra você. Porque pra mim, só fica velha quem não morre cedo. Então, ficar velha é algo muito bom. Sou uma mulher de idade, velha de idade. Mas, não sou feia, não sinto dores, porque a hidroginástica me faz muito bem, sou muito ativa, tenho sede de conhecimento, estudo, sou dona do meu nariz. Mas, pode ter certeza que ir à academia toda semana influencia muito nesse meu modo de viver. A atividade faz muito bem.”

Bem pra tudo. Até pra minha relação com meu marido.” (Dona Marlene, 77 anos)

A percepção positiva que Dona Marlene tem a respeito de sua velhice e de sua experiência de envelhecimento, pode estar diretamente ligada às significações que atribui a esse processo: estar viva, ativa, bem consigo mesma e independente. O agenciamento de uma velhice ativa, certamente, tem relação com as significações que faz sobre sua experiência de envelhecimento.

Tal visão é notada em falas de Dona Dalva, que também se mostra satisfeita em relação à sua estética corporal, o que acaba por incidir diretamente, também, sobre sua vida conjugal e sexual. Indaguei a Dona Dalva, que me deu fácil abertura nesse sentido, como era sua vida sexual e em quê, exatamente, a atividade física influenciava em sua relação com o marido:

“Penso que uma coisa vai puxando a outra. Eu venho à academia, me sinto melhor, estou melhor de corpo, bem comigo mesma. Assim, se me sinto mais bonita, penso que ele também vai achar, não é? E... como posso dizer... Me sinto mais disposta também. (Disposta pra quê, exatamente, Dona Dalva?) Sim, para namorar. Porque a gente envelhece, mas não pode deixar a chama se apagar. Há pouco tempo, minha filha que é médica, me indicou fazer reposição hormonal. E, desde que comecei, o efeito foi tão bom em mim, que melhorou tudo no meu casamento. Parece até que gosto mais do meu marido! (risos) (E ele, toma alguma medicação com esse objetivo também?) Ele não toma não. Não pode, porque tem problema cardíaco. Mas a gente vai indo, assim. Eu tomo meus hormônios, fico muito bem e nossa vida vai andando muito boa.” (Dona Dalva, 68 anos)

A caracterização da experiência de envelhecimento como marcada pela possibilidade de melhorar seu corpo, sentir-se bem consigo mesma, mais bonita, surge na fala de Dona Dalva, visivelmente através de seu “estar-no-mundo”. Para ela, “uma coisa vai puxando a outra”. E, a partir daí, também, a possibilidade dessa incorporação ser utilizada como ferramenta de impor seu desejo pelo marido e, ao mesmo tempo, despertar o desejo masculino. Caracteriza-se, dessa forma, uma outra técnica corporal, também relacionada à experiência do envelhecimento, que faz parte da vida de algumas das mulheres com quem conversei – a reposição hormonal, que tem relação direta com a sexualidade dessas mulheres idosas.

2.5 Experiências de sexualidade no envelhecimento

A sexualidade é tomada aqui, então, como produto humano, assim como o são as dietas, as formas de trabalho, as diversões, os demais investimentos sobre o corpo (RUBIN, 1989). Então, convém destacar a importância de colocarmos tal questão, aqui, como mais um marcador de diferença que, articulado aos outros já mencionados, poderá nos auxiliar na compreensão das materializações performativas das corporalidades das idosas pesquisadas. Como qualquer outro marcador de diferença, então, a sexualidade aparece aqui como qualidade das relações sociais e, por isso, maleável (GIDDENS, 1993). É nesse sentido que pretendo abordá-la, aqui, como potencial, também, de mulheres idosas. Essa maleabilidade pode ser potencializada, ou ainda, pode fazer-se possível, como veremos, através da utilização por essas mulheres, da reposição hormonal. Hoje, através de possibilidades de ressignificação do envelhecimento, percebe-se que é possível falarmos em sexualidade como parte das experiências de envelhecimento²⁹.

Advinda do saber médico, a reposição hormonal incide diretamente na sexualidade dessas mulheres, com o principal objetivo de uma maximização do desejo sexual, da performance e do prazer, proporcionando maior plenitude de sua vida sexual. A questão do desempenho sexual, hoje, pode ser colocada como mais ideal de saúde e bem estar e a farmacologia, colocada atualmente no centro das terapêuticas sexuais, “re-medicalizando” a sexualidade (RUSSO, 2008) entra em cena para a materialização desses desejos.

Apontei na introdução do trabalho, a dificuldade que tive em abordar esse assunto com algumas mulheres. Dona Ana foi uma das mulheres com quem não consegui me aprofundar muito nessa questão. Ela, como pude perceber, ao longo do curso da vida, se “trancou” para possibilidades de experiências no campo sexual. Quando perguntei a ela se nunca havia se casado e por quê, pensei que essa poderia ser uma boa porta de entrada para tocar nessa questão. Sua resposta:

“Ora, nunca me casei porque nunca calhou. (Mas teve namorados?) Tive um namorado só, quando ainda era jovem e morava em Salvador. Era um rapaz que estudava engenharia. Eu era muito novinha, estava no colégio ainda. Tinha muito medo, era muito ingênua pras coisas, achava tudo complicado. Quando

²⁹ Não quero, aqui, dar a entender que a sexualidade na velhice só é possível através da utilização de medicamentos e técnicas de reposição hormonal. Mas evidenciar tal técnica, e o discurso sobre ela, como uma possibilidade de prolongamento de uma vida sexual ativa na velhice.

ele quis me beijar, achei mais fácil terminar o namoro! (risos)” (Dona Ana, 85 anos)

Na verdade, Dona Ana já havia feito, tanto durante a entrevista, como em outras conversas informais nossas, diversas comparações entre o “seu tempo” e o tempo de agora. Tais comparações sempre incidiam sobre questões relacionadas à sexualidade, à liberdade sexual em que vivemos hoje. Certo dia, fez a seguinte colocação: *“Graças a Deus que nunca me casei. Senão, correria o risco de ter uma filha. Eu não ia dar conta de cuidar e vigiar uma moça da forma como ela precisa ser vigiada. Ia ter um derrame, ou infarto de tanto nervoso que ia me dar.”* (Dona Ana, 85 anos)

É possível observar um tom muito conservador em sua fala e que, talvez, seja o motivo por ter passado uma vida inteira sem uma parceria afetiva. O “medo” que ela afirmou ter, provavelmente advindo de uma educação muito repressiva, fez com que ela preferisse se fechar para possibilidades de encontros. Assim, acabei tirando a conclusão que sua sexualidade ficou, durante uma vida inteira, reprimida.

Pude observar, no entanto, no espaço da academia de ginástica, que há algumas mulheres idosas que, além de irem até a academia com um intuito claro de embelezamento ou por motivos de saúde, estão também em busca de parcerias.

As conversas entre as mulheres durante as aulas me interessam muito, pois dizem bastante a respeito de quem elas são. Hoje, uma delas, que já me disse ser viúva, comentou com a colega que a aula de hidroginástica que é dada à noite é muito melhor, pois além do professor ser homem, há vários “brotos” na turma. A colega, que é divorciada, ficou visivelmente empolgada e afirmou que gosta é de broto mesmo e não desses “velhotes caindo aos pedaços” dessa turma. Ela disse que acha que eles nunca nem a viram, pois não devem nem estar enxergando mais. (Anotações do Diário de Campo, 02 de março de 2011)

Tal observação acerca do diálogo entre essas duas idosas nos levanta algumas questões: a primeira diz respeito à intenção das mesmas em relação à academia ir além dos propósitos da prática de atividades físicas. A academia de ginástica, nesse sentido, se configura também como um espaço onde o desejo de conquista se realiza, pois há a clara intenção de “paquera” e de busca por parcerias. Um outro apontamento que se faz relevante a partir desse diálogo, tem relação com a forma pela qual elas se referem aos homens da mesma faixa etária em que elas se encontram. As expressões “velhote” e “caindo aos pedaços” trazem conotações notadamente pejorativas e depreciativas desses indivíduos. Torna-se clara a auto-percepção dessas mulheres de que não se sentem velhas e, além disso, na procura por parcerias, notadamente, seus desejos são

direcionados a pessoas mais jovens do que elas. Velho, nesse caso, então, seria somente o outro, do sexo masculino, assim como seus colegas de hidroginástica.

As idosas de hoje receberam sua educação sob um código muito rígido de sexualidade: acerca do que é próprio ou não, do que é permitido ou proibido, danoso ou insultuoso. Dessa forma, submeteram-se a regras de sexualidade claras, ou implícitas, em relação aos padrões sexuais indesejáveis, seja entre camadas sociais, raças, ou ainda faixas etárias (NEGREIROS, 2004). Nesse caso, o que seria “admitido” era o contato de homens mais velhos com mulheres mais jovens. Mas, sabemos também, que a emancipação feminina, com sua inserção no mercado de trabalho, por exemplo, trouxe diversas repercussões nas relações homem-mulher. Assim, apesar de não ser possível afirmar que houve uma total substituição dos modelos antigos por novos, há visivelmente uma tendência de preferência, por parte de algumas mulheres, pela parceria com pessoas mais jovens.

Dissemos que essas mulheres foram educadas em época de rigor em relação aos padrões sexuais aceitáveis. E que, por isso, o mais “comum” em relação às suas posturas seria justamente a continuidade desse rigor com que foram educadas. No entanto, há claros exemplos de fuga a esses estereótipos. Algumas mulheres mais velhas vêm se relacionando com pessoas mais jovens, há uma inserção cada vez maior, num mundo então considerado, em suas juventudes, como exclusivamente masculino, por exemplo, com a entrada tardia em universidades ou no mercado de trabalho, como já observamos em algumas de nossas interlocutoras. E, nesse contexto, a sexualidade passa a ser um investimento que foge ao ambiente doméstico, ou privado, podendo ser experienciado, também em outros lugares, como a academia de ginástica.

A título de comparação pode ser interessante relatar a postura de Dona Dalva, na academia de ginástica. Sabia que seu marido era um colega de turma, mas um dia, estávamos numa de minhas primeiras aulas de hidroginástica e perguntei a ela qual era o seu marido, pois fazia confusão com a fisionomia dos homens da turma. E ela me respondeu que o dela era o homem mais bonito da piscina, demonstrando satisfação por tê-lo como companheiro, de mesma idade que ela.

Se observarmos um trecho da fala de Dona Marlene, no entanto, podemos notar uma relação conjugal um pouco distinta. Isso foi notado, vale dizer, somente a partir de sua fala, pois não consegui entrevistar seu marido. Na verdade, Dona Marlene me solicitou que deixasse-o sem dar entrevista, pois não iria comentar com ele a respeito de

nossa conversa. O motivo de sua solicitação deve-se ao fato de ele apoiá-la muito pouco em suas atividades extra-familiares, segundo ela.

“Meu marido não sai de casa pra quase nada. Ele é doente e isso me prende um pouco. Não dirijo mais, porque eu acho que na minha idade não é aconselhável dirigir numa cidade cheia de motos como essa. Então não dirijo, somente fico mentalizando, desejando... (Seu marido é doente?) Não, é uma doença assim, interna. Porque ele é bonitão, francês, chique. Mas, por dentro... Ele tem uma veia dessa grossura, pronta pra arrebentar. Pronta pra arrebentar. Tem 82, é bonitão, francês. Mas não sai de ônibus não, e nem de carro também não, nem de carro. Só a pé. É só banco, banco, a gente mora perto do banco. Então, hoje em dia é isso. E ele, como fica em casa, dá aula particular de francês.” (Dona Marlene, 77 anos)

O fato de caracterizar o marido como um francês bonitão diz respeito ao desejo de Dona Marlene em relação a ele, no entanto, o fato de ser doente, confinar-se aos domínios de sua casa e, por isso, ser inativo, gera frustração. Dona Leila, divorciada, também relatou ter preferência por homens mais jovens e fazer, há alguns anos, reposição hormonal:

“Eu era uma mulher muito nervosa. Com tudo. Qualquer coisa me tirava do sério. Com a menopausa, a qualidade de vida da gente cai muito. Eu não imaginava que sentiria tanto. Então, a reposição hormonal foi uma salvação pra mim! Tem uns 5 anos que comecei a tomar e, nos primeiros meses, já senti uma melhora muito grande. Meu humor mudou, fiquei mais feliz, tenho uma pele mais bonita e, já que faço atividades aqui na academia, meu corpo também está muito bem. Por isso, eu não quero namorado velho. Eles são muito cheios de mania, não tem disposição pra fazer as coisas, passear, ir pra barzinho. Eu adoro me relacionar com as pessoas, conhecer gente nova... Mas, pra namorar, prefiro homem novo. Eu tenho 70, mas sei que não aparento ter essa idade. Me sinto muito mais nova. Então, os homens que geralmente eu agrado, são aqueles na faixa dos 50 e tanto, 60 anos.” (Dona Leila, 70 anos)

Percebi, em sua fala, uma visão de que o envelhecimento não se torna empecilho para novas possibilidades de relacionamento afetivo e o fato de a reposição hormonal aparecer como ferramenta de manutenção de uma vivacidade sexual. A reposição hormonal, a prática constante de atividades físicas, aplicações de botox que ela relatou fazer constantemente, a manutenção de uma vida social ativa, com frequência a bares, por exemplo, são experiências de envelhecimento agenciadas por Dona Leila e que possibilitam ressignificar uma ideia de velhice. Para ela, a idade cronológica é algo que não tem tanta importância, já que seu estilo de vida permite com que se sinta nova. Daí,

também, se identificar com pessoas mais novas para parcerias afetivas. Quando questionei a ela, o que significava envelhecer, ela me respondeu:

“Envelhecer, pra mim, é estar livre. Hoje, me sinto mais livre do que nunca. Não tenho que dar satisfação da minha vida a ninguém, me aposentei, não tenho que me preocupar com o mês que vou poder tirar férias, viajo quando quero e quando junto dinheiro pra viajar, não tenho mais grandes preocupações com o que preciso fazer. Estou mais leve. Nem as ansiedades que tinha antes, eu tenho mais.” (Dona Leila, 70 anos)

A experiência de envelhecimento trouxe à Dona Leila autonomia em relação à sua vida, suas tarefas cotidianas e seus lazeres. Sua vida, hoje, segundo seu discurso, ficou mais facilitada. A aposentadoria (ausência de trabalho diário) e a ausência de um marido, ou de uma pessoa a quem deva satisfações são responsáveis por uma vida mais “leve”, sem as ansiedades do tempo em que tinha trabalho e marido.

Outras mulheres que pesquisei relataram um pouco a respeito dessa liberdade adquirida com o envelhecimento: *“Quando eu era nova, me achava muito magrinha. Me incomodou demais a magreza. Me chamavam de apelidos, aí eu ficava chateada. Hoje, isso não me preocupa não. Pra minha idade, penso que está bom.”* (Dona Yara, 67 anos) Segundo Dona Stela e Dona Maria:

“Eu, quando faço um balanço, penso que hoje sou muito mais livre do que antes. Primeiro porque quando era moça, meus pais prendiam muito. Eu sempre tive horário pra tudo. Meu pai toda vida foi muito rigoroso comigo e minhas irmãs. Aí, eu casei, tive três filhos – 2 homens e uma moça. Como não trabalhava, vivia pra eles. O tempo todo meu sempre foi pra casa e pros filhos. Agora, que eles saíram de casa e estamos só eu e meu marido, é que eu sinto que posso ter tempo pra mim. Então, vou me cuidar, fazer coisas no horário que eu quero. Tenho uma boa ajudante em casa, então fico tranquila. Vou pra academia, faço minhas coisas no meu tempo. Antes, eu estava sempre atrasada, correndo. Agora, eu tenho meu ritmo e decidi que é nesse ritmo meu que eu vou. Não tenho compromisso com nada, só com a minha vida.” (Dona Stela, 68 anos)

“Hoje em dia, eu posso pensar mais em mim. Quer dizer, pensar em mim sem me sentir culpada. Porque quando a gente tem filha pequena, ou adolescente, a gente tá sempre achando que filho tem que vir antes. Então, abre mão de tudo, né? Hoje, eu moro sozinha. Minha filha vem muito aqui. Mas, me separei do pai dela, há muitos anos isso, e depois ela casou, aí fiquei sozinha. Então, viver sozinha, pra mim, não é problema. Eu fico muito bem, tenho sentido uma grande liberdade. Eu faço minhas coisas no meu tempo. Tenho uma aposentadoria até legal. Eu trabalhei pro Estado a vida toda. Sempre tive que correr atrás, então agora, sobra tempo... Então é isso. Você há pouco me perguntou sobre velhice, pra mim, se ficar velha é isso aí, tá muito bom. Não

digo nem velhice não. É uma fase da minha vida, uma fase diferente, que estou sentindo muita liberdade. ” (Dona Maria, 68 anos)

O discurso delas voltado para a liberdade traz a ideia de que as experiências de envelhecimento dessas mulheres de classe média, que detêm de recursos financeiros para o seu sustento, não são penosas. Inclusive, a liberdade ligada à ideia de morar sozinha, ou não estar casada, é um fato a ser destacado. Isso porque tal questão pode desmistificar um pouco uma associação, muitas vezes feitas, de que uma mulher idosa, solteira, deveria sentir solidão e, por isso, não ser feliz. O que algumas delas mostram é justamente o contrário.

Notamos em Dona Maria que, apesar de ter se auto-denominado, num primeiro momento da entrevista, conforme já relatado, como velha, já que a lei determina tal atribuição pela idade cronológica, aqui, ela relativiza essa questão. A valorização do desejo pela liberdade e pela própria autonomia advindas de sua aposentadoria e do fato de ficar sozinha, fazem-na pensar em sua experiência de envelhecimento como positiva, em seu curso de vida. Num outro ponto, também, elas dão a clara impressão de terem passado uma vida se sacrificando, ou com as tarefas domésticas e cuidados familiares, ou com a administração de trabalho, vida pessoal e cuidados com os filhos. Agora, tendo atingido um momento em que os filhos não demandam mais cuidados e elas, por sua vez, não têm mais tantos afazeres ou preocupações domésticas, ganham uma liberdade nunca antes vivenciada. Da mesma forma, as preocupações e angústias com o corpo, conforme nos apontam Dona Leila e Dona Yara, podem ser minimizadas. Isso porque o sentir-se bem com o seu corpo, nesse caso, pode estar relacionado à ideia geracional. Se tais mulheres são idosas, não têm mais a necessidade de alcançar a perfeição corporal, ou seguir à risca os padrões hegemônicos ditados pela sociedade.

A experiência do envelhecimento é marcada, aqui, como uma oportunidade de tempo para si, sob uma visão mais positiva do que negativa. Na verdade, a palavra “velha” é algo pouco usado por elas para se auto-definir, algo do qual elas buscam se distanciar, por não terem esse sentimento de estarem passando por experiências negativas.

Além disso, outro apontamento que se faz relevante nesse sentido é a indagação acerca da significação sobre a beleza que essas mulheres têm. Será que se consideram belas hoje? Pudemos observar, num discurso anterior, de Dona Marlene, que ela se sente uma mulher bonita. Segundo ela, “*bacana*” e “*atraente*”. Em diversos momentos,

algumas delas exaltam a capacidade de manterem-se belas com a idade que têm, deixam muito clara a vaidade que possuem, sempre frequentando a academia muito maquiadas, às oito horas da manhã. Não haveria aí uma necessidade de demarcar sua visibilidade social enquanto mulheres? Não se trata da afirmação de uma condição feminina? Mas o que seria essa condição feminina? Expresso através do corpo, como já vimos em Butler (2003), o feminino aparece, em sua performatividade, no sentido de que experiências e identidades se fazem expressar discursivamente. Se a questão do envelhecimento passa por escolhas individuais de vida e, como podemos notar, nesse grupo de mulheres há notadamente escolhas de vida diversas, há escolhas convergentes, que as fazem buscar uma mesma prática corporal e social e, assim, marcar seus corpos, ou expressar-se através deles de forma similar.

É certo que, ao trazermos a discussão de gênero aqui, podemos afirmar que há, de acordo com algumas pesquisas³⁰ um duplo padrão para o envelhecimento, segundo o qual homens mais velhos são valorizados pelas conquistas no plano social ou econômico, enquanto que a mulher mais velha, ainda é avaliada por sua aparência física. A perda de seus encantos, ou de sua “beleza natural” – o viço da pele, o brilho dos olhos, o contorno de seu corpo e rosto. Em uma sociedade que valoriza o belo e o jovem, o corpo feminino envelhecido não oferece atrativos.

Neste capítulo, foi abordada a heterogeneidade das experiências de envelhecimento das mulheres pesquisadas. Para compreendermos as formas pelas quais elas caracterizam a velhice, foi fundamental fazermos, de início, uma abordagem histórica sobre as experiências de envelhecimento velhice ao longo dos tempos nas diversas sociedades. Partindo para as análises e interpretações das falas das interlocutoras, fica clara a intencionalidade na busca por determinadas práticas que visam à satisfação de desejos os mais diversos. Tal intencionalidade, muitas vezes, se direciona a uma necessidade de seguir padrões hegemônicos de beleza, amplamente difundidos nas sociedades. E, nesse contexto, a academia de ginástica apareceu como importante lugar de performance, de processo de materialização de desejos, onde as experiências de envelhecimento são compartilhadas. Pudemos ter noção das intenções, do poder ilocucionário das performances empreendidas durante o processo de

³⁰ DEBERT (1997 e 2011), NEGREIROS (2004).

envelhecimento, que irão reverberar não apenas nas suas auto-percepções, mas na relação com o outro.

Daí a importância de buscar, então, no capítulo seguinte, conhecermos as relações estabelecidas em família, a fim de analisar de que forma essas mulheres são ali percebidas, tanto no que se refere a gênero, quanto às relações intergeracionais. Partindo do questionamento sobre o que é ser velha em família, a intenção, agora, é a de compreender essas caracterizações no ambiente familiar, para então buscarmos estabelecer relações com as experiências nas academias de ginástica.

CAPÍTULO 3 – O QUE É SER VELHA EM FAMÍLIA?

Nossos corpos são o teatro de auto-representações e de autoconstruções de ordem sexual, e a (re)construção de sua própria aparência é o reflexo das características de uma cultura e de uma história específicas a cada indivíduo, pois toda a diferença de identidade oferece uma superfície visível ao olhar social.

Stéphane Malysse, in: *Nu & Vestido*

Neste capítulo, pretendo fazer uma abordagem acerca daquilo que é percebido nas experiências de envelhecimento das mulheres pesquisadas, a partir de análises também das falas de seus familiares, o que poderá nos fornecer caminhos para pensarmos a respeito do mundo que cerca essas mulheres, através de experiências pessoais, que constituem suas subjetividades e corporalidades. Além disso, pode ser possível pensarmos nas maneiras como as relações familiares podem influenciar suas materializações corporais.

As experiências de envelhecimento se constituem através de relações intersubjetivas e, consideramos, aqui, a família como um importante núcleo social vivenciado por essas mulheres. Partindo então da noção de um “estar-no-mundo”, interessa-nos, nesse momento, analisar em que medida as performatividades materializadas em seus corpos são parte dessa vivência em família – entre gerações e entre gêneros. A heterogeneidade e fragmentação das experiências de envelhecimento podem tornar-se mais claras a partir dessas análises aqui propostas. Isso poderá possibilitar termos uma compreensão mais ampla acerca não só daquilo que envolve essas experiências e a forma como caracterizam a velhice, mas fundamentalmente a maneira como suas experiências pessoais e as percepções dos familiares contribuem para a construção e reconstrução de suas subjetividades e corpos.

3.1 Vivenciando as experiências homem-mulher

Falamos, logo no início, que estamos passando por uma espécie de feminização do envelhecimento, em função do caráter diferenciado que o curso da vida se dá em homens e mulheres. Enquanto mulheres enfatizam a autonomia e a liberdade como valores importantes alcançados na velhice, para os homens, a lucidez para adquirir conhecimento acerca da realidade social e política é um aspecto relevante para suas velhices (DEBERT, 1997). A heterogeneidade das experiências de envelhecimento e a

performatividade das materializações corporais colocam em análise, também, as relações intergeracionais e de gênero.

A família é onde, primeiramente, ocorre o intercâmbio entre as gerações. Intercâmbio que passa, constantemente, por relações de poder entre esses indivíduos. Além das relações intergeracionais, no entanto, é fundamental, nas relações familiares, que abordemos questões relacionadas ao gênero – papéis assumidos pela mulher e pelo homem, questões relativas à divisão do trabalho, aspectos que organizam internamente as famílias. Falar em gênero significa abordarmos uma categoria que se refere à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1990). Tais observações serão relevantes para o conhecimento sobre as experiências do envelhecimento em família.

Homens e mulheres idosos/as diferem-se quanto a atitudes, práticas, representações, pois as relações de gênero, assim como outros marcadores sociais de diferença (classe, raça ou etnia, por exemplo) têm resultado em experiências e trajetórias sociais de vida diversas para eles e para elas. Às mulheres, houve uma prescrição tradicional de domesticidade, dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, maior repressão, tanto social como sexual, desigualdades em condições de trabalho em relação aos homens, aparente negação de interesse em relação à política, apropriação social de seu corpo, controle familiar, medicalização da capacidade de reprodução (BRITTO DA MOTTA, 1999). Nesse sentido, o que se esperava de uma dita feminilidade, geralmente, esteve relacionado a conformismo, obediência. Conforme nos aponta a autora, tal padrão tende a mudar e, no entanto, pode ter regido de alguma forma a vida das mulheres que hoje se encontram idosas. Assim como ao homem, ao longo dos tempos, como afirmação de uma masculinidade, estiveram associadas ideias de uma variada parceria sexual, dominação da esposa e dos filhos, dever de ser o único provedor da família, expectativa por receber as tarefas domésticas das mulheres. Tal visão, de certo modo, ainda persiste para alguns homens da mesma geração (BRITTO DA MOTTA, 1999).

“Em casa é assim: Dalva não faz nada, nada, se eu não estou pra ajudar. Não sabe mudar o canal da televisão, não sabe ligar o DVD! Até pra cozinhar ela anda precisando da minha ajuda. Antes, fazia tudo sozinha, eu tinha vida de rei aqui. Me servia... Eu chegava do trabalho, então estava cansado, queria descanso, né? Hoje, que eu aposentei e fico aqui o dia todo, se resolve cozinhar eu tenho que estar lá do lado, ajudando. Eu é que tenho que lavar a louça. As tarefas de mulher eu tenho assumido muito. Não gosto não. Faço porque ela fica se queixando se eu não fizer. Então eu faço. (E quais são as tarefas de mulher?) As que ela sempre fez: cuidar de filho, cozinha, compra de

supermercado, ordenar a empregada, tem também o negócio de roupa, colocar pra lavar, essas coisas... (E agora que o senhor assumiu e tem ajudado, como ela tem se sentido em relação a isso?) Sabe o mais engraçado? Ela sempre deu conta de fazer tudo. E olha que tudo era muito mais do que hoje, porque tinha cinco filhos em casa. Fazia achando bom, nunca precisou de minha ajuda. Agora, pra tudo eu tenho que estar junto. A gente vai à academia juntos, você sabe, está lá com a gente. Então é um momento de relaxar e, em casa, é uma coisarada pra arrumar. Eu acho que não tava era habituado a isso. Sempre fui muito ausente dessas coisas. (O senhor pensa que hoje ela pede mais sua ajuda por estar velha, se sentindo cansada? Qual seria o motivo?) Ih... Se eu disser que ela tá velha, ela me mata! Está mais cansadinha a minha mulherzinha sim. Eu sei disso. Mas eu é que não estou muito acostumado a ficar fazendo essas coisas de casa. Não gosto muito não. É igual eu te falei: eu não gosto, mas faço pra não ficar criando caso...” (Sr. José, 78 anos, marido de Dona Dalva)

O discurso do Sr. José demonstra uma diferenciação proveniente das relações de gênero (e as relações de poder inerentes a elas), possível de ser notada, principalmente no que diz respeito aos reflexos de uma sociedade essencialmente patriarcal vivenciada por esse casal. O que, há pouco, falamos em relação às expectativas de uma feminilidade e de uma dita masculinidade, de certa forma, aparecem na fala desse senhor, que se mostra visivelmente insatisfeito pelo fato de, após sua aposentadoria, ter então o dever de assumir certas tarefas domésticas, que considera femininas. Posso dizer que a partir dessa fala, notamos como parte da experiência do envelhecimento de Dona Dalva, o compartilhar não só de afetos com seu marido, mas envolve a gestão de uma vida conjugal, agora, voltada também para uma divisão de tarefas em casa.

“Minha vida agora está mais folgada. Eu me assustei um pouco quando meu marido aposentou, porque não estava acostumada com ele aqui o tempo todo. Achei que ele ia me enlouquecer. Porque os filhos todos já saíram de casa, então era só eu aqui, livre, fazendo tudo do meu jeito. Agora, com o tempo, fui me acostumando com a presença dele o tempo todo aqui dentro de casa e ele acaba me ajudando com algumas coisas. Se não ajudar, ele vai fazer o quê? Igual aquela música, daquele cantor que morreu: ‘ficar sentado, com a boca cheia de dentes, esperando a morte chegar...’ (risos) Então, boto ele pra fazer coisa, senão ele vai ficar com a cabeça ruim de não fazer nada. E é bom que me ajuda também. Foi um jeito que arrumei também pra gente conseguir conviver aqui dentro. Porque não é fácil.” (Dona Dalva, 78 anos)

A diferenciação entre os discursos de marido e mulher, a respeito do mesmo assunto é interessante para que possamos discutir as possíveis diferenças entre as caracterizações do envelhecimento, de acordo com a questão do gênero. E, nessa fala, o que é ser velha em casa é muito diferente do que é ser velha no ambiente da academia de ginástica, por exemplo. Se em casa o foco é nas tarefas domésticas, na administração

de um espaço comum aos dois, na academia, Dona Dalva tem a oportunidade de experienciar o cuidado de si. Uma coisa é clara para os dois: a saída do homem do espaço público destinado ao trabalho e sua inserção, em tempo integral, no espaço privado do lar, destinado à família e às tarefas domésticas causa desconforto a ambos. Entretanto, as tarefas domésticas e, portanto, femininas, que para o marido causam certo aborrecimento, para a esposa, a partir do momento em que se passa a dividi-las no ambiente doméstico, constituem uma forma de mantê-lo ativo (e por isso ela pensa estar fazendo um bem a ele) e, ao mesmo tempo, de poder dedicar uma parte de seu dia para ajudá-la.

Dessa forma, a divisão de tarefas no ambiente doméstico, hoje, configura-se como constituinte da experiência de envelhecimento de Dona Dalva. Através dessa divisão, pode conviver melhor com o marido e conseguir mais tempo para outras tarefas, que fogem do âmbito doméstico também. O incômodo de ter um marido aposentado em casa (BEAUVOIR, 1970) aparece marcado em sua fala, ao evidenciar que trata-se de uma maneira de mantê-lo ocupado com alguma atividade. Interessante notar que a questão da liberdade, já apontada anteriormente, aparece também no discurso de Dona Dalva, ao falar sobre a época em que ficava sozinha em casa durante o dia. Os filhos casaram-se e saíram de casa, quando o marido ainda tinha vida profissional ativa. Essa foi a época à qual associou a ideia de liberdade. Mais uma vez, então, notamos que a liberdade aparece ligada à ideia de estar só. No entanto, tal liberdade está relacionada, nesse caso, às suas atividades no espaço doméstico (*“era só eu aqui, livre, fazendo tudo do meu jeito”*). Sua autonomia para realizar os afazeres em casa a seu modo é que configuram tal noção de liberdade.

As relações conjugais dessas mulheres diferem-se muito e isso, sem dúvida, reflete em suas subjetividades e nas construções identitárias. E, ao mesmo tempo em que possuem pequenos conflitos de ordem doméstica, Dona Dalva e seu marido constituem um casal visivelmente feliz, que mantém sua sexualidade ativa, conforme já relatado no capítulo anterior. Dona Dalva, a partir de suas experiências também em família, mantém boa auto-estima, o que provavelmente, contribui para torná-la mais bela também aos olhos do marido:

“Dalva é uma mulher muito bonita sim. Você vê que é raro a gente encontrar uma senhora da idade dela, que consegue manter a beleza física assim da forma como ela mostra. E ela mantém também uma coisa jovem, é animada, divertida, eu encho o saco dela e ela não está nem aí. Ela é jovem no jeito de

ser mesmo, porque temos a mesma idade, mas acho que ela está mais jovem. (E por que?) Porque... Eu penso que isso é dela mesmo. Eu trabalhei demais, me estressei mais, eu penso. Ela ficou mais leve. A gente está juntos há mais de quarenta anos. Nunca brigamos. E acho que ela é quem é responsável por isso, essa harmonia. Somos também muito tradicionais, então aquela ideia de casamento monogâmico, coisa da nossa época, né? Isso hoje é raro... Mas a gente conseguiu seguir a vida respeitando muito um ao outro. E sou muito satisfeito, porque tenho uma mulher muito completa em casa. (Completa, como?) Bonita, legal, engraçada, ela me distrai muito com as conversas dela. Ela é divertida. É trabalhadeira, aqui em casa, cuida de tudo direito, nossos filhos também tiveram uma boa condução. Isso tudo é dela.” (Sr. José, 78 anos, marido de Dona Dalva)

Mais uma vez, sua fala aparece com resquícios de uma sociedade que valoriza mais o “trabalho masculino”, ou seja, aquele desenvolvido fora do ambiente doméstico; no entanto, reconhece que o trabalho desenvolvido por Dona Dalva, no lar, foi muito bem conduzido. E, dessa forma, a divisão: marido/trabalho fora e esposa/do lar foi estabelecida pelo casal, ao longo da experiência em família, de maneira adequada, segundo ele. Ao justificar-se como mais velho na relação, ele aponta o fato de ter trabalhado fora e, por isso, ter provavelmente se estressado mais, como possível motivo para isso. Percebe em Dona Dalva uma beleza rara de ser vista em outras mulheres de mesma idade e, ao mesmo tempo, a postura de vida empreendida por ela – animada, divertida, engraçada – torna-a uma pessoa interessante e uma companheira agradável. Sua caracterização a respeito da mulher diz de uma experiência de velhice marcada pela percepção da beleza do/a outro/a.

Em relação às experiências conjugais, uma outra situação, envolvendo Dona Ângela, me pareceu interessante:

Perguntei à Dona Ângela (77 anos) se ela iria viajar no feriado da Semana Santa e a mesma disse, rindo: “Vou sim. Da pia pro fogão e do fogão pra pia. Tem um filho meu que diz que mulher nova serve pra cama, mesa e banho. Mulher velha pra pia, fogão e tanque. Meu marido foi quem ensinou isso a ele. Eu já to nessa fase – pia, fogão e tanque. Em casa é assim: ninguém lava um copo”. Perguntei a ela por que e ela simplesmente respondeu: “Porque estou lá, ué! Ainda bem que venho pra cá três vezes na semana. É hora de cuidar de mim e me desligar da casa, sabe?” (Anotações do Diário de Campo, 18 de abril de 2011).

O trecho acima nos aponta para uma série de questões, levando-nos a problematizar, mais uma vez, as relações familiares e suas influências na gestão da velhice dessas mulheres. A fala de Dona Ângela, casada e com dois filhos, também evidencia o que poderíamos chamar de resquícios de uma ordem patriarcal, tão forte na

época de suas juventudes e casamento. Quando ela afirma já estar na fase de “*pia, fogão e tanque*”, demonstra certa conformação com uma condição que lhe é imposta em casa. No entanto, ao dizer “*ainda bem que venho pra cá três vezes na semana*”³¹, fica clara a sua vontade de ter mais tempo e liberdade para cuidar de si, o que demonstra um conflito entre o estar no ambiente doméstico, privado e em atividades de socialização, na esfera pública. Essas duas esferas, para ela, notadamente, assumem significados opostos em sua experiência de envelhecimento – a casa é para cuidar da família, fora de casa, como na academia de ginástica, ela cuida de si. E seu discurso em relação ao corpo assume tanto uma conotação de saúde, como de busca pela beleza.

Em outro momento: “*Beleza, hoje, pra mim, continua tendo a mesma importância que sempre teve. Então, sempre fui atrás de me cuidar. Quem diz que com a idade a gente entrega os pontos, tá falando uma grande besteira!*” (Dona Ângela, 67 anos) Assim, diferentemente de algumas falas já apontadas, em que algumas mulheres demonstraram uma necessidade de adequação de suas exigências de beleza ao envelhecimento, Dona Ângela evidencia uma necessidade continuar mantendo as mesmas preocupações em relação à estética, que tinha em sua juventude, daí a importância da academia de ginástica em sua vida. O uso da expressão “entregar os pontos com a idade”, que remonta à ideia de inatividade, como forma de marcar aquilo que ela, justamente, não quer para si. Deseja manter-se ativa, por isso, frequenta a academia de ginástica, conseguindo então distanciar-se daquilo que caracteriza como velha.

Dessa forma, as técnicas corporais aparecem, em sua vida, como altamente significativas e as diversas significações por ela atribuídas a essas práticas desenvolvidas no espaço da academia, giram em torno do seguinte: primeiramente, as caracteriza como um momento de fuga das atividades domésticas e, por que não, das profissionais também, um momento voltado para o cuidado de si mesma (muito atrelado aí, a um bem estar não só físico, mas também psíquico). Além disso, há uma significação quase medicinal, voltada para a cura da dor nos ombros, advinda de seu trabalho como costureira. E, em relação ao embelezamento de seu corpo, exercita-se para a manutenção de uma aparência física que lhe satisfaça. Podemos notar, no entanto, em relação ao ambiente doméstico, como é conformada com a sua condição de “ser mulher e idosa” em sua família – aquela que se responsabiliza integralmente pelas

³¹ Referindo-se às atividades na academia de ginástica.

tarefas em casa, como mãe e esposa dedicadas. Ainda, acrescenta o fato de conciliar todas essas atividades com sua vida profissional.

“Minha mulher é nota 10! Sempre me ajudou, costurando pra fora, faz tudo aqui dentro de casa, nunca vi ela reclamar de nada. Só de uns tempos pra cá que queixa muito de dor nos ombros. O médico falou que pode ser por causa da postura dela na mesa de costura, o jeito que ficou lá a vida toda... Então, a gente vive bem. (Além dessas coisas, como o senhor a vê? – pergunto, mostrando sua foto) Ela é, aos meus olhos, uma mulher bonita, atraente, com quem me dou muito bem. (O senhor a acha velha?) De forma alguma! Tá novinha em folha! (risos) Se está velha, eu to gagá então. Porque tá na cara que ela tá melhor que eu, né? (risos) Brincadeira, também estou bem, eu acho. Assim como ela! Formamos um casal bonito. E quando quis procurar um emprego, então, aí eu fiquei muito orgulhoso! Achei que ela ia querer fazer faculdade, essas coisas, mas quis fazer cursinho pra penteado, maquilagem... E arrumou emprego rápido! O melhor foi isso! Não demorou procurando não.”
(Sr. João, 70 anos, marido de Dona Ângela)

Os discursos dos maridos, normalmente, quando falam em satisfação conjugal, estão muito voltados para o cumprimento daquelas tarefas que espera-se de uma mulher de sua geração. Nesse sentido, assim como os outros, o marido de Dona Ângela não a considera velha, pelo fato de conseguir, ainda, cumprir com seus afazeres domésticos, sem reclamar e, ao mesmo tempo, manter-se em boa forma física. Dessa forma, a felicidade conjugal, na percepção masculina, estaria relacionada a esses aspectos. Nesse caso, além disso, soma-se o fato de Dona Ângela ter auxiliado o marido no provimento financeiro da família. As tarefas ditas femininas, direcionadas ao lar, somadas ao fato de assumir um trabalho que, mesmo sendo realizado no ambiente de sua casa, rendia frutos financeiros, fazem com que, aos olhos do marido, Dona Ângela seja melhor ainda. Vale ressaltar o fato de a costura ser uma atividade muito comum às mulheres dessa geração. Quase todas as senhoras com quem convivi costuravam, ou faziam tricô, crochê, ou bordados. O auxílio na renda da família, proveniente do trabalho de Dona Ângela sempre veio de uma tarefa considerada, durante muito tempo, como essencialmente feminina.

O ponto interessante do discurso de seu marido está relacionado, justamente, ao fato de respeitar muito as escolhas e decisões de sua esposa. É possível notar que Dona Ângela tem total autonomia para decidir sobre sua vida. Ao dizer: *“quando quis procurar um emprego”, “Achei que ela ia querer fazer faculdade”, “E arrumou emprego rápido”,* ele demonstra que quem fez as escolhas e conseguiu realizar esses projetos foi ela, por vontade própria. Ao contrário do que vimos em outras situações,

com outras mulheres pesquisadas, há aqui uma abertura por parte do marido em relação às tarefas cotidianas e à vida da mulher. Assim, apesar de fazerem parte de uma mesma geração, esses homens e mulheres não necessariamente, como estamos vendo, compartilham os mesmos valores. Isso se deve, sem dúvida, a experiências de vida muito diversas e que refletem na constituição de diferentes subjetividades.

Dona Augusta, assim como outras mulheres já apresentaram em suas falas, vivencia seu envelhecimento com grande liberdade e evidencia tal fato, mesmo após a inserção do marido aposentado em casa, o que não gera transtorno algum de convivência. Muito pelo contrário, os dois parecem manter uma rotina muito sistematizada, de comum acordo, respeitando as tarefas um do outro. O que me interessou, nesse caso, foi uma experiência de envelhecimento marcada por uma presença maior da mulher no espaço público, realizando uma série de atividades sociais, enquanto que o homem fica mais restrito ao ambiente privado do lar, executando tarefas domésticas (tradicionalmente femininas):

“Eu fiz curso de culinária há uns 20 anos atrás. Gosto muito de cozinhar, inventar uns pratos diferentes. Faço tudo com muito cuidado, porque Augusta tem pressão alta, então tem que ser tudo com muito pouco sal. Se a gente fosse sair todo dia pra comer em comida a quilo, não ia ser saudável pra ela, eu acho. E fica caro também. Então, eu faço tudo do jeito que ela pode, do jeito que ela gosta. Nossa vida é muito saudável. Muita salada, azeite, pouco tempero, carne branca, essas coisas. E, geralmente, final de semana, os filhos se juntam aqui, eu faço comida, vem os netos, alegram a casa. Fica um movimento bom! A família é grande, então qualquer reuniãozinha nossa é uma festa!” (Sr. Antônio, 71 anos, marido de Dona Augusta)

Seu marido demonstra um enorme cuidado e apreço em executar aquilo que se propôs a fazer no lar – cozinhar diariamente e, especialmente, aos fins de semana. Tal tarefa se configura numa ferramenta, também, de poder manter a família unida e, assim, passarem uma velhice mais próxima dos filhos/as e netos/as. Trata-se de um casal diferente dos demais, no sentido de não compartilharem dos ideais patriarcais com os quais conviveram durante suas infâncias ou juventudes. Tal arranjo familiar proporciona a Dona Augusta, conforme seu relato citado no início do trabalho, uma maior autonomia para a gestão de seu envelhecimento, dentro e fora de sua casa, demonstrando liberdade e muita facilidade na administração cotidiana de sua rotina. Essa liberdade, ao mesmo tempo, é valorizada também pelo seu marido: *“A gente faz assim, eu acho bom também porque aí ela vai pra academia, vai pro salão, cuida dela, fica bonita...”* (Sr. Antônio, 71 anos, marido de Dona Augusta) A percepção do Sr. Antônio diz respeito à

importância dada, também por ele, à academia de ginástica na vida de sua mulher. Tal fato está diretamente relacionado ao efeito produzido pela academia – o ficar bonita.

3.2 Vivenciando experiências entre gerações

Dona Marlene, no entanto, parece vivenciar em sua experiência de envelhecimento uma situação dúbia – enquanto que na academia de ginástica movimenta-se, tem autonomia para cuidar e investir sobre seu corpo, em casa, é percebida como uma mulher velha e que, por isso, deve conformar-se com sua condição de inatividade. Tal situação traz conflitos e fica evidente a dificuldade, para ela, de abrir mão de sua autonomia e de sua individualidade, enquanto que marido, filha e neta compartilham de uma expectativa de família, cuja ordem regente é patriarcal. Se o marido (chefe da família) não concorda com a vida social da esposa, em um ambiente público, sem sua presença, filha e neta também não deverão concordar. Conforme ela me relatou, apesar de desenvolver um trabalho espiritual para uma organização com sede no sul do país, ela o faz com imensa dificuldade, pois não tem apoio, nem do marido e nem da filha, que expõe o desejo de ter uma mãe mais quieta em casa:

“Minha mãe, agora que está com essa idade, quer fazer um monte de coisa que a gente sabe que não dá mais. Eu sou médica, eles moram comigo, então vejo o que acontece. Ela não pode entrar de cabeça num projeto agora. (Por que?) Porque é loucura! Meu pai tá com a vida muito limitada. Ele trabalhou a vida inteira pra sustentar a gente. Agora, recebe muito pouco de aposentadoria, dá umas aulas, mas é pouco também. Então, a gente mora juntos e eu que ajudo no sustento da casa e deles. Mas acho covardia ela ficar saindo e deixando ele, agora que está doente. Não sei... Pra mim, não parece que é certo. Eu vejo os outros casais da idade deles, e a mulher tá lá, quieta em casa, com o marido. (E você acha então que sua mãe deve fazer o mesmo?) Acho, porque ela está de idade já. (Você a considera velha?) Considero. Uma mulher de 77 anos está velha sim. É claro que eu vejo que ela tem disposição, vai à academia e isso é ótimo! Só que não concordo em querer sair à noite, por exemplo, pra ir assistir aula de astronomia. Eu fico falando pra ela que aqui em casa tem internet, ela sabe mexer, eu posso até ajudar, pra ela ficar pesquisando por aqui mesmo. Não precisa sair. Ele não gosta, então, vira uma polêmica em casa por causa disso. Ela estava indo ao curso, à noite, com um colega de lá. Quer dizer, meu pai doente em casa e ela saindo com um moço, à noite. Isso pra ele é muito ruim. Ele tava uma arara! (Então essa falta de apoio ao curso de astronomia dela tem a ver com ciúmes?) Sei lá se é ciúme dele, ou até meu, né? Pode ser, mas ele é muito machão, sempre foi. É formal, europeu. Pra ele, então, não é uma boa ideia. E, sinceramente, acho meio ridículo minha mãe, a essa altura do campeonato, assistindo aulas de astronomia.” (Adélia, 42 anos, filha de Dona Marlene)

Conforme suas falas descritas no capítulo anterior, a hidrogenástica é praticamente a única técnica corporal praticada por Dona Marlene, já que não gosta de maquiagem, muito raramente vai ao salão de beleza e tem medo de fazer cirurgia plástica e seu rosto ficar artificial. Assim, o que pude notar foi que além de ter uma motivação voltada para a saúde, a ida à academia é uma forma de lazer, socialização e uma importante prática de sua experiência de envelhecimento. Conforme disse, não consegui entrevistar seu marido, pois ela não queria que ele soubesse da entrevista, que foi feita num momento em que ele não se encontrava em casa. Lá, estava apenas sua filha, que me pareceu muito próxima de Dona Marlene, no entanto, muito controladora também. E, como já disse, penso, se o motivo de tal controle não poderia estar ligado, também, ao fato de ser ela a provedora financeira da casa. Assim, como apontei na caracterização dessas mulheres, feita no início, a dependência econômica marca também a experiência de envelhecimento de algumas dessas mulheres, seja em relação ao marido, aos filhos e filhas, ou ainda, a pensões de pais falecidos.

Dias depois dessa entrevista, lembrei-me do filme “A vida começa aos 40”, de Colin Nutley (Suécia), em que a filha se envergonha pelo fato da mãe gostar de dançar. Essa, então, afirma que não tem a intenção de parar de dançar nunca, pois é ela quem se sustenta financeiramente e, portanto, é dona de suas escolhas. Não é o caso de Dona Marlene, pois já havia me informado que depende economicamente da filha e, talvez por isso, não seja uma pessoa tão livre quanto deseja. Dona Marlene parece vivenciar uma experiência de envelhecimento permeada por dilemas. Ela afirma veementemente que não tem o apoio da família para ir atrás de algo que, de acordo com o que me relatou, constitui um projeto de vida para ela. Já mencionamos, aqui, a importância da noção de projeto (VELHO, 2003) na experiência de envelhecimento de algumas mulheres. Essa falta de apoio, que fica evidente na fala da filha, para a execução de suas tarefas fora dos domínios da casa, faz com que Dona Marlene assuma algum risco pelas suas vontades e escolhas. Ao mesmo tempo, é preciso que administre as tarefas domésticas, mas também as opiniões da filha e do marido, que tem motivações voltadas para o ciúme. Quando a filha coloca sua opinião, concordando com a postura do pai e, indo além, afirmando que o mesmo sempre foi “machão”, acaba transferindo para ela, também, esse mesmo sentimento e, na verdade, vai além, afirmando ser a postura da mãe, ridícula.

Dona Marlene, então, precisa conviver com a seguinte situação: o marido que a quer em casa, sem outras companhias (masculinas, principalmente) no ambiente exterior

aos domínios do lar e, ao mesmo tempo, a filha e a neta, que em defesa da figura masculina do pai e do avô, assumem-se, também, contra os projetos de Dona Marlene. Ao mesmo tempo, o fato de abrir mão de tais tarefas, para ela, é algo muito negativo em sua vida, conforme ela mesma relata:

“...então ele não sai, é contra mim, diz que eu tô ficando doida, que não sei o quê... Ele diz que eu sou diferente, estou ficando doida. Eu digo: não, é porque eu tenho uma visão diferente das coisas, sabe? E agora, estudando astronomia... Eu sempre quis estudar astronomia, sabe? Sempre. A minha vida inteira, desde de pequenininha. Agora, aqui em Goiânia, eu consegui estudar astronomia. Mas esse semestre eu parei, porque passou pra noite. Eu não posso deixar ele, de tarde, de noite, né? Teria que ter uma pessoa pra ir comigo, voltar, um colega, né? Eu até arrumei, mas complicou, aí eu deixei. No próximo semestre eu vou tentar. São cursos assim: fiz 3 semestres, já tenho 90 horas de curso de astronomia – 3 semestres. É muito bom. Quero voltar. E não conheço quem queira, quem goste. É um espetáculo! E o seu contato e seu conhecimento com astronomia é importantíssimo. Imagine você ter aula dentro do planetário!” (Dona Marlene, 77 anos)

Dona Marlene é uma mulher que nunca teve um trabalho formal, fora de casa, começou a frequentar a academia há muito pouco tempo e, portanto, sempre viveu longe da esfera pública, estando ligada, principalmente às tarefas domésticas. Isso, por conseguinte, a coloca numa situação de maior proximidade com a filha. Entretanto, essa proximidade, que aponta possivelmente para uma relação de maior cuidado, ou dependência, também traz outras conotações, de controle, de desejo de uma mãe inativa, que sucumba, portanto, à velhice. Enquanto ao homem velho, geralmente, é direcionada a preocupação familiar em relação a abusos econômicos na velhice, às mulheres é destinada uma preocupação moral, relacionada à possibilidade de experiências com outros homens. As famílias tendem a se preocupar com as escolhas de vida das mulheres idosas, mais do que dos homens. Dessa forma, a questão das diferenças de gênero se mantém forte nessa etapa do curso da vida e a mulher idosa, sem a juventude tão valorizada nas sociedades atuais, continua aparecendo como um privilegiado alvo de controle social (DEBERT, 2004).

Além disso, vale ressaltar, conforme a pesquisa realizada por Britto da Motta (1998) na cidade de Salvador, que dependendo da classe social e das configurações familiares, ser uma mulher velha pode indicar viver em extrema pobreza, ou, como nesse caso, viver em situação de extrema dependência, mesmo para mulheres que vieram de classe média. Isso por tratar-se de uma geração de muito pouca participação no mercado de trabalho e que, por isso, não detém muitos recursos financeiros pessoais.

Também em relação a essa pesquisa, foi descoberto um grande número de idosas separadas, viúvas, ou solteiras com filhos, mulheres que chefiavam famílias que nunca se constituíram completamente e a presença de alguns filhos adultos como arrimos de família. Conforme observamos em relação à família de Dona Marlene, sua filha é quem garante, de fato, o sustento de sua família. Mas tal realidade não se mostrou uma constante em minha pesquisa.

Sabemos que os modelos e padrões de relacionamento familiar, seja entre gerações, ou entre homens e mulheres, como podemos perceber, vêm passando por drásticas alterações, que influenciam diretamente a divisão de papéis entre pessoas de uma família e os modelos de relações e configurações familiares (ALVES, 1985). Tais alterações podem, também, ser notadas nesta pesquisa, através de algumas das falas aqui transcritas. Durante o percurso do trabalho de campo, então, acabaram por surgir mais alguns questionamentos. Por exemplo, as mulheres que constituem o foco desta pesquisa, que hoje estão com sessenta anos de idade ou mais e que compartilham certos resquícios de uma ordem patriarcal, predominante na época em que nasceram, compartilhariam, também, valores do movimento feminista dos anos 1970 e 1980 no Brasil, que perpassou suas juventudes? Isso porque sabemos que a questão do controle sobre o próprio corpo, por exemplo, sempre foi parte de uma agenda feminista, essencialmente sob a legenda “nosso corpo nos pertence”. Então, de que forma o movimento feminista reverberou na vida dessas mulheres hoje e como isso as influencia na gestão de seus corpos envelhecidos?

Pensando também num outro ponto de vista, de buscar a percepção dos familiares, especialmente nas relações intergeracionais, como os filhos/as e netos/as dessas mulheres veem essas questões? De que forma percebem essas atitudes de controle sobre o corpo? Os/as mais jovens compartilham os mesmos valores da geração mais velha? Podemos ver, por exemplo, com o caso de Dona Marlene, um total distanciamento de pontos de vista, valores e modos de viver, entre ela e sua filha.

Na constatação de que trata-se de uma geração que deu sustentação ao feminismo no Brasil, essas idosas de hoje, que vivenciaram de perto o início do movimento feminista, guardam tais valores? De que forma transmitiram isso para as outras gerações? Passei a pensar, então, se esses valores poderiam estar de fato presentes em suas vidas, se suas experiências de envelhecimento não passariam pela legenda de ordem “nosso corpo nos pertence” e, indo além, se os/as filhos/as compartilhariam essa visão? O que podemos dizer, num primeiro momento é a

constatação de que algumas mulheres lidam com seus corpos, essencialmente, como ferramenta de conquista. Assim, desejam e buscam ser objetos de desejo de outros homens, inclusive mais novos.

Entretanto, apenas Dona Leila me pareceu se identificar explicitamente com os ideais feministas. Isso se evidenciou, por exemplo, ao afirmar ter feito um aborto, quando jovem, por ter sido surpreendida por uma gravidez indesejada:

“Na minha época, ter coragem de comprar pílula anticoncepcional não era fácil. A maioria das moças tinha na cabeça que sexo antes do casamento era impensável, pecado, essas coisas... Proibidíssimo! Mas eu era mais pra frente mesmo. Sempre fui. Tomava pílula, há um tempo já, porque meu ciclo era meio descontrolado. Mas aí, acabei vendo nisso uma oportunidade pra poder... poder transar com rapazes que eu namorava. Teve um dia, que ia ter um baile e acabei dançando a noite toda com um moço que não era da minha cidade. Eu sou lá da região da Zona da Mata, em Minas. Não sou daqui. Então, acabei a noite com esse moço. Ele estava de carro e paramos no estacionamento. Como eu sempre fui meio... danadinha mesmo, transei com ele. Só que, cabecinha de vento que eu era, estava há uma semana atrasada com o remédio, sem tomar. E acabei engravidando desse moço. Na minha época, eu nunca nem tinha ouvido falar em camisinha, preservativo... Não era comum. Fiquei desesperada, conversei com umas amigas e o tio de uma delas sabia de um médico que tinha uma clínica clandestina e fazia aborto. Não era na minha cidade, era numa cidade bem perto. Nem pensei duas vezes! Marquei, fui lá de ônibus com essa amiga e fiz. Voltei de ônibus também. Na época, nem era ônibus, era jardineira que chamava. Ia devagar... Fiquei de cama um dia, minha mãe e meu pai perguntando o que eu tinha e eu dizendo que era cólica menstrual muito forte, essas coisas... Fui manobrando eles do jeito que pude. Eles nunca ficaram sabendo.” (Dona Leila, 70 anos)

Como vi que Dona Leila havia me dado abertura, perguntei a ela se nutria alguma simpatia pelo movimento feminista.

“Olha, na época, só não militei mesmo e fui atuante, porque meus pais eram repressores demais. Eu era ovelha negra da família, meu sonho era sair nas ruas, reivindicando aquilo tudo que a gente tinha direito, mas não conseguia... Era tudo muito difícil naquele tempo... Mas não tive coragem suficiente... Sabe, a ponto de peitar uma briga com eles. Meu pai era político na cidade, cidadezinha do interior, já tinha sido prefeito, então... Eu tive medo mesmo de prejudicar ele em alguma coisa. O povo ia me olhar diferente, eu ia ficar falada na cidade... Não fui corajosa o suficiente pra fazer o que eu tinha mesmo vontade. (Que era...) Ah... Eu queria fugir pro Rio de Janeiro, viver livremente, era bem do estilo sexo, drogas e rock ‘n roll mesmo... (risos) Na época, todo mundo tinha o cabelo mais curto, estilo chanel e eu tinha um cabelão aqui na cintura, era muito bonita, usava saia curta, calça justa, umas coisas mais raras na época. Minha mãe ia muito ao Rio de Janeiro com meu pai, então eu pedia umas roupas diferentes, de loja. Porque na nossa cidade era tudo de costureira, né? Mas, aí, conheci meu ex-marido, que tinha chegado pra trabalhar lá e ficar dois anos a trabalho, me apaixonei por ele, engravidei (risos). Acredita?

Engravidei, aí dessa vez eu quis casar! Casei, mudei pra cá e tive um filho e duas filhas. Mas, com o passar do tempo, ele começou com muito ciúme, me reprimia demais, queria que eu deixasse emprego, essas coisas... Então, me separei dele. E vivo muito feliz, livre, leve e solta!” (Dona Leila, 70 anos)

A fala de Dona Leila evidencia uma visão libertária em relação à sua identidade feminina, em contraposição ao que sua época, hegemonicamente, ditava sobre as mulheres. A autonomia que demonstrou sempre ter em relação à sua sexualidade, seu controle sobre o corpo e construção corporal (que fica evidente quando fala sobre os cabelos e as roupas, por exemplo), o fato de ter buscado se inserir no mercado de trabalho e, principalmente, o fato de abrir mão do marido e do casamento, em razão de suas crenças, seus valores e, principalmente, sua liberdade para gerir a própria vida, evidenciam uma postura diferenciada em relação à maioria das mulheres de sua geração. E assim o é até hoje, com a experiência de envelhecimento, fase do curso da vida que ela caracteriza como feliz, livre, leve e solta. Pude perceber, também, que houve uma transmissão intergeracional (mãe-filha e avó-neta) de tais valores por parte de Dona Leila. As falas abaixo expressam bem essa questão:

“A mamãe sempre foi muito liberal, sempre soltou muito a gente, mas demonstrando também que tinha muita confiança. Eu tive duas filhas, de dois relacionamentos meus, mas optei por não casar. E tive todo o apoio que precisei dela. Ela me ajuda muito, até hoje. Minhas meninas já são adolescentes e eu vejo que a gente tem, nós quatro, uma relação muito próxima, muito de igual pra igual mesmo. Meu pai casou de novo tem pouco tempo. E os dois, hoje, são amigos, tem uma relação boa demais. É tudo muito tranquilo. Então, você vê que esse jeito dela levar a vida pode até ter influenciado no jeito que a gente leva também. Minha relação com as minhas meninas tá bem parecida também. Acho que vai passando de mãe pra filha, né?” (Cláudia, 42 anos, filha de Dona Leila)

“Minha vó é mais pra frente, assim, do que as outras, assim... Avançada. Quanto eu tinha uns 13 anos, ela veio falar comigo sobre sexo e quis que fosse na médica dela pra consultar, porque eu tinha ficado menstruada, essas coisas... Hoje eu tenho 19 e vira e mexe ela pergunta: ‘Tá usando camisinha? Não vai dar bobeira.’ Acho que ela tem medo que a gente dê bobeira, sabe? Teve uma vez, quando eu era criança, que fui perguntar pra ela por que ela não era casada, falei que queria uma avó casada como as outras, que não trabalhasse, que ficasse de dia em casa... Ela ficou toda chateada comigo, coitada... Falou assim: ‘Mulher nenhuma precisa ser casada pra ser feliz. Coloca isso na sua cabeça.’ Então, tipo... Acho que a vovó é muito feliz com todas as escolhas que ela fez. Acho que a única coisa que ela tinha muita vontade de fazer e não fez foi faculdade. Agora que eu entrei pra faculdade é que percebi isso, porque teve um dia que ela comentou sobre a sorte que a gente, que é moça, tem hoje, por ter oportunidade de estudar. Então ela é muito feliz, livre, sabe? Muito de bem com a vida também. Acho que ela não vai ficar

velha nunca! (E o que é ficar velha pra você?) Ah... Ficar feia, assim, enrugada e com a cabeça quadrada, sabe? Assim... Careta.” (Laura, 19 anos, neta de Dona Leila)

Há, notadamente, uma transmissão de valores da avó para a filha e para as netas. A existência, nesse caso, de um diálogo constante e de proximidade entre elas também é patente nas falas. Isso fica claro, por exemplo, pelo fato de querer explicitar para a neta a importância da utilização de preservativos e da independência feminina, afirmando também que uma mulher não precisa de casamento para ser feliz. O mais relevante dessas falas diz respeito às caracterizações feitas sobre Dona Leila: sua postura liberal tem conotação muito positiva e deixa transparecer, como ao fim da fala da neta, que essa postura a torna mais jovem aos olhos delas. Outro ponto relevante da fala da neta é o fato de associar a velhice às rugas e à feiúra corporal e, ao mesmo tempo, à “caretece” no comportamento. Dessa forma, já que não vê na avó tais marcas de envelhecimento, há um distanciamento entre a figura e a imagem que tem dela e a significação que atribui à velhice. É por isso, que é possível concluir que, sob seu ponto de vista, Dona Leila nunca ficará velha.

Sabemos que essas mulheres, hoje, muitas vezes precisam conviver com diversas concepções sobre as relações e também arranjos familiares, sobre o papel da mulher, do homem e suas relações com filhos/as e netos/as. O olhar para as diferentes relações hoje instituídas e as formas como elas influenciam suas experiências de envelhecimentos se tornou uma constante durante a pesquisa. Em relação à experiência de Dona Rosa e a percepção de sua filha:

“Nossa! O papai e a mamãe voltaram a se falar tem muito pouco tempo. E porque a gente pediu demais pra ela. Ele tá muito doente, tá no hospital. E acho que ele anda com medo de morrer e ficou insistindo demais pra gente levar ela lá, que ele queria ver. Depois de muito, muito tempo mesmo, ela resolveu conversar, ir visitar. Mas a gente, também, que vê ela firme do jeito que ela tá hoje, nem sonha o quê que ela passou pra dar conta. Abandonou o emprego, depois descobriu que meu pai tinha outra mulher, ele já tinha até filho com a outra, ficou com a gente, sozinha, sem renda, tentando voltar a trabalhar... Minha mãe engordou muito, depois de muito tempo que ela conseguiu emagrecer. Mas hoje a gente olha pra ela e vê, tudo bem que ela já fez plástica, mas a gente não dá pra ela a idade que ela tem. Geralmente, quem é muito sofrida, né? Parece que envelhece mais. Fica mais enrugada, tal... Mas ela tá bem. Também, ela é muito alto astral, animada e eu acho que isso ajuda.” (Paula, 38 anos filha de Dona Rosa)

Conforme já aponte, atualmente, Dona Rosa é vendedora em duas feiras livres da cidade de Goiânia. Ela precisou recorrer a esse trabalho, justamente por ter perdido espaço no mercado de trabalho, após muitos anos afastada de sua profissão. A renúncia ao trabalho fora de casa e a conformação ao padrão imposto pelo marido geram certo arrependimento, pois a prejudicou, principalmente no aspecto financeiro, pela impossibilidade de se aposentar. Ao mesmo tempo, Dona Rosa demonstra muita satisfação em seu trabalho nas feiras, por garantir uma boa renda e por poder, segundo ela, proporcionar momentos divertidos e conhecer pessoas novas. É possível observar que o casamento mal sucedido e todo o sofrimento passado por Dona Rosa, após essa mudança em sua vida, não fizeram dela uma pessoa amarga, ou que perdesse o gosto pela vida, conforme o senso comum nos faz pensar. Muito pelo contrário, todas as suas falas são marcadas por muita disposição e alegria de viver. Essa disposição, inclusive, reflete em sua constituição corporal, nos cuidados com o corpo e a estética, pois como vimos, ela já passou por algumas cirurgias plásticas, faz exercícios físicos pesados na academia, está satisfeita consigo mesma, com a aparência que conquistou por seu esforço. E, talvez por saber de toda a experiência de vida de sua mãe, Paula esperava que isso pudesse refletir negativamente, incorporando-se a ela. No entanto, a caracteriza como animada, alto astral, ou seja, uma mulher ativa e, por isso não tem a percepção da velhice na mãe.

Dona Ana teve uma vida de muitas responsabilidades e, após a tomada de decisão de mudar não só de cidade, mas também de Estado, assumiu de fato as rédeas de sua vida. E, como não se casou, se acostumou a ser a única responsável por todas as instâncias da vida. Sua sobrinha conversou comigo e, mesmo não tendo sido da forma como eu gostaria (foi, de todas, a entrevista mais rápida que fiz, na saída da academia, quando ela foi buscar a tia), pude perceber uma relação muito próxima entre as duas.

“Tia Ana sempre foi muito despachada! Como minha mãe não é assim, ela que acabou me pondo pra frente na vida, em algumas coisas. Tem hora até que é exagerada. Antes, achava ela meio dura demais, meio fria até. Deu uma melhorada desde que meu filho nasceu. Parece que ele deu uma amolecida nela. Antes, eu ficava achando que alguma coisa aconteceu lá atrás, na vida dela, em Salvador, sabe, que fez com que ela ficasse assim. Mas, meu pai disse que não houve nada não. Isso é dela mesmo, talvez pelo meu avô ter morrido quando ela tinha 12 anos e ela precisou assumir muitas tarefas em casa. Então, ela faz tudo com muita seriedade. Você vê que ela não mata uma aula aqui na academia! É caxias, coisa de professora (risos). Não gosta de nada errado, é muito moralista até! E ela cuida do corpo hoje, também, como ela nunca cuidou. Eu percebo que ela tem medo de ficar ruim de saúde e ter, de repente,

que ser cuidada pelos outros, sabe? Já notei isso nela. Então, tá numas de cuidar muito da alimentação, frequentar academia... Mas ela precisa, porque tá muito acima do peso, tá muito gorda. E o médico andou passando medo nela por isso. A tia não tá nova mais. Tem 85 anos. (E você a considera velha, também, em relação às posturas, estilo de vida, aparência física... Como você a define?) Bom, minha tia é uma mulher muito guerreira, batalhadora. E admiro ela muito por isso. Tudo o que tem, consegui praticamente sozinha. Mas, a sua pergunta é interessante, porque não sei dizer se eu acho ela velha. Desde que me entendo por gente ela é do mesmo jeito. Sempre foi muito certinha, moralista, sabe? Muito tradicional, até meio repressora eu achava. Então, nisso ela não mudou! (risos) Continua com o mesmo jeito. O que mudou foi sua aparência física. Ela foi largando parece... Acho que viu que não ia casar acabou perdendo a vaidade. Foi engordando, engordando e agora tá pagando o preço. Tem muitas dores nos joelhos, na coluna, vive falando que vai fazer dieta, começa, para, acho que ela come doce escondido. Come sem poder, porque é diabética. Não pode. Mas, como ela não consegue emagrecer, a gente desconfia disso. Agora... Ela já foi uma mulher bonita. A gordura, as rugas, essas coisas... Deixaram ela muito diferente. Hoje, uma pessoa que olhar, vê a gordura, não vê ela.” (Marina, 35 anos, sobrinha de Dona Ana)

A percepção de sua sobrinha, num aspecto, se confunde com a própria percepção que Dona Ana tem de si mesma, pois havia me relatado, conforme já aponte aqui, que quando as pessoas a veem, enxergam uma “velha gorda”. A questão da gordura como um entrave à beleza já fora abordada no capítulo anterior e volta aqui, no sentido de caracterizar a velhice que a sobrinha vê na tia idosa. As marcas *gordura* e *rugos* aparecem, então, como definidoras de uma velhice descuidada, inativa. Ao afirmar que a tia foi “largando”, indica que, a seu ver, a tia foi sendo desleixada com seu corpo, então inativo, ao passar dos anos, pois já foi uma mulher bonita um dia. A sobrinha, inclusive, deixa transparecer sua percepção de que a tia perdeu a vaidade com o tempo, pois percebeu que não ia casar. Notamos, aí, sua percepção de que o cuidar de si é algo voltado para o olhar do outro, ou da busca por uma parceria afetiva e sexual. Na visão da sobrinha, o trato com o corpo voltado para o embelezamento configura-se como uma técnica voltada, provavelmente, para aceitação social e para a busca por parcerias. Seria esse o desejo controlador do corpo. Dessa forma, a gordura evidencia uma ausência de controle, nesse caso tanto o auto-controle pela ausência do desejo, como o controle social. Ao dizer, também, que ao olhar para a tia, qualquer pessoa não a vê, mas vê a gordura, mais uma vez, demonstra a importância social de um corpo belo. E a gordura, assim como já abordamos aqui, aparece então como algo quase “vivo”, que toma fisicamente o lugar da tia. Fica claro também que a percepção da sobrinha é: aparentemente, a tia está velha, pois está gorda e com rugas. No entanto, quem a olha

não a vê, ou seja, não a conhece de fato. Assim, a gordura, ou os aspectos físicos não constituem fatores definidores do que é Dona Ana, de acordo com a visão da sobrinha.

Dona Ana afirmou se achar velha e a percepção de sua sobrinha caminha no mesmo sentido, coincidindo inclusive em relação ao apontamento daquilo que marca um corpo envelhecido – dores nos joelhos, coluna, gordura, rugas, perda da beleza jovem. Além disso, o fato de desconfiar que a tia come doces escondida, que vive tentando manter-se em dieta, confirma sua visão de uma experiência de velhice despreocupada com o corpo e a saúde e de uma mulher que, com o passar do tempo, foi deixando o trato com o corpo para segundo plano, já que cuidados com o corpo e com a saúde andam juntos. Mesmo frequentando a academia de ginástica diariamente, Dona Ana, que o faz como uma tarefa, um trabalho, não dedica a mesma atenção a outras técnicas que poderiam auxiliá-la no combate a essa gordura. No entanto, ao mesmo tempo em que Dona Ana possui a auto-percepção de ser uma “*velha gorda*”, ela é notadamente uma mulher orgulhosa de si mesma pela sua história de vida, pelo fato de, desde muito nova, ser a única responsável por si mesma. Assim, o corpo, para ela, não tem o papel de embelezamento, de mostrar-se mais jovem aparentemente, nem serve, ou serviu como ferramenta de sedução e conquista. Mas, o que a constitui como uma pessoa satisfeita consigo mesma é justamente o fato de o corpo, ativo durante toda a vida, ter-se assumido, em sua trajetória de vida, como instrumento de trabalho. E, por isso, tornou-se ferramenta para o ganho de dinheiro, de independência econômica, o que constitui uma outra experiência de envelhecimento. E essa característica também aparece no discurso e na percepção de sua sobrinha.

Pude perceber que o fato de ter direcionado sua vida ao mundo do trabalho e não ter se casado, então, pode ter levado Dona Ana a relegar os cuidados com a beleza a segundo plano. Hoje, no entanto, com toda a disciplina, da qual tanto ela como a sobrinha falam, procura buscar a reparação dos danos causados por alguns anos de descuido. E isso se dá em razão de problemas com a saúde. De fato, em todas as aulas em que estive presente durante o ano de 2011, Dona Ana também estava. Houve um dia em que eu estava particularmente curiosa para ir até a academia Milenium. Na sexta-feira que antecedeu o carnaval, a professora de hidroginástica comunicou a todos/as os/as alunos/as que a academia funcionaria normalmente na segunda-feira de carnaval e, também, na quarta-feira de cinzas. Resolvi, então, na segunda de manhã, ir até a academia, muito mais com o intuito de checar se teria ali alguma senhora. E a aula iniciou, às 8:40h, comigo e Dona Ana na piscina. Atrasadas, depois, chegaram mais

duas senhoras. Na quarta-feira de cinzas, o mesmo quadro se repetiu: estavam presentes na piscina, eu, Dona Ana e, dessa vez, Dona Marta também estava. Fizemos, só as três, nossa aula de hidroginástica. As duas, conversando muito animadamente e, ao mesmo tempo, fazendo brincadeiras do tipo: “*Hoje não dá pra roubar! Só tem nós três na água e a Mirtes (professora) vai ver!*”

Dessa forma, Dona Ana evidencia a praticidade com que se relaciona, também, com seu corpo e com as técnicas corporais por ela praticadas. Em alguns momentos, ela deixa transparecer a ideia de que tais técnicas fazem parte de sua experiência de envelhecimento, assim como idas ao banco, ou ao supermercado, por exemplo. Seu discurso é sempre muito voltado aos afazeres. Nesse sentido, tive a percepção de que não há uma divisão radical em sua vida entre esfera pública e privada. É uma mulher que sempre trabalhou, conciliou esse trabalho fora de casa com as tarefas domésticas, há muitos anos vive sozinha (segundo ela, há quase setenta anos), é totalmente responsável por suas despesas e vive para a gestão de sua própria vida.

O que observamos nas entrevistas realizadas e com a convivência com as mulheres pesquisadas é que, tanto a relação mulher-homem como também a organização e configuração familiar influenciam as posturas, estilos de vida e, por isso, a construção de diferentes posições de sujeitos na velhice e experiências de envelhecimento. No caso, por exemplo, de Dona Marta, conforme falei no início, o fato de ter buscado uma fonte de renda, através de suas vendas, vem de uma necessidade de ter autonomia em relação à satisfação de seus desejos. Ganhando seu próprio dinheiro, não precisa pedir ao marido e, por isso, detém certa independência. Sua filha, a respeito desse assunto, me relatou:

“A gente sempre teve uma vida de muita fartura. Eu e meu irmão estudamos nas melhores escolas, sempre usamos roupas caras, de marca, minha mãe sempre foi meio perdulária, de comprar muita coisa que não precisava. Eu lembro de uma época lá em casa que tinha três empregadas! Hoje, ela tem uma diarista que vai duas vezes só. Com isso, ela foi ficando meio mal humorada por ter que assumir os afazeres lá dentro. Meu irmão já quis pagar uma empregada pra eles, mas meu pai não aceitou. Eu também já ofereci até pra pagar uma outra diarista que fosse três vezes, porque aí completava a semana com alguém ajudando todo dia, né? Mas eles não querem. Aí, a gente fica aguentando ela reclamar o tempo todo! Meu pai não reclama, mas também a vida dele não mudou muita coisa. Ele não era gastador, nunca foi. Também não ajuda minha mãe em nada. Então, coitada, tem hora que eu fico com dó mesmo. Eu até achei interessante ela arrumar coisa pra vender, porque assim, tem uma renda pra ela, né? Melhor assim. Mas, eu preocupo, fico com pena, porque vejo que ela está cansada. (Ela reclama muito?) Reclama de cozinhar, de ter que limpar as coisas em casa, diz que meu pai podia ajudar, essas coisas... (Mas ele

não ajuda em nada?) *Ah... Não. Sobra pra ela mesmo. De vez em quando, ela diz que ele lava a louça. Quando eu vou pra lá, num final de semana assim, quando ela cozinha, aí eu ajudo em tudo. Mas, a vida é deles, né? Vamos ver até quando vai ser assim, porque ela já tá de idade, então... Não sei... (Você acha sua mãe uma mulher velha?) Velha não, porque a gente fala velha e pensa naquelas mulheres caindo aos pedaços e ela não tá assim! Ela se cuida bem, está com a aparência boa, bonita. Não dá pra perceber que tem 77 anos! Ela tá com idade, mas acho ela bem novona! Acho que a mamãe tá mandando bem nos cuidados com ela. Tem muito homem que elogia ela na rua. Sempre foi muito bonita, então quis manter essa beleza, né? Acho importante isso.”* (Juliana, 43 anos, filha de Dona Marta)

A filha de Dona Marta expõe as insatisfações da mãe, demonstrando preocupação em relação às tarefas domésticas que precisou assumir e, também, à queda no poder aquisitivo do casal após a aposentadoria do marido, que fez com que a renda deles caísse muito. No entanto, Dona Marta, através da descoberta de alternativas de renda, tem conseguido melhorar essa situação, pelo menos no que se refere aos seus gastos pessoais. A filha afirmou que a mãe era uma pessoa de hábitos de consumo exagerados e as vendas foram uma alternativa interessante para que ela conseguisse, então, continuar a satisfazer seus desejos e necessidades de consumo. Constitui, assim, numa forma de manter-se ativa em sua experiência de envelhecimento e, ao mesmo tempo, dar conta de seus próprios desejos e o cuidado com sua aparência física. Isso porque, com o dinheiro que ganha é possível manter-se bela fisicamente. A filha percebe na mãe tal desejo de manter uma beleza física que sempre teve e nega a velhice em sua mãe. Dona Marta, por sua vez, ao ser perguntada por mim se considerava-se uma mulher velha e, depois, se considerava-se bonita, me deu a seguinte declaração:

“Bonita não, ajeitada! (risos) Nossa! Eu era uma das moças mais bonitas da minha cidade! Era famosa lá, todos os moços queriam me namorar. Mas, tive duas gravidezes e engordei um pouco. Nunca mais tive o mesmo corpo de volta. Na segunda gravidez, pra você ter uma ideia, bobeei e engordei quase quarenta quilos! Como é que perde, né? Difícil demais! Por isso que você me vê lutando com dieta, regime pra lá e pra cá! E é difícil, com a minha idade, emagrecer. Difícil demais mesmo! É uma luta! O corpo não responde mais do jeito que respondia na juventude não! Eu estou uns dez quilos acima do peso que gostaria, mas estou conformada, me acho bonita desse jeito. Meu marido me acha bem, me elogia muito. Isso ele faz, sabe? Ele mostra muito que gosta de mim, assim, da minha aparência. Então, no que eu consigo cuidar, eu cuido. Faço academia, uso cremes anti-idade, muito hidratante no corpo. Me cuido. Não me acho velha, porque é tanta coisa que eu dou conta de fazer, que uma velha não daria! Então eu sou a mulher de idade mais nova que eu conheço!” (Dona Marta, 77 anos)

Mais uma vez, aparece a percepção de velhice atrelada a valores como falta de atividade, sedentarismo e falta de beleza corporal. A questão do autoconvencimento sobre a velhice aparece em sua percepção e é fundamental para a constituição de identidades nesse caso. E o fato de conseguir administrar várias tarefas domésticas, incrementar a renda da família e manter-se bela, contribuem muito para a sua negação da velhice. Além disso, sua experiência de envelhecimento em casa é marcada, também, pela administração de alguns conflitos intergeracionais:

É preciso destacar uma fala de Dona Marta (77 anos) a respeito do final de semana. Ela disse que o filho, depois de muitos meses sem ir vê-la em sua casa, onde mora com o marido, foi no final de semana junto com a esposa. Ela, como estava muito magoada, “tocou os dois de lá!” Disse que não admite que um filho faça isso e, na verdade, ela começou a gritar muito revivendo o momento em que falou com eles. Gritava, dizendo que falou pra eles irem embora e não voltarem nunca mais, pois só se lembram dela quando estão com preguiça de cozinhar em casa, ou sem dinheiro para almoçar fora no domingo. Disse que está muito cansada de ficar fazendo papel de empregada e cozinhar pra nora. Fiquei um pouco impressionada com a relação que ela mantém com eles, mas ela contou todo o ocorrido como se fosse absolutamente normal e que já houve um momento em que ficou brigada com o filho, sem vê-lo, por cinco anos. (Anotações do Diário de Campo, 15 de abril de 2011).

Dona Marta, apesar de ter um marido com algumas características comumente relacionadas a uma ideia de masculinidade – chefe de família, provedor único, a negação de ajuda financeira proveniente dos filhos, negação também da execução de tarefas domésticas –, não demonstra a conformação que notamos em Dona Dalva, por exemplo. Ela, notadamente, se demonstra insatisfeita com as atribuições que lhe cabem em casa e as faz por obrigação. Em conversa com sua neta, de 19 anos, a mesma me relatou o seguinte a respeito da avó:

“Ela é assim: meu avô fala, ela faz o contrário, só pra irritar ele, pra dizer que ele não manda nela! (E por que você acha que ela faz isso?) Ah, não sei. Talvez porque ela gosta de mostrar pra gente, principalmente pra mim e pra minha irmã, que a gente tem que ter vontade própria. Mas, aí, também, quando a gente demonstra ter vontade própria demais ela fica toda irritada, preocupada. (Como assim?) Por exemplo, uma vez a gente cismou de viajar com o pessoal lá do colégio pra Arraial D’Ajuda. Minha mãe ia deixar a gente ir sozinha, de boa... Minha avó achou um absurdo e resolveu ir junto! Olha que mico! Mas, a gente dava cada nó nela, coitada, chegava com o dia amanhecendo, desligava o celular, pra ela não ficar ligando. Depois até arrependi, porque teve um dia que eram cinco horas da manhã, eu acho... E eu tava chegando da balada com a minha irmã, mais um monte de colega. Minha avó tava dormindo no sofá da recepção do hotel! Isso tem um ano que aconteceu. Aí ela desistiu. Acho que ela não enfrenta isso mais não! (risos) Mas ela não deixa ninguém mandar nela. É

cheia de vontade! Quando eu crescer, eu quero ser igual a ela! Meu avô pena, coitado.... (risos) Você tinha me perguntado, eu acho, se eu acho ela velha. De jeito nenhum! Minha vó é nova, cheia de vida.” (Neta de Dona Marta, 19 anos)

A percepção da autonomia da avó faz com que a neta deseje assumir essa postura para sua vida. Tal percepção é compartilhada, como vimos, com a da neta de Dona Leila. A avó tem “vontade própria” e tal valor, somado ao fato de se tratar de uma mulher com 77 anos de idade, faz com que ela não considere sua avó uma mulher “velha”, no sentido negativo que tal atribuição carrega. Mas, pelo contrário, o fato de ter assumido a autonomia sobre sua vida, faz com que sua imagem seja associada à de uma pessoa jovem e cheia de vida. Podemos notar, também, sinais de uma transmissão geracional de alguns valores. Ao observarmos, na fala da neta, a afirmação de que a avó gosta de mostrar a ela e à irmã que elas devem ter vontade própria, demonstra a importância que Dona Marta dá à autonomia e liberdade femininas e, assim, julga necessário passar isso a elas. O discurso de Dona Marta em relação ao relacionamento difícil que mantém com o filho e nora e sua visível insatisfação com tarefas domésticas (“cozinhar pra nora”) mostra que essa insatisfação é uma constante em sua vida, pelo cansaço que ela apresentou e, ao mesmo tempo, demonstra certa angústia por ter, de certa forma, perdido seu filho para a esposa. Ela, como responsável pelas tarefas domésticas, em diversas ocasiões, demonstrou seu desagrado, dizendo que não vê a hora de conseguir uma boa faxineira e cozinheira e que ela mesma vai pagar com o dinheiro que está ganhando. Ao mesmo tempo, tem uma preocupação visível com a aparência física. Nesse caso, fica claro que a gestão do envelhecimento de Dona Marta passa por uma série de questões que envolvem o ambiente doméstico e familiar. Conciliar as atividades domésticas, a administração de uma vida financeira difícil, apertada e de intempéries familiares, mais os cuidados com a beleza, são constantes em sua vida.

“Esse tipo de coisa é que me deixa feia. Tá vendo? Aconteceu esse negócio no fim de semana com meu filho e veja aqui quantas rugas eu ganhei! (risos) Filho, marido, nora... Isso tudo dá trabalho demais. Primeiro a gente educa, depois eles somem no mundo. E marido é assim: eu desisti de trabalhar pra ficar por conta da casa. Agora, ele quer tudo na mão e ainda exige que a gente tem que estar bonita o tempo todo. To querendo aposentar dessa profissão de mãe, mulher... Tô na idade de aposentar, não tô? (risos)” (Dona Marta, 77 anos)

Dona Yara, como já vimos, tem uma experiência de envelhecimento muito restrita ao ambiente doméstico, destinando a maior parte do tempo aos cuidados com a

tia. Sua velhice é marcada, então, por uma espécie de abnegação, o que não a torna infeliz. Pelo contrário, ela se diz muito feliz e satisfeita com sua vida, principalmente por poder fazer o bem.

“A Yara está ligada a toda a família, é como uma matriarca. Recebe ligações todos os dias dos jovens, adultos, independente de idade, a família a tem como conselheira. Participa de tudo o que ocorre nas outras residências, porque sua opinião é de extrema importância para todos. No ambiente onde ela vive, a convivência é apenas com a Amélia que é uma senhora de 90 anos, então passa a ser desgastante, devido à dificuldade de diálogo e os cuidados que ela necessita. Suas atividades diárias são de uma dona de casa, mãe de uma ‘criança’. Ela procura dedicar um tempo para seus estudos particulares e os rituais religiosos dentro da sua crença. Escreve, lê, acessa a internet, que é onde também mantém o contato com os familiares. E tem algumas saídas de casa durante a semana e todos os sábados. A Yara é uma mulher educadora. Possui um conhecimento enorme sobre a vida, sobre livros, fatos, teoria, prática, e sabe passar esses ensinamentos de forma clara para todos. É uma mãe carinhosa, apesar de não ter tido filhos, muitos de nós nos sentimos privilegiados por termos duas mães. É como mãe para a geração de nossos pais, e é mãe para nossa geração mais jovem. É corajosa, e traça objetivos para não se perder nas tarefas diárias. Tem amor e alegria de viver. É amada por todos, e doa amor a todos. É jovem fisicamente, e está sempre disposta a trabalhar. Apesar de algumas renúncias pessoais ao longo da vida em favor da família, ela sonha em poder fazer mais sempre. É exemplo para toda família.”
(Dorany, 20 anos, sobrinha-neta de Dona Yara)

O fato de ser solteira não implica em um sentimento de solidão em Dona Yara. De acordo com a percepção que a sobrinha-neta tem dela, enquanto uma espécie de matriarca da família, Dona Yara aparece como uma figura central para todos os familiares. Tal posição de respeito a transforma numa espécie de conselheira, responsável pela transmissão intergeracional de conhecimento e experiências de vida. Penso que esse posicionamento está vinculado a vários motivos: primeiro, por ter vivido como uma espécie de cuidadora, tanto da mãe quanto da tia e, vivendo com elas, sua casa sempre foi centro de visitas e encontros de família. Penso também que sua religiosidade exerce influência sobre isso, já que realiza determinados rituais e tratamentos espirituais em sua casa. O fato de não ter se casado, também, levou-a a dedicar-se à família como um todo e isso pode ter auxiliado a assumir uma postura, não só de matriarca da família toda, mas fundamentalmente, de conselheira. Ao cruzarmos a visão da sobrinha-neta de que ela é uma educadora, com enorme conhecimento e experiência, uma espécie de mãe para todos, com a auto-percepção de Dona Yara, que se caracteriza como uma mulher experiente, tolerante e que distribui amor a todos,

podemos chegar à construção de um possível significado da velhice em Dona Yara – a ideia de acúmulo e transmissão de conhecimentos, advindos de sua experiência de vida.

A maioria das mulheres idosas dedica-se à família, seja através de auxílio financeiro e apoio doméstico a filhos que necessitam de cuidados, a netos, doentes, ou pessoas mais idosas ou frágeis do núcleo familiar, atividades religiosas, amizades preservadas no âmbito de suas vidas sociais, ou através de um companheirismo amistoso com seu par (NEGREIROS, 2004). Podemos dizer que Dona Yara é um exemplo disso, enquanto materialização de uma figura matriarcal, grande responsável pela transmissão de conhecimento, cuidados e tratamentos religiosos.

Ao perguntar à sua sobrinha-neta, se considera Dona Yara uma mulher velha, sua resposta foi a seguinte:

“Não, se velho tiver o sentido que a grande maioria constrói de uma pessoa que em geral é conservadora e não está disposta a ver o mundo com outros olhos que não os de sua época. Ela é velha no sentido de ter experiências, tem a bagagem de uma pessoa velha, porém a Yara tem uma forma de pensar que ultrapassa até mesmo a mentalidade da juventude, ela é aberta a novidades, está sempre disposta a adquirir novos conhecimentos, aceita o mundo e todas as suas transformações e mudanças sem revolta, apenas procurando ver o lado bom das coisas. (O que é a velhice para você?) Velhice é uma fase da vida. Ela é inevitável e a forma como será encarada depende da vida que a pessoa levou em outros períodos. O que trazemos no coração e na mente, no momento da velhice, vai parecer mais aguçado. É um momento que experiência será o maior trunfo. Sejam elas boas ou ruins. O que vai diferenciar é a forma de encarar a etapa ‘velhice’. Se for com amargura e descontentamento, fará desta etapa uma fase difícil e interminável, independente de ter afetos próximos. Se for com conformação e amor à vida, ela será um momento de aceitar a missão cumprida e aproveitar o que resta pra viver.” (Dorany, 20 anos, sobrinha-neta de Dona Yara)

Observamos, então, um discurso muito próximo entre Dona Yara e sua sobrinha-neta e penso ser possível afirmar que tal proximidade se deve a uma relação ali estabelecida de cumplicidade e intimidade de gênero. Dessa forma, sua velhice (no sentido de experiência, bagagem, transmissão de conhecimento) passa a ser algo ricamente compartilhado entre os familiares, que tanto a admiram. Interessante notar que as posturas de Dona Yara, que refletem muito de sua subjetividade, incidem, de certa forma, num determinado conceito de beleza. No capítulo anterior, evidenciei sua fala, em que ela se mostra satisfeita com seu corpo, apesar de não voltar grandes preocupações às questões estéticas. Em relação a esse ponto, a sobrinha-neta completa:

“Ela é uma mulher vaidosa, eu acredito que valoriza o bem estar refletido na beleza, como ela mesma diz, ‘quando eu estou bem, o cabelo fica ótimo, a pele também, eu me sinto linda, quando não estou, parece que os cabelos brancos resolvem todos aparecerem...’. Ela possui o hábito de passar cremes, batom, perfume, manter as bochechas vermelhas sempre, que é um hábito que traz desde a juventude, unhas pintadas, enfim. Procura sempre estar bonita. E quanto à saúde, está constantemente fazendo os exames que a sua idade exige.”
(Dorany, 20 anos, sobrinha-neta de Dona Yara)

Dona Yara, então, é uma idosa que parece ter uma visão mais holística a respeito dos cuidados com o corpo, já que o bem estar psíquico, o bem viver, sua religiosidade, performaticamente materializam-se em seu corpo. O trato com a saúde e, certamente, algumas demonstrações de vaidade, estão embutidos num conceito de mulher “de idade”, no entanto, distante de um estereótipo de uma velhice reclusa, associada a ideias de declínio (físico, ou emocional) e inatividade. Sobre a questão da dicotomia ativa/inativa:

“Mamãe é pilhada! Muito mesmo. Não para. É mais animada do que eu. Sempre que eu ligo na casa dela, o telefone toca, toca e não atende. (risos) A gente só encontra ela no celular, porque ela não para em casa. O dia que ela atende, eu até preocupo! Pergunto se ela tá doente... E eu não tenho a menor dúvida que é isso aí que faz ela ser tão bacana, tão nova. Nem sei se ela vai envelhecer um dia.” (Teresa, 47 anos, filha de Dona Maria)

A percepção de sua filha, expressa em sua fala, reflete exatamente as mesmas significações que sua mãe atribui a ela mesma e a seu processo de envelhecimento:

“Olha, para mim, a academia é importantíssima! Fundamental mesmo. Assim como é fundamental o meu trabalho voluntário e assim como sempre foi importante meu trabalho. (...) Isso tudo reflete na minha imagem também. Quando me olho, não me acho velha.” (Dona Maria, 68 anos)

Tal liberdade para manter tantas atividades diárias e manter-se o mínimo em sua casa, no entanto, me pareceu passível de questionamento. Não seria uma espécie de fuga, para não se sentir sozinha? Esse foi meu primeiro questionamento, diante do estilo de vida de Dona Maria e, tanto sua fala como a de sua filha, mais uma vez, apresentam pontos de vista compartilhados:

“Ah... Mas é claro que é! Já tive depressão fortíssima! Olha, anos e anos de terapia pra dar conta. Resolvi encher meus dias e voltar pra casa pra dormir. E deu certo, porque aí eu fico com saudade da minha casa e nem ligo mais se estou sozinha ou não. Vejo e converso e me relaciono com tantas pessoas

durante o dia, que no final eu quero mais é ficar sozinha mesmo!” (Dona Maria, 68 anos)

“Ela já teve problemas sim, de tomar anti-depressivo... Nossa, foi difícilimo! Porque foi quando eu casei, mudei, né? Ai, a minha vida entrou num dilema também, porque eu me sentia muito culpada por ter deixado ela sozinha. Ao mesmo tempo, eu sabia que isso ia ter que acontecer. Ela separou do meu pai quando eu era muito nova, eu tinha dois anos. Menos de um ano depois ele morreu, num acidente. O pior foi que quando eles separaram, ele começou a beber demais e o acidente que matou ele foi por conta de bebida. Isso eu só fui saber depois de adulta, claro. Ela mesma me contou. Mas, parece que minha mãe ficou anestesiada um tempão em relação a isso, acho que também pra dar conta de me criar, sem grandes angústias, pra não passar nada pra mim, essas coisas... Como eu acabei perdendo o contato com a família do meu pai, eu cresci muito grudada nela. Então, sempre foi nós duas, nós duas... Pra tudo! Ai, depois que eu casei é que veio a depressão. Ai, acho que caiu um monte de ficha, ela ficou muito mal. Então, essa mulher que você vê hoje é outra mulher! Ela lutou muito com ela mesma pra poder ficar bem assim. Foi difícil pra ela, pra mim, pro meu marido, pra todo mundo. Então, hoje ela tá muito bem, superou totalmente e é essa pessoa maravilhosa! Por dentro e por fora, né? Porque ela é linda! (Teresa, 47 anos, filha de Dona Maria)

Nesse sentido, pode-se dizer que a experiência de envelhecimento de Dona Maria, o vivenciar de seu dia-a-dia e de todas as tarefas por ela empreendidas, adquirem um significado quase terapêutico. A constante permanência em diversos espaços sociais, a intensa relação social e todas as atividades que mantém durante o dia, é que podem ser responsáveis pela superação de uma circunstância em que se encontrava depressiva. Sua história de vida, suas experiências a levaram, nessa etapa do curso da vida, a assumir um estilo de vida voltado para o empreendimento constante de atividades fora do ambiente doméstico. Suas motivações e desejos, assim, têm relação com o distanciamento de uma possível solidão.

No entanto, a questão da solidão pode ser, também, observada na experiência de envelhecimento de mulheres que estão casadas, como o caso de Dona Stela, ao afirmar que mesmo estando casada há mais de quarenta anos, sente-se sozinha, sente falta de conversar mais com o marido:

“Aqui em casa é assim, ele viaja muito. Por isso que falei pra você vir no sábado. Assim, era certeza que ele ia estar aqui. Então, ele viaja muito e fico sozinha a maior parte do tempo. Eu não tenho uma ocupação profissional, tenho uma ajudante que faz de tudo aqui... Então, te falei que to numa fase muito boa, de liberdade, mas à noite, menina, me dá um medo... (De quê?) De muitas coisas: tenho medo de morrer, medo de perder meu marido, sabe, dele morrer, tenho medo do tanto de gente que eu conheço e que já morreu (risos)... Tenho medo de ficar sozinha demais. Nossa! Tenho muito medo! E meu marido não para em casa, então, eu vou cuidar de mim, vou fazer minhas coisas.

Durante o dia, é tudo ótimo: tem a academia, eu posso sair, almoçar fora com alguma amiga, fazer alguma comprinha, essas coisas... Mas, de noite é difícil! Acho que por isso que fico pensando em fazer plástica o tempo todo! (risos) Ai, ele fica aqui comigo no pós-operatório, é ótimo! Acho que eu sou a única mulher do mundo que gosta de pós-operatório! (risos)” (Dona Stela, 68 anos)

Na verdade, fica evidente a solidão sentida por Dona Stela, com a ausência do marido, que viaja muito a trabalho. Fazendo um contraponto com Dona Maria, que sente medo da solidão, por viver sozinha, observamos que a solidão, nesse caso, não necessariamente está ligada à ausência de um casamento, de um marido em casa. Da mesma forma, outro ponto interessante da fala de Dona Stela diz respeito a uma possível motivação para cirurgias plásticas, que fuja da razão que parece óbvia – embelezamento. Ela evidencia, que tal motivação pode, também, ser somada à vontade de sentir-se mais próxima do marido, ou ainda, que o mesmo dedique mais atenção a ela.

“Stela sempre foi muito vaidosa. Até, na última plástica que ela fez, eu fui contra porque ela fica sempre achando que eu vou preferir o rosto dela mais novo, sem rugas, mas... É feio demais essas mulheres esticadas assim, que vão ficando até parecendo... Japonesas. Eu não gosto de nada que é artificial. Mas, ela tá sempre achando que tem que melhorar e me falando que é pra mim, pro nosso casamento. Tá sempre perguntando se eu acho que ela tá bem, se acho que ela tá gorda, é meio insegura. E olha que ela é muito bonita, nem precisava ser insegura. Mas queria que fosse mais descontraída, sorrisse mais, fosse menos preocupada com isso. (Por que o senhor acha que ela tem tanta preocupação com sua opinião, ou com o casamento?) Ah... Eu não sei. Mas ela fala muito que queria que eu já ficasse mais quieto por aqui. Porque eu viajo demais e ela fala que fica sozinha, que tem medo, que quer conversar... Mas não dá pra parar de trabalhar ainda não. Primeiro que eu acho que enquanto eu tiver disposição, eu devo continuar, porque uma pessoa que passou a vida trabalhando, não consegue ficar parado. Isso aí pra mim seria muito difícil... Outra coisa é porque a aposentadoria que eu recebo é muito pouca. E se eu não trabalho, vai fazer falta. Mas eu também sinto falta daqui de casa, de ficar mais perto, porque a gente tá envelhecendo e acho que tem que ficar é mais junto mesmo.” (Marcos, 71 anos marido de Dona Stela)

Observamos que o marido de Dona Stela também se preocupa em ter, na velhice, uma vida a dois de mais convivência e proximidade. No entanto, a gestão financeira da casa, que é de sua responsabilidade, exige, de certa forma, que ele se mantenha ativo em sua vida profissional. Ele aponta para uma constante necessidade, por parte da mulher, de ter sua opinião a respeito da beleza dela e sua aprovação em relação às escolhas pelas técnicas corporais. Notamos a experiência de envelhecimento de Dona Stela no contexto de uma dominação masculina (BOURDIEU, 2003), que considera as mulheres como

“objetos simbólicos”, em permanente estado de insegurança corporal, ou em estado de “dependência simbólica”. Ou seja, essa experiência é marcada pelo e para o olhar do outro, materializando-se no corpo, tomado por ela como um instrumento de sedução. A preocupação com a gordura, com o excesso de peso, com a possibilidade de constantemente poder remodelar seu corpo, propondo construções e materializações do mesmo demonstram, nesse caso, uma incansável busca pelo corpo ideal, com o qual poderia agradar ao outro. Não somente ao outro, masculino, mas também às amigas do círculo de relacionamento social, a si mesma, estando adequadamente configurada aos padrões hegemonicamente difundidos pelas sociedades atuais.

“Mamãe é meio neurótica com esse negócio de corpo. Ela me põe doidinha com isso, porque eu... Dá pra ver... (risos) Eu to parada com academia deve ter uns dois anos já. Morro de preguiça, não tenho disciplina e ela é viciada, é rata de academia! E, além disso, tá começando a viciar em tratamentos, plástica, essas coisas. Agora, existe até financiamento bancário pra plástica! Então, pra ela, que é, assim, de classe média, tá ficando fácil fazer. É só querer! Meu pai anda meio cansado disso, eu acho. Porque ele trabalha demais, tem uma vida sacrificada, longe de casa e ela torra uma grana com essas coisas! Acho meio chato isso, porque se ela fosse um tribufu, mas ela é bonita. Então, não vejo tanta necessidade assim. Já falei pra ela que ela faz só pra chamar atenção dele (risos). Mas, ela fica brava se falar isso! (Silvia, 39 anos, filha de Dona Stela)

A percepção de Silvia em relação à mãe, no que diz respeito à sua aparência física, coincide com a do marido, no sentido de não perceber necessidade, por parte da mãe, em recorrer constantemente às cirurgias plásticas. E, indo além, demonstra preocupação com seus gastos nesse sentido, já que o pai se sacrifica trabalhando fora da cidade, motivo principal de seu sentimento de solidão. É possível perceber, também, a ausência de uma transmissão geracional, principalmente no que diz respeito às técnicas de gestão do corpo. A filha mantém um estilo de vida que não prioriza, aparentemente, o trato corporal, questão que é visivelmente prioridade na vida da mãe, que explicita uma constante insegurança em relação à sua beleza física.

É possível perceber, nas relações em família, como as mulheres se diferem em seu estar-na-família. No sentido de buscar traçar uma caracterização do que poderia ser uma mulher velha em família, diversos aspectos poderiam ser abordados, como: a postura de conformação e de insatisfação com as tarefas domésticas; a solidão, que pode ser, inclusive, “acompanhada”, como no caso específico de Dona Stela; administração tanto doméstica quanto financeira da casa; posição de matriarca, conselheira e

cuidadora; agenciamento de projetos de vida; responsabilidade econômica por filha e netas; subordinação à filha; gordura; velhice; empobrecimento; busca por trabalho; ter sua beleza corporal reconhecida; ser exagerada com as experiências de embelezamento; ser gorda; ser despachada; resolvida. Enfim, pudemos ver a vasta heterogeneidade das caracterizações acerca dessas mulheres e como diferem em suas experiências de envelhecimento em casa, em família. No entanto, ao fazermos uma relação com o ser velha no ambiente da academia de ginástica, podemos perceber que tal lugar representa um encontro de experiências diversas de envelhecimento. E o compartilhar das técnicas, do processo de construção da beleza, nesse sentido, tem alta representatividade na vida de todas essas mulheres. Isso porque pode representar: liberdade, conquista, autonomia para cuidar de si, um momento de intimidade e de socialização, uma experiência compartilhada, uma performance, que proporciona o distanciamento de uma ideia de velhice.

Este capítulo focalizou as relações familiares das mulheres pesquisadas, partindo da necessidade de se traçar uma caracterização de suas experiências de velhice em família. Como percebemos, há uma grande diversidade nessas relações familiares e, para que possamos prosseguir nessa compreensão da percepção sobre as experiências de envelhecimento dessas mulheres, o capítulo seguinte se destinará às análises das falas, tanto dos familiares, quanto delas mesmas, a partir da utilização de fotografias como metodologia de pesquisa. Se no segundo capítulo evidenciamos a intencionalidade que permeia a incorporação do discurso de seus desejos, o capítulo seguinte analisará o efeito produzido – o poder perlocucionário (AUSTIN, 1990) dessas performances. Nesse momento, será possível compreender como é o olhar de seus familiares às suas imagens, como são por eles percebidas e, ao mesmo tempo, sua auto-percepção sobre tais imagens representadas nas fotografias.

CAPÍTULO 4 – EXPERIÊNCIAS DE ENVELHECIMENTO – O PODER PERLOCUCIONÁRIO DO DESEJO

Conforme apresentado na introdução deste trabalho, página 18, ao marcar as entrevistas, solicitava às mulheres que escolhessem previamente, para o momento de nossa conversa, uma fotografia de sua preferência. No momento da entrevista, então, era solicitado a elas que me fizessem, num primeiro momento, uma descrição da pessoa que viam na imagem que elas haviam escolhido para a entrevista. A intenção foi a de buscar um estímulo à fala dessas mulheres, no sentido de suas auto-percepções.

4.1 A fotografia enquanto instrumento de pesquisa

Feldman-Bianco (2006) ressaltou a importância de uma maior dedicação e atenção aos significados culturais engendrados pelas imagens, assim como às maneiras como a leitura de imagens são mediadas. Há uma necessidade de ir além, no fazer antropológico, do simples registro e documentação visual. Assim que se realiza algum investimento imagético na pesquisa, todo o contexto da comunicação poderá adquirir um significado maior. Ao invés de assumir uma postura neutra, de ‘observador participante’, a pesquisa possibilita a interação entre pesquisadores, pesquisados, produtos e contextos históricos. A análise sobre a imagem que estampava as fotografias que foram escolhidas pelas entrevistadas pôde ser feita em diversos sentidos: quem estava naquela foto? Uma jovem? Uma senhora? Estava sozinha? Acompanhada por quem? Em que circunstâncias a foto foi tirada? Por que a escolha daquela foto especificamente?

Esse momento foi de grande riqueza de informações e caracterizações, que me levaram a interpretar não somente as falas descritivas das imagens, mas também, as razões pela escolha daquela(s) fotografia(s), as lembranças que ela evoca e todo um conjunto de dados, advindos do acionamento de suas memórias. A imagem, nesse sentido, vai além da pessoa fotografada, referindo-se tanto a um ponto específico da vida desta pessoa, como às suas relações com outras pessoas naquele momento. Assim, “ela carrega significados escondidos e valores emocionais que alteram-se conforme as vicissitudes da experiência daquela pessoa.” (FEATHERSTONE & HEPWORTH, 1996, p. 745) As imagens das mulheres idosas, então, além de possibilitarem retratar os sinais, aparentes no corpo, do avanço da idade cronológica, podem também servir como

importantes ferramentas para compreensão das materializações de corpos, subjetividades e identidades.

Num outro momento, era solicitado a elas que eu as fotografasse. Busquei aí, a percepção que tinham acerca de uma imagem atual, naquele momento específico em que se encontravam. Dessa forma, não apenas as descrições, mas as reações, satisfações, insatisfações, constrangimentos, enfim, toda a gama de sentimentos provocados pelo olhar a essas imagens transformou-se, aqui, em informações acerca de suas experiências de envelhecimento e serviu para auxiliar a caracterização que elas têm sobre suas materializações performativas de corpo. E foi nesse sentido – de busca pelo efeito – que tais imagens foram utilizadas.

As mesmas imagens das entrevistas com as mulheres foram, também, utilizadas como ferramenta metodológica de estímulo à interlocução com seus familiares, durante as entrevistas. O olhar do outro (família) sobre elas busca auxiliar na compreensão de como são percebidas, como o poder perlocucionário das performances é visto em suas experiências familiares.

E, por fim, o fato de apenas três mulheres terem me autorizado a divulgar as fotografias utilizadas nas entrevistas, também acabou por tornar-se um interessante dado de meu trabalho de campo. Isso porque diz muito a respeito de suas subjetividades e motivações enquanto mulheres, idosas, pertencentes a núcleos e contextos sociais diversos, em busca de melhor experienciar seu envelhecimento. Conforme apontei, houve certo constrangimento por parte de algumas mulheres em revelar seus nomes e imagens e penso que tal sentimento esteja mais associado às forças sociais que atuam sobre essas mulheres, do que necessariamente a uma ideia de responsabilidade individual. Isso porque, de acordo com algumas falas, expor-se em minha dissertação, através de suas fotografias, seria algo vexatório diante das amigas, ou do marido, ou ainda, dos amigos do marido e quaisquer outras pessoas que possam ter acesso a esta pesquisa.

Tratarei, então, de analisar essas percepções, buscando as possibilidades de interpretação das informações conseguidas através das imagens, bem como do efeito de seus investimentos corporais em suas percepções, lidando com as fotografias, aqui, enquanto um jogo de espelhos. Isso porque, como veremos, a caracterização da velhice, feita pelas mulheres diante de suas imagens fotográficas, nos permite interpretar que tal experiência é relacionada a uma espécie de autoconvencimento – invisto sobre o meu corpo, sou ativa, por isso, não sou velha. No entanto, a grande maioria das mulheres, ao

visualizar as fotografias, especialmente aquelas tiradas por mim, durante a entrevista, acreditava veementemente que aquela pessoa da foto não era ela. E, dessa forma, acreditam também que elas, pessoalmente, são mais bonitas do que a imagem representada na fotografia. Há aí, uma clara defasagem entre o que desejam materializados em seu corpos e o que veem em si mesmas através das fotografias.

Tal defasagem pode se dar, também, em função de, num primeiro momento, essas mulheres observarem e se caracterizarem a partir de uma fotografia escolhida por elas, com a qual claramente se identificavam. As imagens representadas nessas fotografias que elas me traziam era uma imagem permeada pelo desejo – os corpos ali exibidos eram materializados de acordo com aquilo que, para elas, seria a imagem ideal. Nesse sentido, muitas vezes, as fotografias escolhidas eram de um tempo passado, às vezes de um passado distante, da época de suas adolescências, ou do casamento, por exemplo. Assim, a memória entra aqui como um importante trabalho de projeção desse desejo. Na maior parte das vezes, lembrar não é somente reviver um tempo, mas refazer e reconstruir, repensar, com imagens, experiências e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória, nesse sentido, é trabalho (BOSI, 1994). E o trabalho de refazer as experiências do passado, as projeta para desejos de experiências atuais. Possivelmente, forma-se aí uma lacuna, onde a defasagem, na maioria dos casos, se produz.

4.2 O jogo de espelhos e a visão da família

Dona Ana foi uma das mulheres que não me permitiu usar suas fotografias no trabalho. Ela me afirmou não gostar de seu corpo, nem de seu rosto. Disse ser uma mulher sozinha, que não se casou e que pensa ser o motivo de sua “solterice” justamente o fato de não ser bela. Durante a entrevista, levou uma foto sua bem jovem, na época de sua adolescência e não me permitiu que eu tirasse sua fotografia no momento de nossa conversa. Vale lembrar que ela foi a única mulher que entrevistei na academia e que, portanto, mesmo estando em um local reservado, a sala onde estávamos era de fácil visualização por outros frequentadores da academia de ginástica. Assim, penso que Dona Ana sentiu-se envergonhada em tirar, naquele momento, uma fotografia sua, após a aula de hidroginástica e, portanto, com os cabelos molhados, sem maquiagem, ou alguma arrumação especial.

Ela levou duas fotografias em preto e branco – uma de quando era adolescente, no ano de 1942 e ainda morava em Salvador, na qual está em pé, com um vestido de

mangas curtas, à altura dos joelhos, com a cintura bem marcada, evidenciando a beleza de seu corpo. Na outra fotografia, ela está adulta, por volta dos trinta anos de idade, na década de 1970, já em Goiânia, trabalhando como professora. Nessa, ela está sentada, atrás da mesa de sua sala de aula, com um globo terrestre e alguns cadernos sobre a mesa. Seu corpo não está aparente, mas pude perceber que ela vestia uma camisa clara. Dona Ana está muito sorridente nessa segunda imagem. A primeira pergunta que fiz a ela, ao observar as fotografias que trouxe, foi sobre os motivos que a levaram a escolher aquelas fotografias, que me pareciam muito distantes da imagem que ela tem hoje.

“Eu escolhi por alguns motivos: primeiro porque gosto muito de cada uma dessas fotos aqui e, depois, porque tem um momento da vida da gente que a gente vive muito de lembranças. Então, eu pego muito as fotos mais antigas que eu tenho, pra ficar olhando e lembrando, puxando na memória que dia foi aquele, o que eu estava fazendo, por que tirei a foto... (E a senhora pode me falar um pouco sobre elas então? Quem são essas mulheres dessas fotos?) São duas meninas, né? (risos) Ah... Se pudesse voltar no tempo... Nessa aqui, eu tinha 16 anos e meu pai tinha comprado a máquina fotográfica portátil. Então tiramos muitas fotos nesse dia. Coloquei um vestido que minha tia tinha confeccionado. Aqui não dá pra ver, mas ele era grená, com uma faixa de tira bordada na cintura. Veja como eu já fui! Como era viçosa e bonita, o corpo bem desenhado, tinha quadril e busto, mas a cintura era fina... Meu pai não deixava passar batom, mas em alguns dias, assim, podia. Nessa foto eu tava de batom, porque eu me lembro dos momentos, sabe? De como eu me sentia feliz por passar um batom na boca. Então, eu vejo nessa foto uma mocinha, muito bonita, cheia de sonhos, ingênua, até boba! Mas uma mocinha, uma menina linda! Já essa outra aqui é outra fase. Eu já tinha vindo pra Goiás, já tava trabalhando em Goiânia e gostava muito de lecionar. Essa eu escolhi porque mostra bem meu rosto como era, veja só! Essa foto foi tirada porque era praxe na época, o fotógrafo da escola mesmo vinha nas salas pra registrar e fica tudo arquivado lá na escola, eu acho. Foi um tempo muito bom, eu era muito feliz lecionando. Da época sem rugas. (risos) Hoje, é só marca no rosto, papada, bochecha caída... Eu era graciosa, tá vendo?” (Dona Ana, 85 anos)

O que fica claro nessa fala de Dona Ana, primeiramente, é o fato de evidenciar a importância da memória e das lembranças em sua vida, nesse momento acionadas pelas fotografias, já que afirmou viver muito mais de lembranças de um tempo passado. Dessa forma, sua descrição sobre ela mesma veio acompanhada por uma descrição, também, do que acontecia naquele momento, suas sensações e jeito de ser. Posso dizer que as imagens foram, de certa forma, um ponto de partida para que Dona Ana pudesse reconstruir um pouco de suas lembranças e acionar a memória de seu passado. Perguntei a ela por que escolheu duas fotografias do passado e sua resposta foi muito relacionada ao prazer de reviver um pouco de sua história. Ao mesmo tempo, reproduzir seu desejo, já que ela evidencia muito sua aparência física nessas épocas. Pelo fato de estar, hoje,

uma mulher gorda e velha, segundo sua própria descrição (que coincidiu com a da sobrinha, inclusive), penso que para Dona Ana, o olhar para essas imagens significa poder mostrar a ela mesma a graciosidade que já teve um dia. Ao afirmar que gostaria que o tempo voltasse, isso fica muito claro e deixa transparecer, também, um possível desejo de voltar no tempo e recuperar, talvez, o corpo belo que já teve um dia.

Conforme disse, Dona Ana não quis que eu a fotografasse, pois afirmou não gostar de sua imagem hoje. Ela disse que a forma física com que se apresenta hoje não consegue traduzir o que ela realmente é. Pedi, então, que me explicasse isso melhor:

“Eu sou uma mulher feliz, resolvida com minhas coisas em minha vida, sou boa de conversa, dou notícia de tudo, tenho muita vivência e experiência, sou independente e uma pessoa que não me conhece e vê uma foto minha, não vai me imaginar como eu sou. Porque minha aparência hoje é muito feia. Estou muito prejudicada pela gordura, pela velhice, pelo tempo... Então, eu não gosto que tirem foto de mim hoje. Não mesmo. Gosto de guardar lembranças minhas assim, mais nova. Isso aqui é o que representa mais o que eu sou.” (Dona Ana, 85 anos)

Dona Ana deixa, mais uma vez, muito clara sua insatisfação com seu corpo e uma certa incompatibilidade de como se sente no mundo, como seu desejo deveria se materializar corporalmente e aquilo que na realidade se materializou em seu corpo. As qualidades que ela expressa em sua fala (ser independente, boa de conversa, com muita vivência e conhecimento), que são caracterizações atraentes em uma pessoa, não são coerentes com seu corpo. Assim, há a percepção de que as performatividades incorporadas ali, não se ajustam àquilo que, de fato, desejava e que compõem sua subjetividade. Isso já foi, aqui, evidenciado também numa fala de sua sobrinha, ao afirmar que quem olha sua tia, não a vê, mas sim à sua gordura. Tal constatação se deve, possivelmente, no caso de Dona Ana, ao fato de ter mantido sua atividade corporal, durante seu curso de vida, voltada para o trabalho e não para o embelezamento. Agora, no entanto, com a manutenção de um corpo ativo na academia de ginástica, manifesta o desejo de manter viva em sua memória, imagens que tenham maior coerência com aquilo que, para ela, a caracteriza.

Ao fazer esse exercício de percepção das imagens com sua sobrinha, ela teve certa dificuldade, talvez pelo fato de Dona Ana ter escolhido fotografias antigas:

“Mas essas fotos aqui não têm nada a ver com ela! Quer dizer, não têm a ver com ela hoje, claro. Eu sei que nas duas fotos é ela, mas eu não sei nem descrever a tia olhando essas fotografias, porque eu não conheci ela assim.”

Não tem foto atual? (Não tem. Me diz uma coisa, então. Você já me falou um pouco sobre a forma como enxerga sua tia, fisicamente. Como você acha que ela se vê?) Ai, difícil saber. Ela é muito fechada... Mas eu acho que ela tem sim alguma insatisfação com o que ela virou, né? As maiores dificuldades da vida dela, hoje, são por causa do corpo dela. Então eu acho que ela não gosta não. Mas, ao mesmo tempo, se a gente não for olhar o lado da aparência física dela, ela é uma pessoa que tem um valor incrível! Porque ela conseguiu muita coisa na vida dela, sozinha. Se hoje ela tem uma vida que é, assim, de certa forma folgada, é porque ela deu conta sozinha disso aí! Então eu vejo a tia com outros olhos. De repente, quem não conhece ela, só olhando, pensa: 'nossa, que mulher carrancuda, esquisita!'. Porque ela tem uma cara amarrada, né? Mas, se você sentar pra conversar, o papo dura um dia inteiro. Então, eu acho ela uma mulher linda! Claro que se a gente for olhar pro corpo, não é legal, mas aqui dentro ela é uma pessoa e tanto! Então, acho que ela deve se sentir insatisfeita com a gordura dela. Mas, ela gosta do que é sim.' (Marina, 35 anos, sobrinha de Dona Ana)

Assim como a tia, Marina a percebe de uma forma que não se ajusta ao que se apresenta materializado em seu corpo. Observamos, na fala da sobrinha, que há a clara percepção de que aquilo que conta mais em Dona Ana não é a materialidade de seu corpo, mas essencialmente, aquilo que, sob o ponto de vista das duas, a define como pessoa, em sua experiência de envelhecimento – sua subjetividade. Se formos comparar com outras falas das duas, a descrição feita através das categorias *velha* e *gorda* não constituem o que, na verdade, definiria Dona Ana, apesar de deixar transparecer o que a sobrinha já havia dito: que a tia passou a vida negligenciando seu corpo e agora é que se atentou para essa questão. A velhice, nesse sentido, constitui um momento propício para a consciência corporal de si mesma e para dedicar-se a isso, com tempo e recursos de que dispõe, indo à academia de ginástica. O que me interessou, particularmente, na fala da sobrinha foi justamente o fato de apontar para a aparência “carrancuda” de Dona Ana. Tal fala coincide com a minha primeira impressão sobre ela, logo que entrei para minha primeira aula na Academia Milenium. E, de fato, minha percepção mudou totalmente, a partir do momento em que iniciamos uma conversa. Se a subjetividade, assim como a corporalidade, é construída e reconstruída a partir das relações sociais e de um “estar-no-mundo”, das práticas cotidianas diversas, da experiência pessoal, Dona Ana define-se, sob seu ponto de vista, a partir daí. Claro, não se pode ignorar as maneiras como tais práticas se materializaram em seu corpo ao longo dos tempos, o que diz muito a respeito de quem é.

Dona Maria também me pediu que não divulgasse seu nome, nem fisionomia, por ter vergonha de suas amigas. Não quer que saibam o que pensa a respeito dela mesma, nem tampouco as impressões de sua filha sobre seu corpo e seu

envelhecimento: *“Querida, tem coisas que a gente não sai falando por aí! Falei pra você porque sei que é legal pra sua pesquisa. Mas, por favor, invente um nome, ou um número qualquer aí pra mim.”* (Dona Maria, 68 anos) Em relação à Dona Maria não há, explicitamente, constrangimento em relação à sua imagem, mas sim em relação ao fato de se identificar numa pesquisa em que sua vida e suas impressões sobre si mesma se tornam públicas.

Ela, ao contrário de Dona Ana, escolheu para nossa entrevista, uma fotografia recente, da noite de Natal de 2010. Ela está sozinha na foto, em sua casa, em pé, ao lado da árvore de Natal, muito maquiada, sorridente, de vestido preto, na altura dos joelhos e salto alto vermelho.

“Escolhi esta porque é recente, então dá pra ver bem como estou hoje, né? Eu não gosto de foto, achei difícil escolher. A idade vai chegando e aí vai ficando cada vez mais difícil a gente gostar da nossa imagem em foto. Mas, essa aí é boa também porque dia de Natal eu acho uma delícia, reunir família, comer bem, tomar uma bebidinha, confraternizar... Eu adoro! Então, eu tô sempre com a cara boa em foto de Natal! E nessa eu tô muito bem, olha aí!” (Dona Maria, 68 anos)

A escolha da fotografia, mais uma vez aqui, aparece relacionada à lembrança de um momento feliz, numa data significativa. Essa escolha, então, é cheia de significados, que podem extrapolar a imagem que está ali representada. A opção por determinada fotografia significa, aqui, relembrar a memória de um momento agradável vivido. No caso de Dona Maria, como ao Natal ela associa boas lembranças, tais recordações é que irão justificar a motivação por essa foto. No momento em que pedi para fotografá-la, Dona Maria pediu licença para olhar-se no espelho antes. E voltou, visivelmente, com a maquiagem retocada. Foto tirada, ela então inicia seu exercício de percepção:

“Olha, eu disse que não costumo gostar de foto e, assim, saí meio sem graça, porque você me pegou de surpresa! Mas eu vejo uma mulher bonita, uma mulher de idade um pouco mais avançada, mas que se diferencia das outras da mesma idade que ela. Eu gosto dos meus olhos, do meu cabelo, agora, que eu fiz um corte novo, que nunca tinha feito, mais curtinho assim... Achei mais moderno, fiquei mais jovem. Ontem, eu fiz escova, então, olha só, fica bom, né? Eu vejo uma mulher alinhada, muito bem, assim, bonita mesmo, né?” (Dona Maria, 68 anos)

Se formos comparar o momento em que ela analisa a fotografia escolhida por ela mesma e a tirada por mim, no primeiro momento, posso dizer que a descrição é muito

parecida com a de Dona Ana. Ou seja, muito relacionada ao contexto histórico em que se deu a fotografia, à representatividade daquele registro, que não está unicamente ligada à sua imagem e aparência, mas também aos sentimentos provenientes das lembranças que a fotografia traz. A segunda foto já é desprovida dessas significações e, portanto, não faz referência a nenhum tipo de lembrança, por isso, desperta uma reação mais próxima do momento presente. Melhor dizendo, de uma percepção mais verdadeira, vamos dizer assim, a respeito do que seria sua materialização corporal hoje. Daí, sua descrição sobre os cabelos, o penteado, sobre seus olhos, ou seja, caracterização física de sua imagem ali representada.

No mesmo exercício de percepção, com sua filha, ao visualizar a primeira fotografia, ela abriu um largo sorriso:

“Eu que tirei! Adoro essa foto! Tenho ela num porta-retrato na minha casa! A mamãe tá linda nela! Um mulherão! Vestidinho preto, batom vermelho, sapato vermelho de salto... Tá muito bonita mesmo! É assim que eu gosto de ver ela, porque tem hora que ela fica com preguiça de se arrumar, produzir, sabe? Eu encho a paciência dela até, porque é bom ver ela usando umas roupas legais, que favorecem... Acho que palpite de filha é o melhor, porque é sincero. Nessa outra aqui, ela já tá com um sorrisinho diferente, né? Mas tá bonita também. Minha mãe não tem a aparência de uma mulher de 68 anos. Antes, quando a gente pensava numa pessoa com essa idade, era uma velha, né? Cabelinho branco, sentadinha, fazendo crochê, vendo televisão o dia inteiro, cozinhando quitanda... (risos) Hoje em dia, a gente tem muita opção de coisa pra prolongar a beleza. Então, você olha aqui essa foto dela e não fala que ela tem 68, mas não mesmo! Eu vou na cola dela pra ficar assim também!” (Teresa, 47 anos, filha de Dona Maria)

A fala da filha demonstra a relação de intimidade, cumplicidade entre as duas, já evidenciada antes e reforçada agora. O fato de aconselhar a mãe a respeito de sua aparência, do que vestir, da melhor forma como se arrumar, deixa clara a troca entre mãe e filha de tal preocupação e desejo da materialização do embelezamento no corpo. Outro ponto relevante de sua fala diz respeito ao estereótipo da “velha” de cabelos brancos, confinada aos domínios do lar, com vida mais parada, inativa e, por isso, mais envelhecida. Dessa forma, o prolongamento da juventude aparece como diretamente ligado à adoção de um estilo de vida de muita atividade, relações sociais fora do ambiente doméstico, prática de técnicas corporais diversas, voltadas para a saúde e a beleza, na academia de ginástica. Assim, o estilo de vida adotado por Dona Maria na gestão de seu próprio envelhecimento, serve de modelo para a que a filha queira buscar o mesmo.

Dona Marta, muito tímida em relação às fotografias utilizadas na pesquisa, pediu que não as divulgasse, nem o seu nome no trabalho, por receio de que algum conhecido pudesse ler. Durante a entrevista em sua casa, ficou muito em dúvida em relação à escolha da fotografia e escolheu três, de fases distintas de sua vida – uma da adolescência, uma do dia de seu casamento e outra mais recente, de uma noite de Natal. Quando solicitei a ela permissão para que pudesse tirar sua foto, ela correu para o banheiro, para poder se maquiar. No entanto, disse não ter fotogenia alguma e, por isso, também não me permitiu usar a foto tirada, nem a escolhida. *“Eu acho, sabe... A fotogenia, essas coisas... Isso é um dom que a pessoa tem. Eu não tenho. Nunca tive. Essas fotos aqui que escolhi... Precisa ver como eu era mais bonita ainda! E essa aí que você tirou, também não sou assim não! Prefiro eu de carne e osso mesmo!”* (Dona Marta, 77 anos)

Dona Marta e Dona Leila possuem algumas semelhanças em relação a esse momento da entrevista e, assim como Dona Maria, escolheram uma foto de uma noite de Natal. No caso de Dona Marta, além dessa, outras duas: uma em que era adolescente, no final da década de 1940, e a outra de seu casamento, em 1955. A foto em que está mais nova foi tirada em estúdio, coisa muito comum em sua época de juventude. Ela está de pé, com a mão sobre uma cadeira, de vestido sem mangas, segurando uma bolsa de mão, cabelo mais curto e bem penteado, não muito sorridente. Na foto do dia do casamento, ela está com o marido, ambos brindando com uma taça. A fotografia foi tirada em close e, dessa forma, faz mostrar muito bem seu rosto. E, na última foto, ela está recebendo um presente de Natal de sua neta, seus cabelos estão mais claros do que hoje, nessa foto, ela está vestindo um macacão branco, salto alto e rosto maquiado.

“Escolhi três! Essa aqui eu tinha 18 anos e tirei num estúdio que tinha na esquina da minha casa. Na época a gente não tinha máquina fotográfica, então, de vez em quando meu pai dava dinheiro pra gente tirar no estúdio. Eu tenho muitas desse fotógrafo. Eu gosto dessa, porque eu tava usando o vestido do dia que eu conheci meu marido. Não foi nesse dia não, mas eu tava com o mesmo vestido. Eu trouxe essa foto, pra você ver como eu era bonita. Todo moço queria me namorar! Eu fazia muito sucesso. Teve um baile que deu briga pra dançar comigo. (risos) Tanto é que casei muito nova! Meu marido me conheceu, namoramos um ano e meio só, ele me pediu em casamento, eu aceitei. Foi pra me garantir só pra ele. (risos) Então, olha aí, ele é sete anos mais velho do que eu. Era bonitão também! Nessa do casamento, dá pra ver bem de perto meu rosto, que beleza que era. Pele de pêssego eu tinha. Nem um porinho, nada! Eu tinha o rosto muito delicado, a boca bem desenhada. O tempo é que acaba com a gente. A boca vai murchando... Mas eu gosto muito dessa foto, tem um significado importante na minha vida também o dia do casamento, né? A outra foto é do Natal de 2009 eu acho. Não se foi 2009 ou

2008. Aí já é uma coisa mais de agora, né? Então, dá pra ver bem a mudança minha. Como a gente vai perdendo mesmo a beleza da pele, do rosto, o corpo muda, a gente vai ficando mais redonda... Mas Natal é bom, porque a gente sempre tá alegre, com as pessoas que gosta em casa, festando, comendo, bebendo, trocando presente... É bom demais.” (Dona. Marta, 77 anos)

O trabalho da memória aparece marcado, aqui, em sua fala e evidencia a preferência pela escolha das fotografias, assim como a caracterização e descrição voltadas para partes de um corpo que já teve, evidenciam um desejo de manutenção daquele corpo – a boca que vai murchando, a perda da beleza da pele e ficar mais redonda. Ao pedir para tirar sua foto, ela também pediu licença para passar batom. E, em relação a essa fotografia: *“Não gostei não. Tô muito feia. Não acho que eu sou assim. Por favor, nem me fale que parece comigo! (risos) Essa mulher aí é uma mulher feia! E eu não me acho, sinceramente, eu não me acho feia. Olha aí que tanto de ruga, meu Deus do céu!”* (Dona Marta, 77 anos)

Observamos, então, aquilo que apontei de início do capítulo. Dona Marta não se acha fotogênica e, como a fotografia tirada no momento da entrevista pega essas mulheres de surpresa, de certa forma, representa o momento atual, a forma como suas experiências de envelhecimento se materializam em seus corpos. Dona Leila também se mostrou insatisfeita com esse momento e solicitou-me, da mesma forma, que eu deletasse sua fotografia e não usasse sua imagem.

“Nossa, eu deveria ter ido ali pentear melhor o cabelo, passar batom... Não tá horrível não, mas também não tá boa! É porque a gente, quanto tá em casa, fica mais relaxada, né? Eu não tô bem maquiada, meu cabelo tá esquisito, foto com roupa clara também, olha, não destaca a gente. Parece que não realça. Diferente dessa aqui, né, que eu escolhi!” (Dona Leila, 70 anos)

Dona Leila selecionou uma foto sua na noite de Natal de 2010. Ela está sozinha, sentada em uma poltrona de sua sala, segurando uma taça de vinho, muito sorridente, maquiada, cabelo preso com um coque, vestido longo estampado e sandália baixa. Da mesma forma como Dona Marta, ela se mostra satisfeita com o que aparece retratado na fotografia, o que evidencia a necessidade de se produzirem, hoje, para se acharem bem em uma foto.

“Natal sempre dá umas fotos boas. Escolhi essa porque, modéstia à parte, tô muito bem nela. É raro eu sair bem numa foto, então quando eu gosto... Nossa! Fico olhando um tempão, me gabando... (risos). Foi no último Natal, aqui em casa. Tavam os filhos todos, os netos todos também. Eu adoro noite de Natal,

as comidas, a reunião, fica todo mundo num clima bom, diferente, assim... Parece que a gente busca ficar mais em paz, né? Então, nesse dia, eu tava muito bem, em paz, me sentindo muito bem. E eu adoro esse vestido, acho que eu fico bem com ele, assim, a estampa colorida, dá um ar mais jovial, né?”
(Dona Leila, 70 anos)

As falas das duas evidenciam a importância da data do Natal para elas, justamente por ser um momento de reunião e confraternização em paz com a família. Assim, a memória enquanto reconstrução de uma experiência, aparece como motivadora da escolha, por parte de três das minhas entrevistadas, por essas fotografias de Natal. Mais uma vez, as lembranças e recordações de um momento agradável, associadas àquilo que está impresso em seus desejos. No caso de Dona Marta, fica marcada em suas escolhas a necessidade de se mostrar para mim enquanto jovem, enfatizando a beleza um dia performatizada em seu corpo e pelo fato de ter, aos poucos, perdido essa formosura, que ainda busca construir, por exemplo, na academia de ginástica. Ao citar a delicadeza do rosto, a pele “de pêssego”, a boca bem desenhada, ela deixa claras as marcas em seu corpo que evidenciam sua juventude e que, com o tempo, vão-se desconstruindo, vão-se modificando e se perdendo. A escolha por uma fotografia do casamento me pareceu também muito ligada ao significado e representatividade que a data tem em sua experiência de vida. Assim, as subjetividades se expressaram para mim, através das escolhas que foram feitas.

Ao mostrar as fotos de Dona Marta à sua filha e à neta, obtive as seguintes percepções:

“Minha mãe já foi muito bonita! Não que agora não seja, mas, é claro, o tempo passa e o rosto vai enchendo de marcas. Eu conhecia essas fotos dela e fico encantada com a beleza que ela tinha. O rosto dela era uma perfeição! Parecia musa de cinema, só que ela é baixinha, né? (risos) Mas era muito bonita. Essa foto aqui do Natal... Ela tá muito alinhada, de saltão... Você nunca vai ver minha mãe sem salto. Quer dizer, só na academia! Mas ela não desce do salto nunca! É impressionante! Agora, se a gente for pensar que ela tem 77 anos, é demais, não é não? Eu dava uns 60 só olhando a foto. Agora essa aqui, que você tirou, já tá um pouquinho pior. Acho que ela não tava maquiada, coitada. Então, não ficou muito boa mesmo. As rugas tão aparecendo...” (Juliana, 43 anos, filha de Dona Marta)

“Nossa! Eu nunca tinha visto essa aqui! A do casamento já. Ela casou muito linda! Esses vestidos de antigamente eram tudo! Eu acho lindo. E o olho, com delineador, o brinquinho delicado, perfeito! Ela parecia atriz. Essa aqui ela nunca me mostrou. Tá linda também. E a gente vê que é ela, não vê? Porque tem mulher que envelhece, se você pega uma foto antiga e compara, parece que é outra pessoa! A vovó envelheceu, claro, mas a gente vê que é ela. Então quer

dizer que ela continua bonita! Mais envelhecida, lógico, mas bonita. Uma senhora bonita. Essa aqui comigo! Adorei ela escolher essa foto. Eu tenho ela no meu mural de fotografia do meu quarto. Ela tá ótima e eu também! (risos) Foi no Natal, acho que tem uns dois anos isso. Mas dá pra ver que ela é bonita, bem arrumada, gosta de arrumar, de se vestir bem, de passar pintura no rosto, essas coisas. E o salto alto! Até o chinelo dela tem salto! Repara lá na hidró pra você ver! Essa outra foto de agora, olha, eu sou muito suspeita, porque eu acho a vovó muito bonita. Não tá maravilhosa, mas tá bonita. Ela não tá muito cuidada, bem arrumada como ela é, mas tá bem também.” (Luciana, 19 anos, neta de Dona Marta)

Quanto à filha e neta de Dona Leila:

“Engraçado que eu vejo um monte de foto da mamãe e parece que o tempo não passa pra ela. Eu vou envelhecer muito mais! Olha o tanto que essa foto é boa! Claro que se a gente pegasse uma foto dela bem novinha, ia notar uma diferença grande, ela era maravilhosa, tinha um cabelão até na cintura, liso, liso, era magérrima, compridona, parecia modelo. Mas, de uns tempos pra cá, ela tá assim. Não muda não, não fica velha. E esse vestido eu amo! Direto eu pego emprestado! Essa aqui é de agora? (É sim. Tirei hoje.) Aposto que ela não gostou. Porque tá mostrando mais as marcas de expressão. Mas mesmo assim, ela tá bem sim. Ela é bonita mesmo.” (Cláudia, 42 anos, filha de Dona Leila)

“Gente, a vovó não fica feia. Nem em foto. Se eu tivesse com ela na foto eu ia tá feia e ela bonita assim! (risos) É foto de Natal, que ela adora Natal. Ela fala que prepara a pele dela o ano todo, pra tá bem nas fotos do fim de ano! Pode? (risos) Mas tá muito bonita nessa foto! A gente vê que ela não é velha, não vê? Essa foto aqui que você tirou eu gosto também, mas acho que ela não usaria essa foto, sabe, pra mostrar pros outros, por exemplo. Porque ela tá do jeito que ela fica em casa, mais relaxada...” (Laura, 19 anos, neta de Dona Leila)

A negação da velhice das mães e avós aparece de forma muito marcada nas quatro falas acima, assim como aparecem nas caracterizações dessas mulheres, em relação às suas performatividades e experiências na academia de ginástica. O convencimento de que não são velhas se dá pela percepção da aparência de seus corpos nas fotos. As marcas – rugas, gordura, feiúra, boca murcha – que frequentemente foram aqui apontadas como sinais evidentes do envelhecimento, não aparecem de forma tão veemente nos discursos das outras gerações. Da mesma forma como observamos no caso de Dona Maria, também aqui, a mãe e a avó, nesses casos, servem como modelos de beleza e cuidado de si a serem seguidos pelas filhas e netas. A fala da filha de Dona Leila deixa evidenciar, ainda, alguns signos que se encaixam num padrão hegemônico de beleza, altamente difundido em nossas sociedades contemporâneas – os cabelos longos, lisos, a altura e a magreza – tornando claros alguns modelos que regem os

discursos sobre beleza hoje. Em relação às fotografias que eu tirei, é possível perceber uma menor exigência das netas em relação à aparência das avós, do que das filhas. As netas se mostraram mais satisfeitas com a imagem ali representada, enquanto que as filhas tiveram um olhar mais crítico e exigente, demonstrando uma percepção mais próxima das percepções das mães.

Outro ponto que pôde ser notado, também, é o fato do arrumar-se para sair, ou para se fotografar. O ambiente privado, do lar, não constitui local destinado ao olhar do/a outro/a e, por isso, essas mulheres não carecem de tanta preocupação com sua aparência física nesse espaço. Nos espaços públicos, fora de casa, ou ainda em ocasiões especiais, em que serão fotografadas, a situação é outra: serão vistas e o olhar do/a outro/a sobre elas é o que irá, então, motivá-las para que se arrumem melhor, se apresentando mais belas.

Dona Dalva e Dona Ângela me apresentaram, ambas, fotografias em que estavam mais jovens, recém-casadas. Na fotografia escolhida por Dona Dalva, ela está vestindo calça jeans e uma blusa, justa, branca. Está com os cabelos longos, ondulados e soltos, abraçada ao marido, com o Cristo Redentor ao fundo.

“Nessa foto aqui eu to grávida de quatro meses já do meu mais velho. Olha que magreza. Quem é que fala que é uma mulher grávida? Tô muito bem, não tô? A gente foi pro Rio de Janeiro, porque ele tava de férias e eu morria de vontade de conhecer aquele lugar. Foi uma viagem inesquecível essa! Foi muito boa, só a gente, meio lua-de-mel, assim, romântica, sabe? Os dois novos ainda... Dá saudade só de olhar.” (Dona Dalva, 78 anos)

A questão das recordações e da importância que a memória tem para a vivência de experiências passadas aparece, aqui, mais uma vez. A escolha da fotografia tem relação direta com um momento que traz boas lembranças, evocando saudade. O fato de ter evidenciado sua magreza, mesmo estando grávida de quatro meses, marca o desejo de materialização dessa característica em seu corpo. Tirei a foto de Dona Dalva, após ela pedir para fazer uma maquiagem para “disfarçar um pouco”. *“Ah... Até que não ficou ruim não. Claro que não tá ótima, porque nessa idade, é quase impossível você sair bem numa foto. Mas eu gostei. Eu vejo uma senhora bonita sim. Bonita, feliz e que gosta da vida.”* (Dona Dalva, 78 anos) Ainda assim, Dona Dalva insistiu muito para que não aparecesse neste trabalho, por não querer se expor à família. *“Tenho um monte de irmã, muita gente palpitando... Não sei. Se não tiver problema pra você, prefiro não.”* (Dona Dalva, 78 anos)

O marido de Dona Dalva gostou muito da escolha da fotografia e afirmou ter sido essa uma das épocas mais felizes da vida deles.

“Eu gosto muito desse retrato. É muito emocionante, assim, a gente olhar o quanto já passamos juntos. E essa época aqui foi uma das melhores nossas. É uma vida inteira um com o outro, né? Muito bom isso. E veja como Dalva tá bonita! Ela tinha um sorriso largo, os lábios, assim, carnudos, olha só! O corpinho violão... (risos) Muito bonita, muito mesmo. Essa risadona dela ela tem até hoje. Quando eu disse a você que ela é engraçada, divertida, tai ó! O sorriso que sempre teve.” (Sr. José, 78 anos, marido de Dona Dalva)

Ao ver a fotografia atual, que acabara de ser tirada por mim, ele então afirmou:

“Essa é minha mulher! Olha menina, não tem jeito de ficar feia não! Eu gosto dela, né? Sou suspeito. Você vem pedir pro marido ficar falando da mulher... É uma opinião suspeita! Meu olhar pra ela tem o filtro do amor, conhece? (risos) Então gosto de tudo nela. Eu olho e vejo uma mulher doce, meiga, divertida, companheira e acima de tudo de muita beleza. É por isso que falei que não acho ela velha. (O que seria uma mulher velha?) Velha pra mim, é aquela pessoa cheia de doenças, dores, parada, que não consegue fazer as coisas, não sai de casa, reclama de tudo, ranzinza... A pessoa velha, pra mim, fica assim. Então, quando é que Dalva vai ser velha? É o contrário de uma velha!” (Sr. José, 78 anos, marido de Dona Dalva)

O discurso do marido de Dona Dalva evidencia a harmonia em que vivem, conforme vimos nos relatos iniciais deste capítulo. Além disso, sua caracterização sobre ela como uma mulher de muita beleza, difícil de ficar feia, demonstra um afastamento de seu olhar sobre ela em relação a um conceito de velhice. Se velhice, para ele, representa doença, dores pelo corpo, sedentarismo, confinamento em casa, inatividade, uma pessoa ranzinza, a mulher, então, não pode ser considerada velha. Como ele diz, sua mulher é o contrário de uma velha, visão que o agrada muito. Nesse contexto, o espaço da academia de ginástica entra como um importante possibilitador de manter um corpo ativo. E, no caso específico de Dona Dalva, a frequência à academia é acompanhada pelo marido.

Na fotografia levada por Dona Ângela, ela estava, também com o marido, em viagem de lua-de-mel, em Santos. Eles estão em pé, na calçada, com o mar atrás, Dona Ângela de vestido curto, claro, de alcinha, sorridente e segurando a mão do marido. Tal escolha também remete ao prazer trazido pela experiência do trabalho da memória, de reconstrução do vivido.

“Eu escolhi essa foto porque é de uma época muito importante na minha vida. E também porque eu queria que você visse como eu era quando era novinha assim. Esse foi o primeiro dia da lua-de-mel, então, tinha acabado de perder a virgindade, né? Naquele tempo as coisas eram assim: era a primeira noite mesmo, de verdade. E esse vestido fui eu quem fiz. Nessa época, eu já fazia todas as minhas roupas e já costurava pra fora. Eu gosto de me ver nova assim, até pra lembrar que eu já tive essa beleza assim, tão natural...” (Dona Ângela, 67 anos)

Em relação à fotografia tirada por mim, ela foi mais uma das mulheres que pediram para ir retocar, ou melhorar a maquiagem, antes de fotografar. Mais uma vez, a necessidade de manipular, construir performativamente um corpo para se produzir a fotografia, que retrate uma imagem mais próxima de seus desejos. Ela entrou, ficou durante um tempo e, quando voltou, tinha trocado inclusive de roupa. *“Sou muito sistemática com esse negócio de foto e tava com uma blusa mais velha um pouco. Coloquei essa aqui, que é mais colorida, então favorece mais.”* (Dona Ângela, 67 anos)

Após se arrumar, ela pediu que fôssemos até a varanda de seu apartamento, onde se posicionou à frente de uma mesinha, com um vaso de orquídeas brancas sobre ela. A escolha de uma roupa, de um local apropriado e da melhor posição para que a fotografia pudesse ser tirada demonstra, por parte de Dona Ângela, uma enorme preocupação com o que seria mostrado na fotografia. Ao se posicionar nesse local, ela colocou uma mão em sua cintura, a outra manteve-se solta e deu uma leve levantada no queixo, afirmando que essa pose era a melhor, porque escondia os pneuzinhos da cintura e, levantando a cabeça, ela poderia disfarçar a papada. Ao olhar, então, para a fotografia, sua descrição foi a seguinte:

“Sabe que até que eu gostei? Mais ou menos, né? Não dá pra ficar 100% bom não, porque essa fase de ser fotogênica já passou. Então, a gente contenta com o bom, na medida do possível. Porque foto também, vou te contar... Mas eu vejo uma mulher bonita na foto. Eu gosto da imagem. Essa roupa ficou boa, a papada disfarçou, a cintura também, então, acho que ficou assim, agradável a minha figura.” (Dona Ângela, 67 anos)

Em relação a essa última fala de Dona Ângela, ela demonstra alguns dos sinais evidentes da velhice, que conseguiu disfarçar, desconstruir – a papada e a cintura, que conforme me afirmou, sumiu com o envelhecimento, evidenciando um mesmo olhar já apontado por Dona Marta, ao dizer que com a velhice, foi ficando mais “redonda”. No entanto, mesmo gostando de sua fotografia, também Dona Ângela foi mais uma de minhas interlocutoras que pediu que não inserisse sua imagem, nem seu nome no

trabalho, por dizer ter “*pavor que algum amigo do meu marido veja isso! Minha vida é privadíssima e sou muito reservada*”. (Dona Ângela, 67 anos)

Seu marido, ao ver a fotografia da lua-de mel, fez o seguinte relato:

“Nossa lua-de-mel em Santos. E eu lembro dessa foto como se ela tivesse sido tirada agora. O tempo passa muito rápido. É por isso que a gente deve aproveitar muito e muito bem. Ângela tinha umas pernas muito bonitas, vivia de vestido curto assim. (Tinha?) É, tinha porque vai perdendo um pouco o contorno, essas coisas. Mas, continua com as pernas bonitas, só que agora ela tem 67 anos, então é claro que o corpo dela mudou. O meu também, o seu também vai mudar muito ainda. Mas, hoje, pro padrão, assim, de mulher na idade dela, ela tá muito bem.” (Sr. João, 70 anos, marido de Dona Ângela)

No capítulo anterior, mencionei parte da fala do marido de Dona Ângela, evidenciando sua percepção sobre ela e sobre sua imagem na fotografia que foi tirada por mim. Vou aqui, complementar com alguns dados também importantes:

“Ela é, aos meus olhos, uma mulher bonita, atraente, com quem me dou muito bem. (O senhor a acha velha?) De forma alguma! Tá novinha em folha! (risos) Se está velha, eu to gagá então. Porque tá na cara que ela tá melhor que eu, né? (risos) Brincadeira, também estou bem, eu acho. Assim como ela! Formamos um casal bonito. (...) Eu vejo aqui uma mulher muito disposta, que não tem medo do trabalho, que passou a vida trabalhando, me ajudando a conseguir dar uma vida digna pros filhos... Ela é tudo aqui em casa! E se é minha mulher, é porque além disso tudo aí, acho ela bonita demais! A academia lá ajuda também, né?” (Sr. João, 70 anos, marido de Dona Ângela)

Mais uma vez, seu marido evidencia, como uma de suas qualidades, a participação de Dona Ângela em suas tarefas (domésticas e profissionais), desde que se casaram e constituíram uma família. E, ao descrevê-la, assim como o marido de Dona Dalva, demonstra muito agrado pela sua forma física e pelo fato de frequentar uma academia. A forma como Dona Ângela vivencia, corporalmente, o envelhecimento, então, reflete na percepção positiva que seu marido tem a respeito de seu corpo. Além disso, quando ele faz a seguinte afirmação: “*ela é tudo aqui em casa*” deixa muito clara a importância da figura feminina para esta família. Dona Ângela, assim, não se encaixa, aos olhos do marido, em uma definição de velha, que certamente é a mesma até então percebida nos discursos já transcritos aqui – de uma pessoa possuidora de um corpo inativo, em declínio, torpe, cansado, “parado”, com um estilo de vida que não condiz, então, com o de Dona Ângela.

Em meu encontro com Dona Rosa, ela havia separado, assim como algumas outras mulheres, uma fotografia em que estava muito mais jovem. Pouco antes de iniciarmos a entrevista, ela disse que resolveu mudar, porque aquela imagem estava muito distante daquilo que ela é hoje. Então, buscou em seu computador uma foto de uma viagem que fez a Buenos Aires com a filha. Elas estavam sentadas em uma mesa de restaurante, com taças de vinho à sua frente. Dona Rosa estava muito sorridente na fotografia, vestindo uma blusa preta e cachecol branco. A princípio, ela havia assinado o termo de consentimento, liberando-me para a utilização de suas imagens fotográficas. No entanto, quase um mês após nossa entrevista, ela me procurou um dia, na academia, perguntando se meu trabalho já estava pronto, porque tinha se arrependido de assinar o documento. Eu, então, o devolvi a ela, para tranquilizá-la em relação a isso. Mas, procurei saber os motivos de sua desistência.

“Ah... Eu fiquei todos esses dias pensando... E, eu tava um pouco incomodada com esse negócio de sair foto minha. É que eu falei tanta coisa tão pessoal. Tem gente da minha família que não sabe de algumas coisas que falei pra você. Então, eu prefiro não aparecer.” (Dona Rosa, 64 anos)

Em relação à fotografia por ela escolhida:

“Ah, se é pra me descrever, essas coisas... Então essa foto aqui tá mais certa pro que você quer. (E por qual motivo escolheu esta?) Porque eu amei essa viagem! Foi no ano passado! Combinamos tudo rapidinho e, uma semana depois, a gente tava lá! (risos) Divertimos até! Bebi e comi do bom e do melhor... Saía à noite todo dia, passeamos demais! Foi maravilhoso! Por isso que eu gosto dessa foto. Se eu tava feliz, nem dá pra sair mal na foto, né? Eu acho que saí bem, to assim... Classuda, de cachecol... E, como to de óculos escuros não dá pra ver pé de galinha, nem nada! A gente vai aprendendo a disfarçar... (risos) Disfarçar e enganar a gente mesma, né? Porque a foto tá melhor do que eu sou de verdade, eu sei disso. (Por que?) Ai, porque to maquiada, to usando uma roupa chique, to leve, né, porque to viajando, de férias... Ninguém fica feia desse jeito!” (Dona Rosa, 64 anos)

Dona Rosa, como Dona Ângela, evidenciou a necessidade de disfarçar e desconstruir as marcas da velhice em seu corpo, ao tirar uma fotografia. Se, na fotografia, ela se vê bem, isso está relacionado a todo um conjunto de fatores, que incluem mecanismos de disfarce das marcas do envelhecimento e aspectos totalmente subjetivos, como o estar bem, estar se sentindo “leve”, por estar de férias e viajando. Assim, a imagem agrada tanto pelo que o corpo mostra, como também pelos sentimentos que recorda estar tendo naquele momento. Pedi, então, a Dona Rosa que

pudesse tirar uma fotografia dela. Ela ficou bastante desconsertada, pois estava sem nenhuma maquiagem, tinha acabado de acordar, vestia um roupão, sobre a camisola. *“Ai, meu Deus! Pensei que era só você aqui e achei que era só essa foto que eu escolhi. Mas então espera, que vou dar um trato aqui, na minha lanternagem!” (risos) (Dona Rosa, 64 anos)*

Após um tempo, então, Dona Rosa voltou bastante maquiada, com uma blusa vermelha e short jeans, com os cabelos escovados. Sentou-se à minha frente, depois levantou e disse que era melhor sair em pé na fotografia. Após olhar sua foto, então descreveu-a da seguinte forma:

“Me agradou, sabia? Acho até que vou gravar aqui no meu computador! Pra você ver o que é uma boa maquiagem, a escolha de uma roupa certa, essas coisas.... Se você tivesse tirado a foto comigo daquele jeito, eu ia ficar uma velharia, mas agora... Agora tá ótimo! Fiquei super satisfeita com a minha figura!” (Dona Rosa, 64 anos)

Vale destacar a importância dada por Dona Rosa (e não só por ela, como já percebemos) à maquiagem e a uma arrumação adequada de sua aparência. Isso diz a respeito de sua experiência de envelhecimento e remonta-nos, também, aos desejos inscritos na academia de ginástica. As roupas e a maquiagem, no caso da fotografia, assim como a prática de atividades físicas na academia, são ferramentas para o disfarce e a minimização dos sinais adquiridos com o envelhecimento e, assim, constituem formas de se investir sobre o corpo, produzindo materializações desejadas, construindo sua beleza. Quando ela diz sobre a escolha de uma “roupa certa” e de uma “boa maquiagem” isso fica claro. Ao mostrar tais fotografias à sua filha, suas impressões foram:

“A mamãe gosta dessa foto do mesmo tanto que eu gosto! Essa viagem nossa foi inesquecível! Fomos só nós duas. E ela saiu muito bem, tá fina na foto, parecendo assim... Essas mulheres chiques mesmo. A roupa dela tá ótima, o sorriso, o copo de vinho que ela adora... Nessa outra aqui... Aí, ela já tá totalmente diferente, né? Não tá feia, mas a gente vê que a foto é forçada (risos). Então, fica diferente. Mas, ela se arrumou pra tirar a foto, ficou boa sim. Minha mãe é uma mulher bonita. Mas, aposto que ela não gostou dessa foto! (Ela gostou sim. Disse que estava satisfeita até!) Ué, que bom então! Eu gostei também, mas acho ela mais bonita pessoalmente. Não acho que essa foto seja... Assim... O que ela é.” (Paula, 38 anos, filha de Dona Rosa)

Nesse caso, observamos uma exigência maior por parte da filha do que da própria idosa em relação à sua imagem na fotografia. A percepção dessa filha deixa transparecer que a mãe, na verdade, está melhor (em seus aspectos corporais) do que retrata a imagem. O mesmo aconteceu em relação à Dona Stela.

Ela selecionou uma fotografia 3x4 sua, antiga, da época em que tinha se casado. Então, seu rosto jovem ficou muito evidente na imagem, assim como em sua fala:

“Eu só escolhi essa foto, pra você ver bem mesmo o meu rosto como era. Quando eu olho essa foto, eu vejo como eu fui bonita. (Foi? Não é mais?) Sim, ainda me acho muito bonita. Mas a juventude é muito diferente. Hoje, a gente se acha bonita, mas sabe que tá bonita pra idade. Não é mais aquela beleza que todo mundo que olha vê. Nessa foto aqui, todo mundo que olhar, vai ver uma mulher bonita, com certeza! A minha boca parecia um coração, os cabelos muito lisos, olha aqui a pele que eu tinha... Não tinha pinta nenhuma no rosto. A única maquiagem que eu tava usando era batom e rímel. Só batom e rímel, mais nada. Nadinha eu passava. Não precisava, né? Hoje, não dá pra sair de casa sem ficar pelo menos meia hora passando tudo o que tem pra passar no rosto.” (Dona Stela, 68 anos)

Quanto ao momento em que pedi para tirar a fotografia, talvez pelo fato de já estar muito bem arrumada, Dona Stela foi uma das únicas mulheres a não pedir licença para verificar se sua aparência estava “em ordem”. Mas, teve uma percepção muito negativa em relação à sua imagem, conforme mencionei no início desta parte do trabalho. “Dona Stela, que é muito afeita às cirurgias plásticas, ao ver a fotografia que tirei, deu um grito: *“Cruz credo! Não quero ver essa foto mais. A gente acha que tá bem, né? E olha aí! Eu tô aqui, crente, crente que tô bonita. Ai, que raiva! Essa foto aí, você deleta, por favor. Usa aqui e, depois deleta. Não quero ver isso nunca mais!”* (Dona Stela, 68 anos) A defasagem entre o que se deseja e o que se mostra ser aparece, aqui, mais uma vez. A construção da beleza, experienciada diariamente, não produz, no caso de Dona Stela, os efeitos desejados. Busca-se, através de experiências diversas, as materializações de um corpo ideal que, no entanto, não se fazem completamente. Ou melhor, se fazem na medida de uma experiência do envelhecimento.

A sua auto-percepção, ao olhar a fotografia, vem ao encontro daquilo que seu marido e sua filha já evidenciaram como uma mania, um grande desejo, pela busca da perfeição estética. Isso porque Dona Stela tem, visivelmente, uma exigência muito grande consigo mesma, em relação à sua aparência. Ela frequenta a academia de ginástica diariamente, além disso faz massagens redutoras de medidas em uma clínica estética e, conforme já disse aqui, já realizou algumas cirurgias plásticas, aquilo que a

própria filha chamou de “neurose”, ela define como vaidade: *“Sou muito vaidosa. Ao extremo mesmo! Já te falei o tanto de coisa que eu faço pra me manter bonita, magra, sem rugas, cuidar da celulite... Então não admito ver uma foto minha assim de jeito nenhum. Dá vontade de sair correndo de medo dessa mulher que tá aí nessa foto!”* (Dona Stela, 68 anos) O marido e a filha tiveram uma reação totalmente diversa da dela:

“Essa 3x4 aqui é clássica. A Stela adora ela! E eu também gosto, carrego na minha carteira uma dessa aí. Então já olhei demais essa fotografia, gosto muito dela e acho muito bonita, bonita mesmo. Os traços dela na foto, né? E ela era assim mesmo. Bonita desse jeito. Ainda é! Ela que cisma que tem que ficar mexendo o tempo todo com esses negócios aí... Plástica, essas coisas. Essa outra foto é o que ela é, é a minha mulher hoje, com a beleza de uma mulher na idade dela. Ela não ficou feia com o tempo. Conseguiu manter a beleza. Acho ela muito bonita, mas aposto que ela não gostou dessa foto aqui. (Por que?) Ah... Ela não gosta de nenhuma que tiram dela. Adora falar que tá mal, só pra gente ficar elogiando, tal...” (Marcos, 71 anos, marido de Dona Stela)

“Eu tenho essa foto 3x4 dela. Ela gosta tanto que mandou copiar um monte, espalhou pra família toda! Todo mundo tem! (risos) Mas é muito bonita mesmo, não é? Tá linda essa fotografia dela. É difícil sair bem em foto 3x4 e a mamãe ficou linda nessa foto. Os olhos bem grandes, a boca desenhada, uma pele... Já nessa aqui, ela não tá tão bem, né? Tenho certeza que deu um escândalo quando viu! Conheço a peça! (Por que você acha que ela não gostou?) Porque mostra a idade, né? Mamãe tem pavor, não é medo e nem acha ruim não... Ela tem pavor de parecer velha! Nessa foto aqui, olha os braços, as rugas que dá pra ver... Mostra que ela tá de idade já. Dá até medo dela querer fazer mais plástica depois dessa foto! (risos) (Sílvia, 39 anos, filha de Dona Stela)

Marido e filha de Dona Stela possuem uma mesma percepção a respeito dela: de uma mulher que já foi muito bonita e que tem, hoje, certa insegurança em relação a seu corpo envelhecido. Por isso, mantém algumas práticas contra o envelhecimento em seu dia-a-dia. O marido, no entanto, tem uma maior aceitação em relação à sua imagem envelhecida, enquanto que a filha evidencia as marcas (nos braços e as rugas no rosto) do envelhecimento que estão materializadas no corpo exposto na fotografia e que, certamente, desagradaram a mãe.

Dona Yara escolheu, para nossa entrevista, uma fotografia em que está com sua sobrinha-neta e a tia que mora com ela, escolha também relacionada à recordação de um momento feliz, guardado na memória. Estão as três sentadas, muito sorridentes. Ela está vestindo uma blusa de renda branca e colar azul (Ver Figura 4). *“A gente se reúne muito, então essa foto foi escolhida por isso, pela reunião, pelo momento feliz. Estou sorridente, gostei muito dessa imagem.”* (Dona Yara, 67 anos)



Figura 5 – Fotografia escolhida por Dona Yara, de seu acervo pessoal - da esquerda para a direita, Dona Yara, 67 anos, sua sobrinha-neta Dorany, 20 anos e a tia Amélia, 89 anos. Data: março de 2011.

Ao pedir para tirar sua fotografia, Dona Yara também me pediu licença para que fosse até o quarto passar um batom. No entanto, me convidou para entrar com ela, para que eu pudesse conhecer sua casa. Na verdade, ela foi a única mulher que me mostrou toda a casa. Ela mora com a tia em um apartamento pequeno, de dois quartos, banheiro, sala com uma varanda, cozinha e área de serviço. Seu quarto possui uma mesa, próxima à sua cama, com muitas pedras e cristais, que ela disse usar para trabalhar nos tratamentos espirituais que faz, pois acredita muito na vibração das pedras. Ao voltarmos, tirei sua fotografia, sentada no sofá, sozinha e, depois, junto com sua tia, que estava conosco durante todo o tempo em que a entrevista aconteceu.

Ao pedir, então, que descrevesse a si mesma na foto, seu relato foi o seguinte:

“É uma mulher de meia idade, vamos dizer assim, uma mulher feliz, que não tem muito... Vamos dizer... Olha... Eu vejo uma mulher que gosta da vida. Se você ver minha casa, vai ver que tem plantas, que eu adoro, plantas, cristais. E gosto de gente. Sou uma mulher feliz. (Realizada?) Realizada não, porque não acredito nisso. Sou feliz. Acho que realizada, realizada, não posso dizer que eu esteja. Tem sonhos que não realizei ainda, nem realizarei nessa vida. Na minha idade, eu acho assim, acho que os sonhos vão se multiplicando. Ai, vem os filhotes dos sonhos. Que já vai ser diferente. Quando você tem 20, você tem um sonho, quando tem 30, tem outro. Então, na minha idade, quase 70, vamos dizer, adorava lecionar, mas não dá mais. Mas eu lecionava em escola do interior. Mas lecionar é querer passar alguma coisa pra alguém. Isso não precisa ser em sala de aula. Hoje, com a internet, que é mais do que uma janela e uma porta aberta para o mundo... Então, o sonho da minha vida é fazer uma faculdade online. Porque apesar de ter que ficar em casa, quero estudar as

pedras e os cristais, porque me fascina o poder, a vibração que tem uma pedra. Porque eu trabalho, mexo com elas, mas não tenho conhecimento científico sobre isso. Ainda quero escrever sobre Alzheimer, porque eu vivi e acho importante escrever sobre essa vivência que tive com minha mãe. Pra mim mesmo e pra deixar.” (Dona Yara, 67 anos)

O discurso de Dona Yara foi muito pouco voltado para os aspectos corporais, que como vimos durante todo o trabalho, de fato, são menos relevantes em sua vida. Mas, quando se define como uma mulher de “meia idade,” sabemos que se utiliza de um recurso, também, de distanciamento da velhice, indesejada por todas as minhas pesquisadas. Ao mesmo tempo, ao se dizer feliz com sua vida, porém, ainda não realizada, evidencia que a fase da vida em que se encontra não constitui obstáculo para iniciar novos projetos, como o de cursar uma faculdade à distância e escrever um livro sobre suas experiências. Talvez pelo fato das marcas corporais não terem tanta relevância em sua vida, pelo menos aparentemente, Dona Yara não demonstra muita facilidade em se auto-definir fisicamente. Em todos os momentos que solicitei essa descrição física, os aspectos subjetivos tomaram lugar em sua fala.



Figura 6 – Fotografia tirada pela pesquisadora, na casa de Dona Yara – à direita, Dona Yara, 67 anos, com sua tia Dona Amélia, 89 anos.
Data: 12 de abril de 2011

Em relação à percepção de sua sobrinha-neta sobre as fotografias:

“Essa foto que eu to junto eu adoro. Ela escolheu a foto certa, tá vendo? (risos) A gente é muito próxima! Eu sou suspeita pra falar, porque sou apaixonada pela Yara, então poderia ficar horas aqui falando dela... Eu acho ela linda! (E na sua opinião, ela se acha uma mulher bonita?) Acho que sim. O valor que ela dá pra beleza exterior não é tão grande, então ela tá satisfeita com seu corpo e acha que é bela como é. Essa outra aqui ficou linda também. Eu quero ela depois, você pode me mandar por e-mail. Ela é assim sempre, olha, sorridente, feliz, tranquila, amável, não critica e conversa sobre todo e qualquer assunto, tá disposta a entender as pessoas e ajudá-las, é quase impossível encontrar motivos para não conseguir se relacionar com ela. Pelo que eu observo, ela se relaciona bem com todos, desde a criança ao idoso. A paciência que ela possui ajuda muito nessas relações.” (Dorany, 20 anos, sobrinha-neta de Dona Yara, 20 anos)

O fato de Dona Yara não dar importância à beleza exterior, conforme o relato da sobrinha-neta, talvez tenha influenciado a própria sobrinha a fazer uma descrição da tia-avó, também voltada para os aspectos subjetivos de sua pessoa. Ela afirma considerar Dona Yara uma mulher bonita, no entanto, percebemos que isso não é um valor compartilhado em família, ou transmitido entre as gerações. Dessa forma, ela é percebida como uma mulher paciente, amável, tranquila, feliz e, além disso, bonita. Essas são as caracterizações que marcam sua experiência de envelhecimento.



Figura 7 – Fotografia de Dona Yara, quando jovem, de seu acervo pessoal (Data: agosto de 1966), fundida à fotografia tirada pela pesquisadora, em sua casa (Data: 12 de abril de 2011).

É preciso evidenciar o fato de Dorany, a sobrinha-neta de Dona Yara ter me enviado, a pedido da tia-avó, algumas outras fotografias. Acho interessante colocá-las, pois uma especificamente, antiga, mostra Dona Yara quando jovem. A sobrinha me relatou que foi um pedido dela o envio dessa foto, já que queria muito que eu visse como era em seu tempo de juventude.

Perguntei à sua sobrinha-neta, então, o motivo do envio da fotografia e a resposta que obtive foi justamente o fato de Dona Yara ter tido a percepção de que falou muito pouco sobre beleza. E que essa era, de fato, a forma como ela se vê bela, quando jovem. Hoje, sua beleza, segundo ela, é outra, é interior. O fato, então, de ter enviado sua fotografia jovem, evidencia em Dona Yara o desejo por mostrar-se da maneira em que considera-se bonita – na época de sua juventude. Assim, observamos nela, também, a valorização da juventude, ou a associação de um conceito de beleza ligado à juventude.

Dona Marlene, por sua vez, pediu-me que inserisse neste trabalho somente a foto que tirei dela. Isso porque, conforme ela me relatou, acha que é a fotografia que a representa melhor. Além disso, ela está com todas as irmãs na fotografia escolhida e pensa que elas podem não gostar de aparecerem no trabalho. *“Não posso te dar essas fotos aqui, porque tem elas, né? Então, por favor, coloque a que você tirou apenas, porque me representa até melhor do que a outra, que foi tirada há alguns meses já.”* (Dona Marlene, 77 anos)

Dona Marlene escolheu uma fotografia de sua última viagem de férias a Recife. Ela estava com as irmãs, numa feira livre da cidade. Usava uma bermuda amarela e blusa branca, estava sorridente, abraçada às suas irmãs “mais velhas”, segundo ela. Na verdade, Dona Marlene é a irmã de mais idade da família, mas ela se auto-define como a mais nova.

“Olha isso! Minhas irmãs são ou não são mais velhas do que eu? Eu estou muito melhor de corpo do que elas. Sei disso e a foto mostra. Você vê, eu pinto o cabelo e elas não. Estão todas de cabelos totalmente brancos. Isso envelhece muito a pessoa! A minha irmã mais nova de todas está completamente de cabelos brancos. Aí você vê só: ela está toda de batom e eu nem isso não passei nesse dia. E estou sim, melhor do que ela. Melhor do que todas elas! (risos) Que bom que acho isso, né? Que penso assim... (E por que você pensa que ficou mais jovem do que elas?) Eu estou aqui, em Goiás, uma terra muito boa, que não tem tanta violência, eu não tenho grandes preocupações na minha vida. Elas tem, muitas. Viver lá não é fácil. A vida delas é difícil, mais sacrificada do que a minha. E, também, como te mostrei aqui, eu pinto o cabelo. Isso aí dá uma disfarçada também, né? Essa foto é histórica! Há muitos anos não nos

reuníamos assim, em Recife. Então, é foto pra guardar e recordar como foi bom. E foi por isso que escolhi. Fiquei muito feliz lá.” (Dona Marlene, 77 anos)

Como em todas as outras situações, a escolha da fotografia aparece relacionada a um momento marcante da vida de Dona Marlene. A ida a Recife e o encontro com todas as suas irmãs, após muitos anos, constituem, motivos para a escolha por essa foto. Mas, certamente, tal escolha também se deve ao fato de Dona Marlene querer explicitar o fato de estar, aparentemente, mais jovem do que suas irmãs mais novas de idade. Seu estilo de vida, o fato de viver bem financeiramente, com o sustento da filha e, conforme explicitado por ela, o fato de pintar os cabelos, contribuem para que sua imagem pareça mais jovem do que suas irmãs. A idade cronológica, conforme apontamos logo no início do trabalho, não é o que diz, de fato, sobre as significações atribuídas, hoje, à velhice. Daí, Dona Marlene não se ver, em comparação com suas irmãs, como a irmã mais velha. Pelo contrário, considera-se a mais nova do grupo familiar.

Em relação à fotografia tirada por mim, Dona Marlene não pediu licença para se arrumar. Estávamos na sala de sua casa e ela apenas trocou de lugar, sentando-se na varanda. Muito sorridente, vestia uma calça verde, sandálias brancas de dedo e uma blusa de estampa clara, bordada no decote. Logo que a encontrei, pude perceber que ela tinha se arrumado especialmente para nosso encontro e, talvez por isso, não tenha sentido necessidade de fazer alguma produção para a fotografia.

“Eu gostei da foto sim. Estou muito bem, bonita nela. Gosto da minha imagem, acho que essa foto me representa bem. Uma mulher, bonita, que não é velha, tá? Bonita, feliz, satisfeita com sua condição hoje. Pronto. Acho que isso me define bem.” (Dona Marlene, 77 anos)



Figura 8 – Fotografia de Dona Marlene, 77 anos tirada pela pesquisadora
Data: 27 de abril de 2011.

Dona Marlene, então, assim como em todas as suas falas, demonstra satisfação com sua imagem e, constantemente, evidencia uma necessidade de afastamento da ideia de velhice. Ela visivelmente tem muita auto-estima e isso fica evidente, também, na imagem que sua filha faz dela:

“Essa foto da mamãe com as tias todas é fantástica! Elas nem se lembravam mais da última vez que isso aqui aconteceu... Eu coloquei num porta-retrato lá de casa essa foto. Tenho certeza que ela te perguntou quem é a mais bonita, ou a mais nova! (Sim, na verdade não foi uma pergunta.) Ela mesma já foi falando, né? Ela é terrível com isso. Na verdade, ela sempre foi a mais bonita delas mesmo. Mas, agora, que estão todas mais velhas, ela faz questão de falar que é a irmã mais nova! E o pior é que parece mesmo. Ela não aparenta ser mais velha do que as outras todas. Parece mais nova. Essa outra foto tirada aqui é linda também. Ela tá muito bonita, assim... Descontraída, né? Achei linda ela na foto e tenho certeza também que ela achou. A mamãe é a segurança em pessoa! Ela nunca tá feia, nunca tá mal, triste... Dá até medo tanta auto-confiança!” (Adélia, 42 anos, filha de Dona Marlene)



Figura 9 – Fotografia de Dona Augusta,
de seu acervo pessoal
Data: março de 1959.

Com Dona Augusta, a situação foi semelhante, pois a percepção de seu marido coincidiu com sua auto-percepção das imagens em que estava. No entanto, ela me permitiu que usasse apenas a fotografia que escolheu, antiga, em que estava com 18 anos de idade. Apesar de ter gostado da fotografia que tirei, disse não estar mais em idade de expor sua imagem para todos. Escolheu uma fotografia que mostrava bem seu rosto, em preto e branco, tirada num estúdio. Na original, ela está com sua irmã ao seu lado. Entretanto, me solicitou que fizesse um recorte na fotografia, deixando-a sozinha.

“Escolhi essa fotografia porque me identifico com ela até hoje e acho que foi a época que eu fui mais bonita também. Tenho saudade dessa época de moça. Ela foi tirada no estúdio de um rapaz, que era amigo do meu tio. A gente não tinha máquina em casa, então ou pedia pro fotógrafo ir em casa, ou então a gente ia no estúdio. Senão, não tinha foto de ninguém. Como é uma foto que mostra bem meu rosto, dá pra ver como eu era, antes das rugas tomarem conta, da papada, pé de galinha, cabelos brancos... (risos) E eu não passava nadinha no rosto, só um batonzinho. Era uma beleza natural, né? Só na juventude pra gente ter uma beleza natural assim, sem precisar de nada.” (Dona Augusta, 70)

Dona Augusta evidencia, olhando para a foto antiga, aquilo que não gosta em seu rosto hoje – os sinais do envelhecimento: rugas, papada, pé de galinha e cabelos brancos. E, indo além, evidencia sua beleza “natural”, sem haver necessidade de recorrer a nenhum tipo de recurso para disfarce de sinais indesejados. Ao pedir para tirar uma fotografia sua, Dona Augusta pediu-me um tempo para poder se maquiar, pois havia acabado de voltar da academia e estava suada e sem pintura, segundo ela. Voltou com o rosto maquiado e pediu que a foto fosse tirada do busto pra cima, porque estava muito “bagunçada”. Ela não me permitiu mostrar a fotografia que tirei: “*Eu não penso*

que sou feia assim desse jeito! Nem venha me falar que eu pareço com essa aí da foto! Pelo amor de Deus! Não gostei de nada desse retrato! (Dona Augusta, 70 anos). A evidência da defasagem de percepções entre imagem desejada e esperada de si mesma e a imagem retratada na foto. Tal fato se deu, principalmente por ter demonstrado uma grande insatisfação com algumas marcas que ali se evidenciaram:

“Olha, eu não gostei muito não. Acho que porque eu tava olhando minha foto novinha, né? Então... Não sei, acho difícil sair bem em foto. Hoje é difícil. A gente se olhar também e falar, descrever... Isso é muito difícil pra quem tá na minha idade. Porque mulher é vaidosa, aí como eu já to mais de idade, é complicado dar jeito em tudo aqui no rosto, assim... Pra esconder, né? Eu tenho muita pinta no rosto, que eu fui ganhando com o tempo, então... Eu quero tirar, porque é quando eu vejo uma foto minha assim que eu percebo como elas atrapalham. Pinta é um problema. Você ficar com o rosto manchado assim. Acho que as rugas me incomodam menos do que as pintas. Nossa, eu to pra marcar com um dermatologista já faz tempo. Eu vou ligar lá hoje que eu preciso muito tirar essas manchas. Outro dia, tava andando na farmácia, comprando remédio e uma moça estava olhando, olhando. Quando olhei pra ela, ela me disse: ‘a senhora tem o hábito de usar protetor solar? Porque eles evitam muito essas manchas que a gente ganha com o tempo.’ Aí que eu caí na real que elas estão muito visíveis mesmo. Foi até bom ela falar, foi bom ver essa foto aqui... Vou tomar uma providência.” (Dona Augusta, 70 anos)

Nessa última fala, Dona Augusta manifestou-se contra mais uma de suas marcas do envelhecimento – as pintas. E, o olhar para a fotografia acionou, também, a manifestação do desejo de eliminá-las através de mais uma técnica corporal, para eliminação dessas marcas. No entanto, o apontamento para a relevância do olhar do outro, aparece marcado em sua fala como reconhecimento da velhice, a partir desse olhar (BEAUVOIR, 1970). A sensação, advinda da percepção do outro, nesse caso, é o que faz com que a velhice seja, então, incorporada àquele indivíduo.

Vale dizer que, no caso específico de Dona Augusta, a percepção da moça com que se encontrou, em cruzamento com sua auto-percepção da fotografia tirada por mim, levou-a a uma espécie de revisão de suas marcas do envelhecimento. Quando ela afirma: *“aí que eu caí na real”*, nos aponta para a relevância que tal percepção teve no despertar de sensações de envelhecimento, atribuindo às manchas e pintas no rosto, então, seu devido sentido. Nunca há, como percebemos, uma apreciação bruta, nessas experiências de envelhecimento das sensações produzidas pelo corpo, mas a sua decodificação, seleção dos estímulos e atribuição de sentido. (LE BRETON, 2003) Assim, diante da constatação de que tais marcas não são bem-vindas, um investimento sobre o próprio corpo faz-se necessário. Investimento esse que, como já dissemos de

início, pode assumir uma significação tanto prática (eliminação de manchas), quanto simbólica (diminuição da sensação de envelhecimento).

Ao seu marido, foram então mostradas as mesmas fotografias. E suas descrições seguem abaixo:

“Essa aqui que ela escolheu não vale! Eu nem conhecia ela nessa época! Mas sei que é ela, porque se parece, o rosto, as feições, a gente vê que é ela. Não mudou tanto. E ela sempre foi bonita, uma mulher de rosto muito bonito. O que a gente vê, e eu tenho certeza que ela falou isso pra você, é sobre as pintas. Augusta sempre tomou sol, sem nada de proteção. Foi uma vida inteira tomando sol, na varanda de casa, clube, praia. Passava bronzeador. Acho que nem tinha tanto essas propagandas de filtro solar, então a gente não dava muita importância mesmo pra isso. Mas como ela é muito branca, foi enchendo de pintas no rosto. A gente vê isso melhor na foto que você tirou, que é de hoje, né? Ela, pra mim, é linda! Uma mulher muito bonita, mas eu sei que ela anda incomodada com isso aí e quer ver como tirar... Tem que ir no médico especialista. Até porque pode ter problema de câncer de pele também, que é uma coisa séria. Tem que olhar isso mesmo.” (Marido de Dona Augusta, 71 anos)

A percepção coincidente entre Dona Augusta e seu marido se deve, justamente, pelo fato de ela vir manifestando para ele sua insatisfação em relação a tais marcas, que foi adquirindo ao longo do tempo. Mais uma vez, aponta-se para a relevância dada ao saber médico e à necessidade de um investimento das biotecnologias sobre o corpo. Nesse caso, também mais uma vez, os conceitos de beleza e saúde se confundem e vê-se na figura do médico-especialista, o responsável por proporcionar a ela o efeito prático e simbólico do qual falamos há pouco.

É possível notar, que a utilização das fotografias como metodologia de pesquisa em campo, enriqueceu de sentido os diálogos com minhas/meus interlocutoras/es, por ter alcançado o que, de início, foi minha proposta – deslindar a comunicação com essas pessoas. O olhar para as imagens estimulou descrições, despertou sentimentos, evocou sensações e emoções, que puderam trazer informações acerca, não só das significações que essas pessoas atribuem ao envelhecimento e às configurações e possibilidades de materializações de corpo, mas essencialmente, disse a respeito de suas subjetividades. As escolhas, os gestos, as poses, as histórias narradas, o trabalho com a memória de um tempo, os constrangimentos e, em alguns casos, a minha percepção do não dito, dos momentos de silêncio ao visualizar as fotografias, tudo isso pôde ser tomado aqui como dado de pesquisa. Como vimos, a produção e análise de imagens puderam contribuir para uma ampliação da compreensão dos significados próprios dos universos dessas

mulheres. Nesse sentido, a “descrição densa” (GEERTZ, 2008) do dado imagético se deu, tanto no que diz respeito a essa atribuição de significados por parte dos atores sociais envolvidos na pesquisa, quanto nos modos como o processo imagético por si mesmo despertou suas percepções e sensações.

E, como ficou evidente, há para algumas mulheres uma clara defasagem entre o que desejam em suas materializações corporais e a imagem representada na fotografia. O fato de frequentarem a academia de ginástica relaciona-se a experiências que buscam a satisfação daquilo que desejam ver em seus corpos. E é possível afirmar que as reações diante das imagens as motiva a continuar vivenciando um processo de construção da beleza, no espaço da academia de ginástica. Podemos perceber que a academia constitui um lugar onde são compartilhadas experiências voltadas para construções de corpo e, independentemente do efeito percebido ser satisfatório, o estar-na-academia, o processo de constante construção e reconstrução é o que de fato importa a essas experiências.

Este capítulo, então, analisou o poder perlocucionário (AUSTIN, 1990) dos desejos inscritos e materializados nos corpos dessas mulheres, a partir de suas descrições e das percepções de seus familiares. Foi possível perceber, através de suas falas, que nem sempre as experiências de envelhecimento serão percebidas de uma mesma forma, o que se traduz em diferentes constituições de subjetividades e visões de mundo. Apesar de haver essa diversidade de percepções, que vão da defasagem apontada há pouco, a uma grande satisfação consigo mesmas, o que também é observado em seus familiares, tais mulheres compartilham das mesmas possibilidades de materializações corporais, o que acontece, nesse grupo, num processo experiencial, no espaço da academia de ginástica.

A escolha por analisar, aqui, o processo de descrição das fotografias possibilitou uma análise não apenas da percepção de suas experiências de envelhecimento nelas mesmas e em seus familiares. Mas possibilitou-me ir além: o compartilhar de histórias, narrativas, emoções e, principalmente o sentimento de vergonha, constrangimento e o medo de que outras pessoas as vissem neste trabalho. Tudo isso pôde dizer a respeito de suas identidades femininas na velhice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta dissertação, explicitarei que o objetivo central era: investigar como se constituem as experiências de envelhecimento de mulheres idosas de classe média, na cidade de Goiânia. A partir da constatação de que vivemos em uma sociedade que tende ao envelhecimento e, ao mesmo tempo, da existência de diversas possibilidades de vivenciar experiências na velhice, buscamos, então, tanto as significações e caracterizações atribuídas por essas mulheres às suas experiências, bem como compreender as maneiras por elas empreendidas de estar-no-mundo. Nesse sentido, o conceito de *embodiment* (CSORDAS, 1994) foi usado como eixo teórico fundamental, sobre o qual as análises foram elaboradas. Tal conceito toma o corpo como um terreno existencial de cultura e do *self*, possibilitando compreendermos, fundamentalmente, de que forma as incorporações, advindas dessas experiências, são por elas vivenciadas.

Consideramos, então, o corpo de tais mulheres em sua experiência, em toda a sua plasticidade e mobilidade no mundo, investigando a fundo os processos de incorporação e ultrapassando o olhar sobre ele como um depositário passivo de controle e poder. Para buscar a compreensão acerca das possibilidades de materializações corporais de tais mulheres no envelhecimento, foi preciso buscar, em suas relações intersubjetivas com os/as outros/as e com o mundo que as cerca, aquilo que constitui fundamentalmente suas experiências.

Dessa forma, o trabalho de campo realizado para esta pesquisa aconteceu entre os meses de fevereiro a dezembro de 2011, com um grupo de 11 mulheres idosas em Goiânia, frequentadoras das academias Ativa e Milenium, conforme descrito no primeiro capítulo deste trabalho. Através da observação participante, com a inserção de meu corpo em campo, compartilhei com essas mulheres parte de suas experiências de envelhecimento. A constante presença e vivência junto a elas nas academias de ginástica possibilitou conhecimento e compreensão das práticas corporais e experiências a elas incorporadas. Da mesma forma, no espaço da academia, foi possível a percepção sobre os desejos (no sentido de discursos) que as constituem nessas experiências de envelhecimento e de que forma tais desejos são por elas agenciados em diferentes situações.

Identifiquei, fundamentalmente, que em quase todos os casos por mim observados, a ressignificação, reinvenção, ou recriação da velhice, vem justamente de uma negação da velhice. Isso porque as caracterizações atribuídas ao que seria uma

“mulher velha” estão ligadas, para todas elas, a uma pessoa inativa, confinada aos domínios privados da casa, com poucas relações sociais, pouco acesso a informações, cansada, com o corpo torpe, coberto de marcas, como: rugas, gordura, pintas e manchas, dores, doenças. E, apesar de várias delas perceberem, apontarem e caracterizarem tais marcas em si mesmas, há um constante investimento sobre seus corpos, tanto no espaço da academia de ginástica, como em clínicas médicas e de estética, ou mesmo em casa, seguindo algum tipo de dieta alimentar, maquiando-se cotidianamente, em busca de um distanciamento de uma ideia de velhice.

Dessa forma, a dicotomia ativa/inativa é fundamental para compreendermos a caracterização feita por elas acerca do que seria uma mulher velha. O corpo parado; a gordura; as rugas; os cabelos brancos; as manchas; pintas; seios e bumbum caídos; pernas e braços flácidos; barriga grande; papada; pés de galinha; doenças “de gente velha”, como diabetes, pressão alta, problemas cardíacos, osteoporose; a feiúra; a solidão; o cansaço físico; a incapacidade motora; a falta de trabalho; a ausência de uma vida sexual ativa; o desleixo; o “ir largando,” constituem indícios de inatividade e, por esse motivo, indicam velhice.

A academia de ginástica aparece como possibilitadora da satisfação desse desejo de recriação, distanciamento da velhice nessas experiências de envelhecimento. Na academia, elas mantêm seus corpos ativos e, por isso, não se tornam velhas. Mais importante ainda, em suas falas, do que a aproximação de um conceito de juventude, é o conceito de velhice e o desejo de distanciar-se dele. Dessa forma, os discursos dessas mulheres apontam mais para o afastamento dessa caracterização de mulher velha, do que propriamente a busca da juventude. Apesar de, em alguns momentos, as palavras “jovem” e “juventude” aparecerem em suas falas, suas experiências de envelhecimento são mais fortemente marcadas pela negação da palavra velha e sua significação. E a academia de ginástica, nesse sentido, é um lugar de realização desse afastamento. Ali, há a potencialização e a busca pela satisfação de diversos desejos: ter um corpo ausente de dores e doenças; bonito; modelado; musculatura rígida; pernas torneadas; seios e bumbum empinados; ausência de flacidez; barriguinha; ficar “gostosona”; exibir-se através de um “corpícho”, conforme a fala de Dona Rosa, para buscar com e através desse corpo construído, muitas vezes, a conquista de uma parceria. Então, o corpo belo, o corpo trabalhado, o corpo-sedução, o corpo ativo são possibilidades de incorporação no espaço da academia de ginástica. Ao mesmo tempo, a exibição de um corpo ativo traz distinção social a essas mulheres (BOURDIEU, 1996).

Outras técnicas corporais, como: dietas alimentares; medicamentos e massagens para eliminação da celulite; a medicalização da sexualidade, para manutenção ou potencialização do desejo ou do prazer sexual e a cirurgia plástica fazem, também, parte do estar-no-mundo dessas mulheres e, por isso, integram suas experiências de envelhecimento, materializando performativamente em seus corpos e, ao mesmo tempo, reinventando o *self* (CSORDAS, 1994), criando através da diferença, novas posições de sujeito (BRAH, 2006).

A experiência do trabalho com e sobre o corpo no espaço da academia de ginástica é o que de fato importa. É o corpo dessas mulheres que dá visibilidade a formas de condutas, normas estéticas e gostos de classe. Daí, as biotecnologias e a tecnobiomedicina (ORTEGA, 2007) assumem lugar importante na gestão de suas vidas.

Além disso, o exercício de suas sexualidades torna-se uma prática fundamental nessas experiências de envelhecimento. Tal prática pode ser exercida no espaço da academia de ginástica, através da paquera, do olhar, ou da busca e da conquista do outro, nesses casos, um outro masculino e, em alguns casos, mais jovem. Isso porque, muitas vezes, os colegas de mesma idade são caracterizados como “*velhotes*”, “*caindo aos pedaços*” e, por isso, elas preferem os “*brotos*”, mais jovens. Muitas vezes, então, a construção da beleza se dá para conseguir o olhar do outro – para conquista, para admiração, para distanciamento de uma percepção de velhice. E, vale dizer, nem sempre esse outro é masculino. Algumas mulheres deixaram clara a preocupação em parecerem tão bem quanto, ou melhores do que as companheiras, colegas, amigas, ou “concorrentes”, como nos mencionou Dona Marlene.

Algumas de minhas interlocutoras vivenciam suas experiências de envelhecimento como uma oportunidade ímpar de assumirem papéis nunca antes assumidos e empreender atividades nunca antes feitas – trabalhar fora, fazer uma faculdade online, estudar astronomia, estudar sobre cristais, viajar quando quiser, diminuir suas preocupações excessivas com a magreza (ou a gordura). Dessa forma, buscam experiências que tragam uma aproximação maior com seus “novos desejos”, ou com desejos latentes que puderam, agora, ser satisfeitos. A própria ideia de curso da vida, utilizada aqui para remeter ao processo e às suas trajetórias de vida marcadas pelo “estar-no-mundo”, indica a fluidez e a maleabilidade que a categoria “idade” se apresenta aqui. Apesar de terem mais de 60 anos de idade e, por isso, serem consideradas velhas pela sociedade em geral, no curso da vida, vivenciam experiências, que as possibilitam recriar uma idade, que fuja da cronologia.

Um outro aspecto de suas experiências de envelhecimento e que, pude perceber, contribuem para esse distanciamento tão desejado da velhice, é a questão da liberdade. Para a grande maioria das mulheres pesquisadas, a liberdade é um valor conquistado com o curso da vida. Em alguns casos, pela ausência de um marido; ou a ausência dos/as filhos/as em casa e, por isso, a diminuição das tarefas e preocupações domésticas; a aposentadoria, que lhes confere mais tempo para si, para a realização de viagens; a inserção no mercado de trabalho, que possibilita maior autonomia econômica e, assim, autonomia de consumo e para a satisfação de alguns desejos; a oportunidade de fazer cursos; trabalhos voluntários, que trazem bem-estar. Enfim, a experiência de envelhecimento pode configurar-se como uma grande oportunidade para a idealização e realização de projetos. Tomamos aqui a ideia de projetos, no sentido individual e racional, buscando desempenho, performances, ancorados em experiências e potencializadores de novas experiências (VELHO, 2003). Para algumas das mulheres pesquisadas, inclusive, em suas experiências de envelhecimento, a questão da autonomia e liberdade adquiridas no curso da vida, a descoberta de novos desejos e vontades, a ausência de ansiedades, o agenciamento de novos projetos, o conhecimento advindo de uma maior experiência de vida, por exemplo, são tão ou mais importantes do que o aspecto do embelezamento corporal. Ou ainda, o conceito de beleza, subjetivo, pode ser construído a partir de um conceito de bem-estar. Se determinadas atividades e projetos as fazem sentir bem-estar, poderão sentir-se, também, mais bonitas e menos velhas.

Nesse contexto, se a velhice feminina pode ser considerada uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso de dois tipos de discriminação – como mulher e, ao mesmo tempo, como idosa, como velha (DEBERT, 2004) –, a experiência do envelhecimento, como vimos aqui, nem sempre é relatada de forma negativa. A perda da beleza física traz, também, a algumas mulheres certa autonomia e liberdade, uma vez que não estão mais sujeitas a alguns controles sociais que lhes são impostos na condição de jovem esposa e mãe. É dessa liberdade, também, que podemos falar aqui e que observamos em algumas das mulheres pesquisadas.

Para elas, então, se conseguem manter suas experiências de vida ativas, permeadas de desejos e com a possibilidade de realização dos mesmos, não são velhas, pois ser velha é não poder fazer o que fazem. O indicador etário, cronológico não constitui um fator definidor de seus corpos e subjetividades. O estar-no-mundo indica um curso da vida, que possibilita experiências que as tornam distintas do que ainda é

amplamente difundido nas sociedades, como velha. É nesse sentido que, mantendo-se ativas, mantêm-se distantes da velhice. E ser velha, assim como ser nova, tem relação direta com o autoconvencimento (DEBERT, 2003), com o sentir-se velha e o sentir-se nova. Se mantenho-me ativa, sinto-me bem disposta, convenço-me de que sou jovem. Elas, assim, se auto-caracterizam não necessariamente da forma como a sociedade e o outro as veem, mas da forma como se sentem, como percebem a si mesmas. Por isso, algumas delas, se auto-rotularam como de “terceira idade”, ou de “meia-idade”, já que tais rótulos têm direta relação com pessoas que, apesar de contarem uma determinada idade cronológica, possuem posturas e estilos de vida comuns a pessoas mais jovens. Esse sentimento, muitas vezes, foi coincidente em diversos relatos, entre elas e os familiares.

A experiência do envelhecimento é algo compartilhado no espaço da academia de ginástica, como são os desejos que guiam tal experiência – embelezamento, exercício da sexualidade, exibição de corpos, socialização, intimidade, privacidade e tempo para cuidar de si. Nesse sentido, o segundo capítulo trouxe a análise de que esses desejos das mulheres idosas marcam suas experiências de envelhecimento. Da mesma forma, compreendemos as intenções, o poder ilocucionário (AUSTIN, 1990) das performances empreendidas durante o processo de envelhecimento, que irão reverberar não apenas nas suas auto-percepções, mas na relação com o outro.

Pensando nessa relação com o outro, fica clara então, a importância de termos buscado conhecer as percepções familiares sobre as suas experiências de envelhecimento. Tais percepções puderam auxiliar nessa caracterização da velhice, bem como possibilitaram a análise do poder perlocucionário (AUSTIN, 1990) dos discursos que se inscrevem nos corpos, os efeitos sentidos no outro das performatividades materializadas nos corpos dessas mulheres. Nesse sentido, as experiências de envelhecimento foram tratadas, aqui, tanto como algo vivenciado internamente, como externamente, nas experiências corporais e que, muitas vezes, se atribuem pelo olhar do outro. Conhecemos, então, fundamentalmente, o que é ser velha em casa e com a família, para compreendermos mais as experiências que essas mulheres buscam no espaço da academia de ginástica.

As experiências de envelhecimento em casa, como vimos no terceiro capítulo, mostraram-se muito mais heterogêneas do que no âmbito da academia de ginástica. Isso porque, a frequência a um lugar como as academias, pressupõe a realização performática de alguns desejos específicos a serem inscritos, materializados no corpo.

Em casa, ambiente doméstico, as idosas assumem papéis diferenciados: execução de tarefas domésticas, que podem ser atividades solitárias, ou acompanhadas pelo marido, ou uma empregada doméstica; administração doméstica e financeira da casa; responsabilidade pelas compras da casa; cuidados com outras pessoas – maridos ou outra pessoa idosa; matriarca; conselheira; que empreende uma negociação constante para conseguir efetivar sua autonomia; a responsabilidade econômica por filhos/as e netos/as; subordinação econômica aos filhos/as, que pode indicar também uma subordinação no campo das atitudes; ser sozinha; viver com a casa cheia; sentir solidão; estar depressiva; ser animada e alto astral; ter tolerância e amor para dar; ser auto-suficiente e não necessitar de acompanhantes, ou ajudantes; trabalhar para o incremento da renda, diminuída em função da aposentadoria do marido; manter-se ativa no mercado de trabalho, em busca de seu sustento e de sua família; sentir-se cansada e contrariada pelas tarefas domésticas, ou ao contrário, conformar-se com elas, ter disposição para essas atividades em casa.

No entanto, a percepção que os familiares têm acerca das experiências de envelhecimento dessas mulheres, nem sempre leva em consideração a variedade de caracterizações apontada no parágrafo anterior, provenientes de minhas observações. As famílias, assim como as mulheres, negam suas velhices, justamente por compartilharem a caracterização de velhice como processo declinante, do corpo e da pessoa. Todas as mulheres pesquisadas são ativas, em diferentes medidas, mas todas exercem atividades diversas no espaço público e no privado. Dessa forma, para os maridos, filhas, netas, sobrinha e sobrinha-neta entrevistados, as mulheres idosas estudadas aqui não são consideradas velhas. Há uma percepção física de algumas marcas da velhice nessas mulheres, como: rugas, cabelos brancos, gordura, que, no entanto, materializadas naquelas pessoas, não possuem uma carga negativa. Por isso, ao caracterizarem essas mulheres, os familiares o fizeram de maneira muito positiva, principalmente ao observarem suas fotografias, evidenciando a beleza, ou a representatividade daquela pessoa para a família e para suas vidas e, ao mesmo tempo, expondo alguns detalhes, como: o rosto, a roupa que favoreceu, o sorriso, o corpo bonito, a beleza. A academia de ginástica aparece como um lugar, reconhecido por eles, como de cuidado com a saúde e com a beleza, por isso, importante no sentido de proporcionar atividade (distanciamento da velhice).

Tal distanciamento, porém, nem sempre é conseguido totalmente. E isso ficou claro, conforme analisado no último capítulo, através do encontro com suas próprias

imagens, quando as mulheres puderam se auto-definir, se auto-caracterizar, num processo comparativo. Tal caracterização, que partiu de uma imagem escolhida por elas mesmas, teve início pelo acionamento da memória, experiência de reconstrução de um tempo e um momento vividos (BOSI, 1994). A escolha das fotografias indicou a relevância que as mulheres dão, em suas experiências de envelhecimento, a determinadas situações de suas vidas, como o Natal, o dia do casamento, a viagem de lua-de-mel, por exemplo. Ao mesmo tempo, através da escolha pelas fotografias mais antigas, algumas mulheres evidenciaram um desejo de retornar não só àquele momento, mas também àquele corpo belo que já tiveram um dia. Muitas vezes, também, essa escolha foi marcada pelo desejo em se mostrar para mim, pesquisadora, mulher, através dessa materialização, o corpo que já tiveram.

Nesse mesmo contexto, no segundo momento de utilização de imagens, fica clara a defasagem que há entre o que as mulheres desejam e buscam para elas e para seus corpos e aquilo que veem, como num jogo de espelhos, ao visualizarem as fotografias tiradas por mim. A insatisfação, o constrangimento pela imagem ali retratada constituíram-se em informações que dizem muito acerca de suas experiências de envelhecimento. O que pôde ser percebido foi que elas vivenciam essas experiências entre a procura de algo, seus desejos, e a constatação de que as performatividades que a elas se incorporam, muitas vezes, não dão conta da completude do que esperam para seus corpos. Nesse sentido, mais do que o resultado, o processo de estar-na-academia e compartilhar experiências é o que realmente constitui a busca pelo distanciar da velhice.

Em casos específicos, como Dona Yara e Dona Marlene, por exemplo, tal defasagem – entre a expectativa/aquilo que se pensa ser e a constatação de uma “realidade”/aquilo que se mostra através da fotografia – não aconteceu. E isso se deve ao fato de serem as duas mais voltadas para experiências que não levam em consideração a construção da beleza corporal como prioridade. As demais, mesmo que algumas vezes, veladamente, têm na atividade corporal uma expectativa clara de se conseguir a materialização de seus desejos de embelezamento.

Através da insatisfação com a imagem vista, ou como no caso de Dona Ana, através da recusa em deixar-me tirar sua fotografia, evidencia-se uma infelicidade com o próprio corpo. Infelicidade essa, motivada por uma frustração, quando se percebe que o que é visto em si mesmo é diferente daquilo que se deseja (MISKOLCI, 2006). Vale, ainda, ressaltar que o que normalmente é desejado faz parte de um padrão modelar, considerado bem-sucedido de corpo. Dessa forma, percebemos também, nessas

mulheres, uma grande influência dos padrões amplamente difundidos e representados pelas sociedades. E é válido lembrarmos da noção de reprivatização do envelhecimento, abordada logo na introdução deste trabalho, que deve ser discutida. Tal noção, assim como nos propõe Debert (1993), focada num excesso de voluntarismo, individualismo e autonomia por parte das mulheres envelhecidas, muitas vezes, não se aplica às minhas pesquisadas. Isso porque, conforme seus relatos, elas agenciam sim, as variadas técnicas corporais em suas experiências de envelhecimento. No entanto, a dimensão da escolha, característica fundamental desse individualismo (GIDDENS, 1991), não se apresenta de forma tão involuntária. Como vimos, tais mulheres estão constantemente comparando-se umas com as outras, há uma constante observação de outras mulheres de mesma idade, há uma forte influência dos padrões difundidos nos veículos de comunicação e pela sociedade em geral, o que leva-nos a crer, então, que as escolhas e os desejos são, muitas vezes, direcionados por uma pressão social, pelas exigências de uma sociedade que privilegia o corpo belo.

Daí a tamanha relevância da academia de ginástica em suas experiências de envelhecimento. Ela constitui lugar de construção da beleza, de manutenção de um corpo ativo, de fugir do ambiente doméstico, de conquista, de relações sociais, de intimidade com colegas, de distanciamento da velhice. Essa, por sua vez, seria então considerada, para essas pessoas, como algo declinante. É possível afirmar, então, mais uma vez, que mais do que o fim, é o processo de estar-na-academia que as faz sentir-se distanciadas da velhice.

Ao focalizarmos, no entanto, as experiências corporais de envelhecimento, através do olhar para a maneira como essas mulheres vivenciam o avanço da idade, sua interpretação das materializações dos sinais e marcas do envelhecimento em seus corpos e o desenvolvimento de práticas que possam agir sobre esses corpos, visamos não só o olhar do outro (ou da sociedade sobre elas), mas fundamentalmente, como a velhice pode ser vivenciada interiormente. Daí o interesse por experiências particulares de vida. As falas das mulheres evidenciam que não se vivencia o envelhecimento de forma homogênea, mas a partir de algumas categorias, que envolvem: a aparência e configuração estética corporal; o sentimento e percepção do corpo (algo de caráter orgânico) envelhecido, muitas vezes expresso através das dores, doenças, ou perda da elasticidade; de sensações diversas de disposição e energia, muitas vezes definidas por conseguir desempenhar uma determinada atividade sem grandes esforços, como subir um lance de escada, sem se cansar, por exemplo, ou ter energia para desenvolver uma

série de atividades no dia-a-dia; a negação de hábitos de “gente velha”, como não assistir novela; sair para bares; malhar; vestir-se com determinadas roupas; buscar estar bem informada sobre os assuntos de conhecimento geral.

Mesmo em situações nas quais houve uma caracterização corporal, verbalizada explicitamente por algumas mulheres, enquanto velhas, em outros momentos, essa velhice era negada. Se tomarmos Dona Ana como exemplo, houve diversas situações em que se caracterizou como velha, por ser gorda, enrugada, cheia de dores pelo corpo e dificuldades de mobilidade corporal. No entanto, evidencia a todo momento sua rejeição aos programas televisivos que “mulheres velhas” gostam (como as novelas), o consumo e uma postura aberta ao aprendizado de novas tecnologias em sua vida (utilização de diversos equipamentos eletrônicos em seu dia-a-dia), a responsabilidade quase que unicamente sua pelo seu envelhecimento. Podemos dizer que Dona Ana, em diversos momentos, mesmo se caracterizando fisicamente enquanto velha, tem a necessidade de negar a velhice em seu modo de viver, em seus desejos e nas práticas empreendidas.

O início do trabalho de campo, assim como descrito no início desta dissertação, é um momento de dúvidas, de ansiedades e de uma série de questionamentos e estranhamentos. Posso dizer que tais dúvidas não estão de todo sanadas, mas apenas de certa forma respondidas. É certa, para mim, a relevância de se tratar o envelhecimento a partir de uma perspectiva que lida com o estar-no-mundo dos sujeitos (CSORDAS, 1990), pois a performatividade das construções identitárias pode se estabelecer nesse processo de interconexão (BUTLER, 2003). Por isso, não é possível aqui (e, de fato, não imaginei em nenhum momento que seria) classificarmos as mulheres pesquisadas através de uma única descrição. Elas agenciam identidades diversas, em situações e contextos variados. O espaço da academia de ginástica é constituído por um grupo heterogêneo em diversos aspectos, que vão da constituição de suas subjetividades, às possibilidades de materializações de corpo. No entanto, a academia de ginástica configura-se como um espaço de compartilhar experiências e, para algumas, como o mais importante espaço de socialização fora do âmbito doméstico. E é por isso, também, que adquire grande importância em suas vidas.

Minha convivência com tais mulheres configurou-se num momento de constante troca e interação e, tendo estado por meses convivendo cotidianamente com elas e, mais do que isso, compartilhando momentos, histórias e experiências de vida, a saída de campo constitui um momento delicado. Em diversos sentidos: primeiro, porque deixa a impressão de que ainda há muito a ser investigado e, por outro lado, a compreensão de

que o momento da pesquisa se encerrou e de que urge a escrita etnográfica para produzir algum conhecimento, mesmo que parcial, acerca desse grupo.

Dessa forma, encerro com alguns questionamentos: a velhice permanecerá sendo algo do qual as pessoas querem distanciamento e para a qual serão sempre encontradas formas de resistência? Ou ainda, os modelos de envelhecimento, hoje, poderiam ultrapassar os limites de classe? O engajamento possibilitado pelo olhar antropológico deve, assim, direcionar-se no sentido de politizar debates nesse campo, democratizando experiências de envelhecimento permeadas por um campo amplo de possibilidades, que envolvem trabalho, lazer, investimentos sobre o corpo, solidariedade familiar (entre gêneros e gerações), acesso à informação e tecnologias. Enfim, trata-se de um campo que possibilita a reflexão sobre os possíveis processos de resignificação e recriação de um conceito de velhice, de uma maneira ampliada. Vale lembrarmos do título desta dissertação, parte de uma fala de Dona Marlene, que nos propõe pensar na velhice e no “ser velha” como algo positivo. Afinal, “Só fica velha quem não morre cedo”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andréa Moraes. *A dama e o cavalheiro*. Um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALVES, Denise. *O Desencontro Marcado – A velha-mulher-nova e o machão-moderno*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond (org.). *Envelhecimento e Vida Saudável*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- ANEP – Associação Nacional das Empresas de Pesquisa. *Critérios de Classificação Econômica Brasil*. São Paulo, 2000.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- AUSTIN, J. L. *Como hacer cosas con palabras: palabras y acciones*. Barcelona: Paidós, 1990.
- BASSIT, Ana Zahira e WITTER, Carla. Envelhecimento: objeto de estudo e campo de intervenção. In: WITTER, Geraldina Porto (org.). *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p.15-31.
- BATESON, Gregory. *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. São Paulo: EDUSP, 1975 (1936).
- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. A realidade incômoda. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BERGER, Mirela. *Corpo e identidade feminina*, Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, PPGAS/USP, 2006.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs). *Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 5ª Ed. 1998. p. 197-212.
- BIZERRIL, José. *O Caminho do Retorno: envelhecer à maneira taoísta*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, jul./dez. 2010. p. 287-313.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. – 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

_____. *A Distinção*. São Paulo: Difel, 1996.

_____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRAH, Avtar. *Diferença, Diversidade, Diferenciação*. In: Cadernos Pagu (26), Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2006. p.329-376.

BRASIL, Direitos da Terceira Idade, Lei nº. 8.842. Rio de Janeiro: Auriverde, 1996.

BRASIL, Estatuto do Idoso, Lei nº. 10.741. Brasília, 2003.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo 2000*, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo 2010*, Rio de Janeiro, 2011.

BRITTO DA MOTTA, Alda. *As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*. Cadernos Pagu, n.13, 1999.

_____. Chegando pra idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. (org.) *Velhice ou terceira idade? Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 223-235.

_____. Envelhecimento e sentimento de corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA JR., Carlos E.A. (orgs.) *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. p. 37-50.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge. 1993.

_____. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARADEC, Vincent. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CASOTTI, Leticia e CAMPOS, Roberta. Consumo da beleza e envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, Mirian (org.), *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume, 2003.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: Antropologia e Literatura no Século XX*. J. R. Gonçalves (org.), tradução de Patricia Farias, Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narciso: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.) *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.

CSORDAS, Thomas. *Embodiment as a Paradigm for Anthropology*. Ethos, v. 18, n.1, 1990. p.5-47.

_____. *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CSORDAS, Thomas (Ed.). *Embodiment and Experience – the existential ground of culture and self*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1994.

DEBERT, Guita Grin. Família, Classe Social e Etnicidade: Um Balanço da Bibliografia sobre a Experiência de Envelhecimento. In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Anpocs/Relume Dumará, 1992. p. 33-50.

_____. *O Discurso Gerontológico e as Novas Imagens do Envelhecimento*. Campinas: Mimeo, 1993.

_____. *Envelhecimento e curso da vida*. Revista de Estudos Feministas, v. 5, n. 1, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997. p. 120-128.

_____. *A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. – 1. ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

_____. *A Dissolução da Vida Adulta e a Juventude como Valor*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, jul./dez. 2010. p. 49-70.

DELGADO, Josimara. *Velhice, Corpo e Narrativa*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, jul./dez. 2010. p. 189-212.

DURHAM, Eunice. *Família e Reprodução Humana*. Perspectivas Antropológicas da Mulher 3, Zahar, RJ, 1983. p. 13-34.

EDMONDS, Alexander. No universo da beleza: notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido*. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 189-261.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Seguido de "Envelhecer e morrer". Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

FAVRE-SAADA, J. *Ser afetado*. Revista Cadernos de Campo, n. 13, 2005. p. 155-161.

FEATHERSTONE, Mike. O Curso da Vida: Corpo, Cultura e Imagens do Processo de Envelhecimento. In: DEBERT, Guita Grin (org.), *Antropologia e velhice, textos didáticos*, n. 13. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1994. p. 49-71.

FEATHERSTONE, Mike e HEPWORTH, Mike. Images of Aging: cultural representations of later life. In: BIRREM, J. (Ed.), *Encyclopedia of Gerontology: Age, Aging and the Aged*. San Diego: Academic Press, 1996. p. 743-745.

_____. Envelhecimento, Tecnologia e o Curso da Vida Incorporado. In: DEBERT, Guita G. e GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). *Políticas do Corpo e o Curso da Vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000. p. 109-132.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). *Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 5ª Ed., 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 15ª Ed., 2000.

_____. *Sexo, Poder e Indivíduo*. Santa Catarina: Edições Nefelibata, 2ª Ed., 2003.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *O Saber Local – novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Ed Unesp, 1991.

_____. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras/Portugal: Celta Editora, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDENBERG, Mirian et al. (Org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDFARB, Delia Catullo. *Corpo, Tempo e Envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GONÇALVES, Eliane e PINTO, Joana Plaza. *Reflexões e problemas da “transmissão” intergeracional no feminismo brasileiro*. Cadernos Pagu (36), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 2011. p. 25-46.

GROSSI, Miriam Pillar et al. *Trabalho de Campo & Subjetividade*. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 1992.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

IBGE. *Projeção da População do Brasil*. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1272&id_pagina>, acesso em: 15/09/2010.

_____. *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil*. Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica, 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>, acesso em 13/12/2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1976.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. (org.) *Velhice ou Terceira Idade? Estudos Antropológicos sobre Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 113-168.

_____. *Trajetória dos Estudos de Velhice no Brasil*. In: Sociologia, Problemas e Práticas, nº. 52, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado – pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.7-34.

MACHADO, Selma, Suely Lopes. *O legado das avós e os bens do cuidados. Estudo sobre família, gerações e redes sociais em bairro popular de Belém/PA*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UFRJ, 2008.

MALYSSE, Stéphane. Em busca de (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-138.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 (1934). p. 401-422.

MEAD, Margareth. *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988 (1935).

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996 (1945).

MINAYO, M.C.S. O conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (orgs); *Texto em Representações Sociais* 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 1995. p.89-111.

MISKOLCI, Richard. *Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3), setembro-dezembro/2006. p. 681-693.

MOORE, Henrietta. “Compreendendo Sexo e Gênero”. Tradução de Júlio Assis Simões para uso exclusivamente didático. Do original “Understanding Sex and gender”. In Tim Ingold (ed). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London: Routledge, 1997.

MOTTA, Flávia de Mattos. *Bem mulherzinha: o sexo, o corpo e a relação homem/mulher entre mulheres na velhice*. *Cadernos de Antropologia*, n. 3, 1991. p.17-32.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. *Sexualidade e Gênero no Envelhecimento*. ALCEU - v.5 - n.9 - jul./dez, 2004. p. 77-86.

NERI, Marcelo Cortes. *A Nova Classe Média*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Instituto Brasileiro de economia, Centro de Políticas Sociais, 2008.

NETO, Samuel de Souza. Corpo, cultura e sociedade. In: NETO, Samuel de Souza. *Corpo para malhar ou corpo para comunicar?* São Paulo: Cidade Nova, 1996. p. 09-37.

ORTEGA, Francisco. *Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.14, 2004. p.9-20.

_____. *Corporeidade e biotecnologias: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina*. Revista Ciência & Saúde Coletiva, 12(2), 2007. p. 381-388.

ORTNER, Sherry B. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Mírian.; ECKERT, Cornélia; FRY, Peter. *Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas*. Blumenau: Editora Nova Letra, 2006. p. 45-80.

PEIRANO, Mariza. *A alteridade em contexto. A antropologia como ciência social no Brasil*. Horizontes Antropológicos. Série Antropologia 255, Brasília: Departamento de Antropologia / UnB.Brasília, 1999. p. 2-35.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Histórias de Mulheres, de Envelhecimento e Sexualidade. In: DEBERT, Guita G. e GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.). *Políticas do Corpo e o Curso da Vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000. p. 293-317.

_____. *Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 69-84.

PONTES, Andréa Mello. Como construir o envelhecer? In: EVELIN, Heliana Baía (org.). *Velhice Cidadã: um processo em construção*. Belém: Editora Universitária UFPA, 2008. p. 17-26.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: 4ª. ed. Dois Pontos Ed., 1986.

RUBIN, Gayle. Reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoría radical de la sexualidad. In: VANCE, Carole (org.). *Placer y peligro: explorando la sexualidad Feminina*. Madrid: Revolución Madrid, 1989. p.157-209.

RUSSO, J. A. *Sexualidade e saúde: a produção medico-psicológica de uma vida sexual plena*. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2008, Porto Seguro. Anais, 2008.

RUSSO, Jane; ROHDEN, Fabíola ; TORRES, Igor ; FARO, Livi F. T. *O campo na sexologia no Brasil: constituição e institucionalização*. Physis (UERJ. Impresso), v. 19, 2009. p. 617-635.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. *A medida da gordura: o interno e o íntimo na academia de ginástica*. Mana, Rio de Janeiro, v. 13, no 1, 2007. p. 181-205.

SCOTT, Joan W. *Prefácio a Gender and the Politics of History*. Cadernos Pagu (3), Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/Unicamp, 1994. p. 11-27.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol.15, nº 2, Porto Alegre, 1990. p. 71-99.

SIMÕES, Júlio Assis. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). *Velhice ou Terceira Idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p.13-34.

SOUZA, Amaury e LAMOUNIER, Bolívar. *A Classe Média Brasileira*. São Paulo: Campus, 2010.

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da dádiva*. Campinas: Unicamp, 2006 (1988).

TERRA, Thiago. *Consumo na terceira idade com tudo em cima*. Disponível em <www.mundodomarketing.com.br>, acesso em 14/12/2010.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

UNITED Nations Secretariat, Population Division of the Department of Economic and Social Affairs of the United Nations Secretariat, *World Population Prospects: The 2006 Revision and World Urbanization Prospects*. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpp>>, acesso em 13/12/2010.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

_____. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado – pedagogias da sexualidade*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 35-82.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista com as mulheres

Quais as razões de você frequentar a academia?

Quais as atividades específicas que você pratica na academia?

Você trabalha?

Há alguma outra atividade que você pratica fora do ambiente doméstico?

Há quantas pessoas em sua casa?

Quem são os responsáveis financeiros da casa?

Você é financeiramente independente?

Como você concilia suas atividades físicas com as outras atividades diárias?

Você se considera uma mulher velha? Por que?

O que a velhice significa para você?

Como você lida com o processo de envelhecimento?

Em relação ao seu corpo, algo te incomoda?

Se sim, o que você faz para minimizar esse incômodo?

Há alguma outra atividade voltada para o cuidado com o corpo, além da academia, que você pratica?

Como você se sente em relação às outras mulheres da sua idade?

Que tipo de atividades voltadas ao lazer você pratica habitualmente?

Como você sente em relação ao seu corpo diante de outras pessoas?

Como você se sente em relação a você mesma?

(Pedir para que a entrevistada olhe a foto que escolheu)

Quais os motivos por ter escolhido esta foto?

Em relação ao seu corpo, às mudanças observadas nele e às marcas adquiridas com o envelhecimento, o que você tem a dizer?

O que é ser uma mulher bela pra você?

Você se acha uma mulher bela, ou falta alguma coisa em você para atingir esse padrão de beleza?

(Pedir permissão para tirar uma fotografia da entrevistada e projetá-la na tela do computador para que ela a veja)

Olhando para essa foto, quem você vê?

Na época de sua juventude, você participou de algum tipo de movimento ideológico? Se sim, de que forma isso influenciou e continua influenciando sua vida hoje? Se não, por que?

Como você acha que sua família (cônjuge ou companheiro, se houver; filho ou neto) a vê em relação ao seu corpo?

E como você imagina que eles a veem em relação às demais mulheres?

Você tem projetos para o futuro? Se sim, fale sobre eles. Caso não tenha, por que?

APÊNDICE B – Roteiro para entrevista com um familiar

Você considera (nome da mulher) uma pessoa velha? Por que?

O que é a velhice para você?

Como é a relação de (nome da mulher) no ambiente doméstico, com as pessoas da família e com as tarefas domésticas?

Você a considera uma pessoa independente? Por que?

Qual a percepção que você tem dos cuidados que (nome da mulher) tem com seu corpo?

Na sua opinião, ela é uma mulher bela?

Há um grande número de pessoas (amigos) com as quais ela se relaciona?

Para você, (nome da mulher) é uma pessoa de fácil relacionamento? Por que?

(Mostrar a fotografia escolhida pela mulher pesquisada) Me diga quem você vê nessa foto? Que tipo de mulher é essa?

Mostrar a outra fotografia e fazer o mesmo questionamento.

Você acha que (nome da mulher) está satisfeita com seu próprio corpo?

Na opinião, ela se acha uma mulher bela?

As atividades exercidas por ela fora do ambiente doméstico atrapalham de alguma forma a vida familiar?

(Para filhos/as e netos/as) Em sua família, há uma troca de valores e de ideias entre as gerações mais velhas e as mais novas? De que forma isso se dá?